

JACQUELINE DE ARAÚJO CUNHA

Uma história epistemológica da Ciência da Informação no
Brasil:
Cenários discursivos e (pre) tensões teóricas a partir de
encontros acadêmico-científicos da década de 1970.

Tese de Doutorado - defesa
Julho 2024



JACQUELINE DE ARAÚJO CUNHA

UMA HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:
cenários discursivos e (pre)tensões teóricas a partir de encontros acadêmico-científicos da
década de 1970.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, para fins de obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

RIO DE JANEIRO/RJ

2024

CIP - Catalogação na Publicação

C972h CUNHA, Jacqueline de Araújo
UMA HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO NO BRASIL: cenários discursivos e
(pre) tensões teóricas a partir de encontros
acadêmico-científicos da década de 1970 / Jacqueline
de Araújo CUNHA. -- Rio de Janeiro, 2024.
193 f.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2024.

1. Ciência da Informação. 2. Epistemologia da
Ciência da Informação. 3. História da Ciência da
Informação no Brasil. I. Saldanha, Gustavo Silva,
orient. II. Título.

JACQUELINE DE ARAÚJO CUNHA

UMA HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL:
cenários discursivos e (pre)ensões teóricas a partir de encontros acadêmico-científicos da
década de 1970.

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação,
convênio Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia e Universidade
Federal do Rio de Janeiro/Escola de
Comunicação, para fins de obtenção do título
de doutor(a) em Ciência da Informação.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 2024.



Documento assinado digitalmente
GUSTAVO SILVA SALDANHA
Data: 14/02/2025 11:59:58-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Orientador)



Documento assinado digitalmente
ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA
Data: 18/02/2025 23:53:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Rosali Fernandez de Souza - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
(Membro interno)



Documento assinado digitalmente
MARIA NELIDA GONZALEZ DE GOMEZ
Data: 24/02/2025 12:55:42-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Maria Nélida González de Gómez - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
(Membro interno)



Documento assinado digitalmente
CARLOS ALBERTO AVILA ARAUJO
Data: 19/02/2025 08:29:02-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo – Universidade Federal de Minas Gerais (Membro externo)



Documento assinado digitalmente
GABRIELLE FRANCINNE DE SOUZA CARVALHO T.
Data: 19/02/2025 13:03:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Membro externo)

*Dedico à Minervina, Vicente e Maria Clara
por me proporcionarem de forma plena a
experiência do amar e ser amada!*

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de finalização de mais um ciclo acadêmico, muitos são os agradecimentos que gostaria de registrar.

Em primeiro lugar agradeço à Deus, como demonstração de minha fé cristã católica, a quem recorri em orações para reunir a inspiração e disposição necessárias a conclusão deste trabalho.

Agradeço também....

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição que me oportunizou o ensino de graduação, público e de qualidade, a partir do qual pude trilhar a carreira acadêmica. Nessa trajetória, após ser admitida como bibliotecária e depois docente, me concedeu a liberação para realização do curso de doutorado, tão necessário para o meu crescimento profissional e para o melhor desempenho das atividades laborais que desenvolvo na instituição.

Às minhas e aos meus colegas e amigos(as) do Departamento de Ciência da Informação, algumas das quais foram minhas professoras e sempre foram meus maiores incentivadores e apoiadores nesta jornada! Gratidão especial à Andréa Carvalho, Luciana Moreira, Mônica Gallotti, Francisco Galdino, Pedro Barbosa Neto, e minha bestie Patrícia Macêdo! Vocês são especiais demais!

Ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação IBICT/UFRJ pela oportunidade de aprendizado e a vivência com alguns dos mais relevantes pesquisadores(as) e pensadores(as) do campo da Ciência da Informação no Brasil. Aqui destaco a professora e pesquisadora Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (*in memoriam*), a quem presto homenagens pelo seu legado aos estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação e especialmente pelas contribuições que deu a esta pesquisa sob diferentes aspectos: foi minha professora junto com Saldanha na disciplina “Perspectivas em Ciência da Informação), foi referência (produção citada), foi entrevistada na fase inicial da pesquisa e contribuiu com sua leitura atenta enquanto membro da banca de qualificação. Gratidão Lena, pelos ensinamentos e pelo exemplo!

Aos colegas de curso, quero agradecer especialmente à Lúcia Seixas, Rita de Cassia e Gabriel por terem me apresentado à cidade do Rio de Janeiro e terem me acolhido de forma tão fraterna e carinhosa!

Ao meu orientador, querido demais, Gustavo Silva Saldanha, agradeço profundamente, por ter aceitado me orientar, mesmo me alertando que talvez suas ideias fossem contrárias a minha proposição inicial de pesquisa. Ainda bem que insisti! Por ter sido luz, força, encorajamento, estímulo, inspiração e outros sentimentos e verbos que nem sou capaz de

nominar. Gustavo é um ser humano belíssimo! Serei eternamente grata pela oportunidade de convivência e pelo aprendizado. Levo para a vida!

Ao Professor Carlos Alberto Ávila, e as Professoras Gabrielle Tanus, Nélida Gozález de Gomez e Rosali Fernandez por terem aceitado fazer parte dessa banca de defesa. Me sinto muito honrada e privilegiada em poder contar com a participação de pesquisador e pesquisadoras tão notáveis. Gratidão! À profa. Gabrielle agradeço ainda pelas ajudas pontuais que me deu, logo no início da pesquisa, facilitando o acesso a documentos que utilizei nessa pesquisa.

Ao bibliotecário, editor e professor Antônio Agenor Briquet de Lemos, detentor de uma memória e lucidez invejáveis, a quem inúmeras vezes recorri para esclarecer dúvidas sobre pessoas e eventos identificados na pesquisa, e sempre fui atendida de pronto. Um privilégio poder contar com a assessoria de quem testemunhou e participou ativamente de momentos importantes para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, especialmente aquele de que se dedicou investigar esta pesquisa.

Aos colegas bibliotecários que me ajudaram com a digitalização e complementação dos Anais utilizados, a saber: bibliotecárias da Biblioteca do IBICT e da Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN). Agradeço também ao Laboratório Liber (UFPE), que na pessoa do também Bibliotecário Evaldo Souza, me ajudou com a edição dos documentos. Vocês foram providenciais!

A minha mãe, Dona Nenê (Minervina Tereza), pelo seu exemplo de força e coragem. Mesmo sendo uma mulher simples e de pouca instrução, é muito sábia e me ensinou desde sempre o valor da educação. Apesar das suas limitações, nunca se furtou a tarefa de me auxiliar, ainda na alfabetização, com as atividades escolares (a força de vontade superava qualquer ausência de escolaridade). Também quero agradecer as minhas irmãs Edna e Janaina, por terem sido sempre, junto a mamãe, a minha referência de amizade, aconchego e refúgio.

Ao meu companheiro Vicente, por seu amor, sua entrega e apoio incondicional. Seu cuidado e companheirismo foram fundamentais nessa conquista. Você foi meu suporte e rede de apoio, o pai zeloso e amoroso nos cuidados com nossa filha, me proporcionando a tranquilidade necessária nos momentos em que precisei me ausentar.

À minha pequena Maria Clara, gratidão pela sua vida e sua saúde. Sua existência foi um combustível a mais para conseguir finalizar esse ciclo. Perdão pelos momentos de ausência, filha!

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização e conclusão dessa pesquisa.

Dizer, “Isto é Ciência da Informação” é cada vez mais uma tarefa difícil, mas seus graus de possibilidade de afirmação coerente são fundamentais para o desenvolvimento da área que apresenta uma profunda responsabilidade social histórica: o desafio de organizar o conhecimento.

(Gustavo Saldanha, 2020, p. 48)

RESUMO

Empreendeu-se um estudo histórico-epistemológico acerca da construção da Ciência da Informação no Brasil a partir da investigação e da análise de comunicações publicadas em eventos no período da década de 1970, contexto que assinala a criação do primeiro mestrado na área em território nacional. Apresenta-se como questão central: Como se constrói discursivamente a Ciência da Informação a partir dos anais de eventos da década de 1970 e dos principais atores envolvidos na construção do campo? Para tanto propõe como objetivo geral mapear as evidências epistemológicas presentes nas comunicações científicas da Ciência da Informação publicada nos anais dos eventos científicos durante a década de 1970. Assim, para fins de atingir o objetivo proposto, objetivou-se de modo específico: Identificar os eventos da área no período de 1970; Identificar os autores brasileiros e os trabalhos apresentados nos eventos selecionados; Correlacionar a produção encontrada com a discussão das correntes epistemológicas da Ciência da Informação. Considerando o que diz Meadows acerca da comunicação científica, as comunicações em eventos constituem-se de um espaço privilegiado de troca e construção de saberes em um campo científico. Neste sentido, elegeu-se como *corpus* da pesquisa os anais dos primeiros eventos da subárea Ciência da Informação, da área de Comunicação e informação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, identificados a partir de entrevistas com pesquisadores expoentes do campo. O *corpus* resultante da pesquisa identificou e elegeu os *corpora*, a saber: Seminário da Documentação à Informática (1971), Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação (1972), 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11º Reunião da FID/CLA eventos concomitantes (1971) e 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação. Trata-se, portanto, de um estudo exploratório, bibliográfico e documental. Os procedimentos metodológicos incluíram uma revisão de literatura narrativa para construção do referencial teórico; entrevistas com pesquisadoras pesquisadores da área de Ciência da Informação, para identificação dos *corpora*; elaboração de instrumentos de coleta de dados para fins de sistematização das informações extraídas dos anais. Os dados obtidos revelaram a forte presença do IBBD como liderança regional na transferência de tecnologia e formação profissional no campo da informação. Ficou evidenciado que a CI no Brasil emerge dentro de um contexto político que favoreceu o seu desabrochar. Além disso, foi possível verificar que a produção científica na época foi fortemente marcada pelo empirismo assumindo uma identidade positivista dos seus empreendimentos metodológicos.

Palavras-chave: história da Ciência da Informação no Brasil; epistemologia da Ciência da Informação; comunicação científica; eventos científicos.

ABSTRACT

A historical-epistemological study was undertaken on the development of Information Science in Brazil, based on the investigation and analysis of communications published in academic events during the 1970s—a period that marks the establishment of the first master's program in the field within the country. The central research question is: How is Information Science discursively constructed through the proceedings of events from the 1970s and the key actors involved in shaping the field? To address this, the study sets out as its general objective to map the presence of philosophical, epistemological, theoretical, methodological, technical, procedural elements and/or products within scientific communications in Information Science in Brazil, using the 1970s as the temporal frame. The specific objectives include: identifying academic events in the field during the 1970s and their records; analyzing, based on the communications, the researchers and their academic backgrounds, institutional affiliations, recurrent themes, philosophical currents, processes, techniques, and products present in the discourse of researchers and professionals in the field; identifying the methodologies used in the studies; detailing the description of techniques and procedures; and describing the information products reported in the communications. Considering Meadows' perspective on scientific communication, event communications constitute a privileged space for knowledge exchange and construction within a scientific field. In this regard, the research corpus comprises the proceedings of the first events related to the Information Science subfield, within the Communication and Information area of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), identified through interviews with leading researchers in the field. The resulting corpus includes the following events: *Seminário da Documentação à Informática* (1971), *Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação* (1972), *3º Congresso Regional sobre Documentação* and *11ª Reunião da FID/CLA* (concurrent events, 1971), and the *1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação*. This is, therefore, an exploratory, bibliographic, and documentary study. The methodological procedures included a narrative literature review to construct the theoretical framework, interviews with researchers in Information Science to identify the corpus, and the development of data collection instruments for systematizing information extracted from the proceedings. The data obtained revealed the strong presence of the IBBD as a regional leader in technology transfer and professional training in the field of information. The study also highlighted that Information Science in Brazil emerged within a political context that favored its development.

Moreover, it was found that scientific production at the time was strongly marked by empiricism, assuming a positivist identity in its methodological approaches.

Keywords: history of Information Science in Brazil; Information Science epistemology; scientific communication; scientific events.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Programas de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação até a década de 1970..	32
QUADRO 2 – Periódicos no Campo da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação criados até a década de 1970	32
QUADRO 3 – Paradigmas capurrianos da informação enquanto substância	46
QUADRO 4 – Dados extraídos nas entrevistas do pré-teste	78
QUADRO 5 – Temas do Seminário da Documentação à Informática, palestrantes e debatedores Trabalhos apresentados nos Anais do Seminário sobre Documentação e Informática (Rio de Janeiro, 1971)	83
QUADRO 6 – Comunicações apresentadas no 3º Congresso Regional sobre Documentação sistematizados a partir das variáveis título da apresentação, autoria, localização geográfica e vinculação institucional	90
QUADRO 7 – Comunicações apresentadas no Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação (México, 1972) sistematizadas pelas variáveis título da apresentação, autoria, localização geográfica e vinculação institucional	95
QUADRO 8 - Comunicações apresentadas e publicadas nos anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação (Rio de Janeiro, 1975) sistematizados pelas variáveis “tema”, “título”, “autoria”, “localização geográfica”, “vinculação institucional”	102
QUADRO 9 - Caracterização dos participantes do “Seminário da documentação à informática” de 1971 sistematizados a partir das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação”, “vinculação institucional”	109
QUADRO 10 - Caracterização dos participantes do “Congresso Regional de Documentação” de 1971 a partir das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação de graduação” e “vinculação institucional”	111
QUADRO 11 - Caracterização dos participantes brasileiros do “Seminário Latino-americano sobre preparação de Cientistas da Informação” de 1972 através das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação” e “vinculação institucional”	113
QUADRO 12 - Caracterização dos participantes da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 através das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação” e “vinculação institucional”	113

QUADRO 13 - Assuntos abordados no “Seminário da Documentação à Informática” de 1971 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação”, “assunto” e “síntese do texto”	120
QUADRO 14 - Assuntos abordados no “Congresso Regional de Documentação de 1971 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”	124
QUADRO 15 - Assuntos abordados no “Seminário Latino-Americano de preparação de Cientistas da Informação” de 1972 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”	129
QUADRO 16 - Assuntos abordados nos painéis da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”	135
QUADRO 17 - Assuntos abordados nos trabalhos do tema “infra-estrutura” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”	141
QUADRO 18 - Assuntos abordados nos trabalhos do tema “estrutura” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”	145
QUADRO 19 - Assuntos abordados nos trabalhos do tema “Organização, administração, disseminação e utilização” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”	149
QUADRO 20 - Assuntos abordados nos trabalhos do tema “Tecnologia” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”	162

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

ABEBD	Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
ANPUR	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
ARIST	<i>Annual Review of Information Science and Technology</i>
ASIS	<i>American Society for Information Science</i>
ASK	<i>Anomalous State of Knowledge</i>
BCI	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BRA	Brasil
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
C&T	Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
CAPRE	Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
CDU	Classificação Decimal Universal
CENAFOR	Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Formação Profissional
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CI	Ciência da Informação
CIT	Centro de Informação Tecnológica
CLADES	<i>Centro Latinoamericano de Documentación Económica y Social</i>
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLCIENCIAS	Departamento Administrativo de Ciência, Tecnologia e Inovação da Colômbia
CRUTAC	Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
CT&I	Ciência Tecnologia e Inovação
EBL	<i>Evidence-based Librarianship</i>
ECA	Escola de Comunicação e Artes

ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i>
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FID	Federação Internacional de Documentação
GT	Grupo de Trabalho
IAD	Instituto Americano de Documentação
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBM	<i>International Business Machines Corporation</i>
IFLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecas
IM	Individualismo Metodológico
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
JASIS	<i>Journal of the American Society for Information Science</i>
PL	Positivismo Lógico
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
SDI	Serviço de Disseminação da Informação
SEICT	Sistema Estadual de Informação Científica e Tecnológica de São Paulo
SIABE	Sistema Integrado de Automação dos Bibliografias Especializadas
SIEFOR	Serviço de Informações Especializadas em Formação Profissional
SUCESU	Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USIMINAS	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A
USP	Universidade de São Paulo
VINITI	<i>Scientific Information Institute of the Russian Academy of Sciences</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	SURGIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: breve histórico	14
2.1	Ciência da Informação no Brasil	25
3	EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	38
3.1	Correntes epistemológicas da Ciência da Informação	45
4	METODOLOGIA	70
4.1	Comunicação científica nos eventos: campo empírico e contextualização dos corpora	72
4.2	Etapa preliminar de coleta de dados: levantamento de fontes primárias via roteiro de entrevista e questionário digital a partir de autoridades epistêmicas em história e epistemologia da Ciência da Informação do Brasil	74
4.3	Apresentação e descrição geral do corpus de pesquisa	83
4.3.1	Seminário da Documentação à Informática (1971)	84
4.3.2	III Congresso Regional sobre Documentação e XI Reunião da FID/CLA, (1971)	89
4.3.3	Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação (1972)	96
4.3.4	Reunião Brasileira de Ciência da Informação (1975)	101
5	RESULTADOS: ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS... 109	
5.1	Caracterização dos participantes dos eventos em Ciência da Informação dos anos 1970	109
5.2	Caracterização dos assuntos abordados nas publicações dos eventos analisados 120	
5.2.1	“Seminário da Documentação à Informática” de 1971	121
5.2.2	III Congresso Regional sobre Documentação, 1971	124
5.2.3	Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação, 1972	128
5.2.4	I Reunião Brasileira de Ciência da Informação, 1975	135
5.3	Interpretação e discussão panorâmica dos dados	168
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
	REFERÊNCIAS	180
	APÊNDICE A - Roteiro da entrevista	189
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	190

1 INTRODUÇÃO

A presente tese apresenta um relato histórico-epistemológico da Ciência da Informação (CI) no Brasil a partir das fontes documentais e bibliográficas de eventos científicos do campo no período da criação do primeiro Mestrado em Ciência da Informação, no ano de 1970.

Apoiando nas ideias de Miguel Ángel Rendón Rojas, empreender um estudo dessa natureza justifica-se, dentre outros motivos, para construir o autoconhecimento da disciplina; ou seja, encontrar a identidade da CI e nesse sentido construir uma meta-narrativa da teoria do campo que singularize seu ser, seu fazer e seu valor diante de si, diante de outras ciências e diante da sociedade, a partir de discursos que apresentam suas teorias estruturais (que conformam sua epistemologia, ou seja, seu discurso de cientificidade, seus métodos, seus conceitos, suas técnicas, seus procedimentos, seus produtos).

Pessoalmente, a motivação para a realização desta pesquisa está fortemente ligada à minha experiência como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao assumir a responsabilidade de ministrar a disciplina *Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação*, fui desafiado a apresentar aos futuros bibliotecários os fundamentos teóricos que sustentam a prática profissional. Diante dessa tarefa, percebi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos sobre as teorias que estruturam o campo da Ciência da Informação e sua relação com a Biblioteconomia—um tema que, até então, também me parecia difuso e pouco claro. Essa inquietação despertou em mim a necessidade de uma compreensão mais aprofundada e qualificada sobre o assunto.

Além disso, os estudos teóricos sobre o campo da Ciência da Informação, especialmente aqueles referentes à década de 1970 no Brasil, ainda são escassos. Considerando que a produção científica divulgada em eventos acadêmicos representa um espaço privilegiado para compreender o surgimento e a consolidação do campo no país, esta pesquisa se justifica pela significativa contribuição que oferece aos estudos históricos e teóricos da Ciência da Informação no Brasil.

Ao revelar os meandros da construção desse campo científico, a pesquisa não apenas aprofunda o conhecimento sobre sua trajetória, mas também reforça sua relevância social, evidenciando a importância dos investimentos feitos para seu desenvolvimento. Isso se torna ainda mais significativo ao considerarmos as contribuições potenciais das pesquisas no campo da Ciência da Informação na promoção do acesso à informação de qualidade, um aspecto essencial para atender às demandas da sociedade contemporânea.

A história da CI relatada na literatura científica internacional é fortemente marcada pela prática profissional, especialmente no tocante aos serviços informacionais. A maioria dos esforços empreendidos no sentido de contar essa história, ao menos aqueles a que tivemos acesso, dão conta de um processo do qual fizeram parte diferentes profissionais os quais debruçaram-se sobre a necessidade de resolver o problema de acesso à informação, nomeadamente a informação científica, para atender a necessidades informacionais especialmente de cientistas. Nesse contexto, figura como cenário político e econômico o momento pós Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento de tecnologias que vislumbravam a automação de processos e ainda a corrida das grandes potências econômicas mundiais, nomeadamente Estados Unidos e Rússia (então União Soviética), aqui já no contexto da Guerra Fria.

Nessa perspectiva, reconhece-se uma ampla produção bibliográfica em e para a Ciência da Informação nesses países, em colaboração com a Inglaterra, exercendo forte influência no cenário global, a exemplo do Brasil. No entanto, a co-constituição de instituições informacionais, de formação e de pesquisa ao longo do século XX foi um fenômeno internacional. Essas instituições foram estruturadas com base nas abordagens da Ciência da Informação, voltadas essencialmente para a preservação, organização e acesso ao conhecimento registrado em suas diversas plataformas e conteúdos.

No caso do Brasil, Estados Unidos e Inglaterra foram as principais influências do campo no país se admitimos como marco inicial a criação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Isto porque foram pesquisadores provenientes desses dois países que compuseram o primeiro corpo docente do referido curso, apesar de outros docentes, oriundos de outros países, também participarem da primeira fase do programa. A “visita estrangeira” nos anos 1970 no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) responde por uma intensa troca de fontes teóricas e metodológicas, assim como o rápido desenvolvido, do IBBBD para o resto do país, da pesquisa e da pós-graduação no campo. Este período, pois, os anos 1970, representam um dos mais importantes contextos temporais de produção de fontes para compreensão da CI no Brasil e seu papel no diálogo com o mundo. Além desse fato, a trajetória da CI no Brasil apresenta-se fortemente imbricada com a Biblioteconomia e a implantação da pós-graduação no país.

O contexto não era mais o de pós-guerra, mas não diferia muito nas razões para seu empreendimento. Havia uma corrida no Brasil para promover o desenvolvimento científico e tecnológico nacional, sob a perspectiva econômica e industrial, no âmbito da Ditadura Militar. Um processo que pressupunha a construção de uma infraestrutura que viabilizasse a formação

de massa crítica e formação de profissionais para o mercado de trabalho e desenvolvimento da indústria. Nesse contexto as universidades figuravam como espaço privilegiado, quando então são criados a maioria dos programas de pós-graduação no país, estamos falando das décadas de 1970 e 1980.

O momento apresentava semelhanças com o contexto de surgimento da CI no âmbito internacional que era a percepção da necessidade de desenvolvimento de serviços de informação científica e tecnológica para otimizar seu uso pela comunidade científica em construção. Em outros termos, a informação científica, como categoria de análise e operacionalização, dentro das transformações técnicas vinculadas à automação de departamentos de defesa e grandes empresas de processamento de dados, era a centralidade dos estudos informacionais.

O campo da CI apresentou-se, ainda, fortemente ligado as práticas do que poderíamos denominar infodocumentais, utilizando terminologia encontrada nos trabalhos de Maria Nélida González de Gómez. Primeiro preocupou-se em delimitar produtos e processos, e como distingui-los de forma eficiente. É o que demonstra a literatura, em especial a norte-americana, dos primeiros registros. Num segundo momento é que se iniciam as preocupações com definições, teorias e conceitos. Essas discussões iniciais em âmbito internacional se deram especialmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970. (Pinheiro, 2005)

Considerando que foi nesta última que o Brasil registra a criação do primeiro Mestrado em Ciência da Informação, pioneiro em toda América Latina e Caribe, nossa proposta é compreender e caracterizar de que forma o campo se manifestou no contexto brasileiro, isso a partir das comunicações feitas em eventos do campo, no período do surgimento do primeiro curso de CI (1970), conforme mencionamos anteriormente.

Parte-se do pressuposto de que a “comunicação situa-se no próprio coração da ciência” (Meadows, 1999). Esta por sua vez se concretiza nos mais diversos canais de comunicação científica, tais como periódicos e anais de eventos acadêmicos. Foi, portanto, que elegemos os eventos da área de CI realizados no período da criação do mestrado como espaço privilegiado de maturação da área no contexto brasileiro, buscando identificar quais as correntes filosóficas e metodologias, dentre outros fenômenos, se manifestaram na construção do campo em território nacional. Mais uma vez, observamos, esta demarcação temporal, os anos 1970, representam não apenas no plano científico, mas também geopolítico, um panorama de transformação que impacta diretamente na constituição epistemológica da Ciência da Informação não só no Brasil, como em diferentes partes do mundo.

Nesta perspectiva, apresenta-se como questão central: Como se constrói discursivamente a Ciência da Informação a partir dos anais de eventos da década de 1970 e dos principais atores envolvidos na construção do campo? Para tanto propõe como objetivo geral mapear as evidências epistemológicas presentes nas comunicações científicas da Ciência da Informação publicada nos anais dos eventos científicos durante a década de 1970.

Assim, para fins de atingir o objetivo proposto, objetivou-se de modo específico: Identificar os eventos da área no período de 1970; Identificar os autores brasileiros e os trabalhos apresentados nos eventos selecionados; Correlacionar a produção encontrada com a discussão das correntes epistemológicas da Ciência da Informação.

Como primeira etapa do percurso metodológico foi realizada entrevista com pesquisadores da área de CI os quais foram selecionados por serem expoentes do campo e outros que foram sugeridos pelos próprios entrevistados. Por meio dessas entrevistas foram apontados os seguintes eventos: Encontro Nacional dos Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Seminário de informática, Reunião Brasileira de Ciência da Informação. Além destes eventos já citados, foi consultada, para fins de identificação dos eventos ocorridos na área nas décadas de 70, a obra “Eventos em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia realizados no Brasil no período de 1951-1996” do Grupo de Pesquisa em Produção Científica e Literatura Cinzenta, coordenado por Dinah Aguiar Población.¹

Foram utilizados como aporte teórico para a estruturação e análise dos dados acerca das correntes filosóficas presentes nas comunicações, autores como Nélida Gonzales de Gomes, Rafael Capurro, Birger Hjørland, Ronald Day e Rendon-Rojas, os quais são referências em estudos epistemológicos do campo da CI. Trata-se, portanto, de um estudo exploratório e

¹ A publicação do livro “Eventos em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia realizados no Brasil no período de 1951-1996” foi resultado de subprojeto do Projeto Global de Pesquisa proposto pela Ancib para fins de captação de recursos junto ao CNPq, do qual participaram mais quatro projetos. Conforme noticiado em informe nº 16 da Ancib em maio de 1993, naquele ano era aprovado pela agência governamental o referido projeto, o qual havia sido submetido em julho do ano de 92, o Projeto Global de Pesquisa composto por cinco subprojetos, quais eram: Produção científica: dissertações/teses nos Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação (1970-1991) sob coordenação da Profa. Dra. Geraldina Porto Witter (PUCCAMP); Produção científica: literatura cinzenta da área de Ciência da Informação sob coordenação da Profa. Dra. Dinah Aguiar Población (ECA/Usp); Desenvolvimento de uma metodologia para aplicação de Tesauro em língua portuguesa na área de Ciência da Informação sob coordenação da Profa. Dra. Else Marques Valio (PUCCAMP); Balcão de informações no mercado emergente de Ciência da Informação sob coordenação da Profa. Dra. Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP); e O profissional da informação e o mercado de trabalho no Distrito Federal sob coordenação do Prof. Dr. Luiz Carlos Lopes (UnB). O documento noticiou também que todos os projetos foram contemplados com concessões de bolsas individuais, quotas de bolsas de iniciação científica, de aperfeiçoamento e de apoio técnico à pesquisa.

descritivo para o qual serão realizadas pesquisas bibliográfica e documental para identificação e construção do *corpus* da pesquisa.

Nossa hipótese é de que a construção do campo da CI no Brasil era percebida como um desenvolvimento teórico, empírico e técnico da Biblioteconomia, cujas práticas apresentavam alto nível tecnológico para o trato com a informação científica. Porém, a nova terminologia enfrentava alguma resistência da comunidade bibliotecária. Até aquela data a comunidade da pós-graduação estava longe de compartilhar de um ideal comum conforme sugere Kuhn (1989).

Somente após a criação e consolidação da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Ancib) é que se formou um grupo de pesquisadores mais coeso, reunindo especialistas do campo sob a designação dupla de Biblioteconomia e Ciência da Informação. No entanto, sua criação resultou de um ato institucional promovido pelo governo brasileiro por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), então responsável pela estruturação da pós-graduação no país.

Portanto, a década de 1990, para ser mais específica, vai testemunhar uma verdadeira migração terminológica da Biblioteconomia para a Ciência da Informação (o fato pode ser observado nas mudanças de nomes de disciplinas, departamentos, institutos, revistas, escolas, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação para a inclusão do termo informação, fato esse ocorrido nos Estados Unidos nos anos 1960), o que nos leva a inferir que foi a partir daquele momento que o campo começa a admitir a denominação Ciência da Informação cada vez mais como espaço para discussões teóricas das disciplinas práticas, a saber: num primeiro momento Biblioteconomia e mais tarde Arquivologia e Museologia.

Como forma de construir um referencial teórico que auxilie na verificação dessa hipótese foram repertoriados, na seção 2, trabalhos de teóricos que versaram sobre a história do campo da CI no mundo e mais especificamente no Brasil. A seção três, por sua vez, apresenta a epistemologia do campo a partir das ideias de teóricos que se debruçaram sobre a análise de como as principais escolas filosóficas repercutiram nos estudos teóricos da CI. Para tanto recorreu-se aos estudos epistemológicos de Maria Nélida González de Gómez, Rafael Capurro, Birger Hjørland, Rendón Rojas e Ronald Day. Estes autores versaram mais detidamente sobre as seguintes epistemologias: positivismo, empirismo, racionalismo, cognitivismo, hermenêutica, pragmatismo, pós-estruturalismo. Na sessão quatro empreendeu-se a descrição da metodologia adotada para alcançar os objetivos propostos. Já na seção cinco foram apresentados os dados extraídos dos anais estudados e por fim a sessão seis com as considerações finais.

2 SURGIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: breve histórico

A CI, assim como todo campo do conhecimento, não deve possuir nacionalidade. No contexto brasileiro, como observado, a influência de constituição de sua pós-graduação CI teve sua história amplamente documentada nos Estados Unidos, Inglaterra e Europa Ocidental (Saracevic, 1996; Burke, 2007; Buckland; Liu, 1998). De acordo com Burke (2007), na década de 1980, foram muitos os incentivos as pesquisas históricas feitas pelos editores dos principais periódicos científicos relacionados ao campo, como por exemplo: *Journal of Documentation*, *Information Processing and management*, *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS), dentre outros. Este empreendimento resultou num considerável volume de publicações sobre a história da CI que avançou sobre a influência da pesquisa, das práticas de ensino e profissionais no Brasil entre os anos 1970 e 1990.

Esses e outros relatos publicados sobre o tema não apresentam um consenso sobre as origens e definições do que viria a ser a CI. Vários são os pontos de partida para o relato histórico do campo dos quais podemos destacar três linhas de raciocínio: a primeira delas seria a de que a CI seria uma ‘evolução’ das áreas de Biblioteconomia/Bibliografia; uma segunda hipótese é a de que a Documentação e a Biblioteconomia especializada, desenvolvidas na França e Estados Unidos respectivamente, teriam lançado as bases teóricas e práticas do que hoje denominamos de CI; uma terceira e última que defende o campo da CI como uma nova ciência, orientada a problemas, fruto do desenvolvimento científico e tecnológico do pós-segunda guerra mundial e também da guerra fria (Souza, 2015). Essas teorias podem ser encontradas em autores como Egan e Shera (1953), Saracevic (1978, 1991), Shera e Cleveland (1977), Colin Burke (2007), Smit (1986), Shapiro (1995), Hayward (1996).

Nesta perspectiva, Herner afirmava em 1984 que era difícil estabelecer uma data exata no início do que passamos a chamar de CI. Para Herner (1984), o campo da CI é produto de convergências de várias disciplinas e atividades diferentes: ciência das bibliotecas, ciência da computação, documentação de pesquisa e desenvolvimento, resumo, indexação, ciência das comunicações, ciência do comportamento, entre outras. Hoje, passados 40 (quarenta) anos, ou seja, 2024, de sua pesquisa, a dificuldade permanece.

Shapiro (1995) nos esclarece que a primeira vez que a expressão ‘ciência da informação’ foi utilizada na literatura científica data de 1955 por Farradane, a quem Shapiro atribui a cunhagem do termo. Para o autor, a expressão Ciência da Informação tornou-se um neologismo da década de 60 para nomear as práticas infodocumentais de tempos anteriores. Afirma que o campo teve como nomes predecessores: “(...) Bibliografia, biblioteconomia, ciência da

biblioteca, documentação, recuperação da informação (...)” as quais são as mais proeminentes no mundo de língua inglesa. (Shapiro, 1995, p.1)

Muitos historiadores da CI afirmam que muito embora este campo tenha ganhado notoriedade no contexto pós Segunda Guerra Mundial, admite-se que muitos anos antes esta ciência já despontava sob a denominação de Documentação, principalmente a partir da produção científica francesa e francófona, um campo que embora não tenha reverberado mundialmente sob essa denominação, já trazia no seu bojo ideias que podem ser consideradas como avanços das técnicas bibliográficas. Isto porque, no início o campo da CI preconizava o desenvolvimento de técnicas e processos que viabilizassem o uso eficiente da informação, até então vislumbrada como registros notadamente do conhecimento científico. (Rayward, 1997)

Anterior a essa consideração sobre a Documentação como gênese europeia do que os norte-americanos passariam a chamar de Ciência da Informação, foram travados embates entre documentalistas e bibliotecários, uma cisão promovida, especialmente, pelos profissionais da área de Biblioteconomia e por aqueles que atuavam em centros de documentação sem formação específica como bibliotecários. (Shera; Egan, 1961)

Em 1953, Shera e Egan relataram em uma espécie de prefácio à obra “Documentação” de Bradford escrita provavelmente em 1947, que a Documentação viria despontar como classe profissional distinta dos bibliotecários quando estes últimos estavam envolvidos com os ideais iluministas da revolução francesa e, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, preocupavam-se com a biblioteca pública e a promoção da cultura dos cidadãos comuns. Este fenômeno teria desviado a Biblioteconomia do seu rumo a documentação científica e, portanto, estava mais afeita a questões relativas a organização e acesso (físico) à informação, mais especificamente aos livros. (Shera; Egan, 1961)

Os documentalistas, por sua vez, estavam também preocupados com organização e acesso, porém de um outro tipo de informação e outro público. Para Shera e Egan (1961), havia duas novas tendências para utilização ‘moderna’ dos registros gráficos que eram por um lado a ciência e por outro a tríade indústria, comércio e governo. Enquanto para o primeiro público, dos cidadãos comuns, as informações demandadas eram substituíveis, isto é, se o objetivo é proporcionar o acesso a obras literárias, existe uma infinidade de obras que podem ser utilizadas, umas em substituição a outras. Para o segundo, especialmente os cientistas, as demandas de informações eram muitas vezes de registro único, informações específicas registradas em determinado relatório de pesquisa, estas eram consideradas, portanto informações insubstituíveis. Acontecia assim uma cisão na classe profissional, bifurcando-se

em bibliotecários e documentalistas e que, nas palavras dos autores, ambos pareciam desconhecer que estavam “trabalhando para solucionar um problema comum”.

Na verdade, neste texto, escrito em 1953, Shera e Egan não estavam ainda falando sobre a CI, mas as questões profissionais relativas à Documentação podem ser consideradas como as primeiras que se aprofundariam, anos mais tarde, quando outros fenômenos relacionados ao uso da informação científica e técnica vão acentuar-se e também as novas tecnologias de informação e comunicação, em especial o computador, entra em cena como uma ferramenta com potencial para resolver todos os problemas até então delineados pelas áreas de Biblioteconomia e Documentação.

Em 1961, em texto que pretendia tratar da “Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia”, Shera fazia uma relação entre o valor da informação para humanidade e as sociedades ressaltando que nisso reside a grande contribuição da Biblioteconomia e, portanto, seria a informação seu objeto de estudo. Esta reflexão de Shera já esboça que a CI, em termos de campo do conhecimento, não configurou novidade acerca do que o campo da Biblioteconomia e Documentação já estavam avançando.

Até então, a Documentação era percebida como uma especialização dentro da Biblioteconomia, descrita por Shera (1956) como "uma Biblioteconomia em tom maior". Embora o conceito de informação já estivesse presente nas discussões do campo desde o século XIX, foi entre as décadas de 1970 e 1990, com a intensa produção da American Library Association, que esse debate se consolidou. A partir de 1876, com o lançamento do *Library Journal*, estabeleceu-se uma referência fundamental que posteriormente influenciaria a Documentação de Paul Otlet, conforme evidenciado em suas correspondências com Melvil Dewey (Vann, 1978).

Eis que em finais da década de 50 uma nova cisão é empreendida, institucionaliza-se a denominação de “cientistas da informação”, conforme noticiava a revista *Nature* de 4 de janeiro de 1958:

Uma REUNIÃO será realizada no dia 23 de janeiro, às 17h30, na *Institution of Electrical Engineers*, Savoy Place, *Victoria Embankment*, Londres, W.C.2, para discutir os termos de inauguração de um Instituto de Cientistas da Informação. Os objetivos do Instituto proposto incluirão a promoção de altos padrões no trabalho de informações científicas e técnicas, a promoção de cursos educacionais e o estabelecimento de qualificações para os envolvidos no trabalho informacional. A afiliação ao Instituto estará aberta, em primeiro lugar, para se formar (ou qualificar-se de maneira semelhante) membros de departamentos de informação científica, técnica ou econômica. Os pedidos de ingressos podem ser feitos para J. Farradane, Torran, Crofton Road, Orpington, Kent.[...]. (Institute [...], 1958, p.20, tradução nossa)

Quatro anos mais tarde, nos Estados Unidos, uma reunião do *Georgia Institute* tratava de sugerir a não utilização da denominação de “documentalistas”, e se o fizessem que esclarecessem do que se tratava. Ao mesmo tempo criava a denominação de especialistas em CI, que nas palavras de Shera “servia para designar melhor os pesquisadores do que os técnicos”. (Shera, 1980, p.96).

Segundo a definição dada pela Conferência de Geórgia, um especialista em Ciência da Informação é “uma pessoa que, estuda e desenvolve a ciência do armazenamento e recuperação da informação, que idealiza novos métodos para abordar o problema da informação e que se interessa pela informação em si e por si mesma”. Assim, passa-se do problema da diferença entre a Biblioteconomia e a documentação ao da zona de contato entre a Ciência da Informação e a profissão do bibliotecário. (Shera, 1980, p. 97)

Em 1967, o Instituto Americano de Documentação (IAD), a partir de uma demanda da sede aos seus membros, propõe a mudança do nome para Sociedade Americana para Ciência da Informação, herdando o mesmo problema de definição e interpretação do campo (Shera; Cleveland, 1977). A justificativa para a sugestão de mudança na época era de que a “diversidade de membros e interesses na organização seriam melhor representados”. (Borko, 1968, p. 3)

Ainda de acordo com Shera (1980), mesmo sendo uma expressão que poucos sabiam definir ou explicar do que se tratava,

[...]a palavra soava bem e aqueles que se ocupavam em facilitar o acesso ao conhecimento registrado não tardaram em apoderar-se dela. Desde logo se começou a empregar a expressão ‘Ciência da Informação’ para designar a Biblioteconomia do tipo não tradicional. (Shera, 1980, p. 97)

Por ocasião da mudança no nome do IAD, Harold Borko, seu então diretor, publica um texto no qual empreende tentativa de definição do que seria aquele novo campo do conhecimento, isto é, denominado Ciência da Informação, reproduzindo estruturalmente as ideias do bibliotecário Robert Taylor, do início da década de 1960. De acordo com Borko (1968), em razão da mudança de nome do instituto, muitas foram as questões de colegas acerca do que estava sendo chamado de CI “o quê um cientista da informação faz, e como tudo isso se relaciona com biblioteconomia e documentação” (Borko, 1968, p. 3). Esta fala do autor e a proposição do artigo em definir o campo fornece fortes indícios de que era um momento de percepção de surgimento de um novo campo e sua forte relação com a Biblioteconomia e a Documentação, que ele vai colocar na sua proposta conceitual como sendo “aspectos aplicados da Ciência da Informação” (Borko, 1968, p.3).

O texto intitulado “Ciência da Informação: o que é?”, apesar de bastante sucinto e trazendo também questões a serem respondidas, tornou-se seminal e bastante citado até os dias atuais. Traz como definição de CI

[...] disciplina que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação, e os meios do processamento da informação para otimizar a acessibilidade e usabilidade. Está preocupada com o corpo do conhecimento relacionado à criação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isso inclui a investigação da representação da informação em ambos sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para eficiência da transmissão de mensagens, e o estudo dos dispositivos e técnicas de processamento da informação tais como computadores e seus sistemas de programação. Essa é uma ciência interdisciplinar derivada de e relacionada com campos tais como matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia do computador, pesquisa de operações, artes gráficas, comunicação, ciência das bibliotecas, administração e outros campos similares. (Borko, 1968, p. 3, tradução nossa)

Os empreendimentos de definição do campo que sucederam a Borko preocuparam-se também em definir que informação interessa ao campo da CI, sobre o que abordaremos mais adiante.

No ano seguinte, 1969, o engenheiro russo Alexander Ivanovich Mikhailov vai documentar também o surgimento de um novo campo na então União Soviética, ao que ele denominou de ‘informatika’. O registro tratou-se de uma comunicação feita, em parceria com outros pesquisadores, em um encontro da Federação Internacional de Documentação (FID), no mesmo ano em que assumiu a sua presidência. O texto intitulava-se “Informática: seu escopo e métodos”. (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969)

O enredo utilizado por Mikhailov e colegas criticava, de certa maneira, a linha de raciocínio utilizada por autores contemporâneos a ele sobre a história do campo da Informática, para nós CI. Concorde que o crescimento exponencial da informação científica e técnica foi um fator importante nesse contexto, mas não podia ser considerado o único responsável pelo surgimento de uma nova disciplina tendo em vista ter sido esse um fenômeno vivenciado pela humanidade em tempos muito remotos pelas primeiras grandes bibliotecas. (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969)

Para os autores, aliado a esse fenômeno da explosão informacional outros fatores somaram-se para produzir a demanda de uma nova disciplina. Entre eles estariam a crescente participação de setores cada vez mais amplos da sociedade em atividades científicas. Especialmente os altos investimentos dos países em pesquisa, levando ao crescimento também da comunidade científica que passou a prescindir de serviços de informação cada vez mais eficientes e elaborados. A rapidez com que as descobertas científicas passam a ser aplicadas na prática também fazem parte do contexto de surgimento da informática.

O ritmo acelerado das atividades de pesquisa e desenvolvimento exigiu sistemas de informação com velocidades mais altas, e isso só pode ser

alcançado através da aplicação extensiva em práticas de informação de métodos radicalmente novos de trabalho, e através de mecanização e automação. (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969, p.5)

Outro evento a que os autores atribuem o surgimento da informática seria um rápido aumento dos chamados problemas orientados à missão, e um número cada vez maior de cientistas e engenheiros envolvidos em sua solução. Para este trabalho os sistemas tradicionais de comunicação científica, por sua vez orientados as disciplinas, não supriam as necessidades de uma atividade científica orientada as missões, portanto multidisciplinares.

Feitas essas considerações, Mikhailov, Chernyl e Gilyarevsky (1969) apontam, como marcos do surgimento daquilo que denominam “Informática”, os seguintes eventos:

O início da informática como disciplina pode ser rastreado até as vésperas da Segunda Guerra Mundial. Em 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia foi renomeado Instituto Internacional de Documentação e, em 1938, Federação Internacional de Documentação. Em 1933, o cientista soviético P.P. Troyanovskii recebeu um certificado de autor por sua invenção de uma “máquina para selecionar e imprimir palavras durante a tradução de um idioma para outro ou para vários idiomas simultaneamente”. Em 1938-40, um seletor de microfilmes foi construído no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, sob a orientação de V. Bush, que serviu de protótipo para o amplamente conhecido “Rapid Selector”, projetado e construído em 1949. Uma ideia geral desse seletor foi patenteada pelo engenheiro alemão E. Goldberg já em 1927.

A segunda guerra mundial impediu esse processo, que, no entanto, recebeu um novo impulso nos anos pós-guerra. Em 1945, foi iniciada a publicação na Grã-Bretanha do “Journal of Documentation”. Em julho do mesmo ano, foi publicado o conhecido artigo “As we may think”, de V. Bush, que pela primeira vez chamou a atenção de uma ampla comunidade científica para a necessidade de mecanizar a recuperação de informações. Em 1948, a Royal Society convocou em Londres a primeira conferência internacional sobre informação científica, na qual participaram cerca de 500 especialistas de vários países. Em 1950, foram inauguradas as revistas “American Documentation” e “Nachrichten fur Dokumentation”.

Assim, parece que a informática surgiu no cenário internacional como uma disciplina independente no final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta deste século.

Na União Soviética, essa tendência na ciência recebeu seu reconhecimento oficial em 1952, com o estabelecimento do Instituto de Informação Científica da Academia de Ciências da URSS. (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969, p.5,6)

O instituto ao qual se referem Mikhailov, Chernyl e Gilyarevsky (1969) é o VINITI, sigla do nome em russo da instituição que ficou bastante conhecida no mundo inteiro. A partir de todos esses eventos e circunstâncias, os autores afirmam que resultaram no surgimento da nova disciplina, a informática, “cujo principal objeto de estudo é o processo de informação

científica em toda a sua complexidade e cuja principal tarefa consiste em aumentar a eficiência da comunicação entre cientistas e especialistas.” (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969, p.4)

Para os autores, a recém surgida informática seria “de certa forma, uma continuação da bibliografia e da biblioteconomia, mas a experiência herdada pela informática desses ramos da ciência” estaria sendo submetida a uma reavaliação completa. (Mikhailov; Chernyl; Gilyarevsky, 1969, p.12)

Mesmo o texto tendo como objetivo bastante ambicioso de proposição de escopo e métodos da nova disciplina, os autores ao final fazem a mesma ressalva que Borko (1968), esclarecendo que o que foi registrado tem por objetivo principal lançar luz para esclarecer e auxiliar nas reflexões teóricas do campo e que a identificação das áreas que se relacionam no seu escopo é importante para o desenvolvimento de sua base teórica. Muito embora sejam enfáticos em dizer que o objeto da Informática se relaciona especificamente à informação científica. O conceito de “informática” na acepção de Mikhailov ficou restrito a então União Soviética e outros países do ‘bloco socialista’.

Para Wersig e Neveling (1975) a CI, ou informática, teria surgido de “uma combinação de evolução histórica, o desenvolvimento de necessidades sociais específicas e o desenvolvimento de novas metodologias e tecnologias (...). Essa ciência baseia-se na noção das necessidades de informação de certas pessoas envolvidas no trabalho social e na preocupação com o estudo dos métodos de organização dos processos de comunicação de uma maneira que atenda a essas necessidades de informação.” (Wersig; Neveling, 1975, documento não paginado)

No texto em que se propõe a tratar do fenômeno de interesse da CI, Wersig e Neveling (1975) afirmam que o campo se desenvolveu a partir das necessidades de uma área de trabalho prático, chamada ‘documentação’ ou ‘recuperação da informação’. Os autores reforçam ainda que, muito embora a introdução de novas tecnologias tenha tornado necessário o surgimento dessa disciplina, as contribuições para o nascimento da “ciência da informação” vieram de muitas disciplinas diferentes, isto em razão das diferentes origens de pessoas que entraram em um campo em que, até então, não existiam instituições educacionais estabelecidas. Dentre essas origens estariam os cientistas da computação, bibliotecários, linguistas, filósofos, entre outros. Essa variedade de abordagens levou a uma situação em que todos os participantes da discussão concordavam que deveria haver algo como “ciência da informação”, mas que tinha que ser a CI contando com sua experiência especial. (Wersig; Neveling, 1975)

A grande contribuição que se atribui a esses autores, em especial ao Wersig por todo o seu trabalho teórico no campo, seria a ênfase que deram ao caráter social da CI, em oposição a

forte ênfase na tecnologia e nas práticas documentais dadas por outros autores acerca do tema. Além disso, foi um dos primeiros trabalhos que se propuseram a discutir o objeto de estudo do campo da CI.

Wersig e Neveling (1975) constataam a multiplicidade de entendimentos que a literatura da área apresentava para o conceito de informação, o qual foi identificado por eles como sendo o qualificador para o fenômeno de interesse do campo. Essa polissemia do conceito, segundo os autores, devia-se principalmente a também diversificada formação daqueles que estavam envolvidos com os problemas que deram origem ao campo.

Shera e Cleveland (1977), refletindo sobre a história da CI, afirmava que o novo campo fazia parte de um contínuo histórico que emergiu de um emaranhado de fios entrelaçados. Estes fios estariam representando as mais variadas disciplinas, como filosofia, lógica, linguística, dentre outras, que ao longo dos séculos se uniram para dar conta da organização dos registros intelectuais humanos com fins de tornar efetivo o acesso aos seus conteúdos. Nesta perspectiva os autores sugerem que alguém poderia remontar como primeiras manifestações do campo, o trabalho da biblioteca de Alexandria com suas bibliografias acadêmicas.

No texto fica bem forte a relação que os atores estabelecem entre a CI e a informação científica. É esse o fio condutor para traçar um contínuo histórico anterior ao surgimento da expressão Ciência da Informação, buscando em empreendimentos do passado o que poderiam ser as primeiras manifestações do campo. Nesse sentido, aponta para a Bibliografia e na sequência a Documentação como sendo os antecessores mais remotos da CI.

Nesta linha de raciocínio, Shera e Cleveland (1977) citam alguns nomes notáveis: Konrad von Gesner, Charles Jewett, Anthony Panizzi, cujos trabalhos antecederam a obra que de fato datou o pronunciamento de uma nova perspectiva de perceber os registros e suportes com potencial de transmitir informações, o Tratado de Documentação do Paul Otlet (1934). A repercussão dessa obra, em especial na Europa, vai dar origem ao que acreditava ser uma nova disciplina.

Shera e Cleveland (1977) explicam que a Documentação, no contexto norte-americano, apareceu como sinônimo de microfilmagem, pois foi a esta técnica que se dedicaram em conhecer e utilizar nos serviços de informação aqueles que se intitularam de documentalistas. Os autores ressaltam também que a Documentação se apresentava para o mundo como uma área a serviço da Ciência e do desenvolvimento tecnológico, na visão de pesquisadores que se propuseram a investigá-la. Mas, que deveria ser um serviço de Bibliografia a serviço de todos.

Depois desse trabalho publicado por Shera e Cleveland, os estudos históricos vão ressurgir com mais força na literatura do campo, nos anos 90, ampliando as noções

historiográficas concentradas em um discurso angloamericano. Até então, as reflexões acerca do surgimento da CI foram realizadas em sua maioria por profissionais e pesquisadores que vivenciaram o processo histórico, são verdadeiros testemunhos pessoais de como perceberam o processo.

Reflexões mais focadas em historiar o campo serão empreendidas especialmente na década de 80 quando diferentes incentivos à pesquisa histórica do campo por parte de instituições e periódicos, por exemplo, diante do aparecimento de novos cursos de pós-graduação e de seus diálogos. Isto acabou repercutindo em muitos estudos publicados na década de 1990. (Rayward, 1996; Buckland; Hahn, 1998; Burke, 2007)

De acordo com Burke (2007), vários eventos sinalizaram que o início da década de 1990 foi um período marcante para os estudos históricos da CI nos Estados Unidos e na Europa. Edições especiais com artigos históricos dos principais jornais do campo foram publicados no início e em meados da década de 1990, entre eles: *Journal of Documentation*, *Information Processing & Management*, o *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, o *Documentaliste*. (Buckland; Hahn, 1998; Burke, 2007). Além dos números especiais desses importantes periódicos, são também mencionados eventos dedicados ao tema, que resultaram num conjunto relevante de comunicações sobre a história do campo, a exemplo da Conferência Internacional de celebração do 20º aniversário do Departamento de Estudos Informacionais da Universidade de Tampere, Finlândia em 1991. Os anais foram publicados sob a edição de Pertti Vakkari e Blaise Cronin sob o título *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*, umas das mais importantes fontes de reflexão sobre as questões epistemológicas, conceituais, institucionais, acadêmicas e aplicadas da Ciência da Informação.

Neste evento Tefko Saracevic publica um ensaio de grande repercussão no Brasil. O texto, intitulado “Ciência da Informação: origem, evolução e relações”, traduzido e publicado em 1996 pela Revista Perspectivas em Ciência da Informação, situa a origem do campo “no bojo da revolução científica e técnica que se seguiu a II Guerra Mundial” (Saracevic, 1996). Este fato estaria marcado na literatura a partir do texto *As we may think*, do engenheiro eletricista Vannevar Bush, o qual trazia como preocupação a chamada “explosão informacional” e, portanto, a necessidade de pensar no uso inteligente das ferramentas tecnológicas advindas do desenvolvimento promovido pelas ciências da guerra.

Oferecer soluções para o problema que se descortinava foi a principal razão de a CI ter se consolidado enquanto área, afirma Saracevic (1996) citando Wersig e Neveling (1969). Estas considerações sobre o surgimento da CI, parecem ser o que havia de consensual no campo até

aquele momento. No texto o autor propõe o que seria uma definição do conceito “ciência da informação” que designaria o campo, a saber:

A Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (Saracevic, 1996, p.47)

Saracevic também discute a interdisciplinaridade da CI, explicando, assim como já mencionado por outros autores, que este fenômeno foi introduzido pela diversificada formação daqueles que se ocuparam dos problemas do campo. Dentre os quais havia engenheiros, bibliotecários, químicos, linguistas, filósofos, psicólogos, matemáticos, cientistas da computação, homens de negócios, etc. Para o autor alguns foram mais relevantes para o campo que outros, destacando as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Cognitiva e Comunicação. (Saracevic, 1996)

Já no final da década de 1990, os historiadores da CI passaram a questionar o surgimento do campo na forma como colocada por Saracevic e passam a defender que a CI antecedeu o contexto de surgimento de sua ‘recente’ denominação, apontando para fatos, fenômenos, publicações, instituições e ações no campo informacional anteriores ao contexto da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Burke (2007), os trabalhos históricos da referida década eram um pouco diferentes das compilações históricas e comemorativas de décadas anteriores. Havia mais interpretações que dependiam de pesquisa original e primária. Como exemplo Burke cita um número do *Information Processing & Management* que publicou vários artigos nesses moldes. Um exemplo disso é o texto de Rayward (1996), que foi publicado no referido número e dois anos mais tarde passou também a integrar uma publicação da então *American Society for Information Science* (ASIS)² sobre o tema *Historical Studies in Information Science*.

Em suas reflexões sobre a história e historiografia da CI, Rayward (1996) afirma que apontar com precisão o surgimento da CI não parece ser razoável para um campo com tantas definições possíveis. Para este autor, o historiador da CI encontra muitas dificuldades na realização desse trabalho, especialmente pela multiplicidade de entendimentos do que seja esse campo, em especial do seu objeto de estudo, a saber a informação. Desse modo, afirma que

² Desde 2013 passou a denominar-se *Association for Information Science and Technology*.

seria possível relatar esse processo de sucessivos eventos a iniciar da criação do próprio universo se se atrela a história do campo a história da informação.

Para Rayward (1996) as relações tidas como interdisciplinares no campo da CI são uma questão muito importante quando se discute as disciplinas percebidas no âmbito da CI, tais como cibernética, ciência da computação, biblioteconomia, ciências cognitivas, inteligência artificial, teoria geral dos sistemas, linguística, teoria da informação dentre outras. Nessa perspectiva coloca as seguintes questões:

[...] Como sabemos com confiança que estamos escrevendo a história da ciência da informação em vez de simplesmente uma história da cibernética, por exemplo? [...] Em que ponto podemos dizer que histórias de bibliotecas, de computação ou de comunicações contribuem para o que pode ser visto como a história mais geral da ciência da informação? Até que ponto o historiador da ciência da informação precisa buscar raízes nas disciplinas e subdisciplinas especiais que se dedicam ao estudo da informação em suas várias definições? Que conhecimento técnico especializado é necessário e deve ser demonstrado para que contribuições específicas sejam reconhecidas e valorizadas como tal nas disciplinas de base? (Rayward, 1996, p.7)

Rayward esclarece que existe um corpo teórico de diversas origens disciplinares que estão em contato, sendo interpretadas e apropriadas por outros de diversas maneiras, de acordo com seus diferentes propósitos. O problema é que essas apropriações necessariamente descontextualizam o trabalho emprestado e o que é feito com ele pode ser visto com desconfiança ou ignorado como não legítimo por aqueles de quem os empréstimos foram feitos. (Rayward, 1996)

Para Rayward (1996), as questões de interesse da CI sempre foram da sociedade e que os historiadores precisam levar isso em conta. Sociedades diferentes em tempos diferentes encontraram soluções para os problemas informacionais de acordo com seu tempo e com as tecnologias disponíveis. Acredita, portanto, que as origens da CI estão nos antepassados da Bibliografia e Documentação, porém, sugere que estudos amadureçam para que as relações históricas se revelem.

Conforme Burke (2007) nos atesta, são muitos e diversos os relatos de surgimento da CI. Sua análise da literatura acerca do tema demonstra o desafio que é traçar um único trajeto diante de tantos caminhos possíveis. Porém, diante das falas aqui relatadas, concordamos, a partir dos relatos de Rayward (1996, 1998); Shera (1980); Shera e Cleveland (1977), Buckland (1998) de que a CI tem na sua gênese uma forte relação com as práticas profissionais de bibliotecários e documentalistas, aos quais outros se juntaram para promover a melhoria e eficiência das mesmas.

No Brasil, a CI também partilha de uma história bastante controversa, refletindo um pouco esse processo internacional. Como forma de produzir um referente para a histórica epistemológica, objeto deste estudo, relataremos a seguir sobre o surgimento do campo da CI no país.

2.1 Ciência da Informação no Brasil

No caso brasileiro é consensual que a criação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação em 1970 pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Ibict, assinala o surgimento do campo da CI no país. (Odone, 2006; Zaher, 1995; Pinheiro; Loureiro, 2004). Esse teria sido o marco institucional ao qual se seguem outros eventos que apontam para o amadurecimento do campo que foi a criação dos periódicos científicos em CI, eventos acadêmicos e aquele que demarca a consolidação do campo no Brasil que foi a criação de uma sociedade científica, nomeadamente a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (Ancib).

Tal como pudemos perceber na história do campo em contextos estrangeiros, qual seja a percepção de que a CI seria sucessora da Bibliografia e Documentação, no Brasil essa história encontra-se ainda mais difusa. Esta parece ter sido diluída na formação dos bibliotecários de forma que a denominação não teve tanta repercussão, como no ambiente norte-americano, por exemplo.

De acordo com Fonseca (1979), a Bibliografia e a Documentação aportaram o território nacional por volta de 1911, quando a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, criada a partir do acervo da Real Biblioteca Portuguesa, passa por uma reestruturação sob o comando de Manoel Cícero Peregrino da Silva, famoso pelo seu forte compromisso com o serviço público e pelas grandes contribuições que fez não só a Biblioteca Nacional como também a área de Biblioteconomia e Documentação. (Fonseca, 1979)

Dentre as contribuições referentes as novidades técnicas introduzidas por Peregrino ressaltam-se o catálogo coletivo nacional; a catalogação cooperativa; a adoção da Classificação Decimal Universal no arranjo da bibliografia brasileira corrente, conforme as normas do Instituto Internacional de Bibliografia; e a participação efetiva do Brasil no Repertório Bibliográfico Universal, caracterizando fortemente as influências do movimento da Documentação otletiana. (Fonseca, 1979)

Ainda sobre Manoel Peregrino, Juvêncio (2016) ressalta que além dos feitos elencados por Edson Nery da Fonseca, as contribuições de Peregrino fazem parte de um esforço humano

contínuo para centralizar o conhecimento, semelhante aos esforços históricos e modernos, como o Instituto de Bibliografia. Seu legado incorpora uma busca atemporal de reunir conhecimento e promover o crescimento intelectual, deixando um impacto duradouro na academia e no patrimônio cultural brasileiro.

Fonseca (1979) ressalta também que o referido diretor da Biblioteca Nacional, a partir do seu projeto inovador de biblioteca no país, conferiu dois pioneirismos: um internacional e outro continental. O primeiro

Decorre do *dépouillement* de periódicos – atividade estreitamente ligada ao conceito de documentação, como assinala Louise-Noelle Malclès em *Les sources du travail bibliographique*, tanto no emprego da palavra documentação, antes mesmo da aceitação de tão controvertida palavra pela própria Federação Internacional de Documentação. [...]. (Fonseca, 1979, p. 31)

Já o segundo, o continental, refere-se ao Curso de Biblioteconomia, previsto na Reforma de 1911 e iniciado de forma efetiva em 1915, sendo o primeiro do Brasil e da América Latina. O curso era de nível superior e adotava o padrão francês da *École Nationale des Chartes*. Além de um exame de admissão, era exigido dos candidatos a conclusão do curso de Humanidades. O currículo compunha-se de quatro matérias: Bibliografia, cujo conteúdo abarcava a catalogação, classificação, organização e administração de bibliotecas; Paleografia e Diplomática; Iconografia; e Numismática. (Fonseca, 1979)

A partir do exposto, percebe-se que mesmo a literatura tratando da Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação como sendo disciplinas distintas, na formação do bibliotecário brasileiro, conforme já dissemos, esses conceitos desde o início estiveram inseridos no ensino de suas práticas, levando a impressão de que não há distinção entre elas, ao menos quando se trata do fazer profissional. Esse fenômeno também pode ser observado pelo fato de a Documentação, especialmente na década de 70, nomear cursos e departamentos de Biblioteconomia no Brasil, conforme apresenta o relatório da Capes sobre o Ensino da Biblioteconomia no Brasil de 1978.

De alguma forma existiu no país, antes do estabelecimento do currículo mínimo em 1962, uma querela entre bibliotecários formados em escolas orientadas pelo modelo europeu francês, nomeadamente os do Rio de Janeiro, e aqueles formados pelas escolas orientadas pelo modelo norte-americano, nomeadamente os paulistas. Para ilustrar esse desencontro técnico-profissional, Castro (2000) nos relata que durante discussão acerca da permanência ou não das reticências em fichas catalográficas, para os casos em que a folha de rosto de uma obra não

apresentasse informações relativas à autoria, os bibliotecários paulistas as consideravam desnecessárias, ao passo que os cariocas as consideravam primordiais.

Questões dessa natureza foram minimizadas a partir da implantação do currículo mínimo, quando a formação em nível de graduação foi mais bem organizada (Almeida, 2012). Uma nova perspectiva de formação profissional e que de fato vai figurar como sendo os primeiros indícios da CI no Brasil, vai acontecer na década de 50, quando é criado no país o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

Marteletto (2009) lembra que é nessa mesma década de 50 que foram criados organismos importantes com o objetivo de alavancar a formação de massa crítica nacional para fazer frente ao desenvolvimento científico e tecnológico vivenciado no âmbito internacional pelas grandes potências econômicas. Junto ao CNPq é também criada em 1951 a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), cujo objetivo era o de assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos público e privado para o desenvolvimento do país. (Marteletto, 2009)

Para Oddone (2006) a criação do IBBB enquanto órgão de produção e acumulação de informações bibliográficas, constituiu um suplemento de força para os bibliotecários. Teria sido o contato dos profissionais do IBBB com instituições internacionais, como a Federação Internacional de Documentação (FID) e a Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA), que ofertou “um cenário já em vias de se globalizar”. A experiência com essas novas demandas de serviços de “informação científica” traduziu-se na adesão da área ao discurso da “informação científica” e à sua progressiva elaboração em termos teóricos e pragmáticos.

Oddone (2006) ressalta que a própria criação do IBBB provocou um rompimento com os tipos de serviços oferecidos pelas bibliotecas brasileiras, dedicadas especialmente à organização de acervos bibliográficos que ofereciam a sua clientela.

Uma das primeiras iniciativas do IBBB foi promover a realização consecutiva de cursos de “documentação científica”, cujo regulamento foi publicado já no seu ano de criação (1954)³ nos anais do 1º Congresso de Biblioteconomia, mais importante evento profissional da classe bibliotecária no Brasil. Talvez por influência do então IBBB, já a partir da segunda edição, em 1959, passa a adotar no nome o termo Documentação. (Souza, 2009)

³ Nos anais do 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia o nome do curso do Ibict aparece como “Curso de Pesquisas Bibliográficas em Tecnologia”. (Congresso [...], 1954)

Esta formação no modelo de especialização, formou muitos profissionais de diferentes regiões do Brasil para o fornecimento de serviços de “informação científica” os quais baseavam-se em elaboradas técnicas de documentação. Os formandos tornavam-se por vezes “multiplicadores ou disseminadores do novo saber, dos novos discursos e das novas práticas do campo. A extensão e a capilaridade assim alcançadas fortaleceram”. (Oddone, 2006, p. 46) Segundo Zaher (2017), este curso na época figurava como principal recurso de formação continuada, inclusive dos professores dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Com exceção daqueles que saíam do país para realização de pós-graduação, eram as especializações do então IBBD que traziam as novidades do campo. Essas novidades eram prioritariamente técnicas e, como a própria denominação do curso já sugeria, estava voltado especialmente para o tratamento e gestão de informação científica.

De acordo com Souza (2009) o curso promovido pelo IBBD repercute fortemente na formação dos bibliotecários brasileiros, enfatizando em certa medida o tecnicismo. O referido autor pauta-se nas recomendações do já citado CBBD para demonstrar a influência do instituto na formação do pensamento bibliotecário brasileiro.

Em seu texto Souza (2009) faz uma forte crítica aos bibliotecários por ter, nesse processo de contato com a documentação, deixado de lado a agenda profissional relativa as questões humanas e sociais, privilegiando de forma exacerbada o aprimoramento de suas técnicas. Fica demonstrada a adoção pela classe bibliotecária brasileira da Documentação como sendo uma atualização/desenvolvimento das técnicas e do fazer biblioteconômico alinhadas ao momento socioeconômico vivenciado, especialmente no contexto internacional, em meados da década de 1950.

Souza (2009) evidencia as suas percepções a partir, como já dissemos, das recomendações finais dos CBBD's, para os quais lança luz especialmente para a terceira edição, realizada em 1961 na cidade de Curitiba/PR, as quais reproduzimos a seguir:

- 1 – Que as escolas de **Biblioteconomia incluam definitivamente a documentação, não só nos seus nomes, mas também nos seus currículos;**
- 2 – Que a **Documentação não seja apenas uma cadeira** a ser lecionada no último ano, mas **sim um conjunto de disciplinas e técnicas que abranjam a totalidade de seu campo**, quais sejam: Produção de documentos, Reunião de documentos, Seleção de documentos e Reprodução de documentos.
- 3 – Que as matérias subsidiárias da Documentação na medida das possibilidades e das condições locais brasileiras, sejam incluídas no curso.
- 4 – Que a duração do curso seja no mínimo de quatro anos, a fim de que todas essas disciplinas possam ser ministradas convenientemente, e para nivelá-la aos demais cursos universitários do país.
- 5 – Que as **escolas de Biblioteconomia tenham em mente que estão preparando elites de técnicos e não fornadas de bibliotecários**, não devendo subordinar a reestruturação do currículo de quatro anos à

possibilidade de diminuição do número de alunos. Devemos levantar o nível das escolas de Biblioteconomia tendo em vista, única e tão somente, os superiores interesses de **unificar no Brasil, a formação de Bibliotecário e Documentalista.**

6 – Que as escolas de Biblioteconomia, com seus currículos bem reestruturados, em nível universitário, permitam que os bibliotecários já formados voltem aos bancos escolares para **se atualizarem nas técnicas da Documentação.**

7 – Que este Congresso notifique a FID e a IFLA de que os **bibliotecários brasileiros são contrários à formação em separado de bibliotecários e documentalistas** e que as escolas brasileiras de biblioteconomia e documentação estão aptas a ministrar as suas técnicas. (CBBD, 1961 *apud* Souza, 2009, grifo nosso)

Por influência do IBBD escolas e cursos de Biblioteconomia passaram a adotar também a denominação “Documentação”, a exemplo do que aconteceu com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que em 1958 o então Curso Extraordinário de Biblioteconomia passou a chamar-se Biblioteconomia e Documentação, e em 1966 inaugura a Escola de Biblioteconomia e Documentação. (Araújo; Marques; Vanz, 2011).

Em 1978, um relatório da equipe de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação no Brasil, verificava a ênfase nas técnicas presentes nos currículos de graduação em Biblioteconomia e a forte dissociação do ensino com demandas sociais, em especial no que diz respeito a bibliotecas públicas e escolares. O mesmo relatório traz como sugestão para equacionar os problemas de formação bibliotecária, o amadurecimento da Pós-graduação que a época se encontrava nos seus primeiros anos. (Figueiredo, 1978)

O relatório supracitado menciona, dentre outros documentos referenciais, um trabalho apresentado na 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação pelas professoras Anna da Soledade Vieira e Etelvina Lima (1975), da Universidade Federal de Minas Gerais. No documento as pesquisadoras sugerem a criação de uma Política de Pós-Graduação em Biblioteconomia, pois

O estabelecimento de uma política de pós-graduação, em âmbito nacional, nas bases propostas neste trabalho ou de acordo com outras diretrizes que considerem o ambiente no qual interagem os serviços de transferência da informação, será o único meio de se evitar que se repita, nas áreas de estudos avançados, o que ocorreu na área da graduação: crescimento desordenado, importação de currículos desvinculados da realidade nacional, conduzindo, portanto, à obtenção de um produto — o bibliotecário a nível de pós-graduação — inadequado ao exercício das funções de liderança que dele se espera. (Vieira; Lima, 1975, p. 139-140)

Nessa política eram sugeridas duas alternativas de ação, das quais gostaríamos de destacar a primeira, qual seja

o estabelecimento de quatro centros de pós-graduação em **Biblioteconomia**, cada um deles voltados para um dos seguintes assuntos como área de concentração: - Serviços aos Usuários [...]; - Bibliografia; - **Ciência da Informação: teoria, técnicas e serviços de informação. Curso já em funcionamento no Ibict, que deverá ser fortalecido**; - Administração de Bibliotecas [...]. (Vieira; Lima, 1975, p. 139, grifo nosso)

É de fato na pós-graduação que a CI se fortalece. De acordo com Reis (1990), a reforma universitária brasileira de 1968 foi um advento que possibilitou a construção de um aparato governamental colocado a disposição do processo de desenvolvimento do ensino superior no país, o que vai acontecer também com a Biblioteconomia e CI. É nesse período, especialmente a década de 1970, que serão criados e implementados os primeiros cursos de Pós-graduação na área, os quais objetivavam principalmente a formação de corpo docente, pois a partir da já citada reforma os professores universitários deveriam ter obrigatoriamente formação em nível de pós-graduação, além disso, para melhor equipar as importantes bibliotecas universitárias e as públicas, percebia-se a necessidade de formar profissionais capazes de empreender novas formas de trabalho a fim de atender as demandas novas e plurais de informação que se descortinavam na época. (Figueiredo, 1978; Avaliação, 1978; Reis, 1990; Nestri, 1992; Poblacion, 1993)

De acordo com Reis (1990), Mueller (1985), o primeiro Curso de Mestrado em Biblioteconomia no Brasil foi um empreendimento pioneiro da Universidade de Brasília. Este funcionou apenas por dois anos e teve apenas três alunos matriculados. Não formou nenhum aluno porque teve seu funcionamento interrompido “devido à instabilidade política que tanto afetou a Universidade na época” (Mueller, 1985, p.11). De acordo com o primeiro documento de avaliação de área, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), esse curso iniciou suas atividades em março de 1964 e foi suspenso no final de 1965. (AVALIAÇÃO..., 1978).

Foi no ano de 1970, com a criação do Mestrado em Ciência da Informação do então IBBD é que a CI de fato vai passar a figurar no Brasil. O curso é considerado como o primeiro da área de Biblioteconomia e, segundo Zaher (2017), tinha por objetivo formar docentes para os cursos de graduação em Biblioteconomia. O curso é tido como pioneiro no Brasil e na América Latina.

A partir do exposto, podemos perceber o quanto a CI no contexto brasileiro está fortemente relacionada, ao menos no imaginário de seus empreendedores, com a Biblioteconomia. Essa constatação é também de Barreto (2009), que afirma que “A ambiência da Biblioteconomia e Documentação no Brasil, diferentemente do resto do mundo, originou um

contexto para a criação da CI que nasceu no nosso País vinculado ao campo da Biblioteconomia, seus princípios, suas técnicas e reflexões. (Barreto, 2009, p. 10)

Possivelmente essa seja a razão pela qual, nesse primeiro momento de criação do mestrado, alguns integrantes da classe bibliotecária via na expressão ‘ciência da informação’ mais uma importação descontextualizada da realidade brasileira (Zaher, 2017; Lemos, 1972). Tanto que até a década de 1990, a expressão é oficializada apenas no âmbito do instituto, levado pelo nome de sua pós-graduação e do periódico mantido pelo então IBBD, que será criado em 1972 pelo instituto, a revista Ciência da Informação. Os demais cursos criados a partir de 1976, foram todos em Biblioteconomia, conforme apresentamos no quadro 1 a seguir.

QUADRO 1- Programas de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação até a década de 1970.

Instituição	Ano	Nome do programa	Área de concentração
UNB	1964	Mestrado em Biblioteconomia	(Descontinuado em 1965)
	1978	Mestrado em Biblioteconomia e Documentação	-Planejamento, organização e administração de sistemas de informação. -Recursos e técnicas de documentação e informação científica.
IBICT	1970	Mestrado em Ciência da Informação	-Administração de sistemas de informação -Documentação e transferência da informação A partir de 1977 reformulado: -Metalinguagens da ciência -Estrutura e fluxo da informação em ciência e tecnologia
USP	1972	Mestrado em Ciência da Comunicação – Opção Biblioteconomia e documentação	
	1980	Doutorado em Ciência da Comunicação – Opção Biblioteconomia e documentação	
UFMG	1976	Mestrado em Administração de Bibliotecas	-Biblioteca e Educação -Biblioteca e Informação especializada
PUCCAMP	1977	Mestrado em Biblioteconomia	-Metodologia do ensino em Biblioteconomia (1977-1982) -Educação em Biblioteconomia (1982) -Planejamento e administração de serviços de biblioteca, arquivos e informação (1982)
UFPB	1978	Mestrado em Biblioteconomia	-Sistemas de bibliotecas públicas

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Avaliação (1978), Avaliação (1982), Mueller (1985), Reis (1990), Nastri (1992).

Os periódicos criados na época também carregavam a denominação Biblioteconomia em sua maioria, muito embora alguns posteriormente tenham assumido a denominação Ciência da Informação na década de 90 (Ver quadro 2)

QUADRO 2 – Periódicos no Campo da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação criados até a década de 1970.

Ano	Título	Responsável	Título atual
1960	Boletim informativo da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (hoje Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições)	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação desde 1973.
1972	Ciência da Informação	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)	
1972	Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais	Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Biblioteconomia (hoje Escola de Ciência da Informação)	Perspectivas em Ciência da Informação desde 1996.

1973	Cadernos de Biblioteconomia (Descont. a partir de 1980)	Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Biblioteconomia	
1973	Revista de Biblioteconomia de Brasília (Descont. a partir do ano 2000)	Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal	
1978	Revista do Departamento de Biblioteconomia e História	Universidade do Rio Grande, Departamento de Biblioteconomia e História	Biblos desde 1985

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019, com base no Catálogo Coletivo Nacional, BRAPCI, Francelin (2018)

Nesse contexto havia clara sobreposição e ausência de definição científica, acadêmica e aplicada entre os termos “documentação” e “ciência da informação”, em que o primeiro parecia ser uma denominação antiquada para a novidade da CI, muito mais “tecnológica”. Podemos perceber esse fenômeno no relatório da primeira avaliação da área em 1978, o qual revela que o CNPQ havia denominado a área de ‘Documentação e Informação’, porém o grupo eleito para realizar o trabalho resolveu renomear ‘Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia’, seguindo uma orientação da comunidade internacional do campo, durante reunião patrocinada pela Unesco, em que buscou-se integrar sob essa denominação os serviços de Biblioteca, informação e arquivo (Avaliação [...], 1978).

O documento conceitua a CI como sendo o

[...]campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objeto o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber (Avaliação [...], 1978, p.52).

Já as demais denominações, Biblioteconomia e Arquivologia, seriam, na visão do grupo, “disciplinas aplicadas, que tratam da coleta, organização e difusão de informações preservadas em diferentes tipos de suportes materiais.” Porém, ressaltam que essa condição não significa que não desenvolvam pesquisas ao mesmo tempo que a Ciência da Informação não é desvinculada da prática (Avaliação [...], 1978, p.52).

No documento, os avaliadores também afirmam ser inadequado o uso da expressão “documentação” por parecer “estar em declínio” e em seu lugar as vezes estar sendo usada a expressão Ciência da Informação. Essa afirmativa encontra respaldo em Smit no seu livro publicado em 1986 sobre ‘o que é documentação’,

Chegamos assim a uma primeira definição de documentação, diferenciando-a do conceito de Biblioteca, segundo a qual a biblioteca organiza os próprios documentos (ou seja, seu ‘acervo’), ao passo que a documentação organiza as informações relacionadas a um assunto, sem restrições quanto ao acervo. Por isso mesmo, a **documentação é também chamada ‘ciência da informação’**.

Pessoalmente acho o termo pretencioso demais, mas ele é usado com certa frequência hoje em dia (Smit, 1986, p.10, grifo nosso).

Considerando que o texto de Smit foi escrito em 1986, portanto oito anos após o relatório do CNPq demonstra que a adoção da terminologia CI encontrou alguma resistência no território nacional.

Além da criação dos cursos de pós-graduação no campo, outro evento importante para a consolidação do campo da CI no Brasil foi a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (Ancib) no ano de 1989, posteriormente suprimindo a palavra Biblioteconomia de sua denominação, apesar de mantida na sigla até a atualidade, ou seja, 2024.

Conforme nos relata Barreto (2009), na década de 1980, os poucos iniciantes programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação (seis programas ao todo na época), por indução da Capes, especialmente, começaram a realizar encontros, para discutir problemas comuns e procurar soluções para seu funcionamento, além de estabelecer uma fundamentação da área de conhecimento que nascia. “Havia interesse dessas agências em encaixar a informação em suas políticas nacionais de C&T a fim de seguir o padrão de valorização da informação adotado no exterior” (Barreto, 2009, p. 13).

A partir desses encontros foi que em 1989 cria-se a Ancib a qual passou a promover o Encontro Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (Enancib, hoje Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação) como propósito de focar mais fortemente nas pesquisas desenvolvidas na área. Portanto, a

Ancib não foi criada, unicamente, pela vontade e afinidade dos membros ativos pertencentes a uma área autônoma de conhecimento. Não nasceu a partir de um movimento de agregação para representar e ser a soma de preocupação de pesquisa ou uma associação com forte afetividade de interesses comuns partilhados (Barreto, 2009, p.14).

Mas sim o resultado de uma ação externa ao campo, a exemplo do que aconteceu com outras áreas (Anpocs, Anpoll, Anpur etc.) (Barbosa; Céndon; Caldeira; Bax, 2000). Porém, uma vez instituída vai apresentar-se como principal sociedade científica do campo e que vai paulatinamente promover o discurso e o fortalecimento da CI no Brasil.

Nessa perspectiva, a partir da criação da Ancib, a denominação Ciência da informação começa a ser adotada pelos cursos de Pós-graduação até então existentes. A partir dos anos 90 os então Programas de Pós-Graduação em Biblioteconomia passam a mudar sua denominação para Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação. Isto porque, de acordo com

Población (1993), é a partir da criação da Associação que se “estreitam os laços entre os cursos” de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ao que ela denomina de amadurecimento, levando a uma “transformação que ocorre também na denominação dos cursos” (Población, 1993, p. 19, tradução nossa). Essas mudanças de fato começaram a ocorrer já em 1991 na UNB, em 1992 foi a vez UFMG e Usp, em 1995 PUCCAMP, e por último a UFPB em 1997. (Poblacion, 1993; Pinheiro, 2007). Os demais programas criados já foram em CI, o que começou a ocorrer em 1998.

Porém, na última década, o termo “biblioteconomia” voltou a figurar nos nomes da Pós-graduação (mestrado profissional), como é o caso da Unirio, cujo curso foi aprovado pela Capes em 2012 e Universidade Federal do Cariri em 2016. (CAPES, 2019)

A partir do exposto, percebe-se que nessa relação entre Biblioteconomia e CI no Brasil, esta última foi percebida como uma atualização na denominação do campo e para outros foi adotado como forma de conferir cientificidade a uma área majoritariamente técnica e, nas palavras de Barreto (2009), fraca. Dessa descendência ele também atribui o forte caráter tecnicista da própria CI no território nacional, ao menos era esse o panorama que ele vislumbrava a época em que a Ancib completava 20 anos.

Outro fenômeno que reforça essa ideia de atualização foi a mudança do nome da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), criada em 1967 com a finalidade de orientar questões organizativas das referidas escolas cobrindo “tópicos como: planejamento educacional, formação e profissionalização do docente, intercâmbio docente, infra-estrutura de ensino, gestão das escolas, assistência social ao discente, seleção discente e produção científica” (Souza, 2006, p. 10).

No site da instituição não foi possível identificar a justificativa da mudança, apenas que “A Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) foi desativada em 2001 e passou a denominar-se Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin)”. Esta, por seu turno, afirma ser “uma entidade constituída com a finalidade de assegurar o debate sobre a formação de pessoas comprometidas com a manutenção e a ampliação de um corpo profissional atuante nos campos das práticas da Ciência da Informação” (Abecin, 2020). Tal esclarecimento evidencia uma mudança de perfil institucional em relação a sua antecessora.

Retomando a discussão sobre o “tecnicismo” – no sentido reducionista, de afastamento da relação entre teoria e técnica científica - presente nas primeiras manifestações do campo da CI no Brasil, de fato este está presente inclusive no discurso de Zaher (2017), uma das criadoras do primeiro mestrado em CI no Brasil, em que ela afirma, categoricamente, que adotou para o

novo curso a denominação de CI e não a Informática, denominação do campo no então bloco socialista, porque, nas palavras dela, esta segunda era uma versão filosófica do campo, ao passo que a manifestação do campo em território norte-americano era mais técnica. Era justamente a “técnica” – aqui, uma visão oriunda de uma tradição mecanicista, orientada para o desenvolvimento de novas técnicas, como forma de fundamentar uma cientificidade, como a corrente epistemológica positivista apontava, para formação as ciências sociais, na inspiração do modelo teórico e metodológico da Física - que ela buscava aprimorar ofertando o mestrado em CI.

O que se viu nesses primeiros anos do que poderíamos chamar de consolidação da CI no Brasil foi um processo de apagamento, nas palavras de Freitas (2003) e Oddone (2006), dos campos que auxiliaram na consolidação da CI no Brasil, como num esforço em colocar definitivamente a CI como sendo a ambiência onde se discute a teoria a ser aplicada por bibliotecários e arquivistas, mais recentemente dos museólogos. Esse é um fenômeno que pode ser visualizado exemplarmente na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, a qual empreendeu as mudanças nos nomes dos cursos, tanto de graduação como pós-graduação, o título do periódico e de sua escola, sob o argumento de adequação das denominações e demandas de mercado.

Porém, estudo terminológico desenvolvido por Smit, Tálamo e Kobashi (2003) concluiu que, no caso da CI, antes mesmo de configurar um campo do saber, caracteriza-se muito mais como uma designação para um conjunto de práticas. A noção de informação não seria, portanto, um argumento que sustentasse uma área tão recente visto que a relação do homem com a informação certamente precede inclusive o surgimento das bibliotecas, muito embora seja a partir desse equipamento social que se instituem modos sociais específicos de recepção do conhecimento registrado, bem como formas de socialização e uso da informação.

No estudo realizado pelas pesquisadoras, identificou-se que o levantamento terminológico fornece uma base sólida para concluir que os conceitos da área de CI são insuficientes para que se possa deduzir dos mesmos uma delimitação teórica do seu objeto. Os termos nomeiam e descrevem procedimentos e/ou instrumentos, mas raramente os contextualizam em relação à área. E ainda que, em sua maioria, as noções sedimentadas pela área denominam procedimentos oriundos da Biblioteconomia.

De fato, o estudo trata de um recorte temporal demandando uma atualização passados 21 anos. Porém, fica fortemente evidenciado a importância que a Biblioteconomia especialmente no contexto brasileiro, teve no surgimento do que se passou a designar como “Ciência da Informação”, não só por questões institucionais e práticas, mas, inclusive, teóricas,

vide, por exemplo, o papel da epistemologia social de Jesse Shera na construção teórico-metodológica do campo, anterior, desde os Estados Unidos da América, do início das mutações terminológicas do campo.

A partir do que foi exposto, é possível considerar que a CI no Brasil foi fortemente marcada por práticas profissionais relativas as áreas de Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação. Estas, por sua vez, importadas da Europa e Estados Unidos, como resultado dos esforços empreendidos por grandes nomes e instituições do campo, especialmente Ibict, foram incorporados enquanto saberes na formação dos bibliotecários no Brasil. Daí a dificuldade de compreender em que momento que elas se diferenciam, pois suas fronteiras foram paulatinamente se dissipando.

Até agora nos ocupamos de demonstrar uma cronologia que nos apresenta pistas de como a CI surgiu no Brasil. Na sequência, buscaremos evidenciar um pouco desse surgimento e amadurecimento epistemológico.

3 EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

De acordo com González de Gómez (2000), um dos problemas que se verifica no desenvolvimento da investigação científica no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação é que temos muitas perguntas importantes e significativas, mas há a ausência de um consenso sobre qual é a questão principal em torno da qual seja possível organizar, em suas diretrizes gerais, o campo científico de estudos da informação e da Biblioteconomia.

Para esta autora, essa constatação baseia-se no fato de que por um lado existe a própria estratificação daquilo que se considera, em geral, como um fenômeno ou processo de informação, o que contribui para dificultar a constituição de um campo científico relativamente autônomo. Por outro lado, a ‘informação’ designa o componente principal da construção epistemológica do mundo contemporâneo, o que faz com que se multipliquem as arenas metadiscursivas nas quais se disputam o privilégio de sua interpretação. Ao mesmo tempo, e como desafio para uma epistemologia investigativa, se adverte uma certa sincronia entre um movimento ascendente de expansão dos estudos e tecnologias da informação, e um movimento descendente e em retrocesso das reflexões epistemológicas, desprestigiadas em suas pretensões normativas. (González de Gómez, 2001)

A essa posição Hjørland (2011) acrescenta que as “contribuições filosóficas” tendem a ser ignoradas na CI. O autor explica que a maioria dos estudos não apresentam de forma clara suas escolhas epistemológicas e muitos deles renunciam a reflexões teóricas mais críticas e pragmáticas, o que muitas vezes impedem um avanço mais consistente do campo.

De acordo com Pinheiro (2005), as reflexões epistemológicas na CI tiveram seus primeiros registros datados na década de 1970. Essa mesma autora revela em texto anterior que na década de 1990, portanto passados 30 anos da reunião do *Georgia Tech Institute*, nos Estados Unidos da América, em que se prenunciava o novo campo, a CI apresentava uma escassez de estudos teóricos que pudessem delinear de forma consistente seu corpo de fundamentos teóricos, o que conferia ao campo fragilidade teórico conceitual, estando portanto “em construção a epistemologia da ciência da informação ou a investigação dos conhecimentos que a permeiam”. (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 3)

Considerando a ‘jovialidade’ do campo, o fenômeno identificado por Pinheiro e Loureiro (1995) não seria exclusividade da CI, já que os estudos que se voltam para o próprio campo acontecem num sinal de maturação, conforme nos relata Rendón Rojas (1994, 2008). Talvez essa seja uma das razões para preocupação tardia com os fundamentos do campo da CI tal como identificado por Pinheiro e Loureiro.

Diante das colocações, o presente capítulo pretende apresentar as principais correntes teórico-filosóficas manifestas no campo a partir de uma pesquisa bibliográfica. Nessa perspectiva, para construção da narrativa epistemológica do campo da CI, trabalhamos com as lideranças teóricas, em especial as reconhecidas pela comunidade científica da CI no Brasil, a saber: Nélida González de Gómez, Rafael Capurro, Birger Hjørland, Ronald Day e Rosa Martínez Rider em parceria com Rendon Rojas. Os referidos autores têm trabalhos com discussões eminentemente filosóficas as quais buscam a compreensão e caracterização epistemológica do campo da CI: seu objeto de estudo e metodologias de investigação. Os trabalhos selecionados para construção desse capítulo como principais referências, as quais outras foram agregadas, são: Nélida González de Gómez “Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação” de 2001; Rafael Capurro “*What is information science for? a philosophical reflection*” de 1992; Ronald Day “*Poststructuralism and information studies*” de 2006; Birger Hjørland “*Empiricism, rationalism and positivism in library and information Science*” de 2005; e Rosa Martínez Rider e Rendon-Rojas (2004) “*Algunas propuestas latinoamericanas de objetos de estudio para la investigación bibliotecologica*”.

No texto selecionado de González de Gómez, a autora retoma e desenvolve alguns dos temas apresentados em seminário no Centro Universitário de *Investigaciones Bibliotecológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México* em 1999. O texto discute aspectos epistemológicos da ciência de forma geral e de forma específica da CI, relacionando-as em alguns momentos. Apresenta como principal mote para discussão o conceito de informação em suas diferentes acepções e de que forma isso repercute na constituição do campo informacional.

O texto selecionado de Capurro para este capítulo aborda especificamente a proposição de três principais paradigmas epistemológicos, baseados em uma visão de um objeto físico chamado informação, bem como na distinção moderna entre sujeito e objeto. A partir disso apresenta o movimento teórico no campo ao qual denominou de virada cognitiva em que se abandona a ideia de informação como um tipo de substância fora da mente e procura o fenômeno da cognição humana como uma condição necessária para a determinação do que pode ser chamado de informação. Na sequência apresenta o que seria a complementação dessa abordagem a qual denomina de virada pragmática em que a informação é uma dimensão fundamental da existência humana e não somente um fenômeno interno da sua mente.

O texto do Hjørland examina a relevância e a influência das epistemologias: “empirismo”, “racionalismo” e “positivismo” na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para tanto, descreve inicialmente o desenvolvimento histórico dessas epistemologias, discutindo e identificando características básicas nelas e introduzindo as críticas que foram

levantadas contra tais visões. Na sequência examinando como elas repercutem no campo informacional. Trata-se de um levantamento que permite identificar as principais correntes teóricas manifestas no campo da CI, algumas vezes de forma pouco explicitada na produção acadêmica do campo. A abordagem bastante aprofundada do autor relatada em um extenso texto ensejou uma utilização maior dessa referência no presente capítulo. O próprio autor enfatiza que seu texto discute questões teóricas básicas que são importantes para o desenvolvimento posterior da Biblioteconomia e Ciência da Informação como um campo científico.

No caso de Day, o texto selecionado de sua bibliografia relaciona o pós-estruturalismo aos estudos da informação. Este complementa a análise teórico-filosófica empreendida pelos demais autores uma vez que aprofunda a discussão de como as ideias pós-estruturalistas, isto é, abordagens construtivistas, sociais e culturalistas, se manifestam no campo da CI, este historicamente caracterizado por empreender estudos mais focados nos aspectos tecnológico e cognitivos de forma isolada de seus entornos humano-sociais.

Mesmo admitindo que um campo científico não tem nacionalidade, é possível verificar que cada contexto social e geográfico repercute de alguma forma nas manifestações das ciências, notadamente no âmbito das ciências humanas e sociais. No caso da CI, Saracevic (1992) afirma que não existe uma CI norte-americana e que seu desenvolvimento em diferentes países e regiões, a despeito de ter seguido diferentes prioridades, compartilham do mesmo entendimento sobre sua razão de existir e seus conceitos.

De acordo com Pinheiro (2005), seus estudos empíricos sobre a história e epistemologia da CI revelaram que a CI no Brasil absorveu tanto o pensamento europeu quanto o norte americano, o primeiro em relação as ideias de Paul Otlet, e, portanto, da Bibliografia e Documentação, e a segunda relativa as tecnologias de informação para recuperação da informação.

No que diz respeito a configuração epistemológica da CI no Brasil, um estudo comparativo dos contextos europeus e norte-americano com o brasileiro, a partir da base ARIST e o periódico Ciência da Informação, demonstrou que a produção científica nacional se apresentava de forma semelhante ao cenário internacional da área. Porém, as ênfases eram diferenciadas a partir de particularidades da realidade brasileira. (Pinheiro, 2005)

Sobre isso Arboit, Bufrem e Freitas (2010) lembram que na década de 1970, enquanto a CI dava seus primeiros passos no Brasil, no mundo ela já havia evoluído, já tinha mudado seu foco dos processos de organização e recuperação da informação para a assimilação da

informação pelo usuário. Neste sentido, as autoras adotam a hipótese de que a época de suas primeiras manifestações, a “CI brasileira” ainda estava preocupada somente com o processo.

Para Pinheiro (2005) uma outra questão que caracteriza a CI brasileira da década de 1970 era o grande número de estudos bibliométricos, cuja alta incidência no corpus investigado pela pesquisadora pode ser explicado em razão da novidade da disciplina na época sendo introduzida no Brasil pelo então curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD, ministrada por Tefko Saracevic, a época professor no referido curso e considerado uma autoridade das mais respeitadas, internacionalmente.

De modo geral, Pinheiro (2005), verificou que no exterior há uma predominância de temas relacionados a questões de cunho tecnológico, enquanto em nosso país os temas de índice mais alto são relativos a questões relativas a organização e a teoria do campo. Porém, identificou que em relação as tendências da época, como “inteligência competitiva” e “gestão do conhecimento”, além de “mineração de dados” eram decorrência da prenunciada Sociedade da Informação, por sua vez consequência da globalização e das tecnologias de informação e comunicação - TICs que ocorriam em ambos contextos, bem como do avanço do neoliberalismo no mundo. Havia também convergência de estudos para a Web e emergência dos temas relativos as bibliotecas digitais e virtuais, bem como algumas disciplinas ganhavam relevância, em decorrência da Web, como por exemplo, comunicação científica eletrônica.

Em investigação empreendida na base Brapci, abrangendo especificamente os periódicos nacionais e focando apenas os estudos epistemológicos, Arboit, Bufrem e Freitas (2010) identificaram quais os teóricos mais utilizados no Brasil para discutir aspectos teóricos do campo e quais as teorias mais difundidas no Brasil.

Os achados das pesquisadoras revelaram como principais características da CI no Brasil foram a diversidade de linhas de pensamento, o predomínio de abordagens de cunho social em detrimento de abordagens exatas e cognitivas e a ênfase dada a temas como complexidade, inter e transdisciplinaridade, pós-modernidade e paradigmas.

Dentre os autores mais utilizados nas discussões epistemológicas no Brasil, Arboit, Bufrem e Freitas (2010), identificaram dois grupos de teóricos: o primeiro composto por teóricos com publicação de textos na base Brapci e um segundo elaborado a partir das citações dos autores com mais artigos publicados sobre epistemologia também na Brapci.

Os nomes que compõem o primeiro grupo, em ordem do mais citado para o menos citado, foram: Maria Nélida González de Gómez, Emília Currás, Antônio García Gutiérrez, Solange Mostafa, Rosaly Favero Krzyzanowski, Aldo Barreto, M. C. Cavalcanti, Marilda

Lopez Ginez de Lara, Lena Vânia Pinheiro e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva. Já no segundo grupo, categorizado por área do conhecimento, apareceram os seguintes nomes:

Da CI, destacam-se Capurro, Wersig, Saracevic, Shera, Mikhailov, Brookes, Belkin, Buckland e Shannon; enquanto a filosofia da ciência é representada por Morin, Latour, Kuhn, Foucault, Boaventura Santos, Japiassu, Frohmann, Lakatos, Popper, Bachelard, Prigogine, Feyerabend, Moles e Habermas, e a sociologia, por Castells. (Arboit; Bufrem; Freitas, 2010, p. 30)

Em suas considerações finais as autoras consideraram que, muito embora os debates epistemológicos no âmbito nacional acompanhar as questões teóricas do contexto internacional, ainda assim a baixa produção sobre o tema em relação ao universo da BRAPCI, a saber 91 artigos em um universo de quase 5.000, indica que os estudos nesta área ainda podem ser considerados incipientes, em decorrência da intensa flutuação e multiplicidade de pensamento. Este seria um indicativo de que as discussões epistemológicas mais intensas no contexto da CI no Brasil ainda se apresentavam como estágio preliminar.

A multiplicidade de pensamento a que se refere as autoras parece reforçar a teoria de que a construção da CI acontece em torno de questões, as quais demandam metodologias poli-epistemológicas, tornando difícil identificar um paradigma único norteador do campo. (González de Gómez, 2000, 2001; Pinheiro, 2008).

Em 2004, a pesquisa de mestrado de Marivalde Francelin sobre a “Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área” concluía que muitas temáticas pertinentes e necessárias ao desenvolvimento do campo teórico da CI no Brasil apresentavam-se à margem do debate implementado nos periódicos nacionais do campo. Nesse sentido, a CI parecia estar atenta a essas temáticas, porém de forma fragmentada e superficial. O pesquisador então sugeria que os estudos empreendidos no campo fossem aprofundados em contextos epistemológicos revelando as correntes de pensamento nas quais estavam apoiados.

Em 2018, o mesmo pesquisador publicou resultado de um outro estudo em que se propôs analisar a evolução da produção científica sobre epistemologia na área de CI. De acordo com Francelin (2018) sua pesquisa verificou que a produção nacional sobre a epistemologia do campo apresentava-se muito pequena desde o seu início na década de 1970, até o ano de 2002, quando começa a apresentar um crescimento. Em 2004 é que a temática aparece num contínuo crescente de artigos publicados sobre a epistemologia do campo. Esse período coincide com a criação do então Grupo de trabalho 8 do Enancib sobre Epistemologia da Ciência da Informação, que no ano de 2005 passa a denominar-se “Estudos Históricos e Epistemológicos

da Informação”, agora como Grupo de trabalho 1. (Nunes, 2009), condição esta que permanece até a atualidade, ou seja, até o XIV Enancib 2024, Vitória, Espírito Santo.

Apesar da renovação dos autores, o estudo de Francelin (2018), comparado com levantamentos similares anteriores, verificou que alguns autores permaneceram produtivos durante o intervalo analisado, a exemplo das pesquisadoras Maria Nélida González de Gómez, Solange Puntel Mustafa e Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

Dentre os autores mais citados nos referenciais teóricos mais uma vez aparece Maria Nélida González de Gómez como sendo a autora mais citada, revelando a influência do seu pensamento na CI no Brasil. Na sequência aparecem Rafael Capurro, Tefko Saracevic, Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Gernot Wersig, Jesse Hauk Shera, Bernd Frohmann, Edgar Morin, Michael K. Buckland, e Birger Hjørland. (Francelin, 2018)

Para Francelin (2018), o estudo revelou uma tradição de desordem e complexidade caraterísticos do pensamento espontâneo. Isto porque “os autores mais citados no corpus de análise cultivam o espírito da pluralidade epistemológica e da natureza complexa do pensamento, respeitando a liberdade das formas de pensar a informação e o conhecimento.” (Francelin, 2018, p. 100)

Além dessa caracterização de autores e correntes filosóficas presentes na epistemologia do campo da CI produzida no Brasil, o estudo de Silva e Freire (2019) acrescenta informações sobre as regiões, instituições e novas lideranças teóricas nacionais a partir das produções do GT 1 do Enancib e da base de periódicos BRAPCI. O primeiro, constitui um dos mais importantes fóruns de discussão e publicação no campo da CI no Brasil, já o segundo a base mais abrangente e atualizada dos periódicos brasileiros em BCI.

Especificamente os resultados obtidos a partir da análise da produção do GT1, as 05 primeiras instituições são, em ordem decrescente: Ibict, UFMG, UFRJ, UFF e UFPB. Sobre os autores mais produtivos, o estudo identificou, entre os cinco primeiros: Gustavo Silva Saldanha, Edivânio Duarte de Souza, Maria Nélida González de Gómez, Lena Vânia Ribeiro Pinheiro e Georgete Medleg Rodrigues.

De acordo com esses autores, considerando os limites do recorte da pesquisa, verificou-se que a Região Sudeste tem a supremacia em todos os aspectos avaliados com destaque para o Ibict considerando que três pesquisadores oriundos dessa instituição estão entre os mais produtivos e representativos do campo no Brasil: González de Gómez, Pinheiro e Saldanha.

A referida região desponta como mais produtiva acredita-se pelo fato de ter sido naquele território que surgiram os primeiros cursos de Pós-Graduação em CI e os primeiros grupos e linhas de pesquisa sobre a referida temática. Parece digno de nota que se percebeu uma ascensão

dessa produtividade nas regiões Sul e Nordeste, acompanhado do número crescente de novos programas de Pós-Graduação na área. O estudo de Silva e Freire (2019) também percebeu um crescimento no número de publicações sobre o tema nas fontes analisadas, o qual foi atribuído ao surgimento de novos periódicos na área, bem como a institucionalização de novos programas de Pós-Graduação em CI, com seus instrumentos de publicação e divulgação científica.

3.1 Correntes epistemológicas da Ciência da Informação

De acordo com Castañon (2007) a epistemologia consiste no “discurso racional (logos) da ciência (episteme)” (Castañon, 2007, p.6). Na acepção grega da palavra *episteme* pode-se compreender como ‘conhecimento estabelecido ou seguro’. Ao passo que *logos*, nesse contexto, pode ser traduzida como “teoria racional”. Desse modo, podemos compreender etimologicamente a “epistemologia” como sendo uma “teoria racional do conhecimento seguro”, a teoria da ciência. (Castañon, 2007). Ainda de acordo com este autor, a epistemologia permite estudar o “que faz de um tipo específico de conhecimento uma forma mais segura de conhecer aspectos de nossa realidade” (Castañon, 2007, p.7).

González de Gómez (2001) acrescenta que a epistemologia surge a partir da filosofia, dissociando-se de sua origem. Dito de outra maneira, podemos apreender que os estudos epistemológicos são de caráter filosófico na medida em que buscam compreender a construção teórica do campo e nesse sentido possibilitando uma caracterização do campo científico, isto é, seus fundamentos. Nesse sentido, compreender o processo de construção do pensamento científico nos auxilia na elucidação de como se constitui o campo da CI, seu objeto de estudo e suas metodologias.

Para Rendón Rojas (1994) os estudos epistemológicos do campo distinguem-se dos estudos que o campo empreende sobre os problemas que pretende resolver ou os fenômenos que se propõe a conhecer. Isto porque trata-se de um processo de investigação que lança um olhar sobre si mesma. Para este autor esse é um caminho natural das ciências que surgem com o propósito de investigar os fenômenos que se tinham e deviam conhecer, resolviam tarefas que se apresentavam, mas depois a investigação se volta sobre a ciência. Se faz um questionamento sobre sua própria identidade, sobre seus limites e sobre suas finalidades e seus meios. Isto é, aparece a necessidade de fundamentar essa disciplina, de fazer dessa ciência, ela própria, o objeto de estudo. A este fenômeno Rojas denominou de meta-ciência, o que para ele configura sintoma de crescimento e maturidade. (Rendón Rojas, 1994)

Nessa perspectiva, os estudos epistemológicos buscam caracterizar o campo da CI a partir dos modelos científicos propostos pela epistemologia e ao que se convencionou denominar de ciência ou conhecimento científico nos diversos momentos de rupturas dos modelos estabelecidos. A esse respeito González de Gómez (2001) afirma tratar-se de uma epistemologia “normativa”, a qual

Sustentou-se, com efeito, em algumas premissas e pressupostos, tais como a convicção acerca da existência de uma base de experiência neutra trans-cultural e trans-subjetiva, para a qual podem remeter-se todos os textos descritivos e explicativos dos cientistas. Essa base neutra alimentava também a confiança na eficácia de procedimentos universais de controle metodológico. Condições estabelecidas e previsíveis de verificação empírica e de consistência lógica garantiam a equivalência discursiva e gnosiológica da produção científica, independentemente dos contextos de sua geração e disseminação. (González de Gómez, 2001, p.7)

No bojo dessa normatividade científica é possível verificar diferentes correntes teóricas tais como o empirismo, positivismo, racionalismo para citar algumas, as quais foram exploradas por Hjørland (2005) verificando como estas correntes se manifestaram no campo da CI sobre os quais buscaremos discorrer neste capítulo.

Um dos grandes desafios dos estudos epistemológicos no campo da CI parece ser o próprio conceito de “informação”. Para González de Gómez (2001), a epistemologia do campo da CI gira em torno do referido conceito de informação. Esta constatação, na visão da autora, justificaria o fato de a constituição desse campo ser uma questão em aberto. Além disso, a polissemia do conceito de informação configura como condição que obriga sua comunidade científica trabalhar na articulação de diferentes dimensões de seu objeto, a saber: semânticas, sintáticas, institucionais, infraestruturais, entre outras (González de Gómez, 2001).

Considerando que no ocidente as definições do mundo real são uma prerrogativa da ciência,

Da ciência da informação se espera, portanto, a definição do que propriamente pode ou não chamar-se *informação* e da reflexão epistemológica acerca da ciência da informação, o esclarecimento das condições de possibilidade de um conhecimento da informação que possa chamar-se de *científico*. (González de Gómez, 2001, p. 6)

De fato, a CI produziu inúmeros conceitos para o seu objeto de investigação. Já em 1986, num estudo empreendido por Schrader que pretendia analisar e avaliar os vários conceitos tratados no âmbito da CI, o autor identificava até aquela data mais de 134 noções do conceito de informação e nesse sentido Capurro (1992) atribui ao surgimento da CI o aumento do caos conceitual acerca do termo informação.

Diante das diferentes noções do termo informação Capurro (1992) faz a seguinte ponderação:

Quando procuramos os fundamentos de uma ciência, não podemos deixar de refletir sobre seus principais conceitos. No caso da ciência da informação, o conceito principal não é informação, mas – homem. (= homem e mulher). (Capurro, 1992, p. 82)

Isto porque, para Capurro, a informação não consiste de um objeto externo ao ser humano, mas, sim, um fenômeno que prescinde dele para existir. Porém, reconhece as diferentes acepções do conceito de informação no campo da CI os quais ele organizou em três categorias: paradigmas epistemológicos baseados na noção de informação como uma substância, exterior ao ser humano, tal como apresentado pela Teoria Matemática da Informação, de Shannon e Weaver; Virada cognitiva, que apesar de considerar a informação como um fenômeno da cognição humana, deixa de considerar a dimensão pragmática da sua existência. Esta virada tem bastante representatividade nos trabalhos de Belkin e Robertson sobre os ‘estados anômalos de conhecimento’; identifica uma virada pragmática que entende informação como fruto de uma experiência humana e não como algo dado na mente do sujeito informacional. (Capurro, 1992)

Para Capurro (1992), seguindo uma tradição científica positivista, a CI nos seus primórdios procura por seu objeto de estudo, nomeadamente a informação, considerando-a como algo presente na natureza, ou como ele denomina, realidade externa (ao humano). Essa característica manifesta-se fortemente de três maneiras principais, as quais Capurro denominou de paradigmas, conforme mostra o quadro 3 seguir.

QUADRO 3 – Paradigmas capurrianos da informação enquanto substância apresentados em 1991 e publicados em 1992

Paradigma	Descrição
Paradigma da representação	De acordo com o paradigma da representação, os seres humanos são conhecedores ou observadores de uma realidade externa. O processo do conhecimento consiste em uma assimilação das coisas através de suas representações na mente/cérebro do sujeito conhecedor. Essas representações, uma vez processadas ou codificadas em nosso cérebro, podem ser comunicadas a outras mentes e/ou armazenadas e processadas em máquinas (computadores). Os seres humanos são processadores de informação biológica. Informação é o duplo codificado da realidade. Os seres humanos podem usar as informações para fins racionais específicos, mas nada se opõe à hipótese de que também as máquinas podem atingir esse nível de processamento e uso de informações. Nesta base, a ciência da informação se preocupa com o estudo da representação, codificação e uso racional da informação.
Paradigma fonte-canal-receptor	Toma o fenômeno da comunicação humana como uma metáfora a ser aplicada a diferentes níveis da realidade. Quando eles se comunicam, diz-se que seres humanos ou outros tipos de fontes e receptores trocam informações. Para que o

	receptor entenda o significado da mensagem enviada pela fonte, um estoque comum de sinais deve existir. Mas a troca de informações pode ser considerada apenas em relação à estrutura da mensagem. Nesse caso, falamos de informações sintáticas. A cibernética acopla a fonte e o receptor dinamicamente. O construtivismo descreve a autogeração de organismos acoplados ao seu próprio mundo de maneira semelhante. Não existe mundo fora para ser representado, apenas o mundo como o organismo o vê ou a forma para seus próprios propósitos de sobrevivência. Sob essas premissas, a ciência da informação se preocupa principalmente com o impacto da informação no receptor. Ao mesmo tempo, os receptores são buscadores ou usuários de informações para resolver seus problemas.
Paradigma platônico	O paradigma platônico tem uma visão oposta ao paradigma fonte-canal-receptor. Em vez de começar com um assunto conhecido, procura algo que seja considerado como informação em si. Essa é a esfera do conhecimento humano, não como um processo biológico, psicológico ou sociológico, mas como objetivada em portadores não humanos. Podemos chamá-lo, paradoxalmente, de platonismo materialista. A versão idealista desse paradigma considera o conhecimento como algo objetivo em si, independentemente de qualquer veículo material.

Fonte: Baseado em Capurro (1992, p.83)

Para González de Gómez (2001, p. 12) o fenômeno que Capurro denominou de paradigma platônico emerge a partir do final do século XIX, quando eram então “elaboradas novas premissas acerca da opacidade do conhecimento para o sujeito conhecedor, e as novas estratégias gnosiológicas terão como objeto um inconsciente epistêmico ou um conhecimento objetivo, impessoal, sem sujeito.”

Sobre o paradigma fonte-canal receptor, González de Gómez (2001) localiza suas manifestações no campo informacional a partir da década de 1940 cujo ponto de partida era a teoria da informação de Shannon e Weaver, já mencionado. Para esta autora, a utilização da referida teoria caracterizaria a CI como ciência ‘ilocucionária’ e nesse sentido deveria admitir, dentre outras premissas, a de que a construção de uma CI dependeria da possibilidade de afirmar que: a informação é uma entidade independente de qualquer sujeito conhecedor; existe a possibilidade de estabelecer critérios rigorosos para “delimitação do alcance e extensão dos domínio dos processos e fenômenos de informação”; o cientista da informação é capaz de distinguir os fenômenos informacionais de suas próprias práticas comunicacionais e cognitivas; existe um distanciamento entre as práticas culturais informacionais das teorias da CI; existe a possibilidade de estabelecer relações constantes entre os fenômenos informacionais e suas propriedades de modo a possibilitar a elaboração de generalizações em forma de leis; por fim aceitar que é possível prever e antecipar fenômenos informacionais a partir da observação de relações regulares ou constantes. (González de Gómez, 2001)

Mudanças na perspectiva desses paradigmas tidos como ‘físico ou mecânico’ se apresentarão no campo da CI a partir do desenvolvimento do ponto de vista cognitivo, o qual ocorre no início dos anos setenta e meados de 1980, marcado especialmente pela teoria dos “estados anômalos do conhecimento” (*Anomalous State of Knowledge* -ASK), desenvolvida por Belkin, Oddy e Brookes em 1982 e o “ponto de vista cognitivo” de Ingwersen em 1984. A teoria de Belkin propõe-se como base do processo de recuperação de informações. (Capurro, 1992)

Nas palavras de Capurro (1992), o paradigma cognitivo apesar do acerto em colocar o fenômeno informacional em sua condição de fenômeno humano, peca em considerar o universo cognitivo como algo que se encerra em si mesmo. Esta percepção encontra-se refletida em Brookes que

[...] propôs sua "equação fundamental da ciência da informação", onde uma estrutura de conhecimento é modificada pela informação. A informação deve ser encontrada objetivamente como "entidades extra-físicas que existem apenas nos espaços cognitivos [mentais ou de informação]". (Brookes, 1980, 1981).

Em suma, para Capurro (1982) a perspectiva cognitivista nos fundamentos do campo da CI mostra que a “informação está intrinsecamente conectada à estrutura de conhecimento dos seres humanos”, o que pra ele é fundamental, mas que ainda assim “permanece insatisfatório na medida em que o usuário é considerado principalmente um conhecedor.” (Capurro, 1992, p. 85).

De acordo com González de Gómez (2001), a perspectiva cognitivista emerge no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, quando se percebe o surgimento das novas tecnologias de informação, e a cognição (também referida como conhecimento) passa a ser objeto também das áreas de engenharia e ciências relacionadas a computação. É nesse contexto histórico específico que se modelam pesquisas integrando os estudiosos da mente e os desenvolvedores de sistemas especialistas através dos novos domínios da “inteligência artificial” (González De Gómez, 2001).

Para Capurro (1992) alguns conceitos da hermenêutica são introduzidos no campo numa tentativa de possível solução das dificuldades que surgem quando a dicotomia sujeito/objeto da epistemologia moderna é um dado adquirido no âmbito da cognição. Para o autor, uma das principais contribuições da hermenêutica a essa reflexão seria a abordagem holística da relação do ser humano com o mundo, a qual ele qualifica também como social e pragmática.

Capurro explica essa perspectiva a partir da linguagem e da concepção do nosso ser-no-mundo, conforme apresenta os trechos selecionados a seguir:

[...] Não somos mônadas isoladas, tendo primeiro uma esfera cognitiva privada ou subjetiva, separada da esfera objetiva. A linguagem não é algo que ocorre na esfera interna de um sujeito, cujas interações com um objeto externo levam a representações internas, a serem comunicadas através de sinais a outras mentes receptoras.[...]

Em vez do pressuposto moderno da subjetividade como uma "cápsula psíquica" que foi estabelecida para descrever uma visão teórica ou objetiva sobre coisas pertencentes a um mundo real, a hermenêutica refere-se à dimensão fundadora de nosso ser-no-mundo-com outros, no sentido de uma dimensão histórica de divulgação de significado, que condiciona (mas não determina completamente) nossa compreensão do mundo, incluindo nossas teorias. Sendo anterior aos nossos projetos teóricos e/ou práticos, essa dimensão é chamada de pré-entendimento. É o contexto aberto de possibilidades dentro das quais nossa vida interpessoal, bem como nosso trato com as coisas e com a natureza, revela um possível horizonte de significado. Nosso ser-no-mundo é tal que não somos os primeiros em nossa subjetividade e procuramos maneiras de sair dela, mas somos basicamente abertos, ou seja, capazes de ser abordados, em situações específicas, pela significância ou falta de sentido das coisas. (Capurro, 1992, p. 86, tradução nossa)

Nessa perspectiva, o conceito de informação é modificado das propostas paradigmáticas anteriores e ampliado da cognitiva. Na ótica de Capurro, a informação não pode ser considerada somente um “produto de um processo de representação”, ou algo passível de ser transportado da mente de um sujeito para outro, ou ainda uma subjetividade encapsulada na mente, mas sim “uma dimensão existencial do nosso ser-no-mundo-com outros”. (Capurro, 1992, p. 88, tradução nossa)

Desse modo, Capurro (1992), considera que mais importante que definir o que seja informação é estabelecer qual a finalidade da CI, propondo que seu objetivo seja investigar a dimensão contextual em que as informações acontecem, considerando todas as formas técnicas de comunicação como partes de outras formas de vida.

Dito de outra forma, as temáticas referentes aos métodos de recuperação de informações pertencem ao que seria uma heurística da informação, e que são uma parte essencial da CI. Porém, caracteriza-se como uma visão “formalista” que não considera os fundamentos existenciais, que são uma tematização necessária das dimensões históricas, culturais, econômicas, dentre outras condicionantes do entendimento dos conceitos de armazenamento, recuperação, troca etc. de informação no campo. A essa perspectiva cultural, histórica da CI, Capurro denomina de hermenêutica da informação. (Capurro, 1992)

Capurro (1992) sugere em sua reflexão filosófica sobre a finalidade do campo da CI que esta seja uma sub-disciplina da retórica ao considerar a unidade dos aspectos heurísticos e hermenêuticos da informação. O entendimento do fenômeno informacional que se apresenta sob o que ele chama de

paradigma hermenêutico-retórico da ciência da informação não é nem a analogia da informação como algo físico nem a representação da realidade dentro de uma esfera interna, mas o reconhecimento do entrelaçamento de informação e desinformação como uma dimensão existencial, isto é, como uma maneira humana específica de compartilhar com os outros a abertura do mundo. (Capurro, 1992, p. 90)

Nesse sentido, concebendo a CI como uma disciplina hermenêutica-retórica, seus estudos abrangem “dimensões pragmáticas contextuais dentro das quais o conhecimento é compartilhado positivamente como informação e negativamente como desinformação, particularmente através de formas técnicas de comunicação.” (Capurro, 1992, p. 91).

Em complementação a essa perspectiva filosófica de perceber o objeto da CI, acrescenta-se a reflexão sobre o campo a partir de epistemologias que se manifestam na CI ao observar, além de como se conceitua o objeto, mas também na forma como as pesquisas são conduzidas e suas premissas são construídas.

Nesse sentido torna-se necessário evocar correntes filosóficas desenvolvidas especialmente no campo das ciências sociais, nomeadamente: positivismo, empirismo e racionalismo, as quais foram exploradas por Hjørland (2005) em artigo que fazia parte de um número do *Journal of Documentation* dedicado a pesquisas de cunho teórico que trouxessem contribuições da filosofia da ciência para os estudos da informação.

De acordo com Hjørland (2005) o empirismo é a visão de que experiências, observações ou dados sensoriais são a única ou a maneira mais relevante de obtenção do conhecimento. O racionalismo, por sua vez, defende que intuições racionais é que são a maneira mais efetiva de adquirir conhecimento. Contemporaneamente, o positivismo é considerado uma tentativa do século XX de combinar empirismo e racionalismo, também denominado de positivismo lógico.

Historicamente as primeiras atividades relativas à natureza da investigação e do conhecimento remontam a civilização. Nomes como Platão e Aristóteles são importantes para diferenciar abordagens racionalistas e empiristas, respectivamente. Isto porque Platão enfatizou a intuição lógica, já Aristóteles enfatizou as investigações empíricas. (Hjørland, 2005)

Um marco importante na mudança da concepção do conhecimento baseado no misticismo e na crença em maneiras sobrenaturais de se informar foi a revolução científica do século XVII, a qual implementou uma oposição crescente a antiga forma de conceber o conhecimento. Durante esse período, o experimento científico passou a ter um papel fundamental na ciência. Atrelado a isso, o método científico passou a ser o validador do conhecimento em detrimento das figuras de autoridade do saber sem exame crítico. (Hjørland, 2005)

Popularmente existe uma ideia de que a revolução e o método científicos são baseados unicamente nas observações (ou seja, empirismo). Essa visão dos métodos científicos é problemática e nunca foi universalmente aceita. Os racionalistas clássicos, por sua vez, rejeitaram a relevância das observações na pesquisa e sustentaram que todas as observações pressupõem conceitos claros que não podem ser derivados empiricamente. (Hjorland, 2005)

Já o empirismo moderno desenvolveu-se tal como o racionalismo clássico, isto é, a partir de diferentes maneiras de extrair lições epistemológicas da revolução científica consumada por Newton. Juntos, racionalismo e empirismo constituem as duas principais tendências da filosofia europeia no período entre escolástica e Kant. Trata-se de estratégias reflexivas, um movimento de autorreferência a razão, que manifestaram-se exemplarmente no pensamento moderno tais como na dúvida metódica de Descartes ou na crítica kantiana da razão. (Hjorland, 2005; González de Gómez, 2001)

No século XX, o racionalismo foi representado pelo positivismo lógico, que pode ser considerado uma tentativa de combinar empirismo e racionalismo. As décadas de 1950 e 1960 marcaram a perda de influência do positivismo lógico, ao passo que o racionalismo recuperava sua influência a partir da revolução cognitiva. Um dos nomes mais influentes desse movimento, Noam Chomsky (1928-) afirmou explicitamente essa tradição e mencionou René Descartes como um de seus ancestrais intelectuais. (Hjorland, 2005)

De acordo com Hjorland (2005), uma outra importante epistemologia foi o positivismo lógico originário da década de 1920 a partir de grupos de filósofos, cientistas e matemáticos reunidos na Áustria no Círculo de Viena, cujos membros foram os mais importantes representantes desse movimento filosófico, e na Alemanha no Círculo de Berlim.

A inspiração foram as revoluções do final do século XIX e início do século seguinte nos campos da Lógica, da Matemática e da Física matemática, cujo objetivo era criar uma filosofia também revolucionária. Os filósofos austríacos Ludwig Wittgenstein e Karl Popper estavam intimamente associados ao positivismo lógico, muito embora não sejam oficialmente membros do Círculo de Viena. A influência desse movimento passou a declinar por volta da década de 1960 quando surge uma forma pragmática do naturalismo a partir do trabalho de Willard Van Orman Quine (1908-2000) e da abordagem histórico-sociológica da filosofia da ciência de Thomas Kuhn (1922-1996), ambos principais filósofos críticos do movimento. (Hjorland, 2005)

Considerados críticos explícitos das reivindicações centrais no empirismo e no positivismo, Karl Popper (1902-1994) e o já citado Thomas Khun são duas influentes figuras da filosofia da ciência do século XX. Popper negou o inducionismo e em oposição ao empirismo

e ao positivismo sustentou que hipóteses e teorias científicas são apenas conjunções e que o processo e métodos científicos consistem em falsificá-las. Apesar de sua negação em ser um positivista, Popper era, frequentemente, considerado como tal. Isto porque o falsificacionismo de Popper, isto é, a ideia de que as teorias que melhor sobrevivem as tentativas de falseamento são as melhores, pressupõe o mesmo tipo de neutralidade teórica que o inducionismo positivista. (Hjorland, 2005)

Khun por sua vez ganhou bastante notoriedade com a publicação do livro sob título “A estrutura das revoluções científicas”, em 1962, o qual fazia parte de uma série de livros publicada e editada por positivistas lógicos sob a denominação de Enciclopédia Internacional de Ciência Unificada. Khun negou também que o progresso científico deva ser visto como acúmulo de fatos. Enfatizava que o processo de pesquisa era influenciado por fatores que podem ser articulados ou desarticulados, podendo ser denominados de ‘paradigmas’. (Hjorland, 2005)

Nos anos de 1960, uma grande controvérsia ocorrida na Alemanha sob a denominação de *der Positivismusstreit* (a disputa positivista) consistia de uma disputa sobre métodos e julgamentos de valor nas ciências sociais cuja inspiração era principalmente versões da teoria crítica. Tais controvérsias puderam ser observadas no mundo inteiro nas décadas que se seguiram, mais tardiamente no mundo de língua inglesa. Durante o século passado, o positivismo também foi desafiado por movimentos como pragmatismo, hermenêutica, fenomenologia e construtivismo social, com destaque soviético para o marxismo. (Hjorland, 2005)

Hjorland (2005) pondera que na contemporaneidade as tradições parecem coadunar com a fé na neutralidade das observações e deduções, opondo-se a tradições que, a exemplo do pragmatismo, enfatizam a influência cultural, os interesses e a natureza carregada de teoria do conhecimento.

No início do século XXI, o pensamento positivista continua influente, mesmo que muitos teóricos não o defendam mais. Para Hjorland (2005, p. 133), uma das razões pelas quais o positivismo continua influente é que nenhuma outra teoria foi capaz de estabelecer uma forte posição na orientação prática dos processos de pesquisa e que as diferentes filosofias e metateorias apresentam-se de forma um tanto obscura, isto é, “não foram confrontadas e descritas de maneiras que tornem óbvio quais posições os diferentes rótulos devem cobrir e quais reivindicações específicas estão em jogo nas diferentes posições teóricas.”

De acordo com Hjorland (2005), o empirismo é o ponto de vista epistemológico de que observações e experiências (sensoriais) devem ser consideradas o método mais importante ou único para obter conhecimento e que todas as controvérsias devem ser idealmente reduzidas a

afirmações que podem ser verificadas por observações. Na prática, as epistemologias empiristas buscam observações simples, com as quais qualquer observador pode concordar. O processo científico é visto como a coleta de observações verificadas e a generalização dessa coleta por indução. Os métodos básicos do empirismo são, portanto, observação e indução.

Quanto ao racionalismo, em sua forma extrema consiste em uma posição que não reconhece o papel das experiências. A ciência modelo para o racionalismo era a geometria, pois foi o exemplo que demonstrou que é possível construir uma ciência inteira sem fazer nenhuma observação. O método preferido pelo racionalismo é reduzir qualquer problema ao que não pode ser questionado, ou seja, a afirmações evidentes. Tais declarações evidentes podem ser combinadas e novos conhecimentos podem ser deduzidos. Versões moderadas do racionalismo reconhecem o papel das observações. Em todas as suas formas, o racionalismo é uma epistemologia que enfatiza o papel da clareza e evidência conceitual e que prefere métodos dedutivos a métodos indutivos.

O racionalismo compartilha com o empirismo as visões de que o conhecimento tem um certo fundamento, de que os métodos para obter conhecimento são independentes dos conceitos, teorias e pontos de vista do pesquisador. O racionalismo clássico assumiu que existia uma certa ordem no universo que poderia ser descoberta e mapeada pelo conhecimento humano de uma maneira que não fosse relativa a pontos de vista específicos. (Hjorland, 2005)

Já o positivismo, na sua origem especialmente, defendia as ideias de que a filosofia deveria ser científica, que as especulações metafísicas não têm sentido, que existe um método científico universal e a priori, que a principal função da filosofia é analisar esse método, que esse método científico básico é o mesmo em ambas as ciências naturais e sociais, que as várias ciências sejam redutíveis à física e que as partes teóricas da boa ciência devem ser traduzidas em declarações sobre observações. (Kincaid, 1998 apud Hjorland, 2005)

Para Kincaid (1998 apud Hjorland, 2005), nas ciências sociais e na filosofia das ciências sociais o positivismo enfatizou dados quantitativos e teorias formuladas com precisão; apoiou as doutrinas do behaviorismo, operacionalismo e individualismo metodológico; as dúvidas entre os filósofos de que o significado e a interpretação podem ser cientificamente adequados; e por fim uma abordagem da filosofia das ciências sociais que se concentra na análise conceitual e não na prática real da pesquisa social. A maioria dessas questões são bastante criticadas as quais minaram as motivações do behaviorismo e do individualismo metodológico nas ciências sociais. Além disso, levaram ao entendimento de que qualquer padrão de “boa ciência social” representa apenas questões de persuasão retórica e convenções sociais.

Hjorland (2005) pondera que, embora muitas vezes se afirme que o positivismo é anti-metafísico, talvez seja mais importante que os pesquisadores de inspiração positivista sejam relutantes em considerar como ambas suas próprias visões e as de seus objetos são influenciadas por questões teóricas e culturais. O positivismo na música, direito e outros campos tende a isolar os fenômenos (por exemplo, música e direito) de outros fenômenos culturais e a registrar os objetos em uma história que é independente de questões culturais mais amplas (assumindo, assim, autonomia para seus campos de estudo).

Outra manifestação positivista que Hjorland se propõe a caracterizar é o positivismo lógico. De acordo com este autor, o positivismo lógico apresenta o argumento de que o conhecimento sensorial é o tipo mais certo de conhecimento e, portanto, qualquer conceito que não esteja diretamente relacionado à experiência sensorial deve ser "traduzível" em conceitos observacionais. Os conceitos que não podem ser tão traduzidos são vistos como sem sentido. Essa afirmação levou a uma visão dualista da ciência: uma parte observacional e uma parte teórica. O positivismo lógico combinou uma visão racionalista e uma empirista, exigindo uma distinta separação entre componentes formais e empíricos na ciência. A oposição metafísica anterior do racionalismo e do empirismo foi transformada em uma distinção linguística entre verdades analíticas e sintéticas. (Hjorland, 2005)

Hjorland (2005) esclarece que os positivistas lógicos atacaram a metafísica, trazendo a tradição empirista e, portanto, aproxima-se teoricamente muito mais do empirismo que de sua versão clássica. Apesar dessa aproximação, o positivismo lógico diferiu de uma maneira importante da tradição empirista, isto é, enquanto a tradição empirista é psicológica, o positivismo lógico é antipsicológico.

Para Hjorland (2005) o positivismo lógico foi uma tentativa de unir tradições anteriores dentro do empirismo e do racionalismo. Em muitos aspectos, o positivismo lógico era uma posição mais extrema do que os tipos anteriores de empirismo e positivismo, pois as observações não são apenas importantes, mas o único critério para o significado.

As abordagens positivistas são frequentemente confrontadas com abordagens interpretacionistas nas ciências sociais. Argumentos de que qualquer ciência social que lida com significados é cientificamente inadequada têm raízes positivistas. W.V. Quine, por exemplo, argumentou que o significado linguístico é inerentemente indeterminado e, portanto, cientificamente suspeito, porque não podemos capturar significados em termos observacionais ou físicos. Dúvidas relacionadas a uma ciência do significado realçam o fato de que os significados envolvem intencionalidade - substituir termos por significados equivalentes nem sempre preserva o valor de verdade das afirmações. Isso dificulta o processo de transformar as

teorias das ciências sociais em sistemas formais axiomáticos, que, de acordo com a herança positivista, é um requisito para a boa ciência (Hjorland, 2005).

Para Hjorland (2005), uma implicação da teoria do positivismo lógico era a afirmação de que as ciências formam uma hierarquia, a exemplo do que acontece com a sociologia reduzida à psicologia, psicologia à biologia e biologia à física. Essas reduções deveriam mostrar que as leis e teorias de cada ciência eram deriváveis ou casos especiais da ciência "abaixo" dela. Esta afirmação, portanto, interessa ao campo da organização do conhecimento em ciência da informação.

Sobre o empirismo, Hjorland (2005) ressalta que mesmo não sendo mais uma teoria dominante, os estudos empíricos seguem sendo realizados na contemporaneidade. Ele esclarece que o debate sobre o empirismo não deve ser confundido com a questão de se fazer pesquisa empírica.

Tanto no empirismo como no positivismo, os ideais metodológicos da pesquisa dizem respeito à obtenção de fatos, ou seja, observações com as quais todos os observadores podem concordar. Pode-se dizer que a redução da subjetividade individual dos pesquisadores é o ideal. Esse ideal é baseado nas suposições de que as observações (ou descrições das observações) são neutras, que não são influenciadas pelo conhecimento, pontos de vista, sexo e cultura dos pesquisadores. Também é baseado em uma teoria cognitiva específica, segundo a qual a percepção é vista como uma "leitura" neutra e os conceitos são rótulos associados a imagens perceptivas. (Hjorland, 2005)

De acordo com Hjorland (2005), na psicologia, e nos estudos dos usuários em CI, uma forma dominante de empirismo/positivismo tem sido o behaviorismo. Essa é uma visão que implica que os usuários estão respondendo a estímulos de maneira mecânica, seguindo leis universais comuns a todos os seres humanos. O empirismo e o behaviorismo são, portanto, visões que tendem a negligenciar o papel da cultura e da linguagem nos processos cognitivos. Tal visão é compartilhada com o racionalismo e a maioria das chamadas ciências cognitivas. A implicação para estudos empíricos é, portanto, que um estudo de uma população de usuários seja visto como representativo de usuários em geral. Nessa perspectiva, os estudos sistemáticos de diferenças entre diferentes grupos de usuários são relativamente negligenciados.

Ainda em relação ao empirismo, Hjorland (2005) chama atenção para a relação paradoxal que o empirismo tem com a literatura enquanto evidência científica. A partir da análise de citações de autores que remontam Francis Bacon, passando por Hume e Skinner, Hjorland (2005) afirma que, se por um lado os ideais epistemológicos empiristas não permitem o uso da literatura como fonte de informação, por outro lado, consideram necessário escrever e

utilizar a literatura no processo de produção do conhecimento. O autor exemplifica o movimento “baseado em evidências”, especialmente no campo da medicina, como sendo uma visão empirista do papel da literatura na utilização do conhecimento.

O referido movimento, surgido no âmbito da Medicina, abrange outros campos do conhecimento a exemplo da Psicologia, Enfermagem. Pesquisa desenvolvida por Eldredge (2000) verificou que o movimento ‘baseado em evidências’ também marcou presença na Biblioteconomia e Ciência da Informação (*Evidence-based Librarianship* – EBL), na época com pouca repercussão.

Sobre esse modo de fazer ciência, Hjørland (2005) esclarece que se trata de uma tendência que exige que todas as decisões profissionais sejam baseadas em evidências documentadas. Interpretado como uma visão epistemológica que confronta outras visões, há muita indicação de que movimentos baseados em evidências podem ser vistos como movimentos empiristas/positivistas modernos que se opõem a, por exemplo, tendências mais interpretativas nas mesmas disciplinas. (Hjørland, 2005)

Hjørland (2005) enfatiza que o movimento baseado em evidências é particularmente importante para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação por causa de seus métodos explícitos e formalizados para a indexação e recuperação de documentos. Como caso ilustrativo o autor cita o famoso banco de dados Medline que mudou seus princípios de indexação de acordo com as demandas levantadas pelo referido movimento. Este fato confirma, portanto, que os princípios de indexação e recuperação são teoricamente fundamentados em princípios epistemológicos. (Hjørland, 1998)

Outras tentativas foram realizadas para combinar o positivismo com abordagens qualitativamente orientadas. Como exemplo dessa tentativa é possível mencionar a Teoria Fundamentada cuja abordagem relaciona-se com o conhecimento prévio dos pesquisadores e com o uso de literatura e bibliotecas. (Hjørland, 2005)

Para Hjørland (2005) os estudos de informação podem se beneficiar bastante com uma investigação mais aprofundada sobre os pontos fortes e fracos da tradição empirista/positivista, haja vista referir-se a maneira como os pesquisadores devem usar a literatura.

Hjørland (2005) acrescenta que além do positivismo, o empirismo e o racionalismo compartilham alguns pressupostos criticados pelas epistemologias hermenêutica, historicista, pragmática e crítica. Entre as suposições importantes estão as visões de que os conceitos são formados na mente do indivíduo e que os processos perceptivos são processos mecânicos que processam estímulos químicos e físicos. Isto porque os críticos apontaram que nossos processos de percepção são influenciados por nossa língua e cultura; que não são apenas processos

mecânicos, mas também tipos de atos que são influenciados por questões culturais, teóricas e pragmáticas.

Outra crítica se concentra na alegada neutralidade do empirismo, racionalismo e positivismo. Posições críticas como epistemologias feministas, pragmatismo e teoria crítica apontaram que a alegada neutralidade não é real, mas que os pesquisadores que afirmam ser neutros na realidade apenas escondem quais interesses apoiam (Hjorland, 2004).

Ao abordar especificamente as influências desses movimentos filosóficos no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Hjorland (2005) atesta não ser um trabalho simples rastrear essas diferentes epistemologias no campo porque elas são frequentemente usadas de forma implícita e inconsciente. O autor cita seu trabalho de 1997 quando fez uma interpretação de como diferentes posições na Biblioteconomia e Ciência da Informação podem estar relacionadas a diferentes epistemologias. Um exemplo forte da filosofia racionalista é a escola de classificação faceta-analítica fundada por Ranganathan. Trata-se de uma posição que não considera muito a base empírica (ou teste) dos sistemas, mas que fornece definições e regras claras. Sistemas como tesauros ou classificações baseadas nessa abordagem geralmente exibem um alto grau de estrutura e clareza, o que falta nos sistemas desenvolvidos por outras tradições. (Hjorland, 2005)

De acordo com Hjorland (2005) alguns escritores abordaram o papel do positivismo na Biblioteconomia e Ciência da Informação, porém ninguém apresentou uma forte argumentação a respeito dos benefícios do empirismo/positivismo. Para Hjorland isso não implica que o pensamento positivista não seja fortemente influente na Biblioteconomia e Ciência da Informação e sim que tendências dominantes no campo não se baseiam em argumentos explícitos.

Como forma de ilustrar sua fala Hjorland (2005) cita trabalhos de Rayward e Wilson, os quais demonstraram a partir da literatura algumas manifestações positivistas em pesquisas do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

De acordo com Rayward (1994) uma demonstração de que o positivismo reverbera no campo ainda no século XXI pode ser verificada ao comparar as narrativas de Paul Otlet sobre o seu projeto do Mundaneum, cuja visão de conhecimento era, entre outros adjetivos, autoritária, reducionista e positivista; e a que Landow e outros interessados em entender o hipertexto em termos da moderna teoria crítica estão descrevendo, a exemplo de Ted Nelson em 1987 e sua descrição do projeto Xanadú. Para Rayward, o que o discurso desses mais recentes autores expressos e parece implicar podem ser, exceto uso do termo “arquivos de

computador”, de Otlet. O que sugere uma perspectiva atávica positivista na Biblioteconomia e Ciência da Informação em pleno século XXI.

Mesmo discordando do posicionamento de Wilson que percebeu um abandono do positivismo pelo campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Hjørland (2005) faz questão de mencionar algumas constatações feitas pelo autor acerca das manifestações positivistas no campo.

De acordo com Wilson (2002) na década de 1980 percebeu-se uma mudança nas pesquisas do campo informacional, passando de um modelo predominantemente positivista para uma perspectiva predominantemente fenomenológica. Para Wilson a evidência desse fenômeno está registrada na literatura do campo e pode ser verificada em documentos considerados por ele emblemáticos. O primeiro seria o relatório final da Conferência de Informação Científica da *Royal Society* de 1948, cujo conteúdo foi classificado pelo autor como sendo positivista, já que os escritos apresentavam forte ênfase em contar coisas e ocorrências de eventos. Os relatos das pesquisas no referido documento auxiliavam no entendimento sobre a extensão dos trabalhos científicos, aspectos das revistas da área de botânica e sobre a mecanização da CDU, porém muito pouco poderia ser entendido sobre significados mais profundos. Passados dez anos, quando a conferência sucessora foi realizada, desta vez nos EUA (Conferência Internacional de Informação Científica, 1959), os muitos artigos apresentados revelaram que o mesmo paradigma prevaleceu, embora, ocasionalmente, fosse evidente uma abordagem sociológica mais sofisticada.

Wilson (2002) afirma que na década de 1980 foi possível verificar uma mudança nos métodos de pesquisa para o emprego dos chamados métodos qualitativos. Porém, observou que nos estudos os métodos utilizados não faziam menção a estrutura filosófica determinante, sem justificativa para o emprego de determinado método específico nem que visão da realidade o pesquisador mantém, o que para ele caracteriza como um processo mecanicista de pesquisa. Wilson assevera que a escolha de um método de pesquisa apropriado deve ser determinada por uma combinação da posição filosófica do pesquisador em relação aos objetivos da pesquisa, à natureza do problema a ser explorado, à sua novidade em termos de pesquisa e ao tempo e recursos disponíveis para realizar o trabalho.

Já para Hjørland (2005), o positivismo sempre foi dominante na Biblioteconomia e Ciência da Informação. O autor argumenta que não só o positivismo, mas também o empirismo e o racionalismo podem ser identificados no campo nas pesquisas sobre consistência de indexadores, recuperação e estudos de usuários.

No primeiro caso, Hjørland (2005) afirma ser um típico caso de estudo empirista/positivista no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, nos quais percebe-se a expectativa de que exista uma maneira correta de indexar documentos e que indexadores que diferem de outros indexadores estejam errados. Nesse sentido o autor elege o que ele chama de dois níveis em que as premissas positivistas norteiam os estudos acerca da consistência dos indexadores. O primeiro refere-se a metodologia utilizada, em que a tendência de contabilizar o número de acordos ou desacordos na indexação dos mesmos documentos, ao invés de investigar as motivações que levaram os indexadores a indexarem de uma maneira ou de outra. O segundo nível positivista desses estudos refere-se as suposições sobre o indexador e o processo de indexação, haja vista serem normalmente desprezadas as interpretações, os conhecimentos ou as visões de mundo dos indexadores, considerando-os autômatos. (Hjørland, 2005)

Para Hjørland (2005), esse segundo nível de positivismo parece mais importante que o primeiro, pois a maioria das pessoas tende a olhar para epistemologias apenas no primeiro sentido: como metodologias de pesquisa em sentido restrito. Ao introduzir o segundo nível, as fronteiras entre epistemologias e teorias específicas de assunto (por exemplo, teorias de indexação) ficam confusas, e a filosofia da ciência acaba distanciando-se das teorias e práticas da biblioteconomia e da ciência da informação.

Estudo desenvolvido por David Bade (2003⁴ apud Hjørland 2005) verificou que um grande problema com a ‘inconsistência do indexador’, tanto como uma questão teórica quanto prática, é que a ‘consistência’ pode ser e quase sempre é medida simplesmente contando o número de vezes que dois (ou mais) indexadores concordam ou discordam. Além disso, questões relativas aos indexadores tais como formação, conhecimento acerca das linguagens documentárias, competências etc. são completamente esquecidas. (Hjørland, 2005)

Hjørland (2005) afirma que as considerações elaboradas por David Bade revelam que suposições positivistas em pesquisa sobre indexação trouxeram resultados pouco expressivos e até atrasaram o desenvolvimento do campo. Isto porque não consideram a subjetividade presente na prática humana da indexação, mesmo profissional.

No caso dos experimentos em recuperação de informações, as avaliações são frequentemente realizadas pela comparação do resultado de dois tipos de sistemas. O resultado é considerado relevante ou não relevante (binária) ou com menos frequência é considerado relevante até certo ponto. O argumento aqui é que existem muitas causas pelas quais alguns

⁴ Título do livro de David Bade citado por Hjørland ‘Misinformation and Meaning in Library Catalogs’

resultados podem não ser relevantes as quais não são devidamente discutidas, conforme afirma Kincaid (1998 apud Hjørland, 2005).

Para este autor essa ausência está relacionada a tendência positivista na pesquisa, já que foca apenas nas correlações entre variáveis, sem tirar conclusões sobre as causas. Segundo Hjørland, milhares de estudos sobre relevância na CI falharam em avançar nosso conhecimento sobre os mecanismos subjacentes na produção de itens não relevantes nos sistemas de informação. Trata-se, portanto, de uma outra demonstração de como suposições positivistas têm paralisado o avanço de um campo central na Biblioteconomia e Ciência da Informação. (Hjørland, 2005)

O terceiro e último exemplo que Hjørland (2005) utiliza para ilustrar como o positivismo se manifesta no campo diz respeito aos estudos envolvendo a visão cognitiva e o “individualismo metodológico”. Ele afirma que na CI o “individualismo metodológico” tem sido associado à visão cognitiva apresentadas por pesquisadores como Belkin e Ingwersen, sendo o ponto de partida dessa visão a ideia de que estudos psicológicos de seres humanos poderiam fornecer a base para o *design* de sistemas de informação. Esta visão foi criticada por teóricos do campo e abordagens mais sociologicamente orientadas foram recomendadas como uma substituição da visão cognitiva e do “individualismo metodológico” a ela associado. (Hjørland, 2005)

Uma questão relacionada é a tendência das abordagens cognitivas e orientadas ao usuário de fornecer modelos abstratos ou generalizados de usuários, reduzindo os fenômenos sociológicos aos fenômenos psicológicos. A crítica do positivismo implicava, como vimos, que métodos científicos abstratos de modo algum esgotam a prática da ciência e que muita informação substantiva e específica de domínio está envolvida em sua aplicação. Além disso, a tendência generalizada de assumir princípios universais (em oposição aos princípios relativos à cultura e específicos ao domínio) está relacionada a suposições positivistas. (Hjørland, 2005)

Além das epistemologias mais tradicionais destacadas por Hjørland no campo da CI, também se verifica correntes com menos repercussão, mas com grandes potenciais de uso nas reflexões teóricas do campo. Referimo-nos ao pós-estruturalismo que de acordo com Peters (2000) trata-se de um movimento que toma como seu objeto teórico o estruturalismo, constituindo-se uma tentativa de superá-lo.

Para Peters o desenvolvimento teórico do estruturalismo, notadamente na França, em finais dos anos 1950 e durante os anos de 1960 levou a institucionalização, exagerada e cientificista, de um ‘megaparadigma’ transdisciplinar. Isso teria contribuído para integrar as chamadas ‘humanidades’ e as ciências sociais. Tal pretensão megaparadigmática baseava-se na

centralidade da linguagem na vida cultural e social humana, considerada como sistema semiótico ou como sistema de significação auto-reflexivo, constituindo-se de parte da “virada linguística” empreendida pela filosofia ocidental. (Peters, 2000)

Para Peters (2000) o estruturalismo nasce, portanto, no âmbito da Linguística sob a influência de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson. Teve penetração em várias áreas tais como: antropologia, crítica literária, psicanálise, marxismo, história, teoria estética, estudos de cultura popular, a partir de teóricos como Claude Lévi-Strauss, A.J. Greimas, Roland Barthes, Louis Althusser, Jacques Lacan, Michel Foucault, entre outros, sendo este último o mais presente nos estudos da informação (Day, 2006).

Segundo Peters (2000), essa penetração do estruturalismo nos diversos campos do conhecimento o transformou em um poderoso e “globalizante referencial teórico para a análise semiótica e linguística da sociedade, da economia e da cultura, vistas agora como sistemas de significação”. (Peters, 2000, p. 10)

Para Alan Schrift (1995) o surgimento do pós-estruturalismo deve-se a redescoberta estruturalista de Freud e Marx, juntamente com a recuperação de Nietzsche feita por Heidegger. Uma resposta distintivamente filosófica ao privilégio das ciências humanas que caracterizou o trabalho dos estruturalistas. Sturrock (2003) acrescenta que na expressão pós-estruturalismo, centrando-se em Jacques Derrida, o ‘pós’ pode ser entendido como algo que vem depois e que busca ampliar o estruturalismo colocando-o na direção certa. Nessa perspectiva, Sturrock entende o pós-estruturalismo como uma crítica ao seu antecessor feita a partir de seu interior, ou seja, utiliza argumentos do estruturalismo para criticar os próprios estruturalistas apontando inconsistências.

Peters (2000) assinala que pós-estruturalismo não é um conceito que apresenta unanimidade, pois existem diferentes entendimentos especialmente de sua relação com o estruturalismo. Porém, o autor pondera que em suas diferentes acepções, mantêm como central a proximidade histórica, institucional e teórica do movimento ao estruturalismo.

Day (2006) concorda que o significado do termo “pós-estruturalismo” apresenta bastante controvérsia. Para o autor uma das razões para tal fenômeno pode ser o que afirma Culler (1982), que seria o fato de que diferentes teóricos tentaram distinguir “estruturalismo” de “pós-estruturalismo” usando critérios diferentes. Citando Chalmers, Day acredita que a diferença entre estruturalismo e o pós-estruturalismo é que o primeiro entende que os indivíduos utilizam como base para cada enunciado ou ação, uma linguagem compartilhada e comumente entendida, aspecto criticado mais tarde como irrealista. O segundo, portanto,

levando em conta essas questões, propõe uma mudança para teorias de conhecimento e interpretação. Ainda sobre essa distinção Culler (1982, p.22) acrescenta que

Em termos mais simples, os estruturalistas tomam a linguística como modelo e tentam desenvolver 'gramáticas' - inventários sistemáticos de elementos e suas possibilidades de combinações - que explicariam a forma e o significado das obras literárias; os pós-estruturalistas investigam a maneira pela qual esse projeto é subvertido pelo funcionamento dos próprios textos.

Ao relacionar o pós-estruturalismo como os estudos da informação, Day (2006) relata que estudos do campo poderiam ter avançado em muitas direções caso tivesse utilizado o referido movimento teórico como perspectiva para analisar suas questões relativas a informação. Para o autor a relação do pós-estruturalismo com os estudos da informação, e particularmente com a CI, parece problemática e intrigante. É problemático porque a forma epistemológica ou ontológica da noção de informação da CI é frequentemente a de auto-identidade (“fatos” auto-afetivos, “informação” ou “dados”) ou o de ser um efeito de “contextos” socioculturais (um ponto de vista que é geralmente, de maneira geral demais, referido como argumentos “construtivistas”).

Day argumenta que a partir de publicações de capítulos do *Annual Review of Information Science and Technology*, uma das mais importantes publicações do campo da CI, foi possível verificar duas linhas dominantes na CI desde o final da Segunda Guerra Mundial, quais sejam: a tradição de recuperação de informações em que “informações” são tratadas como dados; e a tradição de estudos do usuário em que o "usuário" - ou sujeito - é teorizado como conteúdo mental para ser correspondido com um "texto" alvo (ele próprio às vezes considerado um substituto para um autor) ou onde o usuário é visto como uma agência situada, de várias maneiras, em contextos sociocognitivos (Day, 2006).

De acordo com Day (2006), a partir das publicações teóricas do campo é possível verificar a tentativa nos estudos de informação de teorizar o assunto em termos representacionais, juntamente com a crença de que o propósito singular do campo é criar “recuperação efetiva” (Jacob; Shaw, 1998 apud Day, 2006), nos devolve às reivindicações de verdade e ao modelo comunicacional com o qual Weaver começa. Embora o modelo de Shannon e Weaver para a comunicação pressupusesse a correspondência de conteúdo entre um sujeito e outro sujeito, e o modelo cognitivo para a informação pressupusesse a correspondência de conteúdo entre o sujeito e o objeto em relação ao preenchimento da falta de conteúdo informativo do sujeito, a mesma estrutura de correspondência formal está presente tanto no modelo comunicacional como no modelo informativo.

Nessa perspectiva, de acordo com Day (2006), mesmo os estudos que se propuseram a entender o contexto dos sujeitos envolvidos no processo de busca e recuperação da informação não o fizeram de forma adequada porque referiram-se ao contexto sociocultural sem nenhuma tentativa de especificar os horizontes materiais para a produção que constituem esses contextos, deixando assim a noção de horizontes “sociais” ou “culturais” bastante vaga. Desse modo, para Day, as análises encontradas revelam três problemas centrais: o primeiro seria a tentativa de usar o “contexto” como uma explicação causal para a ação; o segundo, a tentação de ver questões de integração como questões de objetos em contextos estruturais; e o terceiro, uma tendência a reificar ou generalizar demais sujeitos e objetos ou banalizá-los em nome de uma estrutura narrativa comum ao realismo antropológico ou etnográfico. Juntos, eles aumentam a impressão geral de que, tradicionalmente, a pesquisa em estudos da informação não tem dado muita importância para a construção e produção não apenas dos conceitos de “usuários” e “informação” e dos vários métodos “científicos” que acompanham esses conceitos, mas não abordou efetivamente a construção e produção histórica, política e filosófica de temas e objetos epistêmicos em geral.

Day (2006) afirma também que não apenas é necessária uma prática melhor e mais fundamentada teoricamente, mas é desesperadamente necessária uma compreensão da história e das práticas reais das diferentes ciências fora da Biblioteconomia e Ciência da Informação, porque o termo “ciência” ainda parece ser usado com generalidade arbitrária, mesmo entre seus principais pesquisadores, salvo poucas exceções.

A adoção teórica pelo campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação da teoria da comunicação, também denominada de “metáfora do canal” por Reddy (1993), foi durante muito tempo o principal “meio cultural” para descrever a correspondência entre o significado de um falante ou “transmissor” e o significado do ouvinte ou “receptor” na recepção desse significado. Este modelo, apesar de ter sido descrito inicialmente pelo fundador da linguística estrutural, Ferdinand Saussure, como “circuito de fala”, posteriormente ele rompe com essa noção argumentando que o valor e a identidade linguística eram socialmente construídos por atos de fala e que tais atos não eram constituídos por identidade e valor linguístico que repousam no signo, na psicologia mental do falante, ou mesmo em seus referentes, mas sim que identidade e valor eram produtos do jogo diferencial de sinais na linguagem. (Day, 2006)

Identificando a relevante contribuição que os estudos de Saussure podem dar para as pesquisas no campo da CI, Day (2006) afirma que este teórico é relativamente desconhecido dos pesquisadores de estudos da informação, especialmente nas universidades anglo-americanas. Isto porque a teoria dos estudos da informação permaneceu um empreendimento

positivista, diretamente dentro da tradição metafísica da filosofia ocidental, na medida em que reifica o significado e a compreensão nos atos da linguagem, substituindo a pragmática variável por modelos idealistas. Nesse sentido, termos como “estruturalismo”, “linguística estrutural” e não menos importante “pós-estruturalismo” são, em grande medida, desconhecidos em grande parte da prática e ensino de estudos da informação.

Outra crítica levantada por Day acerca dos estudos da informação na perspectiva do pós-estruturalismo relaciona-se com a construção dos vocabulários controlados e a tentativa de estabelecer correspondência de significados pela construção de contextos estáveis. Mesmo que sua função seja melhorar a precisão na recuperação da informação em sistemas de busca, tais problemas persistem. De acordo com Day (2006), a questão central, do ponto de vista pós-estruturalista, no entanto, é que não há como garantir a correspondência de significado entre o texto do falante e o cabeçalho do ouvinte por dois motivos: linguagem e identidade.

O domínio de estudos sobre a história do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação é também mencionado na reflexão de Day (2006). O autor, lembra a fala de Buckland e Hahn (1998), na introdução de publicação dedicada aos estudos históricos do campo, afirmando que este parecia ter sofrido de “amnésia generalizada”. Para Day, esse “esquecimento” pode fazer parte da epistemologia da concepção moderna de informação e não ser um problema apenas para a Biblioteconomia e Ciência da Informação. O problema da historicidade da informação envolve a construção ativa ou passiva da história por agentes que se vêem ou não se vêem como históricos.

Para Day, a perspectiva pós-estruturalista de narrativa histórica pode ser verificada na obra *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault e também em Belton em *Oronico Flow*. Isso porque os autores propõem uma percepção da construção histórica que rompe com a percepção de que os documentos sejam considerados como testemunhos dos fatos que permitem a reconstituição do passado. Porém, na perspectiva dos autores supracitados, os documentos devem ser concebidos como evidências que vão além do que dizem os seus registros. Nesse sentido não devem ser entendidos apenas fonte de “informação” sobre o passado, além disso, eles cristalizam o entendimento sobre forças sociais e históricas que constroem a imaginação de unidades reais e históricas.

Day (2006, p. 588) acrescenta que

A abordagem de Foucault e Belton (2003) não toma simplesmente unidades históricas como fatos pré-determinados ou como conveniências da narratologia histórica, mas sim como locais ou topoi espacial e temporal simbolicamente codificados, construções de atos e desejos políticos, econômicos e sociais "conscientes" ou "inconscientes".

Nesse sentido, pode-se afirmar que Foucault e Belton propuseram uma outra abordagem metodológica para os estudos históricos. Esses teóricos substituíram a narrativa histórica como a origem empírica e formal dos estudos históricos e como fundamento de outros estudos de humanidades. Eles propuseram o entendimento do objeto histórico como um conjunto de potências complexas, constituídas por poderes conceituais e empíricos como certas identidades, valores e significados, de acordo com os objetivos de produção e reprodução, e entenderam que o próprio objeto produzido é um evento que produz outros eventos históricos e séries historiográficas. (Day, 2006)

Trata-se, portanto, de um tipo de investigação histórica mais crítica nas categorias epistemológicas, nas técnicas retóricas e nas intenções políticas e sociais da historiografia tradicional dos séculos XIX e XX. Segundo Day (2006), o trabalho de Foucault é também pouco utilizado pelos historiadores do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, os quais geralmente adotam a forma clássica não-reflexiva da história no campo.

Essa constatação de Day é compartilhada por Freitas (2003) que ao realizar uma pesquisa sobre a história do campo em que buscou, nos textos historiográficos da área, análises das condições históricas de sua constituição, encontrou grande dificuldade, nas palavras dela. Isso porque

[...] os textos encontrados – uns clássicos desta historiografia e outros não – abordam os temas tratados de forma muito diversa daquela que procurávamos. As efemérides em CI e seu contexto histórico imediato – e apenas ele – eram listados cronologicamente como auto-evidentes, evolucionários e, no mais das vezes, naturalizados. (Freitas, 2003, p. 2)

Por outro lado, Day (2006) afirma que o trabalho de Foucault no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação repercutiu bastante como origem para análise do discurso. Porém, pondera que a análise do discurso como método nos estudos da informação às vezes aparece como o tipo de método estrutural ou científico que Foucault estava repudiando em *A Arqueologia do Saber*. Day esclarece que a exigência de Foucault de que olhemos para evidências menos como “evidência de” e mais como “evidência para”, bem como uma série de outros fatores, como suas contínuas críticas ao cientificismo e ao estruturalismo, não justificam a interpretação da análise do discurso como um método científico.

González de Gómez (2001) coaduna com a opinião de Day sobre a relevância do trabalho de Foucault. Para esta autora

Foucault destacou-se como cuidadoso experimentador de metodologias para lidar com a singularidade dos acontecimentos prático-discursivos, especificamente, aqueles que por seu caráter estigmatizado ou periférico

melhor revelariam as estratégias modeladoras dos regimes de verdade. (González de Gómez, 2001, p. 9)

Nesse sentido, pode-se depreender que a análise do discurso no trabalho de Foucault é menos um método e mais uma série de compromissos com eventos e documentos históricos que identificam técnicas e estruturas por meio das quais o poder é capturado, intensificado e direcionado para certos fins produtivos e lucrativos. Trata-se, portanto, de um método “crítico” no sentido de tentar identificar assembleias discursivas e organizacionais que criam valor, hierarquias, corpos históricos e sociais e hábitos de comportamento. (Day, 2006)

Day (2006) destaca o trabalho de Frohmann no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, o qual tenta dar conta de estudos de informação em assembleias discursivas maiores do que os métodos e escopo tradicionais do campo normalmente permitem. A análise do discurso foucaultiano, como uma tentativa de explicar corpos e poderes dentro das formas da história geral, é, por necessidade, interdisciplinar, por isso é duvidoso que tais análises críticas dos corpos modernistas possam então agir como fundamentos ou métodos positivos inequívocos no modernismo, maneira que tem sido tão tradicionalmente desejada nos estudos da informação. (Day, 2006)

Outra teoria filosófica que estuda e interpretação de textos e que também pode ser observada nos estudos da informação é a Hermenêutica, já mencionada por Hjørland (2005) e Capurro (1992). De acordo com Day (2006), ela tem sido útil em estudos de informação, geralmente como uma abordagem ou método, competindo com a recuperação técnica dominante de informações ou paradigmas cognitivos no campo. Mas, mais uma vez, como nas análises de regimes e formações discursivas, o que temos aqui não é outra reivindicação de fundações, mas um grupo de escritos de filosofia, análise textual e análise social que vão além dos estudos de informação e ajudam a situar o campo, suas vozes e linguagem definidas internamente em relação a movimentos e poderes discursivos e institucionais maiores. (Day, 2006)

Nessa perspectiva, a influência da hermenêutica pode estar localizada em duas vertentes da teoria dos estudos da informação. A primeira é a “análise de domínio”, devido em grande parte ao trabalho de Birger Hjørland. A hermenêutica influencia a “análise de domínio” porque o significado da linguagem é construído pela maneira como a linguagem é usada - e para a hermenêutica, “entendida” - por grupos de pessoas. Os domínios são definidos pela construção e implantação uniformes de conceitos por meio de vocabulários e declarações. Já a segunda influência da hermenêutica está relacionada à noção de domínio, mas aborda o problema da

perspectiva do “entendimento” - como a fusão de horizontes interpretativos - em vez da perspectiva do vocabulário, e nesse sentido tem como referentes no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação os trabalhos de Benediktsson e Capurro. (Day, 2006)

A noção de evento de Guilles é mencionada por Day (2006) como um conceito interessante nos estudos de informação porque forma tanto um limite como um horizonte originário, mas não reconhecido e inexplorado, para a tradição do campo, uma tradição que se confinou em leituras restritivas do conceito de informação segundo a metafísica e epistemologias de representação. Porém, o autor pondera que a discussão de eventos de Deleuze é conceitualmente difícil, pois está enraizada em uma releitura crítica de textos canônicos da tradição filosófica ocidental e em uma leitura da teoria da complexidade e do caos originária das ciências matemáticas, físicas e biológicas.

Em suas reflexões, Day (2006) reforça que a perspectiva pós-estruturalista merece mais atenção dos pesquisadores de estudos da informação, não apenas porque seus discursos e sua descendência envolvem o campo em toda a sua estrutura universitária, além de apontar para áreas sérias de confusão e desatenção na teoria dos estudos da informação, métodos de pesquisa e prática profissional, mas também, e principalmente, porque aponta para os limites e “além” da teoria tradicional dos estudos da informação e, portanto, sugere não apenas o que o campo está fazendo, mas onde ainda precisa explorar.

Na leitura epistemológico-teórico-metodológica de Rosa María Martínez Rider e Miguel Ángel Rendón Rojas (2004) sobre os objetos de estudo do pensamento em Ciência da Informação na América Latina (sob o termo disciplinar Bibliotecología), as autorias apontam para os principais paradigmas da formação das ciências sociais, onde o campo informacional está inserido, bem como os núcleos comuns de investigação científica da Ciência da Informação.

Em primeiro lugar, Martínez Rider e Rendón Rojas (2004) apresentam o paradigma empírico-analítico, com raízes no positivismo de Auguste Comte, foca no objeto do conhecimento via experiência sensível e realidade fundamentada em fatos empiricamente verificáveis. O desdobramento desta perspectiva leva, no século XX, ao desenvolvimento da lógica formal, o que será sobremaneira fundamento para os sistemas informacionais, ou a automação dos sistemas bibliográficos no contexto dos anos 1960 e 1970.

Em segundo lugar, Martínez Rider e Rendón Rojas (2004) apontam para o paradigma simbólico, apresentado pelas autorias como alternativa ao positivismo. O âmbito do paradigma simbólico reuniria as respostas aos problemas humanos e sociais não contemplados pelos limites do método positivista. No âmbito simbólico, os fenômenos sociais, as relações

intersubjetivas e os processos comunicacionais são aspectos centrais de análise. Aqui as interações tecidas através das socialidades são causa e consequência da criação dos comportamentos e da própria realidade.

Em terceiro lugar, o paradigma crítico é descrito por Martínez Rider e Rendón Rojas (2004), oriundo do pensamento alemão, via abordagem histórica marxiana do século XIX e da Escola de Frankfurt, no século XX. O conceito de “crítica”, aqui, está vinculado às contradições criadas ou reproduzidas no capitalismo como modelo de regime econômico político mantenedor das desigualdades dentro do quadro da historicidade, categoria socialmente construída por superestruturas, como a religião.

Ao analisar as contribuições dos teóricos mencionados, evidencia-se a existência de uma produção científica consistente, fundamentada em modelos epistemológicos consolidados dentro do que se entende por ciência. Entre outros aspectos, observa-se que, apesar de ser frequentemente questionada enquanto prática, a Ciência da Informação — ou mais precisamente, o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação — se configura como uma ciência social. Nesse sentido, sua construção teórica e metodológica é influenciada tanto pelos modelos científicos do passado quanto pelos paradigmas vigentes.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Conforme já mencionamos, esta pesquisa apresenta como questão central: Como se constrói discursivamente a Ciência da Informação a partir dos anais de eventos da década de 1970 e dos principais atores envolvidos na construção do campo? Para tanto propõe como objetivo geral mapear as evidências epistemológicas presentes nas comunicações científicas da Ciência da Informação publicada nos anais dos eventos científicos durante a década de 1970.

De acordo com Silva e Menezes (2005) e Gil (2001) a pesquisa científica pode ser caracterizada sob diferentes pontos de vista: da natureza do estudo, abordagem do problema, dos objetivos e dos procedimentos metodológicos. Nesta perspectiva, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa básica tendo em vista objetivar a construção de novos saberes referente a epistemologia manifestada nas primeiras comunicações do campo da CI no Brasil. Do ponto de vista da abordagem do problema caracteriza-se como pesquisa qualitativa, tendo em vista a não pretensão de utilizar métodos quantitativos, mas, sim realizar um estudo descritivo acerca da construção do campo da CI no Brasil, em seus aspectos epistemológicos, teórico, metodológicos, institucionais, processuais, técnicos e de produtos.

Em relação aos objetivos, caracterizamos a presente pesquisa como exploratória, uma vez que se propõe a explorar e caracterizar o fenômeno histórico-epistemológico da CI no Brasil. Esta categorização leva a característica seguinte do ponto de vista metodológico em que nos enquadrados nos estudos do tipo documental e bibliográfico. O primeiro se configura pelo fato de ter sido feitas análises de fontes primárias, a saber entrevistas e questionários, descrita na subseção 4.1, a seguir. O estudo documental deu-se com a finalidade de identificar as fontes secundárias que irão compor o corpus da pesquisa e demandaram o estudo bibliográfico.

Muitos documentos potenciais para compor o nosso *corpus* foram identificados na biblioteca do Ibict, em Brasília (DF). Porém, diante do momento de pandemia do Corona vírus⁵ e a impossibilidade de acesso a essa documentação, localizamos quatro documentos disponíveis, sendo dois deles dentro dos critérios estabelecidos para seleção desse estudo, e os

⁵ A pandemia da COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, teve um impacto global sem precedentes, afetando diretamente a saúde pública, a economia e a organização social. No Brasil, o primeiro caso confirmado foi registrado em fevereiro de 2020 e, nos meses seguintes, o país se tornou um dos epicentros da crise sanitária mundial. (Brasil, 2021). Diante da ausência de uma vacina ou de medicamentos eficazes contra o vírus nos estágios iniciais da pandemia, foram adotadas medidas emergenciais para conter a disseminação da doença. O governo decretou um período de quarentena, durante o qual a população foi incentivada a permanecer em casa e grande parte das atividades presenciais foi suspensa. Escolas, universidades, comércios e diversas instituições fecharam temporariamente suas portas, enquanto apenas serviços essenciais, como farmácias, supermercados e unidades de saúde, permaneceram em funcionamento.

outros dois atendendo ao critério de temporalidade apenas, mas foi considerado como potencial desse estudo haja vista terem sido realizados na região da América Latina (México e Peru), em que o Brasil foi pioneiro e, portanto, identificada a participação de nomes de pesquisadores brasileiros. Dois dos documentos estão em meio eletrônico, disponibilizados no repositório do Portal do Livro Aberto em CT&I do Ibict, a saber: Anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação, que aconteceu no ano de 1975 no Brasil e congregou profissionais de diferentes áreas do saber; e o segundo foi os Anais do 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11ª Reunião da FID/CL, realizado em 1971 no Peru.

Os outros dois documentos em meio impresso são: Anais do Seminário sobre Documentação e Informática, realizado em 1971 no Rio de Janeiro, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, e o Seminário latino-americano para formação de Cientistas da Informação, realizado no México, no ano de 1972. Mais adiante detalhamos os trabalhos constantes nos referidos documentos (Quadros 5, 6, 7 e 8).

Entendemos que estes eventos são bastante representativos para esta investigação. Todos eles se situam temporal e geograficamente em contextos em que a CI surgia no Brasil e sua região continental de influência, bem como, no cenário internacional, como antes observado, um conjunto de mudanças avançava na construção do campo em contexto mundial. Os eventos do ano de 1971, por exemplo, discutem questões relativas às questões da ‘informatização’ e da ‘documentação’. Na sequência encontramos discussões acerca da construção de um projeto político pedagógico potencial para formação do que viria se chamar de cientista da informação culminando com discussões que poderíamos entender como primeira agenda de pesquisa do campo no país com a reunião brasileira em CI.

Como categorias descritivas elegemos identificar nas publicações além do título dos textos e autoria, também o sexo para identificar como a questão de gênero se comportou nesses eventos em específico; também a localização geográfica e institucional dos atores envolvidos. Num olhar preliminar percebe-se que a participação feminina em alguns foi preponderante, com exceção do evento promovido pela FGV.

A Região Sudeste do Brasil, em especial o Rio de Janeiro apresenta-se como mais representativo, o que se explica pelo fato também de que dois dos eventos foram realizados naquele estado, além de questões administrativas, econômicas e políticas, como o contexto histórico do município como capital do país na maior parte do século XX e o número de instituições públicas ali presentes. Além disso também era de se esperar a presença institucional do Ibict, então IBBD, em todos eles. Verificou-se ainda a presença de diferentes instituições

presentes nas discussões: acadêmicas e de pesquisa, governamentais, internacionais e empresariais.

Elegeu-se também como categoria descritiva a formação acadêmica (graduação) dos participantes. Essa informação nem sempre estava disponível nos documentos dos anais, porém, foi possível recuperar em outras fontes e documentos disponíveis na internet, haja vista tratarem-se, em sua maioria, de pessoas ocupantes de importantes cargos em instituições públicas, ou pesquisadores proeminentes em suas áreas. Além disso, documentos memoriais de instituições de formação bibliotecária permitiram identificar a formação de muitos participantes.

4.1 Comunicação científica nos eventos: campo empírico e contextualização dos *corpora*

Investigar um campo científico quase sempre encontra nos produtos da comunicação científica os registros mais privilegiados. São nos artigos científicos, nas teses e dissertações e nos anais de eventos que emergem e se perpetuam o que os linguistas denominam de comunidades discursivas. Braz e Silva (2019, p.82-83), reforçam esse entendimento afirmando que a “consolidação da identidade das ciências perpassa a definição concisa de um universo conceitual e terminológico, estabelecendo também os gêneros textuais que serão utilizados para comunicação científica”

Nesse sentido, a comunicação científica é entendida como sendo uma prática de extrema relevância para a disseminação do conhecimento e a colaboração entre pesquisadores de diversas áreas, como também para a construção e fortalecimento dos seus discursos e conceitos que conferem identidade aos diversos campos do saber.

Trata-se de um fórum privilegiado de trocas de informações, discussões de ideias em torno de um assunto ou de uma agenda de pesquisa de determinado campo científico ou problemáticas interdisciplinares.

Targino (2000) explica que os eventos científicos podem caracterizar-se como um canal de comunicação científica híbrido, uma vez que permite a socialização do conhecimento a partir dos seus registros, comunicação formal, na forma de anais, como também proporciona a comunicação informal, direta entre os pesquisadores, considerada de alta atualização e riqueza por permitir a troca instantânea de saberes.

De acordo com Campello (2003), existem diferentes modalidades de encontros científicos, os quais se distinguem em função de sua abrangência e objetivos, e a partir disso são nomeados como congressos, simpósios, reuniões, jornadas, dentre outros. Em relação aos

objetivos, os eventos podem assumir o propósito de comunicar pesquisas e reúnem participantes interessados em discutir avanços de um determinado campo científico. Outros podem estar imbuídos de reunir grupos profissionais interessados em apresentar suas práticas em ambientes de trabalho. Campello esclarece ainda que em cada um desses casos os eventos podem assumir dinâmicas diferentes no que diz respeito a organização e os trabalhos apresentados, mas que no geral apresentam uma estrutura semelhante variando conforme o tamanho.

Um estudo desenvolvido por Hayashi e Guimarães (2016) detalhou que, em “termos de abrangência os eventos científicos podem ser tanto locais, quanto nacionais ou internacionais”. Assumem em geral a denominação de Congressos, simpósios, encontros, dentre outros, sendo demandados para sua organização a constituição de diversas comissões, tais como: Organizadora, Científica, de Apoio Técnico, para citar algumas. Em sua maioria, essas comissões são compostas por representantes da área de especialização do evento.

Já as comunicações nesses eventos acontecem em diversas modalidades, a saber: trabalhos completos ou de resumos, que são expostos oralmente ou por meio de painéis (pôsteres), enquanto a difusão dessa produção que foi apresentada no espaço de tempo do evento, constando em sua programação, será socializada geralmente na forma de ‘anais’(publicações seriadas resultantes das apresentações e demais registros técnico-científicos, administrativos e de disseminação do evento), como dissemos, os quais podem apresentar o texto integral ou apenas os resumos das comunicações e pôsteres.

Ultimamente tem-se adotado a prática de publicar os anais em números especiais de revistas científicas dos respectivos campos do conhecimento. Esta tem se apresentado como uma estratégia dos pesquisadores para pontuar nos diferentes sistemas de recompensas, uma vez que os eventos não são considerados como canais de excelência da produção científica.

Soderqvist e Silverstein (1994, p.513, tradução nossa) acrescentam que tais reuniões constituem-se um

[...] componente integral da ciência moderna desde seu início no século XVII, quando o Lincei, o *Investiganti*, o *Cimento* e a *Royal Society* se reuniram para disseminar o conhecimento entre seus participantes e para disseminar ainda mais o novo conhecimento com a publicação de *Transactions* e *Proceedings*”.

Eles identificaram ainda que os eventos científicos não são apenas cenários onde os pesquisadores participantes tem a oportunidade de cambiar informações sobre suas pesquisas, novas teorias, dados e técnicas, eles configuram-se também “como unidades político-retóricas - arenas para a negociação do que constitui tópicos interessantes de pesquisa, para a delimitação de territórios cognitivos e para a distribuição de status e funções científicas dentro da hierarquia

disciplinar” e portanto deveriam ser objeto privilegiado de estudo de historiadores da ciência e sociólogos. (Soderqvist; Silverstein, 1994, p.514).

Além dos aspectos já mencionados, segundo as autorias mencionadas, os eventos científicos são especialmente importantes para o mapeamento e historicização de campos de pesquisa emergentes, em especial, os interdisciplinares que se desenvolvem tanto na perspectiva do campo prático quanto teórico. Isto porque sua literatura nos canais mais privilegiados se apresenta de forma dispersa nos boletins institucionais e periódicos de diversas áreas do conhecimento, dificultando a identificação de sua coletividade e discurso. (Kranakis; Leydesdorf, 1989)

Diante do exposto e considerando que a proposta de pesquisa em tela pretende identificar os discursos da Ciência da Informação no território brasileiro, entendemos que os anais dos eventos se constituem de uma relevante fonte informacional, na qual espera-se identificar elementos capazes de caracterizar o referido campo nos seus anos iniciais.

O tópico seguinte será dedicado a descrever o processo de identificação dos anais a serem estudados nessa pesquisa.

4.2 Etapa preliminar de coleta de dados: levantamento de fontes primárias via roteiro de entrevista e questionário digital a partir de autoridades epistêmicas em história e epistemologia da Ciência da Informação do Brasil

A pesquisa inicialmente teve como objetivo analisar o espaço temporal compreendido desde a criação do primeiro mestrado em 1970 até a criação da Ancib em 1989 no contexto da compreensão do campo empírico para construção do *corpus* de pesquisa, de fonte documental. Como forma de identificar os documentos para construção dos *corpora*, isto é, identificar as publicações dos eventos do campo no período mencionado bem como os seus registros, foram realizadas entrevistas com pesquisadoras de reconhecido saber em Ciência da Informação, vinculadas diretamente aos processos históricos do período.

Estas foram selecionadas a partir dos critérios: participação nas primeiras reuniões da Ancib, ou eventos anteriores, participação na gestão da Ancib, pesquisadoras com trabalhos relevantes na área de epistemologia e história da Ciência da Informação, junto dos demais nomes sugeridos pelas próprias entrevistadas.

Ao todo foram contatados, via e-mail, 18 (dezoito) pesquisadores, dos quais 14 (catorze) deram retorno aceitando participar, desses apenas 11 (onze) efetivamente participaram, sendo que 3 (três) manifestaram apenas o aceite, mas não retornaram com indicação de

disponibilidade de dia e horário para realização da entrevista de sondagem de fontes para o *corpus*.

O instrumento de coleta de dados via da entrevista foi adaptado a condição dos participantes e, desse modo, tivemos 5 (cinco) entrevistas aplicadas presencialmente, 4 (quatro) realizadas a partir de ferramentas de videoconferência (*Skype e Whatsapp*), e duas preferiram encaminhar as respostas por escrito via *e-mail* a partir do roteiro da pesquisa (Apêndice A) configurando a entrevista como aplicação de questionário.

Os convites foram encaminhados nos dias 20 de fevereiro de 2018 e 3 de abril de 2018. As entrevistas, bem como o retorno das respostas por *e-mail* ocorreram entre os dias 21 de fevereiro de 2018 à 29 de maio de 2018.

O roteiro de entrevista formulado para entrevista continha as questões:

- 1 O(a) senhor(a) identifica eventos, reuniões ou encontros de outra natureza anteriores à fundação da Ancib (ou seja, pré-1989) que foram fundamentais para a criação da Associação? Se sim, quais?
 - 1.1 Por que você os considera relevantes historicamente? Fale-me sobre esses eventos, suas características, seus principais temas, ideias, enfoques.
- 2 Quais nomes o(a) senhor(a) indicaria como relevantes no contexto da criação-organização desses eventos pré-anos 1989?
- 3 Quais bases de dados, fundos arquivísticos, acervos o(a) senhor(a) indicaria como centrais hoje para a identificação de uma documentação sobre esses eventos?
- 4 Quais nomes da CI nacional o(a) senhor(a) sugere para participar desse estudo como entrevistado?

As entrevistas revelaram algumas questões referentes ao surgimento da Ancib, mas principalmente para o fortalecimento do campo da CI no Brasil. As falas de algumas entrevistadas, mesmo as que afirmavam não conhecer, ou não ter participado de eventos no contexto pré-Ancib. Ainda assim suas narrativas revelaram informações que aos poucos foram sendo complementadas por outras pesquisadoras entrevistadas.

Desse modo, pudemos depreender que o campo da CI tem suas primeiras manifestações em solo nacional a partir do mestrado em ciência da informação do então IBBD, como já foi amplamente difundido na literatura. Porém, só se consolida enquanto campo do conhecimento após a criação da Ancib, processo protagonizado pela Capes e que teve como principal nome a Profa. Dra. Dinah Población, da Universidade de São Paulo (Usp). Até então, o processo deflagrado no Rio de Janeiro a partir das ações do IBBD, depois Ibict, estava fortemente

relacionado com as práticas documentárias e biblioteconômicas, isto é, com a formação profissional de alto nível para o trabalho com informação científica. Porém sua primeira turma foi exclusiva para professores universitários, mesmo não estando dito, principalmente dos cursos de graduação em Biblioteconomia, conforme verificamos na fala da entrevistada H:

“E aí eu fui me inscrever, na primeira turma de 1970 eu não pude me inscrever, porque ela foi aberta só pros que já eram professores dos cursos de Biblioteconomia ou dos cursos do Ibict, porque até ali quem dava aula eram profissionais que se dedicavam a dar, porque não existia”(ENTREVISTADA H)

Assim como na formação bibliotecária no Brasil em nível de graduação em que se percebe duas influências estrangeiras: uma francesa e outra anglo-saxônica, representadas pelas escolas do Rio de Janeiro e São Paulo respectivamente. O mesmo fenômeno parece acontecer na pós-graduação, só que invertido, a escola do Ibict no Rio de Janeiro, influenciado pelas escolas anglo-saxã e no outro polo a Usp representado a influência francesa documentalista. É nessa última instituição onde se estabelece também uma forte relação com o campo da Comunicação, uma vez que a pós-graduação no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação vai surgir naquela instituição como uma linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Comunicação, aliás é junto com esse campo que a CI vai integrar o sistema de avaliação da pós-graduação. Essas constatações foram verificadas nas seguintes falas:

O Ibict era anglo-saxônica, a Usp era francesa, totalmente francesa.
(ENTREVISTADA F)

Na época era assim, o representante era sempre da Comunicação e o adjunto, sempre da Ciência da Informação. (ENTREVISTADA D)

Com base nas falas das entrevistas é possível inferir que a criação da Ancib foi de fato, como a literatura aponta, um empreendimento da Capes para consolidação da área de informação no país, e não um movimento de articulação dentro do campo, muito embora o envolvimento dos pesquisadores tenha sido fundamental e necessário. Essa afirmativa podemos verificar na fala da entrevistada F:

Me tornei pesquisadora do CNPq em 1993. Então nessa época eu já era pesquisadora. Mas a Ciência da Informação ainda não tinha um espírito de corpo. (ENTREVISTADA F)

Quem promovia os encontros dos cursos de pós-graduação era a Capes, não tinha uma Ancib que promovesse isso. E mesmo depois que

a Ancib passou a ser a promotora desses encontros, continuou sendo tudo encaminhado pela Capes. (ENTREVISTADA D)

Além disso, parece ter sido na Usp a articulação política para a criação da Ancib, uma vez que foram de lá os primeiros pesquisadores a assumirem os postos políticos do campo no âmbito nacional. Muito embora ressalte-se que o sucesso desse empreendimento se deveu fortemente as ações do IBBD/Ibict, o qual permitiu a formação de pessoal no campo da CI bem como promoveu os primeiros eventos especificamente da CI, a exemplo da Reunião Brasileira de Ciência da Informação, bem como o primeiro periódico científico, a revista Ciência da Informação. Esses protagonismos podem ser verificados na fala das entrevistadas J, B e K.

"Porque a gente tem uma tendência a achar que, porque existia um curso no Ibict, o Ibict tinha toda a força pra criar, mas não fez isso." (ENTREVISTADA J)

As primeiras que eu gostaria de mencionar são as Reuniões Brasileiras de Ciência da Informação, que eram realizadas pelo IBBD em conjunto com o CNPq. Enfim, era um povo diferente das reuniões do ENANCIB de hoje que são concentradas em cientistas da informação. Ali não, tinha cientistas de todas as áreas do conhecimento[...](ENTREVISTADA B)

"Evento na Usp que a ideia de criação da Ancib foi gestada" (ENTREVISTADA K)

Considerando que a Ancib foi criada em 1989, passados quatro anos ainda era percebido uma falta de unidade na comunidade do campo. Isso talvez tenha sido devido ao fato de que havia ainda uma falta de clareza a respeito da relação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, atualmente mais homogeneizado, muitas vezes representada pelo discurso teoria *versus* prática, conforme revela a fala das entrevistadas C, D e I

a Ciência da Informação ela nasce já com essa perspectiva aqui no Brasil, dessa coisa mais acadêmica, já lançando programas de pós, tudo e tal. E os CBBDs têm um perfil teórico-prático que é até uma pena perder. Então eu acho muito bom que continue existindo CBBDs". [...] "até bem pouco tempo, vários periódicos reservavam espaço pra relatos de experiência, que na nossa área é super importante, e tão deixando de ter porque todo mundo quer ser Qualis A, então os periódicos que tinham um aspecto mais teórico-prático também, eles vão assumir um viés acadêmico que também tem perdas. E o fato dessa indução que resultou das políticas da Capes e CNPq, se bobear pode ter um esvaziamento, uma separação cada vez maior entre a militância do bibliotecário e a vida acadêmica da Ciência da Informação" (ENTREVISTADA C)

O conhecimento nosso vem muito da prática, que formou o campo.[...] os pioneiros foram os bibliotecários. [...]E antes da gente vinham quem queria se formar em Biblioteconomia era quem tava no Dasp, na Fundação Getúlio Vargas, oriundo do Ibict. Então essas instituições chave, elas vão preparando o campo, muito embora estivessem mais preocupadas com, muito mais com questões práticas, operacionais que propriamente científicas, o campo se conforma dessa maneira, da prática pra teoria, é um híbrido. (ENTREVISTADA D)

[...]Jo que acontecia nesses eventos. Eu vejo vários tipos de tensões aí que aconteciam e iam sendo discutidos. Tinha sempre uma discussão entre uma abordagem muito mais profissional, e outra muito mais teórica eu não diria, mas conceitual, isso com certo desprezo para o muito profissional, o que eu acho um problema, mas isso acontecia. Tinha também uma, digamos, uma outra oposição no mesmo estilo, era meio que 'bom porque Biblioteconomia e como que ela se relaciona com a Ciência da Informação?' (ENTREVISTADA I)

Ainda referente a fala das entrevistadas, elaboramos o Quadro 4 a seguir com a compilação dos eventos, nome e instituições citados pelas entrevistadas. Além disso a indicação dos fundos arquivísticos e os nomes dos pesquisadores reconhecidos como fontes de saber sobre a criação não só da Ancib como também a constituição do campo da CI no Brasil.

QUADRO 4 – Dados extraídos do instrumento de coleta de dados via roteiro de entrevistas do pré-teste para identificação de publicações de eventos fundadores do campo da Ciência da Informação no Brasil

Entrevistado/Questão	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4
Entrevistado A	Não soube responder	Regina Marteleto como um nome que contribuiu para que a associação fosse mais independente da Capes no que diz respeito a sua agenda científica	Não soube responder	Regina Marteleto Nair Kobashi Johanna Smith Henriette Ferreira Gomes Carlos Alberto Avila Marta Macedo Kerr Pinheiro
Entrevistado B	1968 – Seminário de Informática 1971- Seminário sobre Documentação e Informática 1975 e 1979 – Reuniões Brasileiras de Ciência da Informação Mestrado em Ciência da Informação do Ibict	Helena Braga Ione Charchenê Hagar Espanha Gomes Gilda Maria Braga Lídia de Queiroz Sambaquy Janice Monte-Mor	Biblioteca Ibict – Brasília Biblioteca CFCH- UFRJ	Não foi perguntado
Entrevistado C	-Encontro dos Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação (o mesmo evento apresenta em seus anais pequenas mudanças na denominação: Encontro sobre Pós-graduação em Biblioteconomia e CI; Encontro de coordenadores de cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação e Encontro Nacional de cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia)	Lydia Sambaqui Célia Zaher Hagar Espanha Gomes	Não sabe	Não sugeriu
Entrevistado D	-Curso de Documentação Científica (embrião do mestrado Ibict) -Linhas de pesquisa do mestrado-Ibict -Reuniões da Capes	Lidia Sambaquy Dinah Población Gilda Braga Célia Zaher Regina Marteleto Hagar Espanha Gomes	Os documentos de área, a própria política de pós-graduação da Capes, os planos nacionais de pós-graduação	Johanna Smit Marilda Lara Hagar Espanha Gomes Marisa Brasher
Entrevistado E	-Reunião Brasileira de Ciência da Informação -Evento na Usp que a Ancib foi criada	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro Ibict	Biblioteca do Ibict	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro
Entrevistado F	Curso de Documentação Científica-Ibict	Ibict	Não sabe	Lena Vania Lídia Alvarenga Eduardo Wense Dias Suely Amaral Susana Muller

Entrevistado/Questão	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4
				Joana Coeli Isa Freire Virgínia Bentes
Entrevistado G	Mencionou eventos posteriores a 89	Nair Kobashi Dinah Población	Não sabe	Rosali Fernandez Nair Kobashi
Entrevistado H	-Cursos de pos graduação na área – massa crítica -Relatórios de consultoria (ingleses e americanos) para criação da área de Informação no Brasil -Esforços da CAPES para implantar a área no país -Reunião Brasileira em Ciência da Informação	Hagar Espanha Gomes Célia Zaher Nélida González de Gómez Aldo Barreto Regina Marteleto	Biblioteca do Ibict	Hagar Espanha Gomes Célia Zaher Nélida González de Gómez Aldo Barreto Regina Marteleto Johanna Smit Susana Mueller Nair Kobashi Marilda Lara Representantes de área Capes/cnpq Lena Vania Ribeiro Pinheiro Mariângela Fujita José Augusto Guimarães Isa Freire Graça Targino
Entrevistado I	-ABEBD-ABECIN -Encontros de Coordenadores de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	Aldo Barreto Lena Vânia Ribiero Pinheiro José Augusto Chaves Guimarães	CAPES CNPq Anais das reuniões de coordenadores de pós-graduação	Lena Vania Ribeiro Pinheiro Aldo Barreto José Augusto Chaves Guimarães Rosali Fernandes Eduardo Wense Dias Marisa Brasher Marta Valentim Joana Coeli Suzana Muller Marlene de Oliveira
Entrevistado J	Grupo de pesquisadores da Usp	Dinah Población Edmir Perrote Solange Puntel Mostafa	Ancib	Solange Puntel Mostafá Edmir Perrote Johanna Smit Aldo Barreto (falecido)
Entrevistado K	-Especialmente os coordenadores, dos então existentes cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e do curso do Ibict, em Ciência da Informação, se reuniam, talvez uma vez por	Dinah Población (então Usp) e Ulf Gregor Baranov (então UNB). Coordenadores de pós-graduação	Ancib CAPES CNPQ	Ulf Gregor Baranov e coordenadores dos cursos existentes na década de 1980.

Entrevistado/Questão	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4
	ano, para discutir problemas comuns. Foi nesses encontros que a ideia da Ancib foi gestada. -Foi em um Encontro na Usp que a ideia da Ancib tomou forma mais definitiva.			

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Dois eventos acadêmicos se destacaram na fala das entrevistadas: Reunião Brasileira de Cientistas da Informação, o qual era promovido pelo IbiCT e contou com duas edições, uma em 1975 e outra em 1979; e os Encontros da pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovido pela Capes que de acordo com o relatado pelas entrevistadas era um evento que ocorria para tratar majoritariamente de questões administrativas dos programas e só mais tarde mudou seu perfil para apresentar mais as questões de pesquisa. Esse segundo era promovido pelos órgãos de fomento e ao que tudo indica foi num desses encontros que a ideia da Ancib foi gestada.

Poderíamos inferir, portanto, que no contexto do IbiCT o campo da CI foi pensado do ponto de vista conceitual e prático e no âmbito da Capes do ponto de vista de sua institucionalização. Ambas as instituições foram responsáveis especialmente por contribuir para a construção de massa crítica do campo no país.

Sobre os fundos arquivísticos onde poderiam ser encontradas as documentações desses eventos ou outros que possam esclarecer essa história, foram lembrados do acervo da biblioteca do IbiCT e os documentos de área da Capes e do CNPq, bem como a documentação da própria Ancib.

Dentre os nomes mais citados como sendo importantes para o campo aparecem Dinah Poblacion, Hagar Espanha Gomes, Célia Zaher, Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, Aldo Albuquerque Barreto, Suzana Mueller, Johanna Smit, Regina Marteleto. Alguns desses nomes foram citados mas a sua relevância foi apontada como repercutido pós-Ancib. Além destes, os mais referendados foram Johanna Smit e Lena Vânia Pinheiro como sendo as que mais poderiam esclarecer os meandros da criação da Ancib.

A partir dessa etapa da pesquisa, foi verificado que muitos dos fundos documentais apontados pelos entrevistados não se encontravam disponíveis em plataformas online ou catálogos com acesso em rede. Além disso, o recorte temporal mostrou-se extenso em demasia, considerando o cronograma da pesquisa e todas as intercorrências vivenciadas no período dedicado a coleta e elaboração. Desse modo, foi selecionado como recorte temporal o próprio ano de criação do Mestrado em Ciência da Informação do IBBD, e, portanto, a década de 1970. Outra escolha

metodológica foi a seleção de anais os quais pudessem ser acessados, digital ou impresso, e que contemplasse o recorte temporal, os quais estão descritos na sessão seguinte.

4.3 Apresentação e descrição geral do *corpus* de pesquisa

A partir do recorte temporal foram realizadas buscas nos catálogos das bibliotecas das instituições que identificamos como aquelas que possuíam curso de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação nas décadas estabelecidas para este estudo, em que foi possível identificar outros eventos que não foram citados pelas entrevistadas.

Das referências encontradas destacamos a obra “Eventos em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia realizados no Brasil no período de 1951-1996” do Grupo de Pesquisa em Produção Científica e Literatura Cinzenta, coordenado por Dinah Aguiar Población, o qual foi considerado como guia privilegiado para identificação dos eventos, além dos identificados nas entrevistas, haja vista que a referida bibliografia engloba toda a produção que foi publicada, excetuando algumas mencionadas nas entrevistas que caracterizam-se como fontes primárias, a exemplo de reuniões e institucionais.

Porém, por indicação da banca de qualificação e por entender que o volume de documentos encontrados não seria possível a sua análise no tempo disponível para realização da pesquisa, como já mencionado, foram então selecionados os anais de quatro eventos, a saber: Seminário da Documentação à Informática (1971), Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação (1972), 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11º Reunião da FID/CLA, eventos concomitantes, (1971) e 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação (1975), volumes 1 e 2.

Desse modo, para fins de possibilitar a análise dos referidos documentos, elaborou-se um instrumento com variáveis para identificação, seleção, coleta e limpeza de dados referentes às autorias das comunicações, a saber: nome próprio, gênero do autor, formação, localização, instituição (vínculo do autor). Para fins de realizar a análise da tipologia da produção das publicações dos eventos, foram utilizadas as variáveis: título. Assunto, referências/bibliografias, resumo. Vale destacar que os documentos selecionados para a análise apresentam distinções na forma de apresentação, haja vista ausência de padronização da produção de anais de eventos, o que demonstra, também, a incidência de elementos tanto administrativos como teóricos nos perfis dos eventos, como nas análises e discussões foi possível identificar. Os textos, da mesma forma, nem sempre assumiram a estrutura de artigo científico, atualmente reconhecido na tradição de comunicação científica, o que por vezes dificultou um pouco a coleta das informações.

Na sequência iremos fazer a apresentação de cada um dos eventos e dos seus dados.

4.3.1 Seminário da Documentação à Informática (1971)

O Seminário da Documentação à Informática foi um evento promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em parceria com o IBBD, sob a presidência de Benedicto Silva. Foi realizado no período de 24 a 27 de novembro de 1971, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, nas dependências da FGV. A publicação dos registros do evento através dos anais só foram realizadas em 1974, portanto, três anos depois. Vale mencionar que esse evento foi totalmente gravado e, posteriormente, transcrito para fins de registro dos anais. Neste sentido, ele apresenta os diálogos dos debates tais como aconteceram. Além das falas dos palestrantes e de seus debatedores, foram também registradas as falas de pessoas da plateia.

O evento contou com uma estrutura de palestras e debatedores, para tanto foram convidados pesquisadores com experiências em documentação e em informática, principalmente, para debater os impactos da informática (aqui compreendida como o uso de computadores) nos diferentes contextos da gestão pública e privada, tema de interesse especialmente do Benedicto.

Nas palavras de Pinheiro e Loureiro (2004), este evento, a revelia de sua denominação,

“foi realizado para discutir a Ciência da Informação, num momento em que a sua nomenclatura, no Brasil, ainda estava indefinida, havia pouco entendimento das diferenças e interdisciplinaridade com outros campos, sobretudo a Ciência da Computação e a Biblioteconomia e por não haver, ainda, estudos brasileiros sobre teoria e Epistemologia dessa nova área.”

Os referidos autores acrescentam que foi naquela oportunidade que se inseriu nas discussões do campo, da então incipiente Ciência da Informação no Brasil, a expressão “informática aplicada”. E continuam “Esta é uma estimulante observação, que podemos correlacionar às ‘aplicações’, assim chamadas na Ciência da Informação, importantes subáreas, por exemplo, automação de bibliotecas” (Pinheiro; Loureiro, 2004).

O Seminário foi organizado em seis temas, conforme quadro 5 abaixo:

QUADRO 5 – Temas do Seminário da Documentação à Informática, palestrantes e debatedores

Tema	Palestrante	Debateadores
Tema 1 - Cibernética e Informática	Antônio Garcia de Miranda Netto	Élvia de Andrade Oliveira Iberê R. Teixeira Moysés Lilenbaum
Tema 2 – Da documentação à informática	Célia Ribeiro Zaher	Jannice Monte-Mor Iberê R. Teixeira Jerusa Borges Gonçalves

Tema 3 – O papel da informática no desenvolvimento	Isaac Kerstenetzky	Pergi Cafiero Moacyr Fioravante
Tema 4 – O papel da informática na grande empresa	Graciano Sá	Jaime de la Quintana
Tema 5 – O papel da informática na universidade	Fernando Cândido da Silva Pereira	Hagar Espanha Gomes Hélio da Fonseca Gáudio
Tema 6 – O papel da Informática na indústria do livro	George Hall	Antônio Mariano de Almeida Rubens Furtado, Rodolfo Silva Penteado

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na apresentação dos anais desse seminário, Benedicto Silva, então diretor do Instituto de Documentação da FGV, afirma que o evento foi financiado com recursos da Subsecretaria de Cooperação Internacional do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral (Subin), através da Escola Brasileira de Administração Pública. Destaca-se ainda na fala de apresentação do evento que este se propôs a reunir os verdadeiros “conhecedores dos temas expostos e debatidos” (Silva, 1974). Benedicto se referia, obviamente aos termos Informática e Documentação.

Sobre Benedicto Silva apuramos que foi um intelectual goiano, formado bacharel em Ciências Sociais pela *American University de Washington*, nos Estados Unidos. Na sua trajetória profissional atuou em importantes cargos de instituições governamentais, tais como: IBGE, Receita Federal, o extinto Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), sendo na Fundação Getúlio Vargas o lugar onde deixou maiores contribuições. Na FGV trabalhou para a articulação do aperfeiçoamento de servidores brasileiros com as organizações internacionais conectadas à Organização das Nações Unidas (ONU). Foi lá que atuou na criação da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (EBAP/FGV), “instituição essa que desde sempre foi crucial para a ampliação das formas de organização e de poder tecnocrático no Brasil (Meirelles, 2021; Lima, 2012)

Já em relação a alguns dos nomes convidados na condição de palestrante é possível recuperar o currículo de alguns notáveis. O primeiro deles o Antônio Garcia de Miranda Netto, membro da Fundação Getúlio Vargas, professor catedrático da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas da então Universidade do Brasil (atual UFRJ) e Professor de Ensino Superior da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 1964).

Miranda Netto, embora tenha construído sua carreira profissional majoritariamente no Rio de Janeiro, ele era natural de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Iniciou sua formação

acadêmica na Escola de Engenharia de Porto Alegre e concluiu na Escola Politécnica no Rio de Janeiro, onde foi diplomado em 1922 como engenheiro geógrafo e, em 1925, como Engenheiro Civil. Também se graduou em Direito, em 1939, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Miranda Netto era um intelectual bastante eclético e muito conceituado. No período em que cursava Direito, estudou também piano e composição. (Carreira, 2005)

A produção de Miranda Netto reverberou fortemente nas áreas de Economia, Administração e Estatística. Porém, também ganhou destaque nas áreas de Arquitetura, Matemática e Música. Na área de Ciência da Informação, além de sua participação neste evento e também no Seminário de Informática de 1968 do IBBD, nos quais discutiu o conceito de Cibernética, teve também produções sobre arquivos, especialmente tratamento documental na Revista Arquivo e Administração.

Nesse seminário, Miranda Netto buscou discutir a relação entre a cibernética e a informática enquanto campo do conhecimento. O autor faz um preâmbulo acerca do processo de construção do conhecimento científico e empenha-se na descrição da cibernética enquanto ciência, pouco discutindo o conceito de informática que para o autor está inserido na primeira e tem sua denominação bastante controversa, adotando outras denominações tais como ciência da computação.

A segunda palestra do evento foi proferida pela Célia Ribeiro Zaher, a época presidente do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), era formada em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional e em Direito pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Sua fala neste evento era fruto dos seus estudos sobre Ciência da Informação empreendidos durante o planejamento do Curso de Mestrado que havia a pouco implementado no âmbito do IBBD. Sua fala então segue a mesma lógica de reflexão conceitual do que viria a significar àquela altura o que viria a ser Ciência da Informação e distinguir seu conceito daquele conceito de “Informática” usado na perspectiva do contexto da União Soviética. Célia ocupou-se também de relacionar o conceito de ciência da informação com a “biblioteconomia” e a “documentação”.

O terceiro convidado foi o economista carioca Isaac Kerstenetzky, a época atuando como presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, porém sua carreira profissional iniciou-se na Fundação Getúlio Vargas. Sua formação acadêmica conta ainda com Mestrado em Economia pela *McGill University*, Montreal, Canadá (1952-1953), e especialização em Planejamento econômico pelo Instituto de Estudos Sociais, Haia, Holanda

(1960)⁶. Na área acadêmica, teve reconhecida atuação como professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, e do Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor visitante no Departamento de Economia da Universidade de Yale (1963-1964), e da Universidade de Illinois (1968).

Sua fala no evento focou no argumento de como a “informática” poderia repercutir no desenvolvimento dos países. Issac enfatiza que para tanto era necessária a construção de sistemas de informação sociais estatísticas que pudessem rapidamente embasar os processos de decisão governamentais e a verificação da efetividade das políticas sociais implementadas. Ressalta como exemplo o IBGE como principal produtor de informações a partir dos seus bancos de dados alimentados pelas diversas coletas de censo. A “informática” então aparece como uma ferramenta com potencial de tornar esses sistemas mais robustos e com maior celeridade de respostas. Apresenta também a necessidade desses sistemas serem construídos a partir de modelos teóricos que vislumbraassem os objetivos e necessidades informacionais dos diversos governos no desenho das estruturas dos sistemas e sua capacidade de dar respostas e embasar decisões em especial as no âmbito governamental.

A palestra seguinte foi proferida por Graciano Sá. Não foi possível recuperar informações sobre sua biografia, exceto as que o documento dos anais permite inferir. Graciano foi apresentado como consultor da então estatal, Companhia Vale do Rio Doce. Na sua fala menciona ser vinculado ao Departamento de Informática da Pontifícia Universidade Católica [Rio de Janeiro]. Sua palestra demonstrou caráter mais técnico em que descreveu como os computadores podem e devem ser utilizados nas empresas de maneira a otimizar as atividades e ser possível sua utilização nos processos decisórios.

A fala de Graciano Sá versa sobre o papel da “informática” na grande empresa, que na sua opinião se insere na discussão da análise da forma pela qual o computador cumpre a sua função de núcleo processador de um sistema de informação. Porém, pondera que as máquinas disponíveis, especialmente no mercado brasileiro, não eram robustas o bastante para dar suporte as decisões de nível estratégico e o uso dava-se de forma bastante fragmentada. As soluções eram desenvolvidas de forma modular. Apontou também para a pouca oferta de mão de obra qualificada para promover o uso eficiente dos computadores enquanto ferramentas para implementação dos sistemas de informação automatizados. Citou também o pouco investimento feito pelas organizações em seus parques tecnológicos.

⁶<https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/galeria-de-presidentes/20965-isaac-kerstenetzky.html?highlight=WyJpc2FhYyJd>

O palestrante seguinte foi o professor Fernando Cândido da Silva Pereira. Sobre ele foi possível verificar apenas que era docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O seu relato no evento revela que ele esteve envolvido com o início do processo de automação da UFRJ. Nesse sentido, descreve o processo de automação da referida universidade, mais especificamente a automação dos processos de registro e controle acadêmico. Também apresentou os projetos de implementação de sistemas para automação da gestão financeira e da biblioteca. Apresentação descreve as configurações dos equipamentos e se utiliza de diagramas para apresentação das estruturas administrativas da universidade. A fala do professor Fernando é emblemática da confusão conceitual que pairava naquela época sobre o que seria informática e sua relação com documentação. Ele titula como preâmbulo da sua palestra “da documentação à informática”, um trecho reflexivo sobre conhecimento e informação, meios de comunicação, citando a importância da universidade daquele momento como “mola propulsora do saber” afirma também que “A informática, sofisticação da documentação *strictu sensu*, não deve ser encarada, em termos de universidade, como estrito ao uso de computadores”. Porém, todo o seu relato focou em descrever onde os computadores eram utilizados na UFRJ, quais tarefas precisavam ser automatizadas e focando no sistema de registro dos alunos.

Ao final da palestra, a debatedora Hagar Espanha Gomes, que participava como professora do curso de documentação científica do então IBBD, levanta a questão de que a fala do professor Fernando teria sido incoerente, já que afirmava no início que a informática ia além dos computadores e que a palestra se deteve a falar do uso deles. Além disso, incomodava-se com a polissemia com que o termo “informática” estava sendo utilizado. Nas suas próprias palavras:

Talvez fique prejudicada aqui a minha presença, ou talvez seja hora justamente de fazer um esclarecimento, porque se verifica um fato bastante peculiar de se encarar um ou vários assuntos diferentes sobre o mesmo termo. Então o que acontece é que informática, para determinada parte da platéia, deve ser um significado, para outra, significado totalmente diverso.

[...] constatee durante a exposição do professor que reiteradas vezes ele afirmou que informática não era a aplicação de computador, mas durante sua exposição só se falou em computador.

Por outro lado, considero válido, porque se não tivéssemos um ponto de informação, um ponto de conhecimento uniforme de início, de conceituação, todo o desenvolvimento do tema se altera. Então parece que o professor- ou ele vai confirmar ou vai discordar – considera o termo informática dentro da orientação francesa⁷, isto é, a utilização do computador para acelerar o processo informativo, etc., etc. e existe um outro grupo, tenho certeza, aqui presente, que considera informática todo o processo que envolve a geração do conhecimento, a sua divulgação, o seu registro para posterior controle, utilizando-se o computador. (Gomes, 1974. p.159)

⁷ *Informatique* na França e *Computer Science* nos Estados Unidos.

Essa constatação da professora Hagar Espanha Gomes de fato verifica-se ao observar que a fala da professora Célia Zaher destoou dos demais participantes, uma vez que trouxe para o debate a noção de “informática”, não francesa, mas soviética que se assemelhava a uma outra emergente denominação estadunidense que era a Ciência da Informação, para utilizar uma expressão abasileirada, uma vez que lá perdurou o uso do *Library and Information Science*.

A última palestra foi proferida pelo Sr. George Hall, identificado nos anais apenas como representante da empresa *Compugraphic*. Esta companhia, como se autodenomina, é norte-americana especializada em equipamentos de impressão. Ao que tudo indica, foi pioneira no uso de computadores no processo de impressão, a partir dos processos de fotocomposição e impressão offset, que sinalizavam a decadência e possível desaparecimento dos processos tipográficos, especialmente das máquinas de linotipo.

Na sua fala, Hall enaltece a importância dos registros escritos não só para história, mas também para a cultura dos diferentes povos. Afirmou ainda na ocasião que o Brasil a época era a nação com mais computadores e máquinas de fotocomposição de toda a América Latina. Tratava-se de uma grande expansão técnica que era também [...] um desafio para editores, impressores e técnicos e esse fato não assegurava, por si só, o progresso da indústria ou da cultura. Os homens, nas palavras de Hall, deveriam reconhecer sua importância e planejar seu melhor aproveitamento, para o bem da indústria e da cultura. (Hall, 1974)

4.3.2 III Congresso Regional sobre Documentação e XI Reunião da FID/CLA, (1971)

Diferentemente do anterior, essa foi uma edição de dois eventos que aconteceram em concomitância, o congresso que reuniu profissionais e a “Reunião” que foi um fórum mais político. cujo registro consta ao final de todas as decisões sob a denominação de porém os anais não fazem essa distinção. De grande porte, tanto pela abrangência internacional quanto pela quantidade de participantes, reuniu profissionais bibliotecários e documentalistas do mundo inteiro, conforme detalhamos a seguir, país (número de participantes): Alemanha (1), Argentina (10), Bolívia (1), Brasil(49), Chile (11), Colômbia (4), Costa Rica (2), Ecuador (1), Estados Unidos (3), França (2), México (3), Paraguai (3), Peru (174), Porto Rico (1), Uruguai (4), Venezuela (9), totalizando 278 (duzentos e setenta e oito) participantes, de acordo com o relatório final do evento. No caso dos participantes brasileiros, estes representavam instituições, em sua maioria da cidade do Rio de Janeiro -GB, Seguido de São Paulo – SP, Belo Horizonte – MG e Brasília, Distrito Federal. Majoritariamente, bibliotecários e alguns representantes de

organizações internacionais e governamentais, a exemplo da OCDE e da Fundação alemã para os países em desenvolvimento.

Digno de nota que o Brasil tenha sido o país com o segundo maior número de participantes, em detrimento dos habitantes dos países vizinhos do Peru. Isto porque o Brasil era na época uma referência em Documentação, a partir da atuação do IBBD, no Brasil e América Latina. Atuou no evento como organizadores, junto a *Asociación Peruana de Bibliotecários*, e, portanto, recebeu recursos financeiros do Programa Regional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Organização dos Estados Americanos, que, através de auxílio concedido à Secretaria da FID/CLA financiou a participação do Brasil.

As atividades do congresso foram realizadas no auditório da Biblioteca Nacional do Peru, em Lima. Os trabalhos apresentados estavam agrupados em três grandes temas: Mecanismos de transferência de informação; Usuários de informação na América Latina; Sistemas nacionais e regionais de informação.

No quadro abaixo pode-se observar todos os trabalhos apresentados nesse evento:

QUADRO 6 – Comunicações apresentadas no 3º Congresso Regional sobre Documentação sistematizados a partir das variáveis título da apresentação, autoria, localização geográfica e vinculação institucional

Área temática	Título	Autoria	Localização	Instituição
Mecanismos de transferência de informação	Mecanismos de transferência de informação	Celia Ribeiro Zaher	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Hagar Espanha Gomes	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Estructura y flexibilidad en los sistemas de clasificación de documentación: una propuesta para América Latina	Win Crowther	Chile	Naciones Unidas — Comisión Económica para América Latina
	Bancos de dados: contingência do desenvolvimento	Thaís Caldeira Henriques	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Regina Maria Soares de Oliveira	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	El catálogo centralizado de la Universidad de Buenos Aires y su mecanización	Hans Gravenhorst	Argentina	Instituto Bibliotecológico - Universidad de Buenos Aires
	Automação da Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais	Elvia de Andrade Oliveira	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Catálogo Colectivo Nacional de Publicaciones Periodicas de Colombia: una experiencia de cooperacion internacional para su organizacion y desarrollo	José Arias O.	Colômbia	Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior
	Automação do catálogo de livros e folhetos do Centro Técnico Aeroespacial	Lourdes Mesquita Siqueira	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
		Geraldo da Silva Paranhos, Cap.Eng.	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
		Roberto Moreira Nunes, aluno	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
		Cora Cordeiro Garcia	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
		Heloisa Ferro A. de Siqueira	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
		Maria da Gloria Paiva Quast	São Paulo	Instituto Tecnológico da Aeronáutica

		Walquiria Regma Godoi, aluna	São Paulo	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
	O Sistema Integrado de Automação dos Bibliografias Especializadas brasileiras (Projeto SIABE)	Celia Ribeiro Zaher	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Yone Chastinet Duarte Guimarães	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Iberê Lucio Rochetti Teixeira	Rio de Janeiro	Instituto de Pesquisas Espaciais
	SDI com apoio em serviços existentes	Zulma Pucurull de Valenzuela Courrege	Rio de Janeiro	Centro de Pesquisas e Aperfeiçoamento do Petróleo
	Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na automação da legislação referente a minas e energia	Abner L. C. Vicentini	Brasília	Ministério das Minas e Energia
Usuários de Informação na América Latina	El usuario frente a la información	Sofía Marecki	Paraguai	Administración Nacional de Telecomunicaciones
	Transferencia de ciencia y tecnología industrial entre países desarrollados y países em vías de desarrollo	Raúl Calvimontes	Bolivia	Centro Nacional Boliviano de Documentación Científica y Técnica
	La fuga de manuscritos latinoamericanos en el campo de la biomedicina	Alejandro Núñez	México	Syntex Internacional de Asistencia Técnica
		Armando Sandoval	México	Universidad Nacional Autónoma de México
	Levantamento das necessidades de informação da indústria; um caso particular no Brasil	Angela Pompeu	Rio de Janeiro	Centro de Informações Tecnológicas - Instituto Nacional de Tecnologia
	Las necesidades de información y el conocimiento de su uso, entre docentes y alumnos de la Universidad de Concepción	Fernando Rodríguez A	Chile	Universidad de Concepción
		Miguel Ramírez H	Chile	Universidad de Concepción
		Ariela Lagos J	Chile	Universidad de Concepción
		Carmen Durán de Recke	Chile	Universidad de Concepción
		Olga León M.	Chile	Universidad de Concepción
	La interacción entre usuarios y catálogos colectivos de	Orlando Arboleda	Costa Rica	Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas

	publicaciones periódicas agrícolas en América Latina	María Dolores Malugani,	Costa Rica	Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas
	Necesidades de información bibliográfica del usuario parlamentario chileno	Delia Bravo Herrera	Chile	Biblioteca del Congreso Nacional
		Mirella Poblete Sotomayor	Chile	Biblioteca del Congreso Nacional
	Entrenamiento de estudiantes en el uso de la documentación química	José Rafaez Ortiz O.	Colombia	Universidad Industrial de Santander
Sistemas nacionais e regionais de informação	Planeamiento de un sistema nacional de información	Ermelinda Acerenza	Uruguay	Facultad de Ciencias Económicas y de Administración
	El Telex en el sistema argentino de información científica y técnica	Mônica Allmand	Argentina	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
		Ricardo A Gietz	Argentina	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
	Anteprojeto para a implantação de um sistema nacional integrado de informação em recursos humanos	Fernanda Machado Pinto	Rio de Janeiro	Centro Nacional de Recursos Humanos
	Estudio del subsistema chileno de información y documentación en ciencias médico-biológicas	Sylvia Anabalón Casas	Chile	Centro Nacional de Información y Documentación
		Anna María Prat Trabal	Chile	Centro Nacional de Información y Documentación
	El CLADES y la futura red latinoamericana de información y documentación	Rafael Rodríguez Delgado	Chile	Centro Latinoamericano de Documentación Económica y Social (CLADES)
	O trabalho da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan-americana da Saúde em prol do desenvolvimento da informação científica da América Latina	Washington Moura	São Paulo	Biblioteca Regional de Medicina
	Sistema Nacional de Información	COLCIENCIAS	Colômbia	Red de Comunicaciones COLCIENCIAS
	La creación y organización de una red nacional de información, con atención a las experiencias, sugerencias y deseos de un usuario y corresponsal potencial de un centro nacional coordinador de documentación en Europa	Freiherr von Ledebur	Alemanha	Fundação Alemã para os Países em vias de Desenvolvimento

	A Ciência da Informação e suas implicações na formação de recursos humanos	Hagar Espanha Gomes	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Celia Ribeiro Zaher	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Bases institucionales para estructurar un sistema nacional de información y documentación	Betty Johnson de Vodanovic	Chile	Centro Nacional de Información y Documentación
	Preámbulo para el establecimiento de planes de información multinacionales en América Latina	Zulma Pucurull de Valenzuela Courrege	Rio de Janeiro	Centro de Pesquisas e Aperfeiçoamento do Petróleo

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Para fins de análise, foram selecionados apenas os trabalhos apresentados por brasileiros neste evento, os quais contabilizam doze produções: “Mecanismos de transferência de informação”, Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes; “Bancos de dados: contingência do desenvolvimento”, Thais Caldeira Henriques e Regina Maria Soares de Oliveira (apresentado por Yone C. D. Guimaraes); “Automação da Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais”, Elvia de Andrade Oliveira; “Automação do catálogo de livros e folhetos do Centro Técnico Aeroespacial”, Lourdes Mesquita Siqueira, Geraldo da Silva Paranhos e outros; “O Sistema Integrado de Automação dos Bibliografias Especializadas brasileiras (Projeto SIABE)”, Celia Ribeiro Zaher, Yone Chastinet Duarte Guimaraes e Iberê Lucio Rochetti Teixeira, SDI com apoio em serviços existentes, Zulma Pucurull de Valenzuela C., “Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na automação da legislação referente a minas e energia”, Abner Lelis Correia Vicentini, “Levantamento das necessidades de informação da indústria; um caso particular no Brasil”, Angela Pompeu; “Anteprojeto para a implantação de um sistema nacional integrado de informação em recursos humanos”, Fernanda Machado Pinto; “O trabalho da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan-americana da Saúde em prol do desenvolvimento da informação científica da América Latina”, Washington Moura; “A Ciência da Informação e suas implicações na formação de recursos humanos”, Hagar Espanha Gomes e Celia Ribeiro Zaher, “Preâmbulo para el establecimiento de planes de informacion multinacionales en America Latina”, Zulma Pucurull de Valenzuela C.

Além das comunicações apresentadas em sessões plenárias, referentes as atividades do “Congresso”, o evento também realizou sessões fechadas as quais faziam parte da programação da 11ª reunião da FID/CLA, nas quais podemos observar as instituições internacionais envolvidas. O relatório final do evento menciona que

“As Sessões Fechadas contaram com a participação, além da Presidente e da Secretária da FID/CLA, de representantes dos Membros Nacionais e Associados (Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México e Paraguai), bem como de observadores de entidades internacionais (**Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico — OCDE**, Oficina Interamericana de Documentación e Información Agrícola — **IICA-CIDIA**, Oficina de Ciências para América Latina-**UNESCO**, Centro Latinoamericano de Documentación Económica y Social — **CEPAL-CLADES** e Organização dos Estados Americanos — **OEA**) e de outros países da Região (Equador, Peru, Uruguai e Venezuela). (CONGRESSO ..., p. 465, 1972)

Nesta sessão do registro da publicação dos anais, referente as mencionadas reuniões fechadas, foram deliberadas ações e recomendações do grupo, organizadas por temas discutidos. Neste sentido, vale destacar a projeção do futuro Seminário Latino-americano de Formação de Cientistas da Informação, que foi sugerido a partir das discussões em torno do “treinamento profissional”, conforme trecho reproduzido a seguir:

6. Treinamento profissional

Considerando

As resoluções das precedentes reuniões da FID/CLA referentes à formação de recursos humanos baseada na carência de pessoal capacitado para desenvolver atividades documentárias na América Latina.

Que os recursos audio-visuais possibilitam, a um grupo heterogêneo, a compreensão de determinados assuntos.

A 11ª Reunião da FID/CLA resolve

- a) aproveitar a presença dos Membros Nacionais e Associados na Assembléia Regional de 1972 para realizar um **Seminário Latino-americano sobre Formação de Cientistas da Informação**.
- b) que os representantes dos Membros Nacionais e Associados apresentem ao citado Seminário documentos básicos relativos à formação profissional em seus países, contendo: relatório da atual situação no país, descrição das necessidades reais, possibilidades e programas futuros, em conexão com os organismos internacionais correlatos.” (REUNIÃO..., p. 473, 1971, grifo nosso)

O referido seminário responde pela publicação analisada conforme a seção secundária seguinte, identificada dentro dos *corpora* da pesquisa.

4.3.3 Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação

O Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação aconteceu no ano de 1972 e foi promovido pela Federação Internacional de Documentação. Teve por objetivo apresentar aspectos relacionados a “a formação de pessoal capacitado para exercer satisfatoriamente as funções da área da Informação” na América Latina. (Carvalho, 1972)

De acordo com a secretária da FID/CLA, a bibliotecária Maria Beatriz Gouvêa Pontes de Carvalho, que assina a apresentação dos anais, este evento foi uma sugestão de Célia Zaher. Segundo Carvalho (1972) foi de Zaher “de quem partiu a proposta para a realização do Seminário; ao Programa Regional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da OEA”. Este foi realizado na Cidade do México, de 23 a 25 de agosto de 1972, México, e contou com a participação dos mais proeminentes representantes de seus países envolvidos com a formação profissional e, portanto, docentes.

A programação do evento contou com quatro eixos temáticos, a partir dos quais as falas foram organizadas, conforme apresentamos no quadro abaixo:

QUADRO 7 – Comunicações apresentadas no Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação (México, 1972) sistematizadas pelas variáveis título da apresentação, autoria, localização geográfica e vinculação institucional

	Título	Autoria	Localização	Instituição
Tema 1 - Estudos comparativos dos currículos das escolas de biblioteconomia e documentação nos países da América Latina	Estado atual do ensino da biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação	Antônio Agenor Briquet de Lemos	Brasília	Departamento de Biblioteconomia - Universidade de Brasília
	La Ciencia de la Información en los planes de estudio de las escuelas de bibliotecología y documentación de la Argentina	Roberto Juarroz	Argentina	Departamento de Ciencias de la Información

	Estudios bibliotecológicos y de documentación em la Universidad Nacional Autónoma de México	Alicia Perales de Mercado	Mexico	Dirección General de Bibliotecas - Universidad Nacional Autónoma de México
	Normas para la selección de postulantes, 1972-	Irma Yolanda Quiñones Guzmán	Peru	Escuela Nacional de Bibliotecarios
		Enrique Brückman Netto	Peru	Escuela Nacional de Bibliotecarios
		Florencia Velásquez T.	Peru	Escuela Nacional de Bibliotecarios
	Comentarios sobre los programas de estudio de las escuelas de biblioteconomía em México	Adolfo Rodríguez Gallardo	México	Escuela Nacional de Biblioteconomía e Archivonomía
Tema 2: Teoria da Ciência da Informação	Mecanismos de Información: la infraestructura Bibliotecológica	Marietta Daniels Shepard	Estados Unidos	Organización de los Estados Americanos
	Ciencias dela Información y de la Computación y documentación	Eduardo Menda	Venezuela	Centro Nacional de Información Científica y Técnica - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas
	Importancia de la Clasificación Decimal Universal (CDU) en la dinámica de um centro de información y documentación	José Antonio Reátegui Cárdenas	Peru	Centro Nacional de Información y Documentación Científica y Tecnológica - Consejo Nacional de Investigación
	Los Sistemas como Sistemas de Información	José Rosovsky L.	Mexico	Coordinación de Estudios Administrativos- Secretaría de la Presidencia
	Aspectos Teóricos e Interdisciplinarios na Comunicação da Informação	Abner Lellis Corrêa Vicentini	Brasília	Setor de Documentação e Informação - Ministério das Minas e Energia
Tema 3: Preparação de usuários	Métodos Audiovisuales em la Instrucción de Usuários de la Información	Orlando Arboleta-Sepúlveda	Costa Rica	Centro Interamericano de Documentación e Información Agrícola
		Alfredo Alvear	Costa Rica	Centro Interamericano de Documentación e Información Agrícola
	El Professor Universitario como Usuario y Promotor de los Servicios Bibliotecarios en la Universidad	José Arias Ordóñez	Colombia	Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior

	Cursos de Información en la Facultad de Ingeniería de la Universidad Nacional Autónoma de México	José Pablo Fernández Cueto	México	Servicio de Información Técnica - Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología
	La Formación y el Adiestramiento del Investigador como Usuario de la Información	Ricardo A. Gietz	Argentina	Centro de Documentación Científica - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
	Problemas de los Usuarios una Encuesta	Judith Licea de Arenas	México	Colegio de Bibliotecología y Archivología - Universidad Nacional Autónoma de México
Tema 3: Preparação de usuários	A experiência do IBBD na preparação de Cientistas da Informação	Hagar Espanha Gomes	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Célia Ribeiro Zaher	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Consideraciones Sobre la Formación de Profesionales de Información: planes Y programas em Chile	Ximena Feliú Silva	Chile	Departamento de Bibliotecología y Documentación - Universidad de Chile
		Ana Maria Prat	Chile	Departamento de Bibliotecología y Documentación - Universidad de Chile
	Algunos Aspectos de la Preparación de los Especialistas de la Información	Nadia de Levi	México	Colegio de Bibliotecología y Archivología - Universidad Nacional Autónoma de México
	Actividades del servicio bibliografico y archivo tecnico del departamento de investigaciones industriales del banco de Mexico, S.A.	Alfonso Ayensa	Mexico	Servicio Bibliográfico y Archivo Técnico - Departamento de Investigaciones Industriales - Banco de México

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Este evento assumiu, podemos afirmar, uma conotação “mais acadêmica” que o “Congresso” que suscitou a sua realização, pois, como a proposta era discutir a formação dos profissionais da informação, foram convidados docentes das instituições de ensino dos países participantes. Neste documento é possível identificar três trabalhos apresentados por brasileiros, os quais foram selecionados para este estudo, os quais são: “Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação”, Antônio Agenor Briquet de Lemos; “Aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação”, Abner Lellis Corrêa Vicentini; e por fim, “A experiência do IBBD na preparação de cientistas da informação”, Hagar Espanha Gomes e Celia Ribeiro Zaher.

Os referidos participantes brasileiros são nomes bastante conhecidos no contexto acadêmico-científico-profissional em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. Antônio Agenor Briquet de Lemos é formado em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional (1957), com mestrado pela Loughborough University no Reino Unido em 1977. Atuou como professor no Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, segundo o próprio, à convite de Edson Nery da Fonseca. Como bibliotecário assumiu cargos importantes como diretor das seguintes instituições: Centro de Documentação do Ministério da Saúde durante o governo militar de João Baptista Figueiredo; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict); a Editora da Universidade de Brasília e a editora/livraria Briquet de Lemos/Livros. Sendo esta última um empreendimento do próprio Briquet junto a sua esposa, a também bibliotecária Maria Lucia Vilar de Lemos, segundo ele com a intenção de publicar literatura técnico-científica de Biblioteconomia, especialmente, a tradução de obras referenciais estrangeiras e impulsionar a produção nacional afim de ampliar o referencial bibliográfico adotado pelos cursos de formação da época. (Regina, 2018; Lemos, 2020)

O outro autor, Abner Lellis Correa de Oliveira, também era bibliotecário e considerado por Murilo Bastos da Cunha (2014) um pioneiro da Biblioteconomia. Graduou-se em Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1949, e em Direito na Universidade de São Paulo (Usp), em 1953. Assumiu também a condução de importantes bibliotecas nas quais deixou o seu legado. Atuou como docente no Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília e se empenhou na divulgação e incentivo do uso da Classificação Decimal Universal (CDU) no Brasil. (Cunha, 2014) Abner foi também responsável pela tradução para o português do “Código de Catalogação Anglo-Americano” (AACR-1).

Segundo Lemos (2020), Professor Vicentini, assim como ele, teria criado uma editora para traduzir importantes obras no campo da Biblioteconomia a qual foi instituída em 1973 sob a denominação de “Visão da Informática Pura e Aplicada” (VIPA), em São Paulo. Esta teria

publicado somente três obras: a tradução de um manual sobre pesquisa em Biblioteconomia do norte-americano Hebert Goldhor, a tradução do código AACR-1 e o um pequeno texto sob o título “Ensino programado de CDU”. O padre Astero Campos, que também atuou como docente da UNB teria sido seu grande parceiro nesse empreendimento. Porém, no ano de 1976, Abner veio a falecer vitimado em uma colisão de veículos em São Paulo e a editora encerrou suas atividades. (Lemos, 2020)

De acordo com Cunha (2014), Abner Vicentini atuou como bibliotecário e docente. De 1952 a 1953, dirigiu uma das mais importantes bibliotecas no Estado de São Paulo, a do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), do Ministério da Aeronáutica. Na década seguinte (1954-1963) passou a dirigir a Biblioteca Central do Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (SP). Em 1964 é convidado por Edson Nery da Fonseca a assumir a biblioteca central da Universidade de Brasília, cargo que ocupou até 1968. Ainda no ano de 1964 passa a integrar o corpo docente do primeiro curso de Biblioteconomia daquela instituição, desligando-se de forma definitiva do ITA ao mesmo tempo em que era incorporado ao quadro funcional da UNB, permanecendo até 1971.

O professor Abner deixa o cargo de docente na UNB para atender a uma solicitação do então Ministério das Minas e Energia, que no ano de 1972 o convida para “criar um sistema de informação para esse órgão que, naquela época, tinha em seu organograma grandes empresas: Petrobrás, Vale do Rio Doce, empresas elétricas, e, depois, toda a parte de energia nuclear e mineração”. (Cunha, 2014, p. 221)

Além de ser um profissional reconhecido nacionalmente, Abner Vicentini também teve sua competência evidenciada no âmbito internacional. No ano de 1975 foi convidado pela *Food and Agriculture Organization* (FAO) para ser o coordenador do projeto de implantação da Biblioteca Nacional da Agricultura (Binagri) no Brasil, hoje Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (Senagri/Binagri). Já o seu trabalho durante muitos anos como presidente da Comissão Brasileira da CDU, chamada IBBD/CDU, rendeu-lhes um convite para participar do Comitê Central de Classificação da Federação Internacional da Documentação (FID/CCC) que na esfera mundial, decidia sobre o crescimento e atualização da CDU. E também o ajudou a integrar o Conselho da Federação Internacional de Documentação (FID), que era formado por nove pessoas, sendo ele o único brasileiro.

Já as bibliotecárias Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, representantes do IBBD neste evento, serão apresentadas na sessão dos resultados pela relevância de ambas (em sentido acadêmico, institucional, profissional, científico, teórico e metodológico), que ficou

evidenciada pela presença em todos os eventos e também por terem sido as principais responsáveis pela inserção do termo Ciência da Informação no Brasil.

Na próxima sessão, apresentamos o quarto e último evento que fez parte do corpus desta pesquisa. Trata-se da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação, evento promovido pelo IBBD no ano de 1975.

4.3.4 Reunião Brasileira de Ciência da Informação (1975)

O quarto e último evento selecionado para esta investigação epistemológica é a 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação. O evento foi realizado no Rio de Janeiro no período de 15 a 20 de junho de 1975, sendo organizado e promovido pelo IBBD e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou o evento. Nas palavras do seu então vice-presidente, Dr. José Pelúcio Ferreira, o apoio daquela instituição à realização do referido evento dava-se pela importância que o CNPq conferia à informação científico-tecnológica.

Em sua fala de abertura do evento, Hagar Espanha Gomes, então diretora do IBBD, afirma que, apesar do evento apresentar em sua denominação de que se trataria de uma “primeira reunião”, na verdade outros encontros o teriam antecedido com o mesmo objetivo, mostrar a importância de novos métodos, ferramentas e máquinas para o tratamento da informação científica, especialmente sob o termo “documentação”. Gomes rememora, e sugere que o primeiro evento teria sido o “I Seminário de Informática”, realizado em 1969⁸. Este referido evento, vale ressaltar, repercutiu no “Seminário da Documentação à Informática”, no qual teve a participação do Benedicto Silva, que organizou esse segundo evento, e também do Antônio Garcia de Miranda Netto, que repetiu sua fala sobre cibernética. Além desses dois, repetiu-se também a participação da Professora Célia Zaher, que fez duas exposições nesse evento em coautoria com outros profissionais.

Ainda sobre a fala de Hagar a respeito da “1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação”, afirma ter esse título em razão da preocupação de “distinguir bem as disciplinas,

⁸ Na verdade, de acordo com os anais, esse evento foi realizado em novembro de 1968 e seu registro publicado em 1969 pelo Ibict. Esse documento encontra-se na biblioteca do Ibict em Brasília, Distrito Federal, Brasil, e tivemos acesso por meio de digitalização e envio por *e-mail*, realizada por uma bibliotecária do instituto a quem agradecemos enormemente. Porém, não houve tempo hábil para inseri-lo neste trabalho. Digno de nota que, apesar de a Profa. Hagar Espanha Gomes mencionar que este teria sido o primeiro evento de Ciência da Informação, para a professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro o primeiro teria sido o Seminário de documentação à Informática, promovido pela FGV.

de evitar que se confundam o grupo da informática e Ciência da Informação”. (Gomes, p.22, 1975).

Apesar da dominação de “reunião”, o evento apresentou dimensões de um “congresso”. Nos cinco dias de programação foram apresentadas 61 (sessenta e uma) reflexões na forma de painéis e trabalhos os quais foram categorizados em quatro temas, a saber:

Tema 1 - Infra-estrutura;

Tema 2 – Estrutura;

Tema 3 - Organização, administração, disseminação e utilização;

Tema 4 – Tecnologia.

Os registros desse evento foram publicados em dois volumes e reuniu pesquisadores de diferentes áreas e diferentes perspectivas com o campo informacional. Esta organização e sistematização das temáticas se deu, segundo as palavras de Gomes, pois o IBBD (e também o CNPq)

[...] sentiu a necessidade de identificar ‘quem é quem e quem está fazendo o quê e em que campo’. Procuramos agrupar neste encontro pelo menos três grupos bastante significativos: os produtores-usuários, no caso os pesquisadores e os estudiosos; aqueles que manipulam a informação, a documentação, e, por último, o grupo da tecnologia da informação.” (Gomes, p.22, 1975)

Essa é uma constatação que pode ser observada a partir dos anais desse evento. Ele se distingue dos anteriores porque não era um encontro profissional. Tratava-se de um evento acadêmico que, mesmo sob a denominação de Ciência da Informação, não congregou integrantes de uma comunidade que se reconhecia como “da” Ciência da Informação, mas, sim, teve como centro de convergência a questão da informação científica: seus usuários produtores, os bibliotecários especializados preocupados em atender as necessidades informacionais dos primeiros e os informáticos que poderiam conferir o aparato tecnológico que catapultaria os serviços dos segundos a um alto grau de eficiência.

No quadro a seguir representamos as comunicações e painéis apresentados nesse evento:

QUADRO 8 - Comunicações apresentadas e publicadas nos anais da 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação (Rio de Janeiro, 1975) sistematizados pelas variáveis “tema”, “título”, “autoria”, “localização geográfica”, “vinculação institucional”

Tema		Título	Autoria	Localização	Instituição
		Discurso 1 - Abertura	José Peliúcio Ferreira	Brasília	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
		Dscurso 2 - Abertura	Hagar Espanha Gomes	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Tema 1 – Infra-estrutura	Painel	Ciência da Informação	Mário Viana Dias	Rio de Janeiro	Universidade Federal Fluminense
		Política científica	Paulo Dacorso Filho	Brasília	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
		Problemas de recursos humanos	Hagar Espanha Gomes	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Criatividade científica e pós-graduação	Mário Rigato	Brasília	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
		Treinamento em serviço	Berenice Fersiva	Minas Gerais	USIMINAS
	Trabalhos	Diretrizes gerais para um programa de treinamento em serviços de informações empresariais	Cléa Dubeux Pinto Pimentel	Pernambuco	Dep.de Biblioteconomia - Universidade Federal de Pernambuco
		Enfoques de um modelo sistêmico de avaliação das atividades locais do CRUTAC	Eduardo Perceverano Peres Nogueira	Rio Grande do Sul	Curso de Administração - Universidade Federal de Santa Maria
		A Pós-graduação em Biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional	Anna da Soledade Vieira	Minas Gerais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
			Etelvina Lima	Minas Gerais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
		Centro de Ciências da Informação	Antônio Caetano Dias ⁹	Rio de Janeiro	Escola de Biblioteconomia e Documentação - Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara
		Problemas atuais da documentação científica (Ciência da Informação)	Mário Vianna Dias	Rio de Janeiro	Departamento de Fisiologia - Universidade Federal Fluminense
		Tecnologia instrucional: retrospecto e perspectivas	John Franklin Arce	São Paulo	CONSIST - Consultoria, Sistemas e Representações
		Ciência e Informação: considerações gerais sobre o problema brasileiro	Paulo Dacorso Filho	Brasília	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
		Infra-estrutura de informação:	Tânia Maria Botelho	Brasília	SERPRO

⁹ O nome de Antônio Caetano Dias não consta nos anais da I Reunião Brasileira de Ciência da Informação, mas foi possível recuperar essa informação na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v.6, n.1/3, 1975.

		considerações sobre o problema	Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo	Brasília	INT
Tema 2 - Estrutura	Painel	Produção da informação formal/apresentação da informação: problemas gráficos	Alexis Stepanenko	Não identificado	Editora Latino-América
		Distribuição da informação	Gilda Maria Braga	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		A informação-arquivo	José Pedro Pinto Esposel	Rio de Janeiro	Associação dos Arquivistas Brasileiros
		Problemas dos periódicos científicos brasileiros	Mário da Cunha	Rio de Janeiro	Associação Brasileira de Imprensa
		A comunicação científica informal	Alfredo Marques	Rio de Janeiro	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
	Trabalhos	Aspectos e comportamento da produção científica do CBPF	Alfredo Marques	Rio de Janeiro	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
		Experiência em indexação do Centro de Informações Nucleares	Selma Chi Barreiro	Rio de Janeiro	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
		Produtividade de autores, periódicos e termos da Bibliografia Brasileira de Direito	Gilda Maria Braga	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
			Laura Maia de Figueiredo	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
			Helena Medeiros Braga	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Estudo da produtividade e dispersão da literatura química brasileira	Ida Maria Cardoso Lima	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
			Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
			Isaura de Souza	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Construção de um núcleo de thesaurus em agricultura no uso real dos descritores	Jaime Robredo	Não identificado	Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 - Ministério da Agricultura
			Yone Sepúlveda. Chastinet	Não identificado	Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 - Ministério da Agricultura
			Paulo A Lobo	Não identificado	Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 - Ministério da Agricultura
		Revistas técnico-científicas de medicina veterinária no Brasil	Jurgen Dobereiner	Brasília	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
			Jerome Langenegger	Brasília	
		A linguística como instrumento da documentação	Lais Ribeiro	Rio de Janeiro	Curso de Mestrado em Ciência da Informação - IBBD/UFRJ
		Produção de literatura periódica numa instituição de ensino e pesquisa em Biologia	Maria Lúcia Andrade Garcia	Minas Gerais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
			Maria Martha de Carvalho	Minas Gerais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais

			Maria de Lourdes Borges de Carvalho	Minas Gerais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Tema 3 – Organização, administração, disseminação e utilização	Painel	Organização e administração	Lydia de Queiroz Sambaquy	Rio de Janeiro	Escola de Biblioteconomia e Documentação - Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara
		Disseminação	Carlos A Gamboa	São Paulo	Biblioteca Regional de Medicina
			Luiza Maria C. Cepeda	São Paulo	Biblioteca Regional de Medicina
		Utilização	Márcio Gastão de Magalhães	Minas Gerais	Coordenação de Informações Industriais - Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais
		Avaliação	Terezine Arantes Ferraz	São Paulo	Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
		Bancos de dados	Cíbar Cáceres Aguillera	São Paulo	Centro de Processamento de dados - Instituto de Energia Atômica
	Trabalhos	Manuais: organização e tratamento em bibliotecas de centro de processamento de dados	Aline de Rin Paranhos de Azevedo	Belém	Centro de Processamento de Dados - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Léa Maria Monteiro Diniz	Belém	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
		Representação sistêmica de um serviço de informações técnico-científicas	Altair Carvalho de Souza	Rio de Janeiro	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
		Informação e documentação científica e usuário no Brasil	Dinah Aguiar Población	São Paulo	Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo
		Programa da informação tecnológica do IPT	Fernando Roberto de A. Rocha	São Paulo	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
		Sistema de Informações para Amazônia	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Carmem Silvia Guedes Aragão	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Reni Tereza da Fonseca Santos	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Rosa Maria de Paiva Melo	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
			Selma Lúcia Ataíde de Campos	Pará	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência

				do Desenvolvimento da Amazônia
	Informação através de publicações do senado federal	Leyla Castello Branco Rangel	Brasília	Diretoria de Edições Técnicas - Senado Federal
	Informação biomédica	Lylian G. de Vasconcellos	São Paulo	Seção de Biblioteca, Documentação e Divulgação Científica - Instituto de Cardiologia - Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo
	Organização de uma biblioteca de manuais IBM	Maria Helena Nicoletti Gumieiro	São Paulo	Biblioteca Central - Universidade Estadual de Campinas
	Estudos de probabilidades de intercomunicação aplicados aos usuários	Maria Lectícia de Andrade Lima	Pernambuco	Departamento de Biblioteconomia - Universidade Federal de Pernambuco
	Divulgação da documentação geológica	Mariza da Silva Santos	São Paulo	Divisão de Minas e Geologia Aplicada - Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
		Nilza Silva Jardim	São Paulo	Divisão de Minas e Geologia Aplicada - Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
	Pesquisa de usuário no SEICT	Mitiko Horigoski	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
	O sistema estadual de informação científica e tecnológica - SEICT	João Salvador Furtado	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
		Cecília Durão Coelho	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
		Maria Regina Pontes Agune	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia a Planejamento de São Paulo
		Celina Ippolito	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
		Maria Helena Antoniassi	São Paulo	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia a Planejamento de São Paulo
	Filosofia do sistema de informações do CIT da USIMINAS	Berenice Fersiva	Minas Gerais	Centro de Informações Técnicas - USIMINAS
		Luiz Carlos de Oliveira	Minas Gerais	Centro de Informações Técnicas - USIMINAS
	A divisão de documentação do Ministério da Fazenda face à estrutura informática	Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante	Brasília	Serviço de Estudos, Projetos e Normas - Divisão de Documentação - Ministério da Fazenda

Tema 4 - Tecnologia		O instituto florestal como terminal do SEICT, sua reformulação na informação e o papel da biblioteca	Rosalvi Maria Teófilo Monteagudo	São Paulo	Instituto Florestal de São Paulo
		O método científico no perfil da necessidade para aplicar o SDI	Rosalvi Maria Teófilo Monteagudo	São Paulo	Instituto Florestal de São Paulo
		O centro de informações nucleares	Selma Chi Barreiro	Rio de Janeiro	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
			Ana Cristina E Miranda	Rio de Janeiro	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
		O serviço de disseminação seletiva de informação executado na divisão de informação do departamento de informação e documentação científica do Instituto de Energia Atômica de São Paulo	Terezine Arantes Ferraz	São Paulo	Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
			Regina Célia Figueiredo	São Paulo	Divisão de Informação - Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
		Planejamento do serviço de informações especializadas em formação profissional (SIEFOR) do CENAFOR	Carmina Nogueira de Castro Ferreira	São Paulo	Serviço de Informações Especializadas em Formação Profissional - Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Formação Profissional
	Painel	Tecnologia do Hardware no Brasil	Mikail Lermontov	Rio de Janeiro	Computadores e Sistemas Brasileiros - Cobra
		Tecnologia do Software em Ciência da Informação	Altair Carvalho de Souza, major	Rio de Janeiro	Seção de Informática - Instituto Militar de Engenharia
		Teleprocessamento a serviço de sistemas de informação PUC/RDC	Flávio Pereira de Souza	Rio de Janeiro	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
		Participação da universidade no desenvolvimento tecnológico	Guilherme Chagas Rodrigues	Rio de Janeiro	Núcleo de Computação Eletrônica - Universidade Federal do Rio de Janeiro
		Coordenação em informática	Ricardo Adolfo de Campos Saur	Brasília	Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico - CAPRE
		Usuário ante a evolução da tecnologia	Raulino Carvalho de Oliveira	Brasília	Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários (SUCESU)
	Trabalhos	Um sistema para controle de imagens terrestres	Arry Carlos Buss Filho	São Paulo	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
			Márcio Nogueira Barbosa	São Paulo	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
			Mauro Moraes Queiroz	São Paulo	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
		Processamento e recuperações da	Bento Afonso dos Santos	Brasília	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

	literatura brasileira de química	Luiz Eduardo Gutter	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Luiz Eduardo Nóbrega Loureiro	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		José Alberto dos Reis Parise	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Ida Maria Cardoso Lima	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Cadastro de pesquisas; recuperação automática	Elvia de Andrade Oliveira	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Maria Ignez Azambuja de Lemos	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Ilse Dumpel Cesar	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
		Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
	Ferramentas para implantação e utilização de bancos de dados	Flávio Pereira de Souza	Rio de Janeiro	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
		Alfredo Veiga de Carvalho	Rio de Janeiro	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
		William Carlyle Koelsch	Rio de Janeiro	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
	O projeto de tecnologia da informação do IPT	George E. Freund	São Paulo	Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
	O sistema de informação do instituto de pesquisas tecnológicas: programa de emergência	Jerusa Gonçalves de Araújo	São Paulo	Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
	Desenvolvimento de software para SDI	José Augusto Alves Bernacchi	Rio de Janeiro	Centro de Informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

5 RESULTADOS: ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados a partir das publicações das comunicações apresentadas nos eventos, dados estes analisados de forma a elucidar as ações estabelecidas nos objetivos desta pesquisa, ou seja, a evidência de elementos filosóficos, epistemológicos, teóricos, metodológicos, técnicos procedimentais e/ou produtos presentes nas comunicações científicas de Ciência da Informação no Brasil, utilizando como recorte temporal a década de 1970. Tendo em vista o grande volume dos documentos analisados, não foi possível aglutinar todos os eventos em quadros analíticos integrais e, portanto, faremos essa apresentação dos *corpora*, separadamente, tomando como guia os objetivos estabelecidos na Introdução da pesquisa.

Diferentemente da seção primária anterior, organizamos a apresentação dos dados a partir das categorias analíticas estabelecidas na coleta, a saber, por inferência (e não por extração, como dantes, quando os quadros se basearam nos dados sistematizados pela própria forma de publicação, edição e apresentação da organização administrativa e científica do evento). Para cada um dos aspectos será criada uma sessão secundária para apresentação referente às publicações dos eventos a fim de termos uma visão ampliada dos documentos analisados. O primeiro escolhido foi referente a caracterização dos participantes, cujos dados são apresentados a seguir.

5.1 Caracterização dos participantes dos eventos em Ciência da Informação dos anos 1970

Caracterizar os participantes quanto ao gênero, formação acadêmica e vínculo institucional foi uma necessidade sentida já na fase de leitura e coleta de dados dos anais. A polissemia conceitual dos termos identificada no primeiro evento analisado levou a curiosidade de conhecer os “lugares de fala” dos participantes. Que discursos são esses, que áreas do conhecimento estão envolvidas nessa discussão? Quais instituições? Existe predominância de algum gênero nesses fóruns?

Na tentativa de responder essas questões, foram coletados dados relativos à formação acadêmica, ao gênero e às instituições aos quais vinculavam-se os participantes. A seguir, serão apresentados os quadros elaborados a partir desses dados com cada um dos anais, os quais apresenta-se a seguir.

QUADRO 9 - Caracterização dos participantes brasileiros do “Seminário da documentação à informática” de 1971 sistematizados a partir das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação”, “vinculação institucional”.

Nome	Gênero	Formação	Instituição
Antônio Garcia de Miranda Netto	M	Engenharia Civil Engenharia Geográfica Direito Música	Fundação Getúlio Vargas
Antônio Mariano de Almeida	M	Não identificado	Artes Gráficas Gomes de Souza
Benedicto Silva	M	Ciências Sociais	Fundação Getúlio Vargas
Célia Ribeiro Zaher	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Élvia de Andrade Oliveira	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Fernando Cândido da Silva Pereira	M	Não identificado	Universidade Federal do Rio de Janeiro
George Hall	M	Não identificado	Companhia Compugraphic
Graciano Sá	M	Engenharia Civil Engenharia mecânica Management (MIT)	Companhia Vale do Rio Doce
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Hélio da Fonseca Gáudio	M	Não identificado	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Iberê R. Teixeira	M	Processamento de dados	Comissão Nacional de Atividades Espaciais
Isaac Kerstenetzky	M	Economia	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Jannice Monte-Mor	F	Biblioteconomia	Biblioteca Nacional
Jayme de la Quintana	M	Não identificada	IBM Brasil
Jerusa Borges Gonçalves	F	Biblioteconomia	Fundação Getúlio Vargas
Moacyr Fioravante	M	Processamento de dados	Fundação Getúlio Vargas
Moysés Lilenbaum	M	Não identificado	Fundação Getúlio Vargas
Pergi Cafiero	M	Estatística	Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
Rodolfo Silva Penteadó	M	Não identificado	Artes Gráficas Gomes de Souza
Rubens Furtado	M	Jornalista	O Cruzeiro

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

No quadro acima foram arrolados apenas os participantes convidados na condição de palestrantes e debatedores. O quadro foi organizado em ordem alfabética onde é possível verificar gênero, formação acadêmica em nível de graduação e o vínculo institucional.

Caracterizar os participantes a partir dessas variáveis foi uma necessidade sentida durante a pesquisa para melhor compreensão do que estava sendo discutido e a partir de qual perspectiva.

Identificamos que a participação masculina é majoritária. As formações também são bastante plurais já que havia representantes de múltiplas áreas do conhecimento tais como: Engenharia, Ciências Sociais, Economia, Biblioteconomia, Jornalismo, Estatística, dentre outras que não foram possíveis identificar. Essa pluralidade pode explicar a polissemia com que os termos “informática” e “documentação” são utilizados no discurso no contexto pontual, o evento, e no próprio período, ou seja, o contexto dos anos 1970. As falas dos palestrantes não tinham caráter acadêmico, com exceção do Antônio Garcia de Miranda Neto e da Célia Ribeiro Zaher. A eles parecia ter sido dada a missão de trazer elucidações acerca dos termos ali discutidos, porém as falas dos demais ocupam-se em refletir sobre como o computador e a informática impactava nas diferentes instituições, especialmente as públicas, e também no mercado produtor de informação, a saber o mercado editorial.

Este “Seminário” revelou alguns embates de ideias entre os participantes e deixou claro que o discurso da Ciência da Informação, aparente na fala das bibliotecárias presentes era bastante distinto dos demais participantes.

Vale salientar que muitos dos palestrantes eram indivíduos que haviam ocupado importantes cargos públicos em instituições como do IBGE, Vale do Rio Doce, a época ainda estatal, Biblioteca Nacional, IBBD, Serviço Federal de Habitação e Urbanismo. Os participantes eram em sua maioria considerado grandes intelectuais ou indivíduos com experiência no processo de automação, como o caso do representante da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Representante da Compugraphic, uma companhia especializada em equipamentos de editoração e impressão.

Os participantes que apresentamos a seguir são do “Congresso Regional de Documentação”. Diferente do anterior, como era de se esperar, temos um grupo mais “homogêneo”, no que diz respeito a formação, já que se tratou de um evento profissional.

QUADRO 10 - Caracterização dos participantes brasileiros do “Congresso Regional de Documentação” de 1971 a partir das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação de graduação” e “vinculação institucional”

Nome	Gênero	Formação	Instituição
Celia Ribeiro Zaher	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Thaís Caldeira Henriques	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Regina Maria Soares de Oliveira	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Elvia de Andrade Oliveira	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Lourdes Mesquita Siqueira	F	Biblioteconomia	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Geraldo da Silva Paranhos	M	Engenharia Eletrônica	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Roberto Moreira Nunes, aluno	M	Engenharia Eletrônica	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Cora Cordeiro Garcia	F	Biblioteconomia	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Heloisa Ferro A. de Siqueira	F	Biblioteconomia	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Maria da Gloria Paiva Quast	F	Biblioteconomia	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
Walquiria Regina Godoi, aluna	F	Biblioteconomia	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
Celia Ribeiro Zaher	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Yone Chastinet Duarte Guimarães	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Iberê Lucio Rochetti Teixeira	M	Analista de sistemas	Instituto de Pesquisas Espaciais
Zulma Pucurull de Valenzuela Courrege	F	Biblioteconomia	Centro de Pesquisas e Aperfeiçoamento do Petróleo
Abner L. C. Vicentini	M	Biblioteconomia	Ministério das Minas e Energia
Angela Pompeu	F	Não identificado	Centro de Informações Tecnológicas - Instituto Nacional de Tecnologia
Fernanda Machado Pinto	F	Biblioteconomia	Centro Nacional de Recursos Humanos
Washington Moura	M	Biblioteconomia	Biblioteca Regional de Medicina
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Celia Ribeiro Zaher	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Zulma Pucurull de Valenzuela Courrege	F	Biblioteconomia	Centro de Pesquisas e Aperfeiçoamento do Petróleo

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O quadro apresentado acima refere-se ao recorte dos trabalhos apresentados por representantes de instituições brasileiras. Trata-se de um grupo majoritariamente feminino e com formação em Biblioteconomia. A repetição de algumas instituições refere-se às vezes a participação de elaboração de um trabalho em equipe, como é o caso do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Verificou-se que o grupo foi na verdade uma equipe coordenada por um

professor do instituto, que também envolveu dois alunos de Engenharia e uma de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, que apareceu nas instituições, mas na verdade foi a partir de um vínculo discente. O grupo contava também com a participação de bibliotecárias da instituição, as quais foram responsáveis pela execução do projeto que objetivava a “Automação do catálogo de livros e folhetos do Centro Técnico Aeroespacial”. Esse projeto foi desenvolvido em fases e socializado em outros eventos bibliotecários.

Outra interação observada é do Iberê Teixeira que foi identificado como analista de sistemas e participou do projeto de criação do “Sistema Integrado de Automação dos Bibliografias Especializadas brasileiras” (Projeto Siabe), juntamente com as bibliotecárias do IBBD, Célia Zaher e Yone Chastinet.

Sobre as instituições que aparecem nesse recorte, podemos destacar o IBBD com 5 comunicações, na sequência o Centro de Pesquisas e Aperfeiçoamento do Petróleo que teve dois trabalhos apresentados pela mesma pessoa. Essa é uma situação em chama atenção pois a Zulma Pucurull era natural do Uruguai onde formou-se em Biblioteconomia. Também consta em seu currículo o Curso de Documentação Científica do IBBD e Administração e Organização da Fundação Getúlio Vargas. No livro quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil é possível verificar que até década de 1960 atuou em importantes bibliotecas uruguaias. Em 1970, ano da publicação, seu endereço profissional já era no Brasil. Já em 1980 seu nome aparece como bibliotecária atuando no Conselho Nacional de Investigações Científicas e Tecnológicas (Conicit) da Costa Rica como chefe do Departamento de informação e documentação. Ela inclusive assina um relatório do Conicit da Costa Rica durante a “IV Reunião da conferência permanente de dirigentes do Conselhos Nacionais de Política Científica e de Pesquisa dos estados membros da América Latina”, realizado em 1974, no México.

As demais instituições apresentaram apenas uma participação tais como: Ministério das Minas e Energia, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, Centro Nacional de Recursos Humanos, Biblioteca Regional de Medicina e o Instituto Nacional de Tecnologia. Essa configuração sugere uma participação massiva de bibliotecas especializadas e o que chama atenção é que são instituições públicas relacionadas a tecnologia e ciência.

QUADRO 11. Caracterização dos participantes brasileiros do “Seminário Latino-americano sobre preparação de Cientistas da Informação” de 1972 através das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação” e “vinculação institucional”

Autoria	Gênero	Formação	Instituição
Antônio Agenor Briquet de Lemos	M	Biblioteconomia	Departamento de Biblioteconomia - Universidade de Brasília
Abner Lellis Corrêa Vicentini	M	Biblioteconomia	Setor de Documentação e Informação - Ministério das Minas e Energia
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Célia Ribeiro Zaher	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Como já mencionado anteriormente, esse evento se propôs a discutir a preparação de Cientistas da Informação no contexto da América Latina. Dos brasileiros participantes temos condições de igualdade em relação ao gênero, e a formação em nível de graduação a mesma, Biblioteconomia. Todos quatro participantes atuavam como docentes no Brasil, sendo dois de Brasília: Briquet de Lemos e Abner Vicentini; e dois do Rio de Janeiro, Hagar Espanha e Célia Zaher. Todos são nomes proeminentes do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação e deram grandes contribuições para a formação profissional no Brasil.

O quarto e último grupo de autores a ser apresentado é da “1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação”, os quais apresentamos no quadro a seguir.

QUADRO 12. Caracterização dos participantes brasileiros da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 através das variáveis “nome próprio”, “gênero”, “formação acadêmica em graduação” e “vinculação institucional”

Autoria	Gênero	Formação	Instituição
José Pelúcio Ferreira	M	Economia/CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Mário Vianna Dias	M	Medicina/CNPQ	Chefe do Departamento de Fisiologia - Universidade Federal Fluminense
Hagar Espanha Gomes	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

Mário Rigato	M	Medicina/CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Berenice Fersiva	M	Engenharia Mecânica	Centro de Informações Técnicas das Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais — USIMINAS (Belo Horizonte)
Cléa Dubeux Pinto Pimentel	F	Biblioteconomia	Dep.de Biblioteconomia - Universidade Federal de Pernambuco
Eduardo Perceverano Peres Nogueira	M	Administração	Curso de Administração - Universidade Federal de Santa Maria
Anna da Soledade Vieira	F	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Etelvina Lima	F	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Antônio Caetano Dias	M	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia e Documentação - Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara
John Franklin Arce	M	Não identificado	CONSIST - Consultoria, Sistemas e Representações
Paulo Dacorso Filho	M	Medicina Veterinária/CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Tânia Mara Botelho	F	Biblioteconomia	Sistemas do Serviço Federal de Processamento de Dados
Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo	F	Química - Ciência da Informação	Instituto Nacional de Tecnologia
Alexis Stepanenko	M	Sociologia	Editora Latino-América
Gilda Maria Braga	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
José Pedro Pinto Esposel	M	Arquivologia	Associação dos Arquivistas Brasileiros
Mário da Cunha	M	Jornalismo	Associação Brasileira de Imprensa
Alfredo Marques de Oliveira	M	Física	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Selma Chi Barreiro	F	Biblioteconomia	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
Gilda Maria Braga	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Laura Maia de Figueiredo	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Helena Medeiros Braga	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ida Maria Cardoso Lima	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

Isaura de Souza	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Jaime Robredo	M	Química	Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 - Ministério da Agricultura
Yone Sepúlveda Chastinet	F	Biblioteconomia	
Paulo A Lobo	M	Não identificado	
Jurgen Dobereiner	M	Medicina Veterinária	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Jerome Langenegger	M	Medicina Veterinária	
Lais Ribeiro	F	Letras Linguística	Curso de Mestrado em Ciência da Informação - IBBD/UFRJ
Maria Lúcia Andrade Garcia	F	Ciências Sociais	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Maria Martha de Carvalho	F	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Maria de Lourdes Borges de Carvalho	F	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais
Lydia de Queiroz Sambaquy	F	Biblioteconomia	Escola de Biblioteconomia e Documentação - Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara
Carlos A Gamboa	M	Não identificado	Biblioteca Regional de Medicina
Luiza Maria C. Cepeda	F	Não identificado	Biblioteca Regional de Medicina
Márcio Gastão de Magalhães	M	Não identificado	Coordenação de Informações Industriais - Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais
Terezine Arantes Ferraz	F	Biblioteconomia	Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
Cíbar Cáceres Aguillera	M	Não identificado	Centro de Processamento de dados - Instituto de Energia Atômica
Aline de Rin Paranhos de Azevedo	F	Biblioteconomia	Centro de Processamento de Dados - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Léa Maria Monteiro Diniz	F	Biblioteconomia	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Altair Carvalho de Souza	M	Engenharia	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
Dinah Aguiar Población	F	Biblioteconomia	Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo
Fernando Roberto de A. Rocha	M	Não identificado	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	F	Biblioteconomia	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Carmem Silvia Guedes Aragão	F	Não identificado	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira	F	Biblioteconomia	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Reni Tereza da Fonseca Santos	F	Não identificado	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Rosa Maria de Paiva Melo	F	Biblioteconomia	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Selma Lúcia Ataíde de Campos	F	Biblioteconomia	Rede de Bibliotecas da Amazônia - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
Leyla Castello Branco Rangel	F	Não identificado	Diretoria de Edições Técnicas - Senado Federal
Lylian G. de Vasconcellos	F	Biblioteconomia	Seção de Biblioteca, Documentação e Divulgação Científica - Instituto de Cardiologia - Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo
Maria Helena Nicoletti Gumieiro	F	Não identificado	Biblioteca Central - Universidade Estadual de Campinas
Maria Lectícia de Andrade Lima	F	Biblioteconomia	Departamento de Biblioteconomia - Universidade Federal de Pernambuco
Mariza da Silva Santos	F	Biblioteconomia	Divisão de Minas e Geologia Aplicada - Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
Nilza Silva Jardim	F	Geologia	Divisão de Minas e Geologia Aplicada - Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
Mitiko Horigoski	M	Não identificado	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
João Salvador Furtado	M	História Natural	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
Cecília Durão Coelho	F	Não identificado	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
Maria Regina Pontes Agune	F	Não identificado	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
Celina Ippolito	F	Não identificado	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
Maria Helena Antoniassi	F	Não identificado	Conselho Estadual de Tecnologia - Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo
Berenice Fersiva	F	Engenharia mecânica	Centro de Informações Técnicas - USIMINAS
Luiz Carlos de Oliveira	M	Não identificado	Centro de Informações Técnicas - USIMINAS
Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante	F	Biblioteconomia	Serviço de Estudos, Projetos e Normas - Divisão de Documentação - Ministério da Fazenda

Rosalvi Maria Teofilo Monteagudo	F	Biblioteconomia	Instituto Florestal de São Paulo
Selma Chi Barreiro	F	Biblioteconomia	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
Ana Cristina E Miranda	F	Não identificado	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear
Terezine Arantes Ferraz	F	Biblioteconomia	Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
Regina Célia Figueiredo	F	Biblioteconomia	Divisão de Informação - Departamento de Informação e Documentação Científica - Instituto de Energia Atômica
Carmina Nogueira de Castro Ferreira	F	Biblioteconomia	Serviço de Informações Especializadas em Formação Profissional - Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Formação Profissional
Mikail Lermontov	M	Não identificado	Computadores e Sistemas Brasileiros - Cobra
Altair Carvalho de Souza, major	M	Engenharia	Seção de Informática - Instituto Militar de Engenharia
Flávio Pereira de Souza	M	Não identificado	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Guilherme Chagas Rodrigues	M	Engenharia mecânica	Núcleo de Computação Eletrônica - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Ricardo Adolfo de Campos Saur	M	Não identificado	Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico - CAPRE
Raulino Carvalho de Oliviera	M	Não identificado	Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários (SUCEU)
Arry Carlos Buss Filho	M	Engenheiro de telecomunicações	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Márcio Nogueira Barbosa	M	Não identificado	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Mauro Moraes Queiroz	M	Não identificado	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Bento Afonso dos Santos	M	Não identificado	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Luiz Eduardo Gutter	M	Não identificado	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Luiz Eduardo Nóbrega Loureiro	M	Não identificado	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
José Alberto dos Reis Parise	M	Engenharia Mecânica	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ida Maria Cardoso Lima	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Elvia de Andrade Oliveira	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

Maria Ignez Azambuja de Lemos	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ilse Dumpel Cesar	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca	F	Biblioteconomia	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Flávio Pereira de Souza	M	Não identificado	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Alfredo Veiga de Carvalho	M	Engenharia Civil	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
William Carlyle Koelsch	M	Engenharia de Sistemas	Datacentro - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
George E. Freund	M	Não identificado	Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
Jerusa Gonçalves de Araújo	F	Não identificado	Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo
José Augusto Alves Bernacchi	M	Não identificado	Centro de informações Nucleares - Comissão Nacional de Energia Nuclear

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Dos 97 (noventa e sete) participantes registrados no quadro acima, a questão de gênero foi relativamente equilibrada: 56 (cinquenta e seis) eram do gênero feminino e 42 (quarenta e dois) do gênero masculino, sendo, portanto, a participação feminina um pouco maior. Sobre a formação acadêmica dos participantes, não foi possível a identificação de 29 (vinte e nove) participantes. Dos demais, consistiram fontes de consulta a publicação “Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil”, do IBBD (1970), “Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação” (anos diversos), a Plataforma Lattes, no campo do Currículo Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, e o professor Antônio Agenor Briquet de Lemos, que durante a pesquisa foi consultado e gentilmente atendeu as nossas solicitações.

No que diz respeito à formação, a participação de bibliotecários foi bastante expressiva dentre os participantes identificados, somando 41 (quarenta e um) profissionais. Seguiram-se em ordem decrescente de aparição engenharia com 8 (oito) profissionais, 5 (cinco) médicos, 2 (dois) químicos e com apenas 1 (uma) ocorrência no grupo dos identificados foram registradas as formações em Física, Ciências Sociais, Geologia, História Natural, Jornalismo e Sociologia.

Nos anais desse evento, é possível observar duas formas distintas de exposição oral: painel e trabalhos. De acordo com Ferreira (1975) para os painéis foram convidadas autoridades e personalidades de destaque. Quanto aos trabalhos, foram apresentados por especialistas

brasileiros e estrangeiros: bibliotecários, chefes de serviços de documentação, pesquisadores, engenheiros, professores e diretores de empresas.

Quanto as instituições, percebe-se a participação expressiva de instituições vinculadas a pesquisa e/ou serviços de informações de instituições públicas e privadas. Ficou bastante evidenciado que os bibliotecários participantes eram os especializados e também eram alunos do mestrado do IBBD.

Na próxima sessão serão apresentados, por evento, os temas abordados nas falas de forma a caracterizar os assuntos que foram discutidos nos corpora.

5.2 Caracterização dos assuntos abordados nas publicações dos eventos analisados

Os anais dos eventos que fizeram parte dessa pesquisa apresentaram estruturas de apresentação textual bastante diversa. As comunicações apresentaram em geral características ensaísticas, ou seja, os textos apresentavam opiniões de seus expositores ou relatos de experiência nem sempre acompanhados de referencial teórico.

Tanto o “Seminário da Documentação à Informática” quanto a “1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação (REBRACI)” apresentou estruturas textuais que sugerem terem sido transcritos de uma exposição oral, com exceção dos textos classificados como ‘trabalhos’ do REBRACI que em sua maioria apresentou a estrutura formal de artigo científico.

Essas características individuais dificultaram bastante o trabalho de classificação dos textos dos eventos. Nessa seção, serão apresentados os temas que foram extraídos dos anais de forma livre e transcrevendo tal qual aconteceram no texto. Além disso, para essa categorização foi utilizado o “Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação”, desenvolvido por Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Helena Dott Ferrez, de 2014, no contexto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência Tecnologia (Ibict) para fins de classificação dos assuntos abordados. Além disso, os quadros apresentam também sínteses dos textos que foram elaborados pela pesquisadora durante a pesquisa na forma de resumos indicativos. Atribuímos o nome de síntese para que não se confunda com os resumos elaborados pelos próprios autores.

5.2.1 “Seminário da Documentação à Informática” de 1971

Conforme mencionado, nesta subseção serão apresentados os dados referentes aos assuntos abordados nas falas dos palestrantes deste evento, conforme demonstra o quadro 13 a seguir.

QUADRO 13. Assuntos abordados no “Seminário da Documentação à Informática” de 1971 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação”, “assunto” e “síntese do texto”

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Síntese do texto
Discurso Introdução	Benedicto Silva	Tecnologias da Informação e Comunicação	Informática Documentação Informação	Discute a evolução dos termos: documentação, cibernética e informática. Destaca a confusão entre cibernética e informática. Explora o impacto da informática em vários setores.
Tema 1: Cibernética e informática	Antônio Garcia de Miranda Netto	Tecnologias da Informação e Comunicação	Cibernética Sistemas Informação Teoria Informática	Discute a relação entre a cibernética e a informática enquanto campo do conhecimento. Aborda a importância da informação e seu papel na ação. Enfatiza a necessidade de informações precisas, oportunas e relevantes para o planejamento. Entende a tecnologia da informação como crucial para ações estratégicas e táticas.
Tema 2: Da documentação à informática	Célia Ribeiro Zaher	História da Ciência da Informação Profissão e Mercado de Trabalho	Biblioteconomia Documentação Ciência da Informação Informática Informação científica Educação profissional	A palestra discutiu o conceito de ciência da informação e de como esta área se relaciona com a biblioteconomia e a documentação numa perspectiva de evolução. Relaciona a evolução das técnicas do trabalho com informações a partir dos impactos da tecnologia dos computadores nesse campo. Além disso, apresenta os computadores como ferramentas imprescindíveis nesse trabalho com a documentação científica.
Tema 3: O papel da informática no desenvolvimento	Isaac Kerstenetzky	Serviço de informação Usuários e uso da informação	Desenvolvimento Dados estatísticos Informática Pesquisa Processo de decisão	O texto discute como a informática pode repercutir no desenvolvimento dos países. O palestrante enfatiza que este pode dar-se a partir da construção de sistemas de informação sociais estatísticas que possa rapidamente embasar os processos de decisão governamental e a verificação da efetividade das políticas sociais implementadas. O IBGE aparece como principal produtor de informações a partir dos seus bancos de dados alimentados pelas diversas coletas de censo. A informática então aparece como uma ferramenta com potencial de tornar esses sistemas mais robustos e com maior celeridade de respostas.

Tema 4: O papel da informática na grande empresa	Graciano Sá	Equipamentos de Computador Aplicações de Computador Informação e Conhecimento Estratégicos nas Organizações	Sistema de informação Dados Empresa Computador Software	Discute o impacto da tecnologia da informação no controle organizacional. Analisa o desenvolvimento de sistemas de gerenciamento de dados e suas implicações. Destaca as tendências da tecnologia da computação e seus efeitos nos sistemas de informação.
Tema 5: O papel da informática na universidade	Fernando Cândido da Silva Pereira	Equipamentos de Computador Aplicações de Computador Gestão de documentos	Universidade Informática Documentação	Destaca a necessidade de processamento computacional em instituições acadêmicas como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) devido ao seu tamanho e complexidade, enfatizando o papel da tecnologia da informação em várias tarefas administrativas e acadêmicas. Menciona a evolução dos sistemas acadêmicos em direção à administração centralizada, com foco em áreas como registro de estudantes, controle acadêmico e a transição de sistemas de cursos seriados para sistemas baseados em crédito.
Tema 6: O papel da informática na indústria do livro	George Hall	Industria editorial	Indústria gráfica Fotocomposição Computador	Afirma que a indústria editorial passou por transformações significativas devido aos avanços tecnológicos, particularmente no campo da impressão e composição. Tecnologias como máquinas de linotipo, fotocompositores e minicomputadores revolucionaram a forma como os livros são produzidos e divulgados. Entende que a introdução de novas máquinas e sistemas, como aqueles que incorporam computadores, levou ao aumento da velocidade e eficiência nos processos de composição e impressão. Esses avanços mudaram a indústria de processos mecânicos para eletrônicos, impactando métodos tradicionais como tipografia e composição de chumbo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A leitura dos anais desse evento é bastante emblemática sobre as diferentes acepções do termo “informática”. O título sugere, ao menos a quem é do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que o evento irá discutir a Documentação na perspectiva otletiana e a “informática” na acepção russa do termo. Ao menos é nessa perspectiva que a fala da Célia Zaher encaminha e também a do Miranda Netto e do Benedicto Silva, que em seu pronunciamento de abertura faz a seguinte afirmação:

Ao longo dos seis primeiros decênios do século XX, a palavra documentação gozou de prestígio universal e crescente, a ponto de ser o signo dominante da sigla da Federação Internacional de Documentação — a FID. Mas, desde que surgiu — de repente, há cerca de cinco anos — a palavra informática, de cunhagem francesa, o prestígio da palavra documentação começou a periclitar. Nos Estados Unidos, o **American Documentation Institute passou a chamar-se American Society for Information Science**; na França, o Instituto Francês de Imprensa mudou sua designação para Instituto Francês de Ciência da Informação; no Brasil, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, cuja Presidente, Célia Zaher, faz parte do elenco dos expositores do presente Seminário, já pensou em chamar-se Instituto Brasileiro de Informação Científica; o Serviço de Documentação do DASP, por sua vez, passou a chamar-se Centro de Documentação e Informática. Verifica-se, pois, que os termos informação e informática se acham em escalada vigorosa, ao passo que o termo documentação tende a marchar para o ostracismo. (Silva, 1974, p. 4, grifo nosso)

Já na fala seguinte do Miranda Netto, o palestrante que se propôs a discutir a relação dos conceitos de “cibernética” e “informática”. Após a apresentação do conceito de “cibernética”, afirma que “No caso da informática, já na certidão de nascimento encontramos uma disputa. (Miranda Netto, 1974, p. 12). O autor referia-se a definição de Mikliailov, Karkevitch e Dorfman, que para ele curiosamente não fazia “a menor referência a computadores”, porém havia uma “obsessão do adjetivo ‘científico’” (Miranda Netto, 1974, p. 12). Ao passo que a outra definição teria sido proposta por Deyfrus que teria definido informática como “Ciência do tratamento automático e racional da informação considerada como suporte dos conhecimentos e das comunicações”. Depois de várias divagações, Miranda Netto dá-nos entender que o termo “informática” se referia à Ciência da Computação na acepção norte-americana e, portanto, relaciona-se com o uso dos computadores.

Na fala da Professora Célia Zaher, verificamos que seu discurso acolhe melhor a perspectiva russa de informática, que tem correspondência norte-americana na Ciência da Informação. Sua exposição não encontra nas demais falas dos participantes uma correspondência, pois todos vão ater-se a fazer uma reflexão sobre o uso do computador nas diferentes instituições.

Mesmo depois de a professora Célia Zaher ter esclarecido sobre o que ela estava nomeando como Documentação e Informática, os demais participantes reforçaram que documentação para eles era o mesmo que produção de documentos de arquivo e informática estava relacionada a utilização de computadores. O Professor Benedito vai, algumas vezes durante o evento, referir-se a Célia Zaher como “informaticista”.

As falas dos demais participantes que se propuseram a discutir sobre questões mais práticas, trataram de versar sobre como o uso do computador pode: melhorar os sistemas de dados estatísticos nacionais, dentro das organizações apresentavam o potencial de melhorar a gestão das organizações e o controle de informações, nas universidades se apresentavam como ferramentas para melhorar a gestão universitária e por fim, o computador estava já melhorando e acelerando os processos de edição e impressão de livros e revistas.

5.2.2 III Congresso Regional sobre Documentação, 1971

No Quadro 14 apresentado a seguir, foram arrolados os trabalhos apresentados pelos brasileiros no evento. Como dissemos anteriormente, tratou-se de uma edição de um evento profissional e, portanto, as comunicações davam conta, em sua maioria, de descrever projetos desenvolvidos no âmbito da atuação enquanto bibliotecário.

QUADRO 14 - Assuntos abordados no “Congresso Regional de Documentação de 1971 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Síntese do texto
Mecanismos de transferência de informação	Celia Ribeiro Zaher	Transferência e Acesso à Informação	Sistema de informação Transferência da informação Bibliotecário especializado Bibliotecário documentalista Desenvolvimento	O texto empreende uma discussão acerca de estratégias para utilização de informação e tecnologias para o desenvolvimento de países da América Latina em vias de desenvolvimento, em que pondera acerca das condições desses países de absorver tecnologias desenvolvidas em contextos diferenciados, tanto do ponto de vista da economia quanto da capacitação de pessoal.
	Hagar Espanha Gomes			
Bancos de dados: contingência do desenvolvimento	Thaís Caldeira Henriques	Bases de dados referências	Bancos de dados Bancos de informação Centros de informação Bancos de dados de inteligência Bancos de dados de informação estatística Registro Nacional da População	Fala sobre os tipos de bancos de dados. Evidencia problemas de privacidade relativa ao armazenamento de dados de cidadãos. Cita experiências nacionais de criação de bancos de dados estatísticos tais como: O INDICE (Instituto de Documentação, Informação, Consultas e Estudos Econômicos); IBDMEC (INDICE Banco de Dados de Mercado de Capitais); O CIDUL (Centro de Informações para o Desenvolvimento Urbano e Local) do SERFHAU (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo), do Ministério do Interior dentre outros. Sugere a criação do Registro Nacional da População (RNP). Como um “banco de dados” para reunir elementos sobre os recursos humanos do país.
	Regina Maria Soares de Oliveira			
Automação da Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais	Elvia de Andrade Oliveira	Bibliografia	Bibliografia Automação Sistema Computador	Apresenta a descrição do processo de automação da Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais no âmbito do IBBD. Descreve os procedimentos e também os equipamentos de computador e software utilizados. Enfatiza o caráter pioneiro deste trabalho no âmbito da América Latina.
Automação do catálogo de livros e folhetos do Centro Técnico Aeroespacial	Lourdes Mesquita Siqueira	Catálogo	Catálogo Tratamento técnico Classificação Decimal Universal Automação Programa de computador	O texto apresenta o processo de automação do catálogo de livros e folhetos da biblioteca do ITA, onde são descritos formas de arranjos do catálogo, a política de tratamento técnico para adequar as descrições aos programas de computador, configuração de computador, fluxogramas, listas de processamento de dados, etc.
	Geraldo da Silva Paranhos, Cap.Eng.			
	Roberto Moreira Nunes, aluno			
	Cora Cordeiro Garcia			
	Heloisa Ferro A. de Siqueira			
	Maria da Gloria Paiva Quast			

	Walquiria Regma Godoi, aluna			
O Sistema Integrado de Automação dos Bibliografias Especializadas brasileiras (Projeto SIABE)	Celia Ribeiro Zaher	Bibliografia	Vocabulário específico de palavras Bibliografia Vocabulário controlado Bibliografia especializada	O texto relata o trabalho desenvolvido no IBICT para utilização de computadores na automação da produção das bibliografias nacionais especializadas.
	Yone Chastinet			
	Duarte Guimarães			
SDI com apoio em serviços existentes	Iberê Lucio Rochetti Teixeira			
	Zulma Pucurull de Valenzuela Courregge	Disseminação seletiva da informação	Serviço de informação Disseminação seletiva da informação Informação técnica	O texto traz um relato sobre a prestação de serviços de informação no âmbito da Petrobrás. Apresenta informações sobre processo de decisão sobre mudanças na prestação dos serviços e escolha dos fornecedores de fontes de informações que estivessem de acordo com as demandas dos usuários e a filosofia da instituição.
Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na automação da legislação referente a minas e energia	Abner L. C. Vicentini	Recuperação da informação	Recuperação da Informação Sistema de informação Recuperação Mecanizada da Informação Sistema Mundial de Informação Científica - UNISIST	O texto descreve o processo de construção de um sistema automatizado de controle da legislação referente as Minas e Energias, instituindo-se o Projeto LEMME — Legislação do Ministério das Minas e Energia — que visava coletar, armazenar, processar e disseminar toda a legislação referente a minas, combustíveis e energia do Brasil. Apresenta os projetos internacionais que serviram de base para elaborar o sistema, com o uso da CDU e o computador. Assim como outros trabalhos descreve os softwares e os tipos de computadores que serão utilizados. Fluxograma de trabalhos e modelos de relatórios e entrada de dados são apresentadas.
Levantamento das necessidades de informação da indústria; um caso particular no Brasil	Angela Pompeu	Necessidades de informação	Necessidade informacional Brasil Indústria Serviço de informação para indústria Informação tecnológica Problemas de documentação e informação	O texto apresenta um estudo empírico sobre as necessidades de informação das indústrias brasileiras. Descreve os instrumentos de coleta utilizados e o software de análise.
Anteprojeto para a implantação de um sistema nacional integrado de informação em recursos humanos	Fernanda Machado Pinto	Sistemas de informação	Recursos humanos Fontes de Informação Informação científica Informação para pesquisa e planejamento	O texto apresenta uma proposta de criação de um sistema de informação nacional sobre recursos humanos que pudesse subsidiar pesquisas e planejamentos nessa área. Nessa proposição vislumbrou-se um funcionamento articulado com diversas instituições que pudessem alimentar o sistema com diferentes tipologias documentais de literatura publicada e não publicada de forma a constituir uma fonte de

				informação completa sobre recursos humanos capaz de subsidiar projetos e pesquisas sobre o assunto.
O trabalho da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan-americana da Saúde em prol do desenvolvimento da informação científica da América Latina	Washington Moura	Bibliotecas especializadas	Biblioteca Biblioteca médica Informação científica Biblioteca Regional de Medicina	O texto descreve o estabelecimento e o desenvolvimento da Biblioteca Regional de Medicina pela Organização Pan-Americana da Saúde para aprimorar a informação científica na América Latina. Afirma que a biblioteca teve como objetivo melhorar a educação, a pesquisa e a prática médica na região, fornecendo acesso a artigos e recursos científicos. Destaca a crescente demanda a época dos serviços da biblioteca que atendia a um grande número de solicitações de artigos científicos.
A Ciência da Informação e suas implicações na formação de recursos humanos	Hagar Espanha Gomes	Formação profissional	Ciência da informação Documentação Formação	O texto apresenta questões relacionadas ao surgimento da Ciência da Informação e como ela se relaciona com a biblioteconomia. Apresenta a formação profissional em Ciência da Informação ofertada no Brasil pelo IBBD em nível de mestrado e sua estrutura curricular.
	Celia Ribeiro Zaher			
Preâmbulo para el establecimiento de planes de información multinacionales en América Latina	Zulma Pucurull de Valenzuela Courrege	Política de informação	Êxodo intelectual Profissional da informação Informação econômico-científico-tecnológica documentos científico-tecnológicos documentos institucionais Integração de acervos documentais	Apresenta uma reflexão sobre os gargalos dos países subdesenvolvidos para promover seus avanços sociais e científicos a partir do usufruto das tecnologias e da informação disponíveis. Ou ainda de beneficiar-se da transferência de informação com os países mais desenvolvidos. Dentre esses problemas a autora menciona: o êxodo de pesquisadores e cientistas para outros países desenvolvidos, em que o país investe na formação em nível de graduação e pós mas não oferece condições para manutenção desses profissionais se estabelecerem no país no desenvolvimento de pesquisas, a inexistência de recursos financeiros para aquisição de fontes informacionais que possam servir de insumos para os estudos nesses países, despreparo de profissionais da informação para promoção de serviços de informação, dentre outros para os quais aponta possibilidades para os países em desenvolvimento superar as dificuldades.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Ao observar o recorte da participação do Brasil no “Congresso Regional de Documentação”, de 1971, percebe-se que há duas linhas de produções distintas: a primeira seria descrição de atividades de automação de bibliografias e uma segunda que apresenta reflexões sobre os

problemas vivenciados pelos países subdesenvolvidos nos quais a informação científica parece ser o insumo básico para o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, as unidades de informação especializadas são apresentadas como de fundamental importância nesse processo, criando a necessidade de capacitação profissional que a época recebeu a denominação de Ciência da Informação. Tal nomenclatura, nas palavras de Hagar Espanha e Célia Zaher, tratava-se da utilização de computadores na organização e difusão da documentação científica.

Digno de nota a observação das referidas autoras ao mencionar no seu texto que, em 1969, a FID/CLA incluiu durante a 9a. Reunião e 21º Congresso sobre Documentação, pela primeira vez, no temário de reuniões regionais, tópicos sobre o uso do computador na recuperação da informação científica e estudo de usuários.

Em linhas gerais, além da presença dos relatos sobre automação de bibliografias, isto é, sobre o uso do computador no processo de elaborar e disponibilizar catálogos especializados, percebe-se a preocupação com formação profissional, a informação tecnológica, os sistemas nacionais de informação e as políticas de informação científica.

Repete-se nas falas também encontradas no primeiro evento, a percepção de que os países subdesenvolvidos precisavam investir no acesso a informação científica, nos processos de transferência da informação como estratégia para o desenvolvimento social e econômico.

Ressalta-se também a inserção na programação da Ciência da Informação enquanto área de formação profissional, quando Célia Zaher e Hagar Espanha aparecem mais uma vez como promotoras do novo campo trazendo para a agenda de discussões a novidade da CI.

5.2.3 Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação, 1972

O temário desse Seminário voltou-se especialmente a apresentar discussões acerca do currículo de formação nos países da América latina, especialmente dos cursos de Biblioteconomia. Esse evento foi bastante emblemático para demonstrar a intrínseca relação existente entre Documentação e Ciência da Informação, uma vez que foi promovido pela maior instituição do campo da Documentação no mundo, e a mais antiga existente (1895).

O então presidente da FID, o engenheiro e condecorado oficial da força aérea canadense Ralph Edward. McBurney¹⁰, no seu discurso breve de abertura ele esclarece que foi convidado a falar sobre o que era a Federação Internacional de Documentação e o que ela fazia, ao que ele afirma o seguinte:

Seu objetivo é promover, por meio de cooperação internacional, a pesquisa e o desenvolvimento de documentação nas áreas de ciência, tecnologia, ciências sociais, artes e humanidades.

A transferência de informações entre pessoas pode ser feita verbalmente ou em alguma forma física, como cartas, relatórios, livros, filmes, fitas, microfilmes e assim por diante. As informações nessas formas físicas são documentação, não importa quão simples ou sofisticadas sejam essas formas: o arquivo de receitas de uma dona de casa, os arquivos e registros de um empresário, os livros e periódicos em uma biblioteca, os registros fonográficos, as fitas audiovisuais em um estúdio de televisão e assim por diante.

A cadeia de informações que começa com o pensamento e as ideias de uma pessoa, o registro delas em uma forma física, o armazenamento delas em sistemas de arquivos, bibliotecas etc., sua recuperação, sua disseminação para os usuários, sua avaliação e, finalmente, a aceitação das informações pela mente do usuário, tudo isso envolve procedimentos de Documentação e Documentalistas. Em algumas partes do mundo, o termo "Ciência da Informação" é usado para descrever essas atividades. (McBurney, 1972¹¹)

A fala de McBurney é explícita em afirmar que a Ciência da Informação era um novo “termo” para denominar as práticas que a FID descrevia como sendo da Documentação. Além disso, observa-se que ele coloca a Documentação como uma prática ainda mais abrangente que a da Ciência da Informação, que a época do seu surgimento focava de forma muito enfática a informação científica.

No quadro 15 a seguir, apresentaremos as comunicações dos participantes brasileiros no evento.

¹⁰ Dados biográficos de McBurney podem ser acessados a partir do endereço eletrônico <https://www.rcfaassociation.ca/heritage/search-awards/?search=c96&searchfield=servicenum&type=all>

¹¹ Traduzido pela ferramenta DeepL Translate

QUADRO 15. Assuntos abordados no “Seminário Latino-Americano de preparação de Cientistas da Informação” de 1972 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Síntese do texto
Estado atual do ensino da biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação	Antônio Agenor Briquet de Lemos	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Biblioteconomia Currículo Documentação	Apresenta um breve histórico da formação bibliotecária no Brasil tanto nos níveis de graduação quanto pós-graduação. Aborda os currículos estabelecidos no país e suas modificações até a década de 1970. Apresenta a inserção dos termos Documentação e Ciência da Informação na formação dos bibliotecários.
Aspectos Teóricos e Interdisciplinares na Comunicação da Informação	Abner Lellis Corrêa Vicentini	Epistemologia da Ciência da Informação	Informação científica comunicação da informação científica teoria da informação científica Transferência da informação	Apresenta uma reflexão teórica sobre a comunicação da informação e suas interfaces com outros conhecimentos. Aborda o que acredita ser a agenda de pesquisa na área de transferência da informação, interrelacionando as noções de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Afirma que a proposição conceitual da Ciência da Informação em nada difere do conceito de Documentação apresentado por Otlet no seu tratado de 1935.
A experiência do IBBD na preparação de Cientistas da Informação	Hagar Espanha Gomes	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Curso de bibliografia especializada Curso de documentação científica Mestrado em Ciência da Informação	Argumenta a ausência de mão de obra qualificada para as demandas por serviços bibliográficos em razão da pouca oferta de cursos na década de 1950 no Brasil. Apresenta os cursos ofertados pelo IBBD: bibliografia especializada e documentação científica como proposições alinhadas as necessidades de formação tanto para os professores dos cursos de Biblioteconomia quanto para a atualização formativa dos profissionais. Enfatiza a relevância desses cursos e em especial do recém-criado Mestrado em Ciência da Informação que tinha por objetivos fundamentais formar professores, especialistas e pesquisadores para desenvolvimento dos serviços especializados no País e do próprio campo de estudos.
	Célia Ribeiro Zaher			

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Como esperado os participantes brasileiros neste seminário, seguindo a proposição do tema, abordaram em suas comunicações a questão da formação profissional, com exceção do professor Abner Lélis que apresentou uma reflexão teórica em que busca caracterizar o que estava sendo denominado de Ciência da Informação.

Em sua fala, Abner Lélis conduz o pensamento sobre o processo comunicacional que envolve o processo de transferência da informação em todas as suas dimensões e relações interdisciplinares com a Biblioteconomia e a Documentação. Em suas considerações finais, apresenta a definição original de Paul Otlet para Documentação e argumenta que em nada difere das definições propostas até então para Ciência da Informação. Seriam, portanto, denominações distintas para nomear as mesmas práticas.

Já o professor Briquet de Lemos, em sua exposição sobre a formação em Biblioteconomia e seus currículos apresenta um histórico da formação bibliotecária no Brasil e relacionando com a inserção das práticas da Documentação e da Ciência da Informação nos conteúdos programáticos dos cursos. Lembra que a Documentação esteve presente na formação bibliotecária desde o curso da Biblioteca Nacional, por influência de Manoel Cícero Peregrino da Silva, mas que foi no IBBD que foi ofertado o primeiro curso de Documentação Científica em 1954. Este teria repercutido na formação dos bibliotecários já que os professores da época faziam a especialização do IBBD como forma de se qualificar para a docência.

Neste sentido evidencia a influência exercida pelo IBBD, sendo este o organismo nacional responsável por trazer as novidades estrangeiras do campo para o cenário nacional, em especial no que dizia respeito as práticas de Documentação e o uso do computador nas práticas bibliotecárias.

Sobre o ensino, Briquet tece críticas: a primeira ao caráter majoritariamente técnico em detrimento do teórico que era dado nos cursos de graduação em Biblioteconomia da época. Em seu estudo, Briquet de Lemos (1972) identificou que cursos de Documentação eram ministrados nos cursos de graduação em Biblioteconomia, os quais, geralmente, eram “divididos em duas partes, num total de 120 horas de aulas, em média.”

Todos os programas que examinamos apresentam uma parte introdutória em que tratam do conceito, histórico, terminologia, problemas, tendências e outros aspectos genéricos da Documentação, mencionando, inclusive, os conceitos de **Informática e Ciência da Informação** (Lemos, 1972, grifo nosso)

Nessa linha que Briquet tece a sua segunda crítica, a de que o IBBD estava ofertando um novo curso sob a denominação de Ciência da Informação em nível de mestrado sem “definir

o que entende por Ciência da Informação, considerando-se as diferenças de pontos de vista acerca dessa disciplina” na época.

Outro aspecto observado nessa comunicação do Briquet de Lemos é que no Brasil as técnicas advindas da Documentação foram “pacificamente” incorporadas aos currículos de Biblioteconomia, fazendo surgir no contexto nacional a denominação de bibliotecários documentalistas. Segundo ele, esse fenômeno deveu-se em grande parte pela

deficiência da estrutura sócio-econômica de país subdesenvolvido, onde a demanda de informações técnico-científicas se dava em nível compatível com a formação dada aos bibliotecários, as escolas de Biblioteconomia incorporaram aos seus currículos o ensino de Documentação, sem que houvesse protestos relevantes. (Lemos, 1972)

Ainda nesta comunicação é possível perceber que muitos dos temas trazidos no bojo da Ciência da Informação, especialmente relacionados a automação e uso de computadores, já faziam parte dos programas formativos brasileiros, é o que demonstra um estudo realizado por Anna da Soledade Vieira, professora e bibliotecária na UFMG, sobre “A automação no Currículo de Biblioteconomia” citado por Lemos.

No referido estudo, Vieira (1972, p. 12) discorre sobre a preocupação da Biblioteconomia, e suas Escolas, de estarem sempre se adequando as necessidades de “informação por parte dos usuários de seus serviços. Dentro desse enfoque é que situo o aparecimento, primeiro da Documentação, e, mais recentemente, da Informática, nos currículos de Biblioteconomia.”.

Chama atenção um parágrafo que a autora fez questão de externalizar e que representa um pouco dos embates vivenciados a época com relação as novas denominações. Diz Vieira (1972, p. 13)

Não pretendo, entretanto, voltar aos temas de frequentes discussões: se Biblioteconomia e Documentação são campos distintos ou se a segunda é apenas prolongamento da primeira: se Documentação é mais nobre que Biblioteconomia ou se Biblioteconomia já adquiriu “status” de ciência (Vieira, 1972, p. 13)

Essa afirmação é emblemática, pois, conforme podemos inferir da fala de Vieira, foi suscitada a partir de suas reflexões sobre o tema da automação, abordado em sua disciplina Automação dos Serviços de Bibliotecas no Curso de Biblioteconomia da UFMG. Sobre a automação no ensino de Biblioteconomia no Brasil, esta autora identificou que até 1969 a automação “era ensinada apenas como uma unidade do programa de Documentação, ora chamada Armazenagem e Recuperação de **Informações**, ora Mecanização, ou ainda Métodos Não-Convencionais de Tratamento da **Informação**”.

“Em julho de 1969, realizou-se em Curitiba uma reunião de professores de Documentação para estudo de programas. Desse encontro saiu uma orientação para a cadeira: divisão em cinco partes independentes, uma delas em quarenta e cinco horas semestrais — **Documentação II ou Informática** — que se ocuparia do assunto mecanização e automação.”

[...]a essa altura, já a Escola de Biblioteconomia de São Carlos da Universidade de São Paulo ensinava automação a seus alunos, incluindo até mesmo programação em linguagem FORTRAN. No segundo semestre de 1969 também a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da Universidade de Brasília introduzia o ensino de automação em seu currículo e no ano seguinte era a vez da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais adotar o mesmo critério. As duas Escolas paulistas — Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo — ainda que permanecendo na estrutura fixada pela reunião de Curitiba desenvolveram de tal modo seu curso de Informática, que o conteúdo deste equivale ao dos novos cursos de Automação. (Vieira, 1972, p. 16-17)

A partir desse relato, referenciado por Briquet, revela-se que antes de 1970 a automação, informação científica já figuravam na formação dos bibliotecários brasileiros, demonstrando que antes mesmo do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD, as especializações ofertadas pelo instituto já buscavam dar conta dessas atualizações do fazer.

Sobre o terceiro e último trabalho selecionado para este estudo, “A experiência do IBBD na preparação de Cientistas da Informação”, trata-se do relato das professoras Hagar Espanha Gomes e Célia Ribeiro Zaher da trajetória do IBBD na oferta de formação para o melhoramento dos serviços bibliográficos nacionais. Neste relato, as autoras mencionam o Curso de Bibliografia Especializada, criado em 1955 e que passou a denominar-se Documentação Científica em 1967. De acordo com as autoras, esse curso era realizado por bibliotecários diplomados que buscavam o curso para se atualizarem, além de também admitirem bacharéis com outras formações. A referida formação foi responsável por capacitar pessoal não só do Brasil, mas também da América Latina, na área de Documentação.

[...]esse grupo de documentalistas teve uma participação definitiva na formação de escolas e cursos de biblioteconomia e documentação em diferentes estados (Pará, Maranhão, Amazonas), bem como na criação de centros de documentação ou bibliotecas centrais em Universidades, que se transformaram em pontos focais de treinamento e valorização da profissão nesses estados (Minas Gerais, Goiás). O mesmo ocorreu com alguns diplomados de outros países da América Latina que, sob o incentivo dos ensinamentos adquiridos nesse Curso, iniciaram em seus países movimentos de melhoria do nível de ensino e aplicação das técnicas modernas adquiridas durante o seu treinamento no IBBD, dando um novo impulso à documentação na Região. (Gomes; Zaher, 1972, p. 316)

A afirmação das autoras reforça o papel da formação do IBBD na constituição dos programas formativos e na atuação dos bibliotecários brasileiros e sua influência na América Latina.

A proposta do curso era a de elevar o nível de formação na área de informação no Brasil, segundo as autoras. E para atingir esse objetivo buscaram compor o corpo docente a partir de especialistas estadunidenses e ingleses. O curso era ministrado em inglês e teve a primeira turma fechada para professores e técnicos do próprio IBBD¹². Além disso, as autoras comentam que uma formação no nível de mestrado oportunizaria discussões no campo teórico, uma vez que “A estrutura dos cursos de biblioteconomia, que não possibilita base de conhecimento teórico em nenhum campo do conhecimento humano e ministra apenas técnicas” (Gomes; Zaher, 1972, p. 317) Seria esse também um fator para o descrédito da profissão no país.

Gomes e Zaher entendiam que o mercado para os egressos do mestrado era a perspectiva do “interesse do Governo [brasileiro] no estabelecimento de um Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica, como peça essencial ao desenvolvimento econômico-social”, um projeto que ficou conhecido pela sigla Snict mas que não chegou a se estabelecer.

Além dessa formação de mão de obra, as autoras mencionam as

circunstâncias felizes os estudos iniciados pelo Governo no sentido de estimular a criação dos cursos de pós-graduação para fomentar os programas de pesquisas na Universidade. A nova legislação favoreceu a criação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação. (Gomes, Zaher, 1972, p. 318)

Ainda sobre essa comunicação, destacamos uma outra passagem do texto que sugere que este primeiro mestrado do IBBD se caracterizava em alguns aspectos como um mestrado profissional, os candidatos precisavam estar no mercado e, para Gomes e Zaher

Graças à Organização dos Estados Americanos e ao Conselho Britânico, tem sido possível trazer excelentes professores [...] que têm dado sua experiência assistindo os alunos na **execução de dissertações que sempre têm utilidade seja para o Instituto seja para as organizações em que atuam** (Gomes; Zaher, 1972, p.319 grifo nosso).

Essa preocupação com o aprimoramento técnico das práticas bibliotecárias está presente especialmente nas falas de Zaher ao tratar do tema do mestrado¹³. Isso justifica ter optado para o curso do IBBD a denominação e vertente norte-americanas, que para ela eram mais da prática, ao passo que os russos eram muito filosóficos.

¹² Em entrevista concedida no dia 07 de março de 2017, por Célia Zaher ao projeto de pesquisa Memórias Científicas: História Oral da C.I., disponível no canal IMeS IbiCT na plataforma youtube, Zaher afirma que quando foi lançada a proposta do curso nesse formato ela foi muito criticada, nominalmente pelo professor Briquet de Lemos, que teria dito que “ela estava fora da realidade brasileira e que era uma pretensão”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWkowQSoYWM&t=2057s>. (22:24’)

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=fWkowQSoYWM&t=2057s>

5.2.4 I Reunião Brasileira de Ciência da Informação, 1975

O tema central da Reunião foi "O desafio da Informação Científica e Tecnológica", o qual desdobrou-se em 4 (quatro) temas: Infra-estrutura; Estrutura; Organização, administração, disseminação e utilização; e Tecnologia. Cada tema foi abordado em sessões que a organização do evento categorizou como painéis e trabalhos. Para as exposições dos painéis “foram especialmente convidadas autoridades e personalidades de destaque” (Ferreira, 1975, p. 25). Já para os trabalhos os anais do evento documentam que foram produções submetidas previamente à comissão, como condição de que fossem datilografados e com resumo. Os trabalhos aprovados foram distribuídos nos quatro grupos de temas do evento, de acordo com a natureza do tema que tratavam.

O evento contou com 22 (vinte e dois) painéis e 50 (cinquenta) trabalhos. Em razão do volume de textos, para esta sessão foram elaborados 5 (cinco) quadros para apresentar os assuntos abordados pelas comunicações da I Reunião Brasileira de Ciência da Informação, sendo eles: 1 com todos os painéis e para as demais comunicações foram criados quadros para cada um dos temas. Para os quadros das comunicações do tipo “trabalho” foram reproduzidos os resumos elaborados pelos próprios autores, diferente dos painéis que não apresentavam resumos e, portanto, receberam nos quadros a denominação de “síntese”.

O quadro 16 a seguir refere-se aos textos das comunicações do tipo “painéis” e reúne todos os temas.

QUADRO 16 - Assuntos abordados nos painéis da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “síntese do texto”.

	Título	Autoria	Classificação	Assunto	Síntese do texto
Tema 1 - Infra-estrutura	Ciência da Informação	Mário Vianna Dias	Epistemologia da Ciência da Informação	Ciência da Informação Produção científica Informação Científica	Apresenta uma reflexão teórica sobre o surgimento da Ciência da Informação. Situa o evento no contexto pós-guerra quando houve um aumento significativo da produção de informação científica e tecnológica. Apresenta a Ciência da Informação como uma nova metodologia, interdisciplinar que, constituída pelo estudo sistemático e racional da documentação científica o qual propõe ferramentas de uso das informações por pesquisadores.
	Política científica	Paulo Dacorso Filho	Políticas e ações de informação	Política científica Plano Nacional de Desenvolvimento Pesquisa	O texto apresenta políticas científicas nacionais, em especial as retratadas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento. Discute a coordenação entre instituições públicas para o desenvolvimento científico e tecnológico. Enfatiza a importância de equilibrar as políticas científicas e econômicas. Destaca a distribuição de financiamento para pesquisas científicas e tecnológicas. Aborda os objetivos das políticas científicas, incluindo aspectos econômicos e sociais.
	Problemas de recursos humanos	Hagar Espanha Gomes	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Ciência da Informação Formação profissional	Apresenta um retrospecto dos cursos oferecidos pelo IBBD para formar profissionais capacitados ao trabalho com a documentação científica. Discute o impacto das conferências da Georgia Tech no contexto norte-americano e no surgimento do conceito de Ciência da Informação. Enfatiza que a formação ofertada pelo IBBD na nova área buscou ênfase em Informação/comunicação científica aliando aspectos teóricos e práticos a partir dos seus componentes curriculares.
	Criatividade científica e pós-graduação	Mário Rigato	Não se aplica	Criatividade Pesquisa Pensamento vertical Pensamento lateral	O autor de propõe a refletir sobre a importância da criatividade para a elaboração de novas ideias no processo de pesquisa. Apresenta as noções de pensamento vertical, que seria representado por um pensamento baseado no que já foi dito, portanto, pouco propício para inovação; e o pensamento lateral que seria um pensamento derivado da espontaneidade e sem compromisso com velas ideias, portanto representativos do processo criativo.
	Treinamento em serviço	Berenice Fersiva	Treinamento	Treinamento em serviço	Apresenta o serviço de informação da empresa Usiminas descrevendo a estrutura e as funções de um Centro de Informações Técnicas. e o treinamento em serviço realizado pela

				Profissional de informação Informação	unidade no recrutamento de novos colaboradores. Enfatiza a importância do conhecimento técnico para o compartilhamento eficaz de informações. Elenca as dificuldades de encontrar profissionais interessados em exercer as atividades de informação na unidade, especialmente os engenheiros, em razão da remuneração e a pouca identificação com o trabalho informacional.
Tema 2 - Estrutura	Produção da informação formal/apresentação da informação: problemas gráficos	Alexis Stepanenko	Industria da informação	Publicação Editor Informação	Apresenta um panorama geral dos problemas enfrentados pelas editoras nacionais de livros técnico científicos. Afirma que os desafios na publicação técnica referem-se especialmente a: falta de autores, mercado reduzido em razão da especificidade, questões de direitos autorais. Além disso, apresenta questões em relação a baixa qualidade na apresentação dos originais submetidos pelos autores as editoras, o que gerava muitos custos para os editores, tais como: digitação, correção da língua, normalização, ilustração, diagramação.
	Distribuição da informação	Gilda Maria Braga	Metrias da informação e comunicação	Explosão da informação Estudo Bibliométricos Informação	Aborda a importância dos estudos bibliométricos para análise da literatura e de sua produção. Cita o curso do mestrado em Ciência da Informação do IBBD como um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento dos estudos bibliométricos no Brasil, em caráter de pioneirismo na América Latina. Reconhece as limitações dos estudos métricos, porém ressalta seu potencial metodológico no qual configura-se como poderoso instrumento de planejamento para os serviços de informação e possibilidade de fornecimento de importantes subsídios para a elaboração de políticas científicas.
	A informação-arquivo	José Pedro Pinto Esposel	Arquivos (instituição)	Arquivo Documentos Arquivo público	Apresenta a polissemia do termo arquivo, o qual assume distintos significados na sociedade. Apresenta a função dos arquivos e sua desvalorização enquanto instituição, reforçando a necessidade de profissionais qualificados para que os arquivos cumpram de forma plena suas distintas funções.
	Problemas dos periódicos científicos brasileiros	Mário da Cunha	Comunicação científica	Comunicação social Divulgação Divulgador científico	Aborda o problema da divulgação científica no Brasil. Atribui a esse fenômeno a falta de profissionais da comunicação social envolvidos nesse processo, uma vez que os próprios pesquisadores nem sempre possui habilidades linguísticas para tornar mais acessível as comunicações científicas.
	A comunicação científica informal	Alfredo Marques	Comunicação científica	Comunicação informal Conhecimento Cientista	Autor aborda a importância da comunicação no fazer científico com a finalidade de socializar as novas descobertas. Apresenta a comunicação científica em duas perspectivas formal e informal.

					A primeira representada pelos livros, enquanto a informal envolve discussões e interações e são essenciais para a criação e disseminação do conhecimento.
Tema 3 - Organização, administração, disseminação e utilização	Organização e administração	Lydia de Queiroz Sambaquy	Sistemas de informação	Sistemas de informação e documentação Sistema Nacional de Informações Cooperação	Defende processos padronizados para gerenciar o trabalho intelectual de forma eficaz a partir de sistemas. Apresenta um breve histórico de criação de sistemas de documentação em informação no âmbito brasileiro. Elenca características essenciais para funcionamento de um sistema de informação e documentação: estreita rede de cooperação; certo grau de normalização de processos e métodos; programas, tanto quanto possível automatizados; e por fim uma forma de coordenação geral.
	Disseminação	Carlos A Gamboa	Sistemas de Informação	Sistema National Library of Medicine Medline Bireme	Apresenta um compilado de sistemas automatizados utilizados pela Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos. Aborda o contínuo histórico dos desenvolvimentos de sistemas que viabilizou a criação e consolidação da MedLine, uma base de indexação de periódicos da área de medicina. Comenta de forma pormenorizada o processo de utilização e participação nessa rede a partir da experiência brasileira graças ao convênio assinado entre a Organização Panamericana da Saúde, a National Library of Medicine e o Instituto de Energia Atômica, que permitiu a instalação do MEDLINE, administrado pela Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) no Brasil.
		Luiza Maria C. Cepeda			
	Utilização	Márcio Gastão de Magalhães	Necessidades de informação	Centro de informação Necessidade de informação Biblioteca especializada	Apresenta de forma sucinta os serviços do Centro de Informações Técnicas e da Coordenação de Informações Industriais da Usiminas. Explica que a coordenação é subordinada à Superintendência Geral de Projetos da empresa e tem como função captar as tendências econômicas, políticas e tecnológicas para orientar os especialistas, funcionando como um serviço de inteligência, compilando, estudando e analisando a informação científica, incorporando-a às peculiaridades da empresa e fazendo-a fluir para os diversos setores desde que se saiba que lhes é útil. Explica que as fontes de informação consideradas pelo centro incluem contatos externos, investigações técnicas e biblioteca especializada. A biblioteca oferece suporte a engenheiros com bibliografias e documentos técnicos. Enfatiza a necessidade de conhecimento do nível intelectual e das necessidades de informação dos seus usuários.

	Avaliação	Terezine Arantes Ferraz	Avaliação	Avaliação de serviços Biblioteca	Apresenta os procedimentos de avaliação de serviços realizados pela biblioteca Departamento de Informação e Documentação Científica do Instituto de Energia Atômica (IEA) que são estatísticas de uso e entrevistas. Considera importante o processo avaliativo para adequação dos serviços às necessidades de seus usuários. Afirma ser os relatórios científicos e os periódicos os documentos mais buscados pelos usuários da biblioteca.
	Bancos de dados	Cíbar Cáceres Aguillera	Tecnologias da Informação e Comunicação	Bancos de dados Bases de dados Sistemas	Apresenta conceitos para termos que serão usados ao longo da fala tais como: banco de dados, bases de dados, e sistemas. Descreve as tecnologias vigentes para a construção desses sistemas com suas potencialidades e deficiências.
Tema 4 - Tecnologia	Tecnologia do Hardware no Brasil	Mikhail Lermontov	Tecnologias da Informação e Comunicação	Hardware Computador Sistema de computador	Apresenta um panorama geral da tecnologia de hardware existente e a ser desenvolvida no Brasil com vista a aplicações em sistemas de recuperação de informações. Relata um breve histórico de criação da empresa COBRA que teria surgido de uma parceria governamental com uma empresa privada nacional e outra internacional, objetivando a produção de computadores para o mercado brasileiro. Destaca que entre os desenvolvimentos obtidos na área de hardware feito por empresas controladas pelo Governo, mérito deve ser dado ao Serpro, pelo desenvolvimento de um concentrador de dados para aplicações comerciais e bancárias.
	Tecnologia do Software em Ciência da Informação	Altair Carvalho de Souza, major	Tecnologias da Informação e Comunicação	Tecnologia de software Informação Sistema	Apresenta de forma sucinta a existência de diferentes tipos de softwares, dividindo em duas classes: software de máquina e softwares de Ciência da Informação. Os primeiros seriam as máquinas virtuais cujas aplicações são acessíveis apenas aos técnicos e estão embutidos nos computadores. O segundo seriam os aplicativos de software que, independente da máquina, teriam como função a construção e gestão de sistemas de informação.
	Teleprocessamento a serviço de sistemas de informação PUC/RDC	Flávio Pereira de Souza	Tecnologias da Informação e Comunicação	Terminais Computador central Redes	Importância dos sistemas automáticos de arquivamento e recuperação de documentos para acesso do usuário. Apresenta o conceito de redes de computadores para acesso remoto a bancos de dados e conectividade de usuários como sendo uma grande vantagem do teleprocessamento. Elenca as experiências norte-americanas e europeias como as mais avançadas. Acrescenta que o Brasil possui sistemas bastante avançados, porém depende da estrutura de telecomunicações para realizar novos avanços.

	Participação da universidade no desenvolvimento tecnológico	Guilherme Chagas Rodrigues	Tecnologias da Informação e Comunicação	Universidade Tecnologia Projeto	Apresenta os avanços brasileiros na área de tecnologia: software e hardware empreendidos no âmbito das universidades brasileiras. Aborda metodologia utilizada pelo grupo desenvolvedor da Universidade do Rio de Janeiro baseada em projeto e com perspectiva de alcançar o mercado e as empresas privadas. Ressalta que na área de computação a universidade não deveria focar na formação de mão-de-obra mas sim de “cérebro-de obra” e fomentar o desenvolvimento tecnológico no país.
	Coordenação em informática	Ricardo Adolfo de Campos Saur	Tecnologias da Informação e Comunicação	Coordenação em informática Informática	Aborda breve histórico do desenvolvimento da informática no Brasil que teria iniciado com um Grupo de Trabalho Especial instituído em 1972 por decreto. Reflete sobre a relevância que a informática tem no Brasil e a forma como suas invenções repercutem social e economicamente nos países e na vida das pessoas. Apresenta as atribuições da Coordenação de Informática: cadastrar o computacional brasileiro; coordenação específica de treinamento; estimular esforços de normalização e padronização, visando a um intercâmbio de informação maior.
	Usuário ante a evolução da tecnologia	Raulino Carvalho de Oliveira	Tecnologias da Informação e Comunicação	Computador Linguagem de programação Usuário	Relata que os computadores utilizados pelas empresas no Brasil não são de última geração. Identifica dois tipos de usuários de computador: direto e indireto. Sobre o direto seriam as empresas e organizações e indireto seriam as pessoas comuns.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Conforme apresentado nos anais, os painéis foram apresentados por convidados da organização do evento. O perfil dos painelistas era de pessoas que estavam envolvidas em atividades que foram qualificadas como de ‘informação’. Eram pesquisadores, profissionais bibliotecários ou responsáveis por serviços de informação, professores, e profissionais da área de tecnologia da informação. As falas apresentam estrutura de palestra, isto é, a oralidade se manifesta no texto e quase sempre retoma a fala do palestrante que antecedeu.

Sobre os assuntos, registrou-se, de acordo com a classificação do Tesouro Brasileiro de CI: Epistemologia da Ciência da Informação, Políticas e ações de informação, Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins, Treinamento, Indústria da informação, Métricas da informação e comunicação, Arquivos (instituição), Comunicação científica, Sistemas de informação, Necessidades de informação, Avaliação, Tecnologias da Informação e Comunicação.

Em linhas gerais as falas revelaram que existia um problema que todos concordavam existir: o grande volume de informação, especialmente técnico-científica que teria eclodido a partir dos avanços científicos advindos do contexto pós-segunda guerra mundial, bem como do estabelecimento da comunicação científica e seus diversos produtos, especialmente os artigos de periódicos e relatórios de pesquisa. Os pesquisadores participantes atestam ser esse volume informacional um problema para manter-se atualizados em suas áreas de saber.

Também fez parte dos discursos que essa grande produção informacional estaria situada nas grandes potências mundiais. Organismos internacionais como a Onu estavam financiando a criação de sistemas de transferência de informação, para poder prover os países subdesenvolvidos do que se entendia como insumo básico para o desenvolvimento dos países do chamado “terceiro mundo”. A noção de sistemas, tal como relata um dos participantes, tinha inúmeras conotações. A mais difundida era a noção de sistema como uma rede de instituições cooperantes e que a partir de uma coordenação geral articulava o registro das instituições e possibilitava o acesso de forma integrada. Esses sistemas previam a participação principalmente de bibliotecas especializadas e centros de documentação científica. Estes não necessariamente necessitavam dos computadores para funcionar, mas a possibilidade de uso da tecnologia de informação e comunicação da época era também presente no debate. Aos participantes da área de tecnologia, ficou a missão de apresentar o panorama brasileiro no que diz respeito a produção de computadores e desenvolvimento de softwares, os quais demonstraram que esses projetos estavam sendo desenvolvidos nas universidades e também instituições da administração pública. Mesmo não estando no mesmo patamar dos países mais desenvolvidos, existiam políticas nacionais que buscavam autonomia nacional no que diz respeito a seu *know-how* na área.

Observou-se também nas falas a preocupação com os usuários dos serviços de informação, em compreender suas necessidades e também avaliar os serviços prestados. Os estudos métricos foram apontados como sendo uma metodologia da ciência da informação e que, apesar de não apresentar dados qualitativos, serviam para apontar comportamentos e caracterizar grupos e campos de pesquisa, o que acabou por chamar a atenção dos gestores científicos para o embasamento de suas políticas.

QUADRO 17. Assuntos abordados nos trabalhos do tema “infra-estrutura” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Resumo
Diretrizes gerais para um programa de treinamento em serviços de informações empresariais	Cléa Dubeux Pinto Pimentel	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Treinamento Serviço de informação Sistema de informação	O atual problema de desemprego do bibliotecário reside, principalmente na ausência de especializações para que possam conquistar os novos mercados de trabalho que estão surgindo. A ausência de profissionais especializados em documentação empresarial e serviços de informações nas empresas, tem feito com que muitos sistemas de informações já implantados por outros profissionais sem a formação básica do bibliotecário, tenham ou estejam fracassando. Considerando que a empresa privada é um campo novo de atuação, os responsáveis pelos Programas de Bibliotecas e Serviços de Documentação, precisam recorrer a um treinamento específico a ser ministrado aos bibliotecários candidatos a empregos, a fim de que possam estar capacitados ao tipo de trabalho que deverão realizar, evitando que a ausência de uma qualificação adequada conduza a profissão a um contínuo descrédito. Como característica de um Programa de Treinamento deste tipo, será necessário estabelecer critérios de seleção para os candidatos ao treinamento e à formulação de um programa objetivo voltado as reais necessidades das empresas que deverão absorver os bibliotecários treinados. Os Cursos de Biblioteconomia poderão oferecer um treinamento universitário, devido sobretudo à infraestrutura que já possuem. Para isso haverá necessidade de estabelecer diretrizes facilmente executáveis, como: cursos em nível de extensão, sistema de avaliação adequado, "treinamento em serviço", habilidade para manter um serviço de Relações Públicas, ênfase aos serviços de indexação e Banco de Dados, conhecimento de O&M para disciplinar os fluxos de comunicações e compreender as necessidades de informações dos dirigentes com vistas a implantação de um Centro de Informações. A dinâmica do treinamento estará ligada a ação e à disponibilidade de verbas que

				possam garantir a continuidade do Programa. Há uma certeza de que a elevação profissional está em relação ao grau de aperfeiçoamento e especialização obtidos pelos técnicos. O treinamento voltado para as reais necessidades do mercado de trabalho eliminará o fantasma do desemprego e oferecerá aos dirigentes de empresas a mão-de-obra qualificada que poderá contribuir para determinar mudanças radicais no comportamento geral dos seus negócios
Enfoques de um modelo sistêmico de avaliação das atividades locais do CRUTAC	Eduardo Perceverano Peres Nogueira	Informação e Conhecimento Estratégicos nas Organizações	Planejamento CRUTAC Informações	A importância da informação para o desenvolvimento de projetos tem sido considerada nas atividades do CRUTAC (Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária). A realização de estudos que visem programar as tarefas de um projeto, definir as atividades a serem desenvolvidas e execução dos planos é tão importante quanto a efetivação de trabalhos no sentido de controle da efetivação das tarefas. Tais estudos devem permitir, também, um potencial de retorno de informações que possibilite revisão permanente do andamento de todo o trabalho. Isto envolve, basicamente a busca de dados, a coleta de informações fundamentais que retratem perfeitamente a realidade examinada e que forneçam bases válidas para a revisão do problema. Contudo, esses informes precisam ser tratados de maneira racional e observando—se fundamentos metodológicos, para que realmente contribuam como “matéria—prima” que são, mas agora elaborados, para a tomada de decisão.
A Pós-graduação em Biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional	Anna da Soledade Vieira Etelvina Lima	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Biblioteconomia Ensino Transferência da Informação	A formação do bibliotecário brasileiro apresenta-se deficiente e duas causas dessa deficiência podem ser identificadas: a pobreza dos objetivos educacionais e a desvinculação do ensino da realidade brasileira. Uma solução a longo prazo parece ser o desenvolvimento de cursos de pós-graduação, visando formar uma liderança capaz de desenvolver uma política nacional para o ensino da Biblioteconomia. As sugestões apresentadas se referem as possíveis diretrizes dessa política, fundamentadas em necessidades atuais dos cursos de graduação e do mercado profissional brasileiro

Centro de Ciências da Informação	Antônio Caetano Dias	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Ciências da Informação Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara Centro de Ciências da Informação	A reunião dos três Departamentos da área da Documentação dentro de um Centro de Ciências da Informação, anteprojeto em fase de estudo pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), é uma previsão fundamentada nos processos de incorporação dos atuais Cursos de Arquivologia do Arquivo Nacional (Ministério da Justiça), e dos Cursos de Museologia do Museu Histórico do Rio de Janeiro (MEC), como unidades Congregadas. Já contando com a Escola de Biblioteconomia e Documentação (antigos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional), a ideia de criação do Centro de Ciências da Informação ganhou substância quando as providências de incorporação dos referidos Cursos, da mesma área, foram iniciadas com possibilidades de efetivação.
Problemas atuais da documentação científica (Ciência da Informação)	Mário Vianna Dias	Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins	Documentação científica Pesquisa Ensino	Dado o crescente volume da documentação científica e tecnológica, bem como o custo elevado de obtenção da mesma, os núcleos ou centros de documentação das unidades universitárias e instituições científicas e tecnológicas devem se organizar cada vez mais no sentido de estabelecer convênios com as grandes organizações de documentação e informação, nacionais e estrangeiras, de onde possam obter da forma a mais completa e rápida possível a documentação que for necessária. Os gastos com o acervo bibliográfico (livros e periódicos) devem ser limitados à aquisição de material cuja utilização seja frequente e de interesse primordial. No mais, a documentação será obtida através de ampla rede de comunicações com centros especializados e eficientes. Os custos para tanto devem correr por dotações especiais das instituições de pesquisa, unidades universitárias, departamentos ou planos de trabalho, que deverão dispor de verba adequada para atender estas necessidades. Se isto é válido para os centros de excelência, parece-nos ser a única forma válida para centros menores de pesquisa e ensino, que não possuem acervos de documentação científica e tecnológica tão grandes.
Tecnologia instrucional:	John Franklin Arce	Ensino e Pesquisa em Ciência da	Ensino Aprendizagem	Levanta o problema da quase inexistência de "software" na organização de tarefas da aprendizagem, de acordo

retrospecto e perspectivas		Informação e Áreas Afins	Tecnologia instrucional	com a metodologia da análise de tarefas, no estabelecimento de pré-requisitos, para fixação de objetivos, na seleção e sequência das atividades de aprendizagem na administração da sala de aula. de forma a poder fazer-se uma perfeita avaliação das técnicas instrucionais.
Ciência e Informação: considerações gerais sobre o problema brasileiro	Paulo Dacorso Filho	Comunicação e Acesso à Informação	Ciência da informação Informação Ciência Plano Nacional de Desenvolvimento	O trabalho procura mostrar que: 1 - o desenvolvimento científico e tecnológico está, no mundo desenvolvido e dos países emergentes, profundamente vinculado à Informação; 2 - o Governo Brasileiro, principalmente nos últimos anos, vem dedicando especial atenção a esse importantíssimo campo da Ciência, daí que nos últimos documentos oficiais dedica grande importância à informação; 3 - no Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, como atividade de apoio, a informação científica e tecnológica merece especial atenção, destacando-se o desempenho atribuído ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o projeto de modernização do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) a ser incluído no bojo da reestruturação administrativa do CNPq; 4- a luz da moderna Ciência da Informação o quanto já se está fazendo em instituições especializadas, como o IBBB, pelo progresso da Informação Científica no Brasil.
Infra-estrutura de informação: considerações sobre o problema	Tânia Mara Botelho	Comunicação e Acesso à Informação	Informação Transferência da informação Sistema de Informação	Um dos propósitos que se deve ter em mente para o estabelecimento de uma sólida infra-estrutura de informação é o processo de transferência de informação. As diretrizes da política em ICT devem refletir os objetivos da política em Ciência e Tecnologia. A infra-estrutura de informação é, basicamente, constituída por facilidade de acesso a serviços, recursos institucionais e recursos humanos. Cabe, portanto, ao Governo Federal transformar dados esparsos em informação útil, acessível e inserida no contexto sócio-econômico.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

Conforme observa-se nas comunicações classificadas no evento como “infra-estrutura” abordaram majoritariamente questões relativas a formação de pessoas, isto é, formação de profissionais de alto nível para fazer frente a problemática da explosão da informação científica. Apareceu também a informação como elemento fundamental na gestão e também a questão da tecnologia na produção de instruções.

QUADRO 18. Assuntos abordados nos trabalhos do tema “estrutura” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Resumo
Aspectos e comportamento da produção científica do CBPF	Alfredo Marques	Produtividade científica	Produção científica Trabalho (publicações) Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	A coleção de trabalhos científicos publicados em NOTAS DE FÍSICA entre 1952 e 1974 é separada em dois grupos correspondentes a formas distintas do financiamento externo. Essas etapas são analisadas e confrontadas entre si. Aspectos e comportamentos da estrutura da produção científica são identificados na distribuição da produção global, na de número de autores, na evolução dos setores teórico e experimental, suas relações internas, e na contribuição aos trabalhos e ao elenco de autores da componente externa ao CBPF. Os resultados da análise sugerem que: 1) os dois períodos desenvolveram—se em condições psicológicas desiguais, francamente favoráveis no primeiro e desfavoráveis no segundo; 2) a produção científica global se tornou mais independente da componente externa ao CBPF no segundo período; 3) fatores sinérgicos entre os setores teórico e experimental, se presentes, não foram operantes ao nível da pesquisa científica; 4) os principais aspectos e comportamentos do segundo período relativamente ao primeiro podem ser interpretados pela progressiva institucionalização dos cursos de pos-graduação, das colaborações científicas, da adoção de formas de intercâmbio científico favorecendo a vinda de visitantes, e de aperfeiçoamentos em alguns setores da infra-estrutura de apoio.

Experiência em indexação do Centro de Informações Nucleares	Selma Chi Barreiro	Sistemas de organização do conhecimento	Indexação Documento Descritores	A conceituação de indexação, de Thesaurus, da frequência de uso e suas aplicações no processo de indexar são mostradas. Alguns problemas nele envolvidos bem como as soluções encontradas são descritas detalhadamente. O resultado prático de um teste de consistência realizado por 32 países é apresentado.
Produtividade de autores, periódicos e termos da Bibliografia Brasileira de Direito	Gilda Maria Braga	Produtividade científica	Periódicos Autores descritores	Análises quantitativas da literatura periódica registrada na Bibliografia Brasileira de Direito, 1969-1972, focalizando autores, periódicos e descritores. De um total de 3358 trabalhos foram obtidos 1948 artigos de periódicos utilizados como base de dados após uma série de compressões homogêneas. Foram obtidos 953 autores com a frequência média de 2.1 trabalhos por autor. Os extremos da distribuição acusam 1 autor com 52 artigos (A. WALD) e 614 autores com 1 único artigo. Os periódicos distribuíram-se de maneira linear - Zipf - com um total de 126 títulos para 1948 artigos. Os extremos da distribuição evidenciam 1 periódico produzindo 256 artigos Revista de Direito Público e 35 periódicos produzindo 1 único artigo, perfazendo a média de 15 artigos por periódico. O número de descritores encontrados foi de 1029 com uma frequência acumulada de 2844 vezes e média de 2.8. Os extremos da distribuição mostram 1 descritor (Imposto de Renda) com uma frequência de 58 vezes para 556 descritores de frequência 1.
	Laura Maia de Figueiredo			
	Helena Medeiros Pereira Braga			
Estudo da produtividade e dispersão da literatura química brasileira	Ida Maria Cardoso Lima	Produtividade científica	Literatura científica Periódicos Lei de Bradford	Avaliação da literatura brasileira, utilizando como base o Projeto de Química Fundamental, desenvolvido no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Estabelecimento de núcleo de autores e de periódicos, distribuição da produtividade científica e aplicação da Lei de Bradford (dispersão da literatura). No período estudado (1931—1970) foram identificados 5.364 autores, produzindo 8.218 trabalhos. Destes, 7.386 (75%) são artigos de periódicos. Foram identificados 759 títulos de periódicos, sendo 338 brasileiros e 421 estrangeiros. Análise das dificuldades encontradas para controle e divulgação.
	Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca			
	Isaura de Souza			

Construção de um núcleo de thesaurus em agricultura no uso real dos descritores	Jaime Robredo	Sistemas de organização do conhecimento	Thesaurus Termos Descritores	Um problema bem conhecido dos sistemas mecanizados de recuperação da informação é a divergência que frequentemente existe entre a linguagem usada para formular a pergunta e aquela usada para indexar os documentos incorporados ao sistema. Muitos thesaurus pretendem resolver o problema multiplicando as relações hierárquicas e de associação entre os termos utilizados como descritores. No entanto, tais relações são, frequentemente, o resultado de uma concepção acadêmica que nada tem a ver com a realidade das associações conceituais dos próprios especialistas. Tendo como base a alguns resultados interessantes já obtidos pelos autores em outra área, aplicou-se as Ciências Agrícolas uma metodologia de trabalho que permite estabelecer um núcleo expansível de thesaurus, no qual os termos se relacionam de acordo com as associações mais prováveis de uso por parte dos especialistas. Preparam-se programas de computador os quais permitem obter-se listagens de frequência de uso dos termos juntamente com as frequências de associação entre os diferentes descritores. Estes programas que permitem definir o que chamou-se "meio ambiente da significação" dos descritores, ajudam a evidenciar certas associações entre termos, as quais são difíceis ou impossíveis de detectar-se a priori, apoiando-se apenas em conceitos acadêmicos de classificação; tais associações reais podem ser de grande valor no momento de recuperar-se a informação
	Yone S. Chastinet			
	Paulo A Lobo			
Revistas técnico-científicas de medicina veterinária no Brasil	Jurgen Dobereiner	Publicações científicas: periódicos	Revista técnico-Científica Veterinária Qualidade	Apontam-se como requisitos básicos de uma revista técnico-científica, além da disponibilidade da matéria a publicar e de entidades editoras, a especialização do assunto, a apresentação adequada, a continuidade e regularidade da edição, e um nível mínimo da qualidade dos trabalhos. Sob este prisma analisa-se, em termos gerais, a situação das revistas de Medicina Veterinária no Brasil. São relacionadas 26 revistas que publicaram ou publicam resultados da pesquisa veterinária e comentadas razões que não deixaram vingar a maioria delas.
	Jerome Langenegger			

A linguística como instrumento da documentação	Lais Ribeiro	Organização do Conhecimento	Documentação científica Linguística Análise documentária	Exame das questões relativas à utilização da ciência linguística pela documentação científica, com relação aos itens abaixo. O intuito é fazer um levantamento de problemas fundamentais e comuns tanto a linguística como à documentação. 1- Análise documentária e definição de códigos: códigos e signos a serem utilizados. A natureza dos signos. O emprego de línguas naturais e de linguagens documentárias no processo de compactação e recuperação de informação. A natureza especial do código linguístico. 2. Relação entre análise estrutural e análise documentária: comparação entre dois tipos de análise. (J. C. Gardin e M. Coyaud). A redundância e a economia na documentação e na linguística, e a definição de traços no modelo estrutural e na documentação (Gardin). As atividades científicas diferentes de linguística e documentação (Coyaud). A pesquisa documentária e sua utilização na pesquisa científica do assunto que documenta, entre os soviéticos a documentação como “instrumento eficaz”(Coyaud); 3. Linguística como ciência qualitativa e determinista. Recorrência aos métodos quantitativos e a Teoria da informação e da Comunicação: a condição determinista do modelo estrutural e probabilismo da análise documentária; a utilização de métodos quantitativos na análise linguística; 4. Estruturalismo e gramática gerativa transformacional em face da ciência documentária: proximidade entre análise estrutural e análise documentária e caráter classificatório de ambos; 5. Semântica e classificação documentária. variações metodológicas no estudo da semântica: elaboração de métodos modernos de documentação e análise automática dos textos como um problema eminentemente linguístico e semântico.
Produção de literatura periódica numa instituição de ensino e pesquisa em Biologia	Maria Lúcia Andrade Garcia	Produtividade científica	Artigos Periódicos Distribuição	A literatura periódica (artigos) produzida pelos professores em exercício, em dezembro de 1973, no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais foi considerado sob vários aspectos. O Material coletado abrangeu aproximadamente 350 artigos, cobrindo o período de 1968 a 1973. A literatura
	Maria Martha de Carvalho			
	Maria de Lourdes Borges de Carvalho			

				foi analisada tendo em vista sua distribuição por áreas maiores de conhecimento era Biologia (correspondentes aos departamentos do Instituto) levando em consideração as seguintes variáveis: extensão, autoria, quantidade de documentos citados, língua, características do período utilizado para publicação. Foram encontradas variações no tamanho médio dos artigos, bem como no número médio das citações por artigo. Algumas áreas publicaram mais em língua estrangeira, sobretudo em inglês. Foram observadas variações, quanto as quantidades de artigos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros. Para o primeiro tipo houve predominância de publicações locais (Belo Horizonte) e de periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Quanto a periódicos estrangeiros notou-se a predominância de periódicos americanos e ingleses. As autorias única e múltipla foram analisadas, bem como a co-autoria média por departamento. As autorias foram também analisadas no âmbito dos Departamentos, do Instituto, da Universidade e de outras Instituições nacionais e estrangeiras. Com base nos resultados do trabalho são sugeridas algumas medidas para a melhoria de bibliografias regionais e nacionais na área de Ciências Biológicas no Brasil
--	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Já nas comunicações sobre estrutura, os participantes dessa temática focaram especialmente a produtividade científica, nestes casos fazendo uso de estudos métricos para caracterizar a produção dos textos, especialmente publicados em periódicos científicos (outro objeto de estudo que apareceu nesse grupo). Visualiza-se ainda nesse grupo estudos relacionados a organização do conhecimento e linguística.

QUADRO 19. Assuntos abordados nos trabalhos do tema “Organização, administração, disseminação e utilização” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Resumo
Manuais: organização e tratamento em	Aline de Rin Paranhos de Azevedo	Organização do Conhecimento e	Manuais Tratamento técnico	Grande interesse vem despertando a organização do material especializado em processamento de dados. Nos

bibliotecas de centro de processamento de dados	Léa Maria Monteiro Diniz	Recuperação da Informação	Classificação	centros de computação, a documentação que se acumula é muito específica, possuindo características próprias que exigem tratamento especial, dependendo da forma de apresentação de cada documento e do tipo de informação que contém. Entre os documentos mais importantes encontram-se os “manuais”. Partindo da experiência obtida em dois centros de processamento de dados conseguiu se certo sucesso na organização desse tipo de material. Está sendo feito atualmente um estudo para implantação do KWIC (key words in contexto) visando a futuras listagens incluindo não só as informações dos manuais, mas de toda a documentação especializada de um centro de processamento de dados. Espera-se com esse trabalho estar colaborando com algo útil para a organização de bibliotecas especializadas de centros de computação, embora algumas alterações possam, certamente, ser introduzidas para maior eficiência dos métodos e técnicas apresentados
Representação sistêmica de um serviço de informações técnico-científicas	Altair Carvalho de Souza	Serviços de Informação	Sistema de informação Informação técnico-científica Documentos	Problemas da informação técnico-científica são destacados. É ressaltada a necessidade de um sistema complexo, cujos componentes são apresentados, inclusive com uma discussão das respectivas funções. Dois modelos são apresentados para o sistema, a partir dos quais são analisados diversos aspectos que interferem no funcionamento do conjunto. São tecidas considerações sobre o suporte de equipamento necessário, a amplitude geográfica e a extensão do campo de interesse do sistema. Como exemplificação, é apresentado um sistema que se enquadra na formulação proposta.
Informação e documentação científica e usuário no Brasil	Dinah Aguiar Población	Usuários e Usos da Informação	Usuários Necessidade dos usuários Avaliação	O conhecimento das necessidades dos usuários do campo científico exige um <i>back ground</i> que credencie o bibliotecário a estruturar o sistema de informação adequado à clientela que se destina. A relevância da informação e a eficiência da biblioteca deve ser avaliada determinando os parâmetros para aquisição, os critérios de descarte de acordo com as leis de dispersão de Bradford e a lei experimental negativa de obsolescência. O condicionamento das variáveis aplicadas na administração e na organização facilitará a formulação da

				política a ser adotada na obtenção das informações e de documentos através de uma rede de bibliotecas em âmbito nacional que dinamize recursos humanos e bibliográficos e racionalize os recursos financeiros.
Programa da informação tecnológica do IPT	Fernando Roberto de A. Rocha	Serviços de Informação	Programa de informação tecnológica Sistemas de informações Serviços de informação	O programa de informação tecnológica foi conceituado pela equipe de Engenharia de Sistemas de Informações do IPT com os objetivos de orientar as atividades para a operação de um serviço de informações e capacitar uma equipe em sistemas de informação no Brasil. O programa elaborado com base em informações colhidas em todo o mundo e trabalhadas para se adequarem a situação brasileira foi conceituado através da execução desses 5 subprogramas (Aquisição, Processamento, Disseminação, Formação de Recursos Humanos, e Capacitação Técnica) definidos para assegurar a uniformidade na alimentação e utilização de sistemas de informações. O Programa de Informação Tecnológica possibilita a operação de um serviço de informação constituído de uma confederação de entidades articuladas em uma rede para a cooperação recíproca e operação conjunta, mantendo sua individualidade e vinculações próprias. Este serviço de informações pode operar de imediato, utilizando apenas os recursos existentes e se desenvolvendo nas áreas prioritárias, sendo entendido como uma atividade adicional às tarefas dos técnicos sem a necessidade de criação de uma estrutura paralela, decorrente de soluções centralizadoras.
Sistema de Informações para Amazônia	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro Carmem Silvia Guedes Aragão Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira Rosa Maria de Paiva Melo Selma Lúcia Ataíde de Campos	Gestão da Informação	Informação científica e tecnológica Sistema de informações Rede de Bibliotecas da Amazônia	A Amazônia Legal é uma imensa área do território brasileiro, delimitado por lei para fins de planejamento e desenvolvimento econômico da região. A duplicidade de pesquisas e a dispersão da documentação regional são problemas que impossibilitam um melhor conhecimento da realidade amazônica, existentes em função das deficiências de Bibliotecas e da escassez ou não integração profissional dos bibliotecários. Para minimizar esses problemas, agravados ainda mais pela atuação isolada dos poucos centros documentários existentes e, atendendo recomendação federal incluída no I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

				surge a REBAM - Rede de Bibliotecas da Amazônia, programa de cooperação técnica, envolvendo na primeira etapa - doze Órgãos atuantes na região: Banco da Amazônia S.A. - BASA; Comissão do Desenvolvimento do Estado do Amazonas - CODEAMA, Fundação Universidade de Mato Grosso - FUMT, Fundação Universidade do Amazonas - FUAM, Fundação Universidade do Maranhão - FUM Instituto de Pesquisas e Experimentações Agropecuárias da Amazônia Ocidental - IPEAAOc, Instituto de Pesquisas e Experimentações Agropecuárias do Norte - IPEAN, Instituto de Pesquisas da Amazônia - INPA Museu Paraense Emílio Goeldi, Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e Universidade Federal do Pará - UFPA. A REBAM é formada por uma Comissão de Coordenação Técnica - CCT composta por bibliotecários chefes das unidades de documentação das entidades que integram a Rede, sendo a SUDAM o Órgão de coordenação geral e operação. A fim de atingir os seus objetivos a REBAM desenvolve quatro programas: Catálogo Coletivo, Comunicação e Aperfeiçoamento, Biblioteca da SUDAM e Sistema de Informações para a Amazônia - SIAMA. Durante o primeiro ano de atividades do SIAMA foi iniciada a organização dos cadastros, primeiramente os de Instituições e de especialistas e pesquisadores. A abordagem é realizada através de questionários elaborados após muitos estudos e cuja aplicação evidenciou a necessidade de alterações para melhores resultados na coleta de dados. Modificações foram introduzidas na metodologia de trabalho na estrutura dos questionários, principalmente na parte relativa à identificação de pesquisadores e Instituições de pesquisas. A análise dos dados resultou na tabulação dos recursos humanos da região e a amostragem pelas informações contidas, poderá servir de apoio ao desenvolvimento das atividades de Instituições da Amazônia Legal.
--	--	--	--	---

Informações através de publicações do senado federal	Leyla Castello Branco Rangel	Comunicação e Acesso à Informação	Serviço de informação Publicação Serviço gráfico	A comparação entre os meios atuais de informação e divulgação do Senado Federal e os utilizados na época da transferência da capital federal para Brasília, em 1960, demonstra uma evolução surpreendente. A concentração dos elementos de pesquisa em um só Órgão (Secretaria de Informação) e a disseminação de informações pelo processo eletrônico (PRODASEN) possibilitaram um grande avanço na informática jurídica. A criação do Centro Gráfico e da Subsecretaria de Edições Técnicas (antiga Diretoria de Informação Legislativa) deu origem à edição de obras técnico-jurídicas, cujo alto valor informativo é comprovado pela grande aceitação em todo o país. Com a finalidade de fornecer aos Senhores Parlamentares subsídios para a apreciação das mais importantes proposições submetidas ao Congresso Nacional são editados os Boletins Informativos, de tiragem limitada e circulação restrita. A Revista de Informação Legislativa, periódico trimestral de pesquisa jurídica, com onze anos de publicação ininterrupta, e as obras técnico-jurídicas de análise da legislação alcançam a tiragem de 10.000 exemplares, levando a informação sobre as normas legais a todos os rincões do país. Documentando; pesquisando e analisando os problemas em exame no Congresso Nacional e a legislação brasileira, as edições técnicas do Senado Federal, não só informam aos legisladores e ao público em geral, como divulgam, no Brasil e no exterior, as letras jurídicas nacionais e, sobretudo, o Poder Legislativo.
Informação biomédica	Lylian G. de Vasconcellos	Serviços de Informação	Informação biomédica Divulgação Serviços especiais em informação	Motivada pela escassez de serviços especiais em informação biomédica que atendessem às necessidades dos pesquisadores das ciências da Saúde e, mais particularmente, da comunidade de Cardiologia, a Seção de Biblioteca, Documentação e Divulgação Científica do Instituto de Cardiologia do Estado de São Paulo acrescentou, às suas atividades de rotina, 3 aspectos: 1) AUDIOVISUAIS; 2) COORDENAÇÃO DE EVENTOS; 3) PUBLICAÇÕES. O Setor de audiovisuais consta de 3 enfoques principais: a) filmes - a partir de 1966, produziu 12 filmes científicos dentro da área da

				Cardiologia clínica e cirúrgica; b) fitas gravadas – desde 1973, vem gravando cursos e palestras e já editou um cassete, com livreto explicativo, sobre "exercícios de ausculta"; c) fotografias e diapositivos - de maio de 1972 a 30 de março de 1975, fez 22.042 fotografias e 14.926 diapositivos. Os audiovisuais, pela sua força de comunicação, devem ser incorporados ao trabalho específico dos centros de informação biomédica e a atividade de coordenação e publicação de eventos deve atrair o bibliotecário especializado que, pela sua própria formação profissional, se preocupa com a localização da matéria apresentadas nesses eventos e com a disseminação da informação aí contida.
Organização de uma biblioteca de manuais IBM	Maria Helena Nicoletti Gumieiro	Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação	Manuais Organização Biblioteca	A biblioteca de um centro de Processamento de Dados tem, além do material usual, aproximadamente 60% de documentação relativa a programas elaborados no Departamento. Esta documentação são os manuais de software e hardware que serão utilizados pelos técnicos de processamento de dados. Esta experiência foi baseada na organização de uma biblioteca de um CPD cuja máquina é um computador IBM/370, portanto o trabalho foi baseado nos códigos da IBM/ System/360 and System/370 Bibliography. O trabalho está dividido em várias partes. No item "Conhecimento inicial do material" o usuário ficará familiarizado com as características dos elementos que compõem a página de rosto dos manuais. De posse desses conhecimentos, partiu-se para a explanação sobre o arranjo físico dos próprios manuais, como: preparação para circulação, encapamento, etc. O arranjo físico nas estantes é também abordado como base para as listas de consulta e empréstimo. Levando-se em conta o empréstimo abordaram-se problemas usuais encontrados em um CPD bem como as estatísticas referentes a empréstimos. Com relação às listas de consulta foram descritas as listas em ordem alfabética, numérica e por assunto. Estas listas sendo automatizadas estão ligadas a um sistema adotado pela biblioteca. Pretende-se com este trabalho dar o máximo de apoio aos profissionais novos que entram no mercado de trabalho

				sem a devida noção do que seja esse material e consequentemente encontram grandes dificuldades de adaptação.
Estudos de probabilidades de intercomunicação aplicados aos usuários	Maria Lectícia de Andrade Lima	Usuários e Usos da Informação	Usuários Biblioteca universitária Estudo de usuário	Todas as tentativas de observação do usuário são justificadas pelo papel que ele representa nos sistemas de informação. Os estudos realizados até agora têm se ressentido de concepções teóricas deficientes e do uso de métodos pouco sistemáticos nas técnicas de pesquisa. Procurando dados mais objetivos, alguns pesquisadores têm utilizado, nas análises de usuários, o método indireto de Goffman, empregando comumente, como instrumento de comparação, a colaboração nas mesmas revistas científicas. Observando autores individuais e grupos de pesquisadores, experiências americanas e brasileiras estabeleceram matrizes de probabilidades de intercomunicação, obtendo agrupamentos de acordo com determinados níveis de probabilidade crítica. Na Universidade Federal de Pernambuco procurou-se determinar as probabilidades de intercomunicação entre usuários de uma biblioteca universitária, utilizando uma lista de tópicos e solicitando que fossem assinalados os assuntos ligados direta ou indiretamente aos interesses dos leitores. As comparações dos perfis dos grupos de usuários levaram à descoberta das inserções dos conjuntos, o que permitiu calcular os índices de probabilidade de intercomunicação. Essa experiência, realizada em seis Departamentos Universitários, será repetida na Biblioteca Central, num campo mais vasto. A pesquisa procurara atingir todos os Leitores estudantes universitários, num período de duas semanas, esperando-se que a rede de intercomunicações evidenciada confirme as semelhanças e aproximações previsíveis entre grupos de estudantes cujos planos de trabalho escolar tenham pontos em comum.
Divulgação da documentação geológica	Mariza da Silva Santos Nilza Silva Jardim	Gestão da Informação	Centro de Documentação Geologia Literatura geológica	O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), Órgão voltado para a ciência e pesquisa tecnológica e que a cada ano multiplica seu campo de atuação, tem registrado um grande desenvolvimento em relação à evolução da ciência geológica, notadamente a Geologia de Engenharia. A

				importância da seleção de documentos e a necessidade de coordenação dos mais variados serviços, devido ao grande volume e afluência de informações tecnocientíficas foram os fatores mais preponderantes para a criação do Grupo de Documentação da Divisão de Minas e Geologia Aplicada (DMGA) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. Esse Grupo oferece aos seus técnicos e pesquisadores respostas rápidas e funcionais às questões solicitadas. Procura coletar o maior número de informações sobre a literatura geológica, colhendo esses dados através de redes de informações ligadas a este ramo tanto no âmbito nacional como no internacional. Embora possua pouco mais de 4 anos de criação, o Grupo de Documentação tem apresentado rápido desenvolvimento. Encontra-se plenamente inserido na função de assessorar todos os setores técnicos no fornecimento de informações necessárias ao seu desenvolvimento. O propósito desta comunicação é divulgar o funcionamento dos setores técnico, científico e cultural do Grupo de Documentação da DMGA-IPT, descrevendo desde as funções específicas do pessoal especializado ao acompanhamento dos resultados obtidos de cada uma das formas de informação (fichas, cartões perfurados, filmes, slides, fotografias, mapas, índices, arquivos comuns e especiais, etc).
Pesquisa de usuário no SEICT	Mitiko Horigoski	Usuários e Usos da Informação	Planejamento Necessidade de usuário Pesquisa de usuário	A pesquisa de necessidades de usuários tem sido apontada frequentemente como o instrumento de planejamento capaz proporcionar maior eficiência e eficácia aos sistemas informação, através da adequação dos mesmos às necessidades reais. Especificamente no que se refere aos sistemas de informação científica e tecnológica, a bibliografia mais recente tem indicado avanços significativos neste particular. Considerando a configuração peculiar assumida pelo Sistema Estadual de Informação Científica e Tecnológica do Estado de São Paulo, a Coordenação do Sistema desenvolveu experiência piloto com metodologia própria de pesquisa de usuário junto a algumas instituições de pesquisa. Os princípios que definiram a metodologia adotada foram função da peculiaridade acima citada, que consiste

				basicamente na participação da instituição de pesquisa como fonte geradora da informação através de seu quadro de pesquisadores. Por conseguinte, o sistema comporta duas fontes de informação: o arquivo documentário e o arquivo do pesquisador. Dentro deste enfoque, as instituições são vistas constituindo elas próprias sistemas individuais de informação especializada. Consequentemente, o método de pesquisa apresenta sensíveis contrastes se comparados aos tradicionais "perfis de usuários" na medida em que objeto e instrumentos de pesquisa tomam formas originais. Embora o questionário individual pareça como instrumento de coleta de dados muito utilizado para a caracterização de perfis de usuários, elas apresentam o inconveniente de fornecer elemento de identificação de necessidades expressas, que nem sempre correspondem às necessidades reais. Para fins de planejamento de sistemas de informação científica e tecnológica com estas características, ficou demonstrado que o método mais completo é o da análise sistêmica do universo de atuação de cada grande grupo de usuário. Tal análise, na verdade, foi o único que permitiu detectar a natureza da informação que suas atividades concretas demandam, permitindo deduzir com alto grau de aproximação, as informações decisivas que podem ser fornecidas pelo sistema, respeitados os limites de ordem institucional. Quanto às fontes e instrumentos de coleta de dados, a entrevista através de consultorias especiais com pesquisadores, dirigentes de instituições de pesquisa ou de empresas, demonstrou ser de grande valia, desde que conduzidos por um bom entrevistador. Ficou também caracterizada a utilidade das séries de dados estatísticos de demanda de informações dentro de uma instituição de pesquisa, os quais, fornecem elemento~ preciosos para avaliação e replanejamento de sistemas em operação, não sendo, entretanto, suficientes para identificar necessidades reais de usuários na fase de planejamento estratégico do sistema.
--	--	--	--	---

O sistema estadual de informação científica e tecnológica - SEICT	Cecília Durão Coelho	Serviços de informação	Sistema Estadual de Informação Científica e Tecnológica Política científica e tecnológica	O Conselho Estadual de Tecnologia da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de Estado de São Paulo vem desenvolvendo atividades na área de comunicação científica e tecnológica através do programa de montagem do SEICT, constituído basicamente por dois projetos integrados: o Banco de Dados em Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e a Rede Estadual de Informação Científica e Tecnológica. -O Projeto do Banco de Dados visa o levantamento e organização de dados sobre as entidades que integram o Sistema Científico e Tecnológico do Estado de São Paulo. O Projeto da Rede de Informação visa o estabelecimento de uma rede integrando e desenvolvendo terminais de informação em entidades do Sistema Científico e Tecnológico do Estado, para aproveitamento sistemático das informações disponíveis pelos vários grupos de usuários. A estratégia de implantação dos dois projetos é discutida bem como os problemas decorrentes de seu desenvolvimento.
	Maria Regina Pontes Agune			
	Celina Ippolito			
	Maria Helena Antoniassi			
Filosofia do sistema de informações do CIT da USIMINAS	Berenice Fersiva	Serviços de informação	Centro de Informações Técnicas Política de informação Informação Serviços	A eficácia de um sistema de informações repousa na valia dos serviços que presta aos fins a que se destina. Nas empresas as informações são utilizadas como "inputs" para sua evolução estratégica e o sistema de informações precisa engajar-se profundamente nas características individuais da mesma para poder gerar informações ajustadas as suas necessidades a partir do universo externo das informações pesquisadas. Este trabalho aborda a filosofia do sistema de informações do Centro de Informações Técnicas da USIMINAS, apresentando o esquema de valores que norteia a geração de suas informações e como é sua atividade planejada
	Luiz Carlos de Oliveira			
A divisão de documentação do Ministério da Fazenda face à estrutura informática	Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante	Serviços de informação	Divisão de Documentação Serviços técnicos Sistema de documentação	Exposição das competências legais do Ministério da Fazenda, pré-estabelecidas na disciplinadora norma jurídica brasileira relativa a Administração Federal, cujas diretrizes para a Reforma Administrativa constam do Decreto-Lei nº 200 de 25.02.1967 e de outros três que o alteraram: 900 de 20.09.1969, 991 de 21.10.1969 e 1093 de 17.03.1970. Decorrências nas estruturas relacionadas com múltiplas atividades, dentro das ciências sociais

				afetas, são descritas e em linhas genéricas. Análise sucinta de órgãos que geram e processam diferentes tipos de informações e/ou de documentação, essenciais à ciência informática, com enfoque dos respectivos âmbitos e incumbências normativas e/ou executivas da administração direta. Esclarecimentos de algumas particularidades quanto à aplicação de serviços normalizados, visando ao processamento de dados e tratamento de informações, com adoção de métodos eletro-mecânicos e/ou eletrônicos em diferentes áreas. Referências aos órgãos estruturados como de: direção superior, apoio, coordenadores de sistemas únicos, responsáveis por planos, programas, projetos. Influência direta no desenvolvimento econômico-social; e integração no Sistema de Planejamento Federal, legislado a través do ex-Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Importância da participação nos Planos Nacionais, tentativas de racionalizar a computarização nos setores públicos com a criação da Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico, Órgão colegiado com posto de 5 representantes governamentais, inclusive do Ministério da Fazenda e do Serviço Federal de Processamento de Dados. Antecedentes da criação do Departamento de Administração, previsto inicialmente, como de Serviços Gerais no Decreto-Lei nº 200/67; sua estrutura configurada sob nível normativo, forma sistêmica, subordinação à Secretaria-Geral, com 5 Divisões - Comunicações, Documentação, Material, Obras e Transportes - coordenadores dos respectivos sistemas em âmbito nacional. Ajustes de Assistência Técnica e de execução de serviços com o SERPRO para consecução gradativa do Plano de Trabalho 1973/75. Enfoque final de programas, projetos e estrutura da Única Divisão de Documentação - jamais criada antes - com seus 2 Serviços : Controle e Avaliação, e o de Estudos, Projetos e Normas composto de 3 setores denominados de Biblioteconomia, Informação e Documentação e Produção Editorial.
--	--	--	--	---

O instituto florestal como terminal do SEICT, sua reformulação na informação e o papel da biblioteca	Rosalvi Maria Teofilo Monteagudo	Serviço de informação	Informação Informatologia Usuários	O IF, sob coordenação do SEICT, do qual é um dos terminais, fez um plano de ação baseando-se em sua estrutura, no levantamento do perfil da necessidade dos usuários internos e externos, na necessidade de informar e no problema da transmissão do conhecimento da comunicação e/ou informação dos diversos campos de especialização, tomou como ponto de partida os conceitos dos usuários, pois, a informação é usada pelo e para o homem. O IF caracteriza bem esta nova ciência, a informatologia, devido a sua variedade de tipos de informação, como: Setor Museu - informação tradicional; Setor Fotogr. - informação visual; Setor Publicação - informação pesquisas IF; Setor Biblioteca – informação bibliográfica; e o terminal IF, onde serão centralizados as informações rápidas (não publicadas) e de diretriz da informação do IF. Para adotar esta nova estrutura, foi necessária uma tomada de posição da Biblioteca sobre o que compete a este, o que compete ao terminal e o que compete A AMBOS. A Biblioteca tradicional tinha o USUÁRIO COMO FIM, enquanto que a Biblioteca atual tem como partida o USUÁRIO, suas perguntas, suas necessidades, compreendendo que seus interesses evoluem sempre, e os assuntos antes genéricos, vão se especializando, criando novos termos. Assim, um enfoque antes aceito precisa ser alterado, pois este é um processo que se renova continuamente, embora o DOCUMENTO seja sempre o mesmo. Já que o ABSTRACTS é o que mais informa ao usuário, por que a biblioteca não o adota como Modelo? Para chegarmos a esta uniformização Nacional ou um padrão a todos, por que não adotarmos a ABNT que estuda as necessidades dos pesquisadores nacionais, não dita o padrão Nacional de catalogação, se o ponto de partida é o usuário e as referências bibliográficas os satisfazem, para que adotarmos outro critério no fichário, se este visa atendê-los? Catalogação ABNT/PNB-66, Resumo ABNT/NB88, e destaque palavras chaves. O nosso maior problema deve ser resolver o particular para colaborar com o regional, para um Nacional, e integrar-se ao Internacional.
--	----------------------------------	-----------------------	------------------------------------	--

O método científico no perfil da necessidade para aplicar o SDI	Rosalvi Maria Teofilo Monteagudo	Usuários e Usos da Informação	Disseminação Seletiva da Informação Método científico Pesquisador	Não é mais o usuário quem pede a informação, mas ele que é informado. Com o perfil da necessidade, passamos a considerar o problema analisando as deficiências para chegarmos à eficiência. O avanço contínuo intensificou a especialização, ao mesmo tempo que levou a imprevistas interpretações de disciplinas, ocasionando o problema da comunicação e da informação. Daí a aplicação do Método Científico do pesquisador da informação, que é obtido com a observação direta da conduta para sentir o problema e elaborar hipóteses, através de levantamentos com Questionários abertos ou rígidos. Estudando o campo de trabalho do pesquisador onde o pesquisador da informação reinicia. Este método tem grande variedade de aplicações, como: terminologia usuário e biblioteca, facilidade de comunicação, bibliografia de acordo com o interesse e o próprio SDI, etc. Como controlar o SDI e organizar o catálogo do usuário, e o que compete ao pesquisador da informação. O cientista visa à evolução das pesquisas, e o pesquisador da informação ao pesquisador e baseando-se neste processo de coleta de informações, e, para que haja isto, é importante a colaboração de ambos. O fator mais importante do SDI num Instituto de Pesquisa é sentido nos trabalhos dos pesquisadores.
O centro de informações nucleares	Selma Chi Barreiro	Serviço de informação	Centro de informações nucleares Produtos Serviços de informação	A criação, o histórico e os serviços do International Nuclear Information System (INIS) são apresentados. O Centro de Informações Nucleares (CIN), sua estrutura e seus serviços: disseminação seletiva da Informação (SDI), Cleanringhouse e envio de input ao INIS são descritos detalhadamente.
	Ana Cristina E Miranda			
O serviço de disseminação seletiva de informação executado na divisão de informação do departamento de informação e documentação científica do Instituto	Terezine Arantes Ferraz	Serviço de informação	Planejamento Disseminação Seletiva da Informação Perfil de pesquisa	O trabalho descreve o serviço de disseminação seletiva de informação, no início do segundo semestre de 1974. É relatada o plano geral do serviço, a mecânica de execução e as medidas para se proceder à análise de pertinência. São, igualmente, explicados os objetivos visados pelas estatísticas projetadas para o controle do material analisado. São especificados e justificados os pormenores empregados no quadro utilizado para o controle da análise
	Regina Célia Figueiredo			

de Energia Atômica de São Paulo				de pertinência. Finalmente, são relacionados os perfis em execução.
Planejamento do serviço de informações especializadas em formação profissional (SIEFOR) do CENAFOR	Carmina Nogueira de Castro Ferreira	Serviço de informação	Planejamento Formação profissional Informação especializada	Verificada a carência de informações especializadas em formação profissional e no ensino profissionalizante, hoje tão valorizados pela 'Lei 5.692, apresentam-se os trabalhos desenvolvidos no CENAFOR a fim de que nesse Órgão do MEC seja instalado um Órgão central, a nível governamental adequado, com bem definida responsabilidade e autonomia suficiente para realizar toda a planificação da informação em Formação Profissional.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

No quadro acima estão compiladas as comunicações do tema que recebeu o maior número de produções. Neste grupo que se ocupou de discutir a ‘Organização, administração, disseminação e utilização’ encontram-se as comunicações que versaram sobre serviços de informação, seus processos de planejamento e avaliação. Além disso, identifica-se as comunicações sobre estudos de usuários. Caracteriza essas comunicações o caráter descritivo dos trabalhos desenvolvidos, contendo fluxogramas, formulários, imagens de tesouros, cartões perfurados, dentre outras ilustrações.

QUADRO 20. Assuntos abordados nos trabalhos do tema “Tecnologia” da “I Reunião Brasileira de Ciência da Informação” de 1975 a partir das variáveis “título”, “nome próprio”, “classificação conforme Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação”, “assunto”, “resumo”.

Título	Autoria	Classificação	Assunto	Resumo
Um sistema para controle de imagens terrestres	Arry Carlos Buss Filho	Serviço de informação	Banco de imagens Terrestre Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	É do controle e conservação de nossos recursos terrestres, totalmente vitais, que depende o bem estar e destino das futuras gerações e, o mais promissor conceito, fruto da mais avançada tecnologia é o Earth Resources Technology Satellite - ERTS (LANDSAT). O Brasil, através do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é o terceiro país do mundo depois dos Estados Unidos da América e do Canadá que construiu um sistema para
	Márcio Nogueira Barbosa			
	Mauro Moraes Queiroz			

				aquisição, processamento e disseminação dos dados desta série de satélites. Entretanto, é de suma importância para o país um perfeito controle de todos esses dados. Para isso, o INPE desenvolveu um sistema chamado BIT (Banco de Imagens Terrestres), principal objetivo desse trabalho. A filosofia básica desse Banco de Imagens é permitir um perfeito controle sobre o seu acervo, com relação as características do material disponível, permitido também uma sistemática de consulta que venha minimizar os esforços necessários na recuperação, duplicação e despacho do material solicitado pelos usuários. Não somente isso, o BIT, dada a metodologia no seu desenvolvimento, permite sua aplicação para produtos obtidos por outras plataformas espaciais, tais como o Skylab, além de dados convencionais de avião.
Processamento e recuperações da literatura brasileira de química	Bento Afonso dos Santos	Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação	Bibliografia Química Programa (software)	Indexação em linguagem livre dos artigos de química produzidos por pesquisadores brasileiros no período 1930/1973. O projeto compõem-se de: 1) Bibliografia básica por ordem sequencial de entrada de documentos; 2) índice alfabético de autores e 3) indexação em linguagem livre, tipo KWOC das palavras significativas dos títulos dos artigos ou através de descritores acrescentados. O projeto foi desenvolvido em linguagem PL/1 e Assembler, para utilização em computadores/370, compõem-se de três modelos distintos: a. Módulo Preparo das Informações; b. Módulo Arquivamento/Críticas das Informações; c. módulo KWOC/Recuperação das Informações. Mediante interligação dos módulos poderão ser obtidos as mais variadas formas de recuperação de informações de acordo com as necessidades dos usuários. O programa desenvolvido permite ainda, mediante adaptação do formato de entrada, a recuperação dos dados do SIABE (Sistema Integrado de Automação das Bibliografias Especializadas).
	Luiz Eduardo Gutter			
	Luiz Eduardo Nóbrega Loureiro			
	José Alberto dos Reis Parise			
	Ida Maria Cardoso Lima			
Cadastro de pesquisas; recuperação automática	Elvia de Andrade Oliveira	Serviço de Informação	Cadastro de Pesquisas Programa (software) Processamento de dados	Metodologia para a recuperação das informações contidas no cadastro de pesquisas (CAPESQ). Histórico, coleta e formato de dados de entrada em cartões perfurados. Elaboração de dois tipos de programas que permitem
	Maria Ignez Azambuja de Lemos			

	Ilse Dumpel Cesar Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca			recuperações de pesquisadores principais e colaboradores, instituições financiadoras e de pesquisa, área de especialidade, assuntos e datas (início, término e duração da pesquisa). Apresentação de fluxograma e listagens obtidas das recuperações.
Ferramentas para implantação e utilização de bancos de dados	Flávio Pereira de Souza Alfredo Veiga de Carvalho William Carlyle Koelsch	Tecnologias da Informação e Comunicação	Software Recuperação da informação Bancos de dados	A PUC através do Rio Datacentro do Núcleo de Computação tem desenvolvido nos últimos anos, sistemas (software) para Gerência de Banco de Dados especializado ou não. Entre os pacotes de mais ampla utilidade estão o SCAP e o STELA. O SCAP (Sistema Conversacional de Consulta para Artigos de Periódicos) é um sistema orientado para recuperação, via terminal, de referências bibliográficas de artigos de periódicos. A operação “online” é feita através do TSO (Time Sharing Option) que perfaz a interface com o Sistema Operacional. A recuperação da informação é feita através do diálogo “on line” SCAP – USUÁRIO, por intermédio de uma linguagem conversacional própria, de fácil aprendizado mesmo para pessoas sem qualquer conhecimento na área de computação. A criação e atualização do banco de dados é feita em “batch”, independentemente do funcionamento “on-line”, tendo sido o sistema projetado para armazenar grandes coleções de artigos. O STELA é um sistema que coloca à disposição imediata do usuário todas as informações no seu banco de dados. É um sistema de administração de banco de dados em teleprocessamento (ou em processamento Batch), que imprime em alguns segundos uma resposta a um pedido de informação. Ele permite também a atualização imediata dos dados armazenados no banco. O usuário conversa com o sistema através de um terminal tipo máquina de escrever ou vídeo, independente de programadores, perfuradoras de cartões, ou catálogos de referências.
O projeto de tecnologia da informação do IPT	George E. Freund	Tecnologias da Informação e Comunicação	Informação tecnológica Tecnologia da Informação Sistema STACKS	A Tecnologia da Informação deve ser encarada como sendo a interseção de 4 grandes tecnologias a saber: micrografia, processamento de dados, telecomunicações e televisão. Estas 4 tecnologias são amplamente estudadas individualmente, porém, somente com uma visão global

				delas poder-se-á ter um enfoque apropriado da Tecnologia da Informação. A equipe de engenharia de sistemas de informação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas está equacionando um sistema de <i>hardware</i> envolvendo as 4 tecnologias e também o <i>software</i> correspondente. Está em desenvolvimento no IPT um sistema de informações que se caracteriza por: -operação conjunta de 2 arquivos: um micrográfico e um magnético; -terminais televideoconversacionais interligados em um circuito fechado de TV; -projeto elaborado considerando aspectos comportamentais da interação homem/máquina.
A divisão de informática técnico-científica do IPR	Sem indicação de autoria	Tecnologias da Informação e Comunicação	Documentação rodoviária Processamento de dados Pesquisa rodoviária	O Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR) órgão do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) a partir de janeiro de 1975, cria a Divisão de Informática Técnico-Científica, com acesso aos computadores da Divisão de Processamento de Dados e Documentação (DPDD) do DNER. Elaboração pela DP DD de um sistema de processamento interno para a recuperação e disseminação de resumos de pesquisas rodoviárias gravados em fitas magnéticas nacionais e estrangeiras obedecendo aos perfis de interesse dos usuários do sistema. Organização de um acervo específico para informática pelo setor de documentação; elaboração de um manual de serviço com vistas ao treinamento de pessoal para centros de informática; normalização na apresentação dos trabalhos publicados pelo IPR e elaboração de normas técnicas de interesse rodoviário.
O sistema de informação do instituto de pesquisas tecnológicas: programa de emergência	Jerusa Gonçalves de Araújo	Serviço de Informação	Informação tecnológica Sistema de informação Serviços de informação	As etapas de entrada, processamento e saída do Sistema de Informações interno do Instituto de Pesquisas Tecnológicas são detalhadas. É dada ênfase às técnicas novas que foram introduzidas para o melhor desempenho do sistema e consequente satisfação das necessidades do usuário. Alguns projetos na área de documentação são destacados, como o projeto de descentralização de acervos e o do protocolo indexado, ambos já implantados e em fase de teste. Desenvolve o funcionamento do Escritório de Informação Tecnológica e seu papel de interface entre os usuários externos e a rede de

				informações do IPT, que é apoiada nos próprios técnicos e especialistas de cada área.
Desenvolvimento de software para SDI	José Augusto Alves Bernacchi	Tecnologias da Informação e Comunicação	Sistema de disseminação seletiva de informações Usuário Software	Apresentam se razões para desenvolvimento de know-how de tecnologia própria. Descreve-se o que é um serviço de SDI e sua necessidade, face à explosão literária. Desenvolve-se idéias a respeito de arquivos, software e critérios necessários a um SDI. As várias gerações do nosso sistema de SDI são dissecadas nos aspectos referentes a erros e conceitos adotados. São levantados aspectos quanto à atualização automática de perfil.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

O último grupo das comunicações, com o tema “Tecnologia” tratou de descrever majoritariamente processos de automação e descrição de softwares e hardwares. Nesses trabalhos, apresentados por profissionais da área de tecnologia da informação, buscaram conceituar os termos que utilizavam tais como: sistemas e bancos de dados, sugerindo existir a época também uma polissemia em torno desses conceitos. Aqui também são mencionados os usuários dos sistemas, cuja necessidades são colocadas como norteadores do desenvolvimento e melhoria dessas ferramentas.

Marca o perfil das comunicações da I Reunião Brasileira de Ciência da Informação o fato de que todas relacionavam-se a ambiência de trabalho dos participantes, imprimindo um forte caráter prático descritivo das apresentações.

5.3 Interpretação e discussão panorâmica dos dados

Tendo em vista do “Quadro 4. Dados extraídos do instrumento de coleta de dados via roteiro de entrevistas do pré-teste para identificação de publicações de eventos fundadores do campo da Ciência da Informação no Brasil”, fruto do exercício prévio de construção dos *corpora*, fundamental etapa para esta pesquisa, depreende-se que das autoridades consultadas, um ponto de vista que nos faz retomar o marco teórico da construção epistemológica do campo. Se tomamos como lente a posição de Birger Hjørland (2005), a interpretação do propósito dos eventos citados pelas autoridades epistêmicas brasileiras consultadas aponta fundamentalmente para uma estrutura de fundamentação sociológica do campo informacional fruto de influências empiricistas e racionalistas com foco final no positivismo.

Mesmo as menções a eventos com horizonte acadêmico ou profissional em seu plano geral (sem identificação das fontes), sugerem inicialmente um olhar orientado para a aplicação de uma lógica (fundo racionalista do Iluminismo) articulada com o mecanicismo do empirismo que virá se converter em sistemas para armazenamento, fluxo e recuperação de conteúdos e de conteúdos em meio eletrônico a partir da metade do século XX no contexto europeu, russo e americano, impactando o cenário internacional e a Ciência da Informação brasileira.

Distantes estão, do olhar panorâmico sobre estas fontes, as abordagens pós-estruturalistas investigadas por Ronald Day (2020), ou seja, um conjunto de micro-estudos-sociológicos em informação focados em abordagens construtivistas, ou sociais, ou culturalistas, bem como aquelas apontadas por Martínez Rider e Rendón Rojas (2004) como teorizadas dentro do quadro paradigmático “simbólico” e “crítico”

Como o próprio olhar dayano aponta, este contexto tem interesse imediato nas questões de aspectos tecnológicos e, em parte, em abordagens cognitivas (na relação de reflexão do exercício de compreensão entre processamento de entidades mentais e seu espelhamento em processamento de máquinas de fluxo de sinais). Trata-se de um conjunto de encontros que trarão também enfoques apontados por Maria Nélida González de Gómez (2000, 2001), Marivalde Francelin (2018) e as posições “platônica”, “fonte-canal-receptor” e “representacionista” de Rafael Capurro (1992) e “cognitivista” (Capurro, 2003), assim como nos estudos de mapeamento da produção científica e na formação da Ciência da Informação no Brasil, de Lena Vania Ribeiro Pinheiro (1995, 2005).

Faz-se relevante lembrar que o quadro de encontros, congressos, seminários, reuniões científicas e demais modalidades apontadas pelas autoridades epistêmicas presentes no “Quadro 4. Dados extraídos do instrumento de coleta de dados via roteiro de entrevistas do pré-

teste para identificação de publicações de eventos fundadores do campo da Ciência da Informação no Brasil”, demonstram relações estruturantes da formação do campo entre questões profissionais, questões de demanda socioeconômica e questões educacionais (de formação), vinculadas a macrofenômenos internacionais do período (centralmente, a geopolítica da Guerra Fria; uma economia política orientada para industrialização e para o neoliberalismo). Além disto, no caso dos eventos apontados, percebe-se a evidente e ativa participação de mulheres no palco das decisões sobre o desenvolvimento do campo informacional no Brasil, entre ensino e pesquisa, formação para o mundo do trabalho e o mundo acadêmico, bem como a atividade científica estrita (a pesquisa orientada para teorias e métodos de inovação em e para informação).

Entre os eventos que chegaram até sua plena realização, os encontros que deixaram suas publicações (factualmente apontaram registros em formatos, mesmo que distintos, de anais ou atas) e aqueles que jamais teremos acesso em canais, ocultos em contextos de colégios invisíveis, em propostas não implementadas ou conjunto de trocas e intercâmbios de ideias em canais não tradicionais da ciência, faz-se de extrema relevância lembrar da rede de pessoas, profissionais, acadêmicas, científicas, entremencionadas na etapa prévia de identificação das publicações dos eventos.

Os nomes citados pelas autoridades epistêmicas que nos levaram até os anais dos eventos científicos que contribuíram significativamente para construção da Ciência da Informação no Brasil apontam para o conhecimento, o reconhecimento e a seara de fontes que poderiam nos levar ao acervo destes encontros, mas, também, a silenciosa fonte, potencialmente gigantesca, de dados sobre os acontecimentos dos anos 1970 nos circuitos invisíveis de diálogo e produção de ideias acadêmico-científicos, por exemplo, presentes na memória oral, em fundos pessoais e narrativas pontuais destas personagens, aqui novamente listadas:

- Aldo Barreto
- Célia Zaher
- Dinah Población
- Edmir Perrote
- Eduardo Wense Dias
- Gilda Maria Braga
- Graça Targino
- Gregor Baranov
- Hagar Espanha Gomes

- Helena Braga
- Yone Sepúlveda Chastinet
- Isa Maria Freire
- Janice Monte-Mor
- Joana Coeli
- Johanna Smit
- José Augusto Guimarães
- Lena Vânia Ribeiro Pinheiro
- Lídia Alvarenga
- Lydia de Queiroz Sambaqui
- Maria Nélida González de Gómez
- Mariângela Fujita
- Marilda Lopes Ginez de Lara
- Marisa Bräscher Basílio Medeiros
- Marlene de Oliveira
- Marta Lígia Pomim Valentim
- Nair Kobashi
- Regina Maria Marteleto
- Rosali Fernandez de Souza
- Solange Puntel Mostafa
- Suely Amaral
- Suzana Pinheiro Machado Muller
- Virgínia Bentes

A reprodução da lista, por ordem alfabética, revela novamente a relação entre sujeito, reconhecimento e seu papel histórico na lembrança – a memória citada como fonte oral para o reconhecimento dos fluxos formais e dos colégios invisíveis da formação do campo informacional no Brasil. Tal representação nos ajuda a reafirmar o papel do feminino na fundamentação das estruturas profissionais, científicas e acadêmicas do Ciência da Informação no Brasil, assim como a repetição, conforme no “QUADRO 4. Dados extraídos do instrumento de coleta de dados via roteiro de entrevistas do pré-teste para identificação de publicações de eventos fundadores do campo da Ciência da Informação no Brasil”, da menção aos nomes, demonstra o prestígio, a notoriedade, a possibilidade de compreensão de um modo de

reconhecimento da vasta ação e dimensão dos resultados da ação de tais personagens. Neste caso, centralmente, o papel Célia Zaher, Lydia de Queiroz Sambaqui e Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Quando nos debruçamos na documentação para interpretação e discussão dos dados do “**Seminário da Documentação à Informática**”, promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em parceria com o IBBD, sob a presidência de Benedicto Silva, entre 24 e 27 de novembro de 1971, a compreensão dos elementos filosóficos, epistemológicos, teóricos, metodológicos, técnicos e/ou produtos, aponta para a estrutura de diálogo, de sobreposição e de contradições entre a história do processamento de dados em documentos impressos e o início do processamento eletrônico em contexto internacional com impacto no Brasil na virada dos anos 1960 para 1970. Registra-se, nestes embates, antes dos dilemas filosófico-epistemológicos, o choque terminológico e a dificuldade de clareza nas definições perante a transformação técnica da “mecânica” de controle, preservação, organização e acesso dos registros do conhecimento.

Esta disputa terminológica fica clara em uma problematização que vai da demarcação do nome de processos, técnicas e produtos à denominação ou red denominação do campo científico em debate. Deste modo, entre termos como “cibernética”, “informática”, “biblioteconomia”, “informação científica”, “documentação”, “bibliografia”, “ciência da informação”, a discussão ora aponta para uma seara estrita de questões vinculadas especificamente a dilemas técnicos procedimentais e/ou a produtos (por exemplo, classificações, tesauros, *softwares*, diretrizes formalizadas em manuais, incluindo a descrição do processamento de dados em universidades, em empresas, na indústria gráfica.

O fundamento filosófico por trás do debate está vinculado à lógica, correlacionando-se à posição de modelos epistêmicos sobrepostos entre racionalismo e empirismo no campo naquele contexto, como observado em Birger Hjørland (2005), a partir de enfoques do positivismo na estrutura estatístico-probabilística dos desdobramentos da cibernética (estruturalmente manifestada como processamento e recuperação automatizada de sinais gráficos em máquinas no vetor humano-máquina e na transferência destes sinais no vetor máquina-máquina). Fica manifesta, aqui, as linhas convergentes dos paradigmas anunciados por Rafael Capurro (1992), com foco em debates sobre “fonte-canal-receptor”, “paradigma representacional”. A otimização dos sistemas eletrônicos em redes locais (ou seja, institucionais, na esfera pública e na esfera privada), guarda o fundamento da posição filosófica da lógica operacionalizada como recurso de programação para o funcionamento dos sistemas de inserção, ordenação e recuperação de dados em plataformas eletrônicas.

Igualmente, quando observamos a partir da matriz de correntes filosóficas e epistemológicas, que nos levam aos conceitos, teorias e métodos, e destes às técnicas e produtos, o panorama do **“III Congresso Regional sobre Documentação e XI Reunião da FID/CLA, (1971)”** manifesta estruturalmente o enfoque vinculado à lógica aplicada à linguagem, sustentado pela conjugação entre racionalismo, empirismo e positivismo, correlação esta que, se não manifesta é à superfície das comunicações publicadas nos anais dos eventos, pode ser identificada nas relações fortemente enfatizadas nos dados registrados no *corpus* textual referente aos encontros.

Como exemplo, estão os enfoques orientados para os “mecanismos” de “transferência de informação” (aqui, transferência vinculada objetivamente à questão da plataforma eletrônica e o fluxo de dados entre terminais automatizados), estrutura lógica dos sistemas de classificação (dentro do discurso epistemológico advindo da Documentação), construção e desenvolvimento de banco de dados (o que inclui apresentação de modelos de técnicas e produtos de sistemas), como automação de toda a metadocumentação em plataforma vegetal de técnicas, produtos e serviços bibliográficos de bibliotecas, o horizonte da informação científica como centralidade (expresso, por exemplo, no aperfeiçoamento do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas do Ibict para recuperação da informação científica produzidas em canais formais de fluxo dos resultados da pesquisa).

Integram, ainda, esta construção, os debates de fundo cognitivo, como manifestados na posição do “paradigma representacional”, em Rafael Capurro (1992) e em Rafael Capurro (2003), com foco no usuário nos usos dos sistemas, suas necessidades, centralmente o usuário especializado no contexto das universidades e dos institutos de pesquisa. Esta ênfase parece avançar na direção da compreensão dos modos de conformação dos sistemas a partir da experiência de comunidades especializadas de uso e de usuários.

Outro aspecto central no “Congresso” é a posição geopolítica de planejamentos multilaterais e bilaterais, entre contexto internacional, contexto latino-americano e contexto brasileiro de desenvolvimento da infraestrutura da informação científica, suas instituições, seus modos de produção, de circulação e de acesso. Claramente manifesta está a preocupação com o compartilhamento de métodos, de técnicas e de produtos em formato de sistemas (estruturas hierárquicas regionais ou locais) e em rede (frentes de intercâmbio dos procedimentos informacionais em construção, em teste ou em fluxo já ali naquele período). Ressalta-se aqui o lugar de liderança do discurso brasileiro em informação e novas técnicas de processamento da informação perante os acontecimentos políticos, sociais e tecnológicos do período.

Encontramos também, no plano terminológico, no “III Congresso Regional sobre Documentação e XI Reunião da FID/CLA, (1971)” uma grande sobreposição de termos que se apresentam ora como frutos de um vocabulário oriundo da Bibliografia, da Documentação, da Biblioteconomia, da Engenharia de Telecomunicação e da Cibernética (ou dos primeiros quadros terminológicos de análise de sistemas e computação).

Ao observarmos sob as lentes filosófico-epistemológicas o **“Seminário Latino-Americano sobre preparação de Cientistas da Informação”** de 1972, promovido pela Federação Internacional de Documentação, o avanço na discussão de fundamentação, de demarcação de fronteiras disciplinares e conceitos estruturantes do campo. Lembramos que seu foco, como a denominação do encontro indicara, estava na formação de pessoal capacitado para docência e pesquisa na então chamada “área da Informação” na América Latina. Deste modo, a ênfase nas relações entre filosofia, epistemologia e conceitos centrais do campo parecem mais claras na própria formação do discurso de organização do evento ao foco das comunicações apresentadas e posteriormente publicadas nos anais do “Seminário” por manifestarem, desde sua organização como encontro de especialistas, a partir do plano pedagógico (correlacionando disciplinas científicas, seus modelos, teorias e métodos subjacentes).

A proposta de identificação, a partir da “mesa temática 1” do “Seminário”, orientada para os estudos comparados, demonstra preocupação com modelos distintos, as singularidades, de um lado, e, de outro, as relações de verossimilhança entre as formações que configurariam o que seria chamado via o termo “ciência da informação” com as variações terminológicas vinculadas, no contexto latino-americano, aos termos “bibliotecología”, “documentación”, “biblioteconomia”, “documentação”.

Aqui, objetivamente, encontramos as relações entre uma visão histórica orientada para uma aproximação entre cultura e sociedade sob o termo “biblioteconomia” junto de ciência e tecnologia, sob a correlação entre os termos “biblioteconomia”, “documentação”, “ciência” e “informação”. Isto pode ser identificado nos dados sobre os estudos de formação do que no Brasil se denominaria, estruturalmente, na pós-graduação, até os anos 1980, via o termo “biblioteconomia”, excetuando-se o IBBD, a partir de 1976, com o uso do termo “ciência da informação” não apenas no nome do programa, mas da titulação (os diplomas das pessoas mestradas).

Deste modo, os diálogos aqui atravessam as abordagens empiricistas, racionalistas e positivistas em Birger Hjørland (2005), o caráter normativo da epistemologia informacional, como apontado em Maria Nélida González de Gómez (2001), os paradigmas (não como forças

contraditórias, mas em contextos distintos, presentes em discursos específicos, sem convergência) físico e cognitivo apontados por Rafael Capurro (2003).

A “mesa temática 2” do “Seminário”, ao procurar, na manifestação de seu nome, o discurso de uma “teoria da Ciência da Informação”, por sua vez, reencontra, primeiramente, nas estruturas focadas na convergência entre racionalismo e empirismo, com a proposta final de um positivismo lógico – a operacionalização lógico-sistêmica, via Teoria Matemática da Comunicação, como modelo cibernético eficaz -, marca epistemológica esta indicada em Martínez Rider e Réndon Rojas (2004) no plano de um “paradigma empírico-analítico”. O que se quer afirma, inicialmente, aqui, por “teoria”, basicamente aponta para uma epistemologia do campo ancorada na filosofia da lógica, e manifestada teórica e metodologicamente pelas transformações promovidas pela automação dos processos bibliográficos (neste contexto, o termo “computação” já se faz presente no discurso). No entanto, mais uma vez, é via uma perspectiva epistemológica de fundo histórico já consolidada que o diálogo com as abordagens fisicalistas para compreensão dos sistemas se dá. A mesa temática igualmente debate a noção de “sistema” retomando, por exemplo, a Classificação Decimal Universal (CDU) e outras estruturas do pensamento em Biblioteconomia e Documentação já fundadas, aplicadas e discutidas entre o final do século XIX e o início do século XX, ou seja, cerca de 80 (oitenta) anos dos debates registrados no evento.

Por sua vez, as “mesas temáticas 3 e 4” do “Seminário”, mergulham nas perspectivas descritas como “representacionais” de Rafael Capurro (1992) e como “cognitivistas” de Rafael Capurro (2003). O foco central está no “usuário”, mas em uma categoria de “sujeito” ou “pessoa usuária do sistema” vinculada, centralmente, às estruturas acadêmico-científicas, a construção e reprodução de seu comportamento (antes da compreensão de suas interações sociais e de seus contextos de produção e de uso de informação e de serviços informacionais). O “usuário” que se ilumina aqui é uma categoria oriunda do “sistema”, e não das comunidades ou socialidades. Procurar-se-á, fundamentalmente, nos debates desta mesa, uma relação no vetor sistema-usuário (e não usuário-sistema, e, muito menos, usuário-realidade social).

No âmbito da **“Reunião Brasileira de Ciência da Informação”**, ocorrida em 1975, as formas compreensão filosófica, epistemológica e conceitual ganham dimensões verossimilhantes perante a interpretação e discussão dos dados os encontros anteriormente debatidos. Com suas 61 (sessenta e uma) comunicações divididas em “Tema 1 - Infra-estrutura”; “Tema 2 – Estrutura”; “Tema 3 - Organização, administração, disseminação e utilização”; e, por fim, “Tema 4 – Tecnologia”.

No contexto do primeiro panorama temático do evento, denominado “Infra-estrutura”, o foco de compreensão das ideias presentes do evento atravessa a tentativa de definição do recente termo “ciência da informação” ao plano da *poiesis*, ou criação em ambientes acadêmico-científicos (universidades e institutos de pesquisa). As questões observadas nos eventos anteriormente discutidos, a saber, normatividade técnico-científica, como observado por Maria Nélida González de Gómez (2001), e o foco no comportamento “padronizado” do usuário, pela via uma perspectiva cognitivista (Capurro, 2003) e “representacional” (Capurro, 1992), são igualmente identificadas. No âmbito “fiscalista”, sob abordagem epistemológica positivista, percebe-se também o enfoque bibliométrico orientado às relações científicas (a vida acadêmico-científica mapeada por técnicas estatístico-probabilísticas de produtividade). Em síntese, mais uma vez, o desenho da descrição de um “paradigma empírico-analítico” observado em Martínez Rider e Réndon Rojans (2004) integra o quadro fundacional teórico das comunicações registradas na “Reunião”.

Do mesmo modo, como nos encontros dantes colocados em discussão, o contexto das nomenclaturas é ainda aberto, de difícil demarcação. Os termos “biblioteconomia”, “documentação”, “documentação científica”, “ciência”, “informação” e “ciência da informação”, por exemplo, estão presentes ora como técnica, ora método, ora como designação epistemológica (a indicação de uma dada ciência, em consolidação ou em construção). Sobre este último aspecto, ao mesmo tempo em que o conteúdo das comunicações aponta para processos e produtos edificados e seus resultados, tais discursos indicam a necessidade de avanço na formação em pós-graduação do campo sob estas distintas denominações, não estabilizadas e consensualmente padronizadas.

A “mesa temática” número 2 (dois) da “Reunião”, intitulada “Estrutura”, aprofunda as relações entre o positivismo oriundo do foco estatístico da “medida da ciência”, ou dos padrões, tendências e previsões da produtividade, bem como remonta processos históricos consolidados na experiência técnico-científica sob os termos “biblioteconomia” e “documentação”, como a teoria e a aplicação da indexação, a análise das revistas científicas e o perfil institucional de unidades informacionais, centralmente bibliotecas especializadas.

A terceira mesa temática “Organização, administração, disseminação e utilização”, aprofunda o que Maria Nélida González de Gómez (2001) denomina de epistemologia normativa, através dos “manuais”, bem como encontra os aspectos positivistas demarcados por Birger Hjørland (2005) e as tendências das perspectivas “representacional” e “fonte-canal-receptor”, de Rafael Capurro (1992) e “fiscalista” e “cognitivista” em Rafael Capurro (2003). O foco central está na dinâmica de compreensão sistemática objetivista dos processos

informacionais (entrada, preservação e saída dos dados, incluindo sua avaliação). Mais uma vez, a informação no contexto das fontes especializadas, a informação científica, encontra-se como centro das discussões, incluindo seu foco em contextos de áreas do conhecimento, como Saúde (via Biomedicina), Geologia, a Física Nuclear, e em contextos geográfico-políticos, como Amazônia.

A quarta e última “mesa temática” da “Reunião”, sob o nome de “Tecnologia”, procura apresentar objetivamente as relações entre *hardwares* e *softwares* no país. O foco no positivismo lógico (fruto, mais uma vez, do ponto de vista das correntes epistemológicas que conformam o Iluminismo e seu desdobramento, do racionalismo, do empirismo e do positivismo convertidos no mecanicismo) está colocado sob a visão de “tecnologia” como processamento eletrônico de sinais. A então Engenharia de Telecomunicações ocupa lugar central na mesa. Neste contexto, o termo “ciência da informação” se aproxima das fronteiras com uma noção de “informática” já relacionada objetivamente à computação e aos sistemas bibliográficos automatizados.

É profundamente comum em todo o discurso do evento a discussão sobre a noção de “sistema”, conceito ora aprofundado, ora apenas apontado como nomenclatura dos métodos, técnicas e produtos de sujeitos e instituições. Por trás desta noção, em ambos os aspectos, identificamos o foco nas hierarquias e relações infraestruturais, frutos da conjugação do racionalismo, do empirismo e do positivismo aplicados à linguagem performada dentro da mecânica linguística dos serviços bibliográficos em processos de migração para os fluxos automatizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises no pré-teste, de algumas referências bibliográficas e falas identificadas nos corpora, identificamos que são três os eventos considerados como os primeiros a discutir Ciência da Informação no Brasil. O primeiro deles foi o “Seminário de Informática”, realizado em novembro de 1968 pelo IBBD. Foi um evento que buscou refletir sobre os impactos e possibilidades de uso do computador no trato com a informação. Esse entendimento é da Profa. Hagar Espanha Gomes que faz essa afirmação durante a “1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação”, de 1975, esse sim o primeiro em território brasileiro a fazer menção a expressão “ciência da informação”, que ainda segundo Gomes trouxe esse nome para demarcar a denominação do campo dos estudos da informação científica.

O outro evento considerado como o primeiro em CI no território nacional é o “Seminário da documentação à Informática”, de 1971, promovido pela Fundação Getúlio Vargas e dedicou espaço a discussão conceitual sobre o que seria informática e também aos impactos do computador nas diferentes instituições brasileiras, em especial as públicas, e contou com a participação do IBBD. A professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro é a pensadora que defende esse como sendo o primeiro evento de CI no Brasil.

De fato, percebe-se que em finais da década de 60 e início de 70, como já aponta os estudos históricos da CI, havia um problema terminológico para nomear o campo que se apresentava como novo dedicado ao estudo da informação científica e nesse contexto a possibilidade de uso dos computadores no processo de automação dos processos de organização, tratamento e difusão dessas informações. As perspectivas russa e norte-americana eram as mais mencionadas nas discussões sendo que uma parcela dos participantes, não bibliotecária, entendia o termo “informática” como o processo de utilização de computadores.

Um dos participantes dos dois primeiros seminários, o professor Miranda Neto, afirma que em contato com o Deyfrus, a quem atribui-se a proposição da informática como ciência dos computadores, que no contexto estadunidense essa terminologia não vingou em razão de já existir um registro de marca de uma empresa com esse nome e por isso lá adotou-se o termo Ciência da Computação. Esse mesmo professor menciona também a perspectiva russa sobre o conceito de informática.

Miranda Netto e Benedicto Silva, dois nomes proeminentes da Fundação Getúlio Vargas, apareceram como participantes externos ao campo da Biblioteconomia e Documentação da época, mas figuram como conselheiros do IBBD, na década de 1970 quando

Célia Zaher presidia a instituição. Certamente foram colaboradores para a reflexão sobre o processo vivenciado a época de pensar as mudanças na instituição.

Os quatro eventos analisados nesta pesquisa permitiram verificar sob diferentes perspectivas como se deu a inserção da denominação Ciência da Informação no Brasil, especialmente de pensar como que se dava a relação entre a novidade da ciência e como se dava a sua relação com a Biblioteconomia e a Documentação. Esta algumas vezes pareceu circundar questões relativas ao computador e o seu uso nos processos de tratamento e uso da informação. Este dispositivo, de fato, gerou inúmeras discussões em diferentes perspectivas, era problema e solução ao mesmo tempo. Problema porque acelerava o processo de produção de documentos a partir da automação dos processos de editoração e impressão, e nesse sentido contribuindo para o que a época se denominava explosão bibliográfica, evento que consta inclusive nas discussões acerca das demandas por inovações técnicas no campo da informação.

O computador também era solução pois prometia a eficiência de processos ao mesmo tempo em que trazia mais qualidades técnica de design e melhoria nas condições de trabalho nas gráficas da época. Seu uso era objeto de reflexão nas esferas públicas e privadas de diferentes instituições que vislumbravam as melhorias e eficiências dos processos de gestão de informações, documentos, etc.

No caso dos Bibliotecários documentalistas o foco era melhorar os serviços bibliográficos com a criação de bibliografias especializadas de forma automatizada, como forma de prover informação de qualidade e atualizada para os pesquisadores de diferentes áreas. Chama atenção o fato de que foi mencionado que esses serviços não eram tão apreciados por alguns pesquisadores. Uma participante chegou a mencionar em “trabalho de catequese” para incentivar o uso dessas fontes. Isto porque, a depender da área de pesquisa, havia interesse por outras tipologias documentais. Além disso, passou a interessar os estudos métricos sobre a produção científica, especialmente nos periódicos, que apresentavam mapeamentos de pesquisadores, grupos e de alguma forma auxiliava nas políticas científicas, o que passou a interessar mais a comunidade científica no geral e aos organismos estatais.

Nesse contexto, os estudos de usuários se apresentaram em evidência. Não era suficiente prover serviços de informação que tradicionalmente eram relevantes como catálogos de livros e periódicos, pois se não houvesse uso ou boa avaliação perderia rapidamente a sua viabilidade, especialmente por tratar-se de bibliotecas e centros de documentação especializados. Então, identificar as necessidades informacionais do seu público (produtor-consumidor de informação) e suas fontes informacionais preferidas eram condição para justificar os investimentos necessários a manutenção das unidades de informação, fosse público

ou privado. Os serviços de disseminação seletiva da informação estavam sendo bastante difundidos, conforme percebeu-se nas comunicações da Reunião Brasileira de Ciência da Informação.

Os eventos analisados revelam o papel de liderança do então IBBD, no Brasil e na América Latina, sendo principal referência na proposição de serviços nacionais de informação, notadamente, informação científica e tecnológica, aliado a isso a formação de profissionais de alto nível. Nessa perspectiva, destacam-se as figuras de Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes como protagonistas mais proeminentes no processo de levar a cabo o desenvolvimento dos fazeres e práticas informacionais em consonância com as modernidades da época.

Das instituições que participaram desse movimento de implementação dos sistemas de informação científica nacionais junto do IBBD, percebeu-se a presença forte do estado brasileiro a partir de instituições tais como a Fundação Getúlio Vargas e o Conselho Nacional de Pesquisa que a época eram membros do conselho da Instituição. Além disso, ao observar os vínculos institucionais dos participantes, havia instituições privadas mas em sua maioria eram órgãos de estado tais como: ministérios, senado federal, universidades, departamento de estradas e rodagens.

A respeito das abordagens dos temas eminentemente práticas, com detalhamento de procedimentos, documentados extensivamente com diagrama, fluxogramas, listagens de computador refletem o caráter empírico identificados nos estudos epistemológicos de Hjørland, e Martinez -Rojas. Além disso, as metodologias quantitativas, representadas pelo uso das Leis de Zipf e Badford especialmente, reforçam a ideia de que o campo da Ciência da Informação, quando se seu surgimento, foi marcado fortemente pelo positivismo em suas diferentes manifestações.

A década de 1970 brasileira, no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação foi palco de muitas reflexões direcionadas para o mundo do trabalho informacional, onde vislumbrou-se a relevância dos “profissionais da informação” como agentes do desenvolvimento social e político a partir da construção dos sistemas de informação. Estes seriam os instrumentos que possibilitariam o desenvolvimento nacional e regional a partir do acesso e uso da informação.

Considera-se finalmente que a despeito da denominação adotada os bibliotecários e suas consolidadas instituições figuraram como importantes agentes no processo de construção do discurso do que convencionou-se chamar de “Ciência da Informação”.

REFERÊNCIAS

ABECIN. Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

ALMEIDA, N. B. F. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11170>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ARAÚJO, C. A.A.; MARQUES, A. A. C.; VANZ, S. A. S.. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia integradas na Ciência da Informação: as experiências da UFMG, da UNB e da UFRGS. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.5, n.1, p. 85-108, abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4707>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Juliana Lazzarotto. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica Brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 18-43, Abril 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 agosto. 2020.

AVALIAÇÃO & perspectivas 1978: Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília, SEPLAN/CNPq, 1978.

AVALIAÇÃO & perspectivas 1982: Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília, SEPLAN/CNPq, 1982.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (Ancib). **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p.3-28, jan./dez., 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000024603/f01cc0c241e2291bb772d2b8975aa83b>. Acesso em: 24 dez. 2017.

BORKO, H. Information Science: what it is?. **American Documentation**, jan. 1968.

BRAPCI. Base de dados em Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

BRAZ, Márcia Ivo; SILVA, Severino Carlos da. O conceito de comunidade discursiva e as convergências com a Terminologia. **Tradterm**, São Paulo, Brasil, v. 34, p. 81–105, 2019. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.v34i0p81-105. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/157455>. Acesso em: 31 maio. 2024.

BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. Processo nº8.518-64 sobre acumulação remunerada - correlação de matérias. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rda/article/download/27699/26573>. Acesso em: 31 maio. 2024

BRASIL. Boletim epidemiológico especial: Doença pelo Coronavírus COVID-19. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BROOKES, B. C. The foundations of information Science. Part I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, n.2, 1980, p. 125-133.

BROOKES, Bertram C.. The foundations of information science. Part IV. Information science: the changing paradigm. **Journal of Information Science**, v. 3, n. 1, p. 3-12, fev. 1981. SAGE Publications. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016555158100300102>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BUCKLAND, M. Documentation, Information Science and Library Science in the USA. In.: BUCKLAND, M.; HAHN, T. B. (Eds.). **Historical studies in Information Science**. Medfor, NJ: Information Today, 1998. P. 159-170.

BUCKLAND, M.; HAHN, T. B. Introduction. In.: _____.(Eds.). **Historical studies in Information Science**. Medfor, NJ: Information Today, 1998. P. 1-6.

BUCKLAND, M.; LIU, Z. History of Information Science. In.: BUCKLAND, M.; HAHN, T. B. (Eds.). **Historical studies in Information Science**. Medfor, NJ: Information Today, 1998. p. 272-295.

BURKE, C. History of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, University of Maryland, Baltimore County, Vol.41, p. 3-53, 2007.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Eventos científicos. In.: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais[...]**, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, Pertti, CRONIN, Blaise, ed. **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies**, University of Tampere, Finland. 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p.82-96.

CARREIRA, Maria Antonia Stumf. **Cidade, imprensa e arquitetura: as crônicas e os debates de modernização em Porto Alegre, 1928-1937**. 2005. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-12102006-235211/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CASTAÑON, Gustavo. **Introdução à Epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000. 287p.

CÉLIA Zaher - entrevista ao IMeS/Ibict. Realização de Grupo Informação Memória e Sociedade - Ibict. Rio de Janeiro: Ibict, 2017. (84 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwtePYvICPcFpKNndttsj4Q>. Acesso em: 27 abr. 2017.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 1, 1954, Recife, PE. **Teses do primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizado no Recife de 18 a 25 de julho de 1954 e outros trabalhos**. Recife: [s.n], 1954. 118 f.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Plataforma SUCUPIRA. Cursos avaliados e reconhecidos. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaAvaliacao.jsf;jsessionid=IpC19tcuSCVdbQWNHksjYjWE.sucupira-213>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CULLER, Jonathan. **On deconstruction: theory and criticism after structuralism**. New York: Cornell University Press, 1982. 303 p.

DAY, Ronald E.. Ron Day. Disponível em: <https://ella.sice.indiana.edu/~roday/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

DAY, Ronald. Poststructuralism and information studies. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 39, n. 1, p. 575-609, 2006.

ELDREDGE, J.D. Evidence-based librarianship: an overview. **Bulletin of the Medical Library Association**, [s.l.], v. 88, n. 4, 2000, p. 289-302. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC35250/#:~:text=%20Evidence-based%20librarianship%3A%20an%20overview%20%201%20Abstract.,HEALTH%20CARE%20%28EBHC%29%20CORE%20CONCEPTS.%20Evidence-based...%20More%20>. Acesso em: 20 ago 2020.

FERNANDES, Geni Chaves. Desempacotando o paradigma físico da Ciência da Informação. **Logeion: filosofia da informação**. Rio de Janeiro, v. 4 n. 2, p. 100-119. Mar./ago.2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4216/3639>. Acesso em: 21 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Nice (Ed.). **O ensino de biblioteconomia no Brasil: relatório de equipe de pesquisa sobre o status quo das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente**. Brasília, CAPES, 1978. (Análise e caracterização de entidades e do pessoal docente, v. 1)

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

FRANCELIN, M. M. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/QG4tSK4gvjKmG6bMYn438Gb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.3, p.89-103, jul./out. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v23n3/1413-9936-pci-23-03-00089.pdf>. Acesso em 10 jan 2020.

FREITAS, Lidia Silva de. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. **Morpheus: revista eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 2, n.2, 2003. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4085>. Acesso em 10 jan 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5 - 18, jan./jun.2001. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23349>. Acesso em 10 jan 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Cuestiones epistemológicas de la Ciencia de la Información y de la Bibliotecología. In: RENDÓN ROJAS, M. Á. **Problemas sobre teoría y epistemología de la ciencia bibliotecológica y de la información: discusión y análisis**. Ciudad de Mexico: UNAM, 2000. p. 1-15.

HERNER, S. Brief History of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 157-163, 1984.

HJORLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and information Science, **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 130-155, 2005.

HJORLAND, B. Theory and metatheory of information science: a new interpretation, **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 54. n. 5, 1998, p. 606-21.

HJORLAND, Birger. The importance of theories of knowledge: indexing and information retrieval as an example. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s.l.], v. 62, n. 1, p. 72-77, jan. 2011. Wiley. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.21451>. Acesso em: 19 jan. 2020.

INSTITUTE of Information Scientists. **Nature**, [s. l.], n. 20, v.181, 1958.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. **Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil**. Rio de Janeiro, 1971. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/991>. Acesso em: 13 jun. 2024

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil**. 2016. 2 v., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22530?locale=fr>. Acesso em: 20 jun. 2024.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. Manoel Cícero Peregrino da Silva na biblioteca Nacional: engajamento aos ideais de Otlet e La Fontaine à Documentação.

In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 13., 2017, Marília. **Anais...** . Marília: Ancib, 2017. P. 1 – 23. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/59113>. Acesso em: 25 jul. 2018.

KRANAKIS, E.; LEYDESDORFF. Teletraffic Conferences: studying a field of engineering science, **Scientometrics**, v.15, n. 5-6, p. 563-591, 1989. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02017071>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LA POLÍTICA científica en América Latina. Montevideo: UNESCO, 1975. (Série Estudios y Documentos de Política Científica, n. 37). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000015540.locale=en>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LARSEN, Poul Steen. Birger Hjørland. In.: **O Grande Dinamarquês**. 7 maio de 2020. Disponível em: https://denstoredanske.lex.dk/Birger_Hj%C3%B8rland?utm_source=denstoredanske.dk&utm_medium=redirect&utm_campaign=DSDredirect. Acesso em: 20 jul. 2020.

LE MOS, Antônio Agenor Briquet. Live sobre “Eu, Bibliotecário”. **Canal Webconcib**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNYxFp4AIok&t=2648s>. Disponível em: 12 jun. 2024.

LIMA, A. Benedito Silva: um notável cidadão de Campo Formoso. **Orizona em foco**, 13 jun. 2012. Disponível em: <https://orizonaemfoco.blogspot.com/2012/06/em-video-historico-benedito-silva-fala.html>. Acesso em: 17 nov. 2023

MARTELETO, Regina Maria. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p.19-40, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a03v14nspe.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

MARTÍNEZ RIDER, R. M.; RENDÓN ROJAS, M. A. Algunas propuestas latinoamericanas de objetos de estudio para la investigación bibliotecológica. **Rev. Interam. Bibliot.**, Medellín (Colômbia), v. 27, n. 1, p. 13-44, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1790/179017785002.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MEADOWS, A. J.. **Comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 136 p. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. (Originalmente publicado em 1998)

MEIRELLES, A. P. **A Trajetória Intelectual de Benedicto Silva: tecnocracia, ideologia e capitalismo no Brasil (1930-1964)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/bb7472c3-f002-4fa1-95ab-a539a1f0e8d2/content>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKY, R. S. Informatics: its scope and methods. In: FID/RI- International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. **On theoretical problems of Informatics**, Moscou: ALL-Union for Scientific and Technical Information, 1969. P.7-24 (FID 435).

MUELLER, S. P. M.. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 14, n.1, p.3-15, jan./jun. 1985. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NASTRI, Rosemeire Marino. Formação profissional do Bibliotecário no Brasil sob a perspectiva histórico-educacional. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.25, n.3/4, jul./dez., 1992. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/395/369>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NUNES, Lucilene. Epistemologia da ciência da informação: um estudo das comunicações da GT1 do ENANCIB. 2009. 132 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93663>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ODDONE, Nanci E.. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 35, n. 1, aug. 2006. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 20 jul. 2018.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 96 p. (Coleção Estudos Culturais, 6).

PINHEIRO, L. V. R.. Cenário da Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Ancib, 2007. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--226.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PINHEIRO, L. V. R.. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v.15, n.1, 2005. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/23>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M.. Políticas Públicas De C&T, ICT e de Pós-Graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. In.: CINFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2004, Salvador. **Anais [...]**: Salvador: UFBA, 2004. p. 1-18. Disponível em: http://www.cinform-antiores.ufba.br/v_anais/artigos/vaniajose.html. Acesso em: 07 nov. 2019.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Geração de conhecimento teórico em Ciência da Informação, no Brasil, questões e paradigmas nas abordagens da elite. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Ancib, 2008. p. 1-14.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Investigación y estudios de posgrado em ciência de la información y bibliotecología em Brasil: dos etapas (1979-1985 y 1986-1992). **Ciencias de la información**, Cuba, v.24, n.1, mar. 1993.

RAYWARD, W. B. The history and historiography of Information science: some reflections. **Information Processing and Management**, v.32, n. 1, p.3-17, Jan. 1996. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-05/rayward.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

RAYWARD, W. B.. The Origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of The American Society for Information Science**. [s. l.], v. 48, n. 4, p.289–300, 1997.

RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: paul otlet (1868-1944) and hypertext. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 45, n. 4, p. 235-250, maio 1994. Wiley. Disponível em: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199405\)45%3A4%3C235%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199405)45%3A4%3C235%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y). Acesso em: 15 jan. 2024.

REDDY, M. J. **The conduit metaphor**: a case of frame conflict in our language about language. Metaphor and thought. 2. Ed. Cambridge, UK Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.

REGINA, Claudia. **Antônio Agenor Briquet de Lemos**. 2018. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/antonio-agenor-briquet-de-lemos>. Acesso em: 12 jun. 2024

REIS, Alcenir Soares dos. **A história da Pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil**: a interação texto/contexto. 1990. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-936F6P?show=full>. Acesso em: 20 jul. 2018.

RENDÓN ROJAS, MIGUEL ÁNGEL. As tarefas da fundação da biblioteconomia. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, México, v. 9, n. 17 de jul. 1994. ISSN 2448-8321. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3823>. Acesso em: 10 ago. 2020

RENDON ROJAS, Miguel Ángel. Ciencia bibliotecológica y de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: epistemología, metodología e interdisciplina. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, México, v. 22, n. 44, p. 65-76, abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2008000100004&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10 agosto 2020.

SALDANHA, Gustavo Silva. Isso não é uma ciência da informação: a traição epistemológica sob provocações magritianas. In. SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. p. 43-49.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf. Acesso em: 16 nov. 2019. (Texto originalmente publicado em 1991)

SARACEVIC, Tefko. Educação em ciência da informação na década de 1980. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 7, n. 1, jun 1978. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/120>. Acesso em: 05 dec. 2019. Tradução de Aldo Barreto (Originalmente publicado em 1977)

SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN, Blaise, ed. *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, 1991.* London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 5-27

SHAPIRO, F. R..Coinage of the Term Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 46, n. 5. p.384-385, 1995.

SHERA, J. H., CLEVELAND, Donald B. History and foundations of Information Science. **ARIST-Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p.249-275, 1977.

SHERA, J. H.. Librarianship in a high key. **ALA Bulletin**, v. 50, n.2, feb. 1956, p. 103-105.

SHERA, J. H.. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In.:GOMES, H. E. (Org. e Trad.). **Ciência da Informação ou Informática?**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105. (Originalmente publicado em 1968)

SHERA, J. H.; EGAN, M. Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação. In.: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. (Originalmente publicado em 1953)

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria. Historiografia e epistemologia na ciência da informação: um olhar sobre a literatura brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** . Florianópolis: Ancib, 2019. p. 1-21

SMIT, Johanna W.. **O que é Documentação?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 83p. Coleção Primeiros Passos, n.174.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M.; KOBASHI, Nair Y.. A determinação do campo científico da ciência da informação: uma abordagem terminológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Ancib, 2003. p. 1–13. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/view/2123/1258>. Acesso em: 17 jul. 2018.

SÖDERQVIST, T.; SILVERSTEIN, A. Participation in scientific meetings: a new prosopographical approach to the disciplinary history of science: the case of immunology, 1951-1972. **Social Studies of Science**, v. 24, n. 3, ago. 1994. p. 513-548.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A Ciência da Informação: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo**. Maceió: Edufal, 2015.

SOUZA, F. das C. de. A criação da ABEED: expectativas e caminhos adotados. **Biblios**: Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información, [s.l.], v.7, n.25-26, jul./dic. 2006. Disponível em: http://eprints.relis.org/8802/1/25_04.pdf. Acesso em: 19 mar. 2020.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Prática profissional e ética: o pensamento coletivo fragmentado do bibliotecário no brasil – parte 1. In.: ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **INFOhome**. Coluna Prática Profissional e Ética. 2009. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=481. Acesso em: 17 nov. 2019

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>. Acesso em: 30 maio. 2024

VANN, Sarah K.. **Melvil Dewey**: his enduring presence in Librarianship. Libraries Unlimited: Littleton (Colorado), 1978.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interests of Information Science. **Information Scientist**, [s.l.], v.9, n.4, p 127-140, Dec. 1975.

WILSON, T. D.. Philosophical foundations and research relevance: issues for information research. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 4., 2002, Seattle, USA. **Proceedings of the International Conference on Concepts of Library and Information Science**, University of Washington, 2002. p. 1-14. Disponível em: <https://proftomwilson.files.wordpress.com/2019/03/colis4.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ZAHER, Celia Ribeiro. Entrevista a Rosali Fernández de Souza. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 13-20, jan./abr. 1995.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista



IBICT - UFRJ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ALUNA: JACQUELINE DE ARAÚJO CUNHA
ORIENTADOR: GUSTAVO SILVA SALDANHA

ROTEIRO ENTREVISTA

1 O(a) senhor(a) identifica eventos, reuniões ou encontros de outra natureza anteriores à fundação da ANCIB (ou seja, pré-1989) que foram fundamentais para a criação da Associação? Se sim, quais?

1.1 Por que você os considera relevantes historicamente? Fale-me sobre esses eventos, suas características, seus principais temas, ideias, enfoques.

2 Quais nomes o(a) senhor(a) indicaria como relevantes no contexto da criação-organização desses eventos ~~pré-ano~~ 1989?

3 Quais bases de dados, fundos arquivísticos, acervos o(a) senhor(a) indicaria como centrais hoje para a identificação de uma documentação sobre esses eventos?

4 Quais nomes da CI nacional o(a) senhor(a) sugere para participar desse estudo como entrevistado?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: UMA HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: cenários discursivos e (pre) tensões teóricas entre os anos 1970 e 1990

Pesquisador Responsável: Jacqueline de Araújo Cunha

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Nome do participante: _____

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, do projeto de pesquisa “UMA HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: cenários discursivos e (pre) tensões teóricas entre os anos 1970 e 1990, de responsabilidade da doutoranda ~~MSc~~ ^{MSc} Jacqueline de Araújo Cunha, sob orientação do Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo identificar redes de sujeitos, instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa e eventos científicos que constituíram os marcos epistemológicos de formalização do campo da Ciência da Informação brasileira.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista, com duração prevista para 20 minutos, a qual deverá ser gravada em áudio para fins de transcrição das repostas concedidas, em local, dia e horário por mim definidos.
3. Ao participar desse trabalho contribuirei para os estudos históricos e epistemológicos do campo da Ciência da Informação.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

4. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

5. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

6. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa.

7. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Jacqueline de Araújo Cunha, discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT/UFRJ, responsável pela pesquisa, telefone: 21 97940-4642, e-mail: jacquelinecunh@gmail.com, ou com o orientador Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha, e-mail: saldanhaquim@gmail.

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro/RJ, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento